



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

THALITA CRISTINA SOUZA CRUZ

“Entrando pelo Youtube”-
**Estudo discursivo da organização semântico-
lexical: em foco a categorização**

CAMPINAS
2017

THALITA CRISTINA SOUZA CRUZ

“Entrando pelo Youtube”-
**Estudo discursivo da organização semântico-
lexical: em foco a categorização**

**Tese de doutorado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Doutora em
Linguística.**

Orientadora: Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

**Este exemplar corresponde à versão final da
Tese defendida pela aluna Thalita Cristina
Souza Cruz e orientada pela Profa. Dra.
Rosana do Carmo Novaes Pinto**

**CAMPINAS
2017**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 142042/2013-7

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

So89e Souza-Cruz, Thalita Cristina, 1986-
"Entrando pelo youtube" - estudo discursivo da organização semântico-lexical : em foco a categorização / Thalita Cristina Souza Cruz. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Rosana do Carmo Novaes Pinto.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Categorização (Linguística). 2. Semântica. 3. Lexicologia. 4. Parafasia. 5. Anomia. 6. Afasia. 7. Palavras e expressões. I. Novaes-Pinto, Rosana do Carmo, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: "Entrando pelo youtube" - discursive study of the lexical-semantic organization : in focus the categorization

Palavras-chave em inglês:

Categorization (Linguistics)

Semantics

Lexicology

Paraphrasia

Anomy

Aphasia

Terms and phrases

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora:

Rosana do Carmo Novaes Pinto [Orientador]

Ataliba Teixeira de Castilho

Marcus Vinicius Borges Oliveira

Roberto Gomes Camacho

Ieda Maria Alves

Data de defesa: 16-08-2017

Programa de Pós-Graduação: Linguística



BANCA EXAMINADORA

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Ataliba Teixeira de Castilho

Roberto Gomes Camacho

Marcus Vinícius Borges Oliveira

Ieda Maria Alves

**IEL/UNICAMP
2017**

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.

Dedicatória

Ao Tato e ao Dani, amores da minha vida.

Agradecimentos

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto,
me dio el corazón que agita su mano,
cuando miro el fruto del cerebro humano,
cuando miro el bueno tan lejos del malo,
cuando miro el fondo de tus ojos claros.*
(Gracias a la vida - Violeta Parra)

Gostaria de iniciar, agradecendo ao meu filho, Daniel, que, mesmo tão novo e precisando da mamãe todo o tempo, me deu energia e força para continuar, através do seu sorriso de oito dentes.

Agradeço, também, ao meu marido, que topou seguir comigo a dura caminhada que é a vida. Sempre apoiando, sempre me impulsionando. Obrigada por cada vez que você disse que daria certo. Se deu, foi porque você esteve ao meu lado. Ante todas as dificuldades, você sempre deixou minha vida e meu caminho mais leve e possível.

Aos meus pais e irmãs por sempre me apoiarem, mesmo quando meu trabalho significou ausência. Este doutorado é fruto de todos os anos que vocês acreditaram que eu poderia ser sempre mais. Agradeço, em especial à minha mãe, vovó Cláudia e ao meu sogro, vovô Machado, pela ajuda nesse final de trabalho de escrita da tese; ao meu cunhado Daniel e irmãos de coração – Luís (Fed) e Reginaldo. Cada um, a seu modo, possibilitou que eu pudesse fazer meu doutorado.

À Rosana, mais do que uma orientadora, uma amiga que apostou em mim ainda “pequenina” e me viu crescer. Muito obrigada por não deixar a academia endurecer seu olhar e apagar sua escuta.

Meu muito, muito obrigada aos sujeitos participantes do CCA: obrigada por me deixarem participar da vida de vocês. Aprendi muito e sempre levarei todos no meu coração.

Aos amigos do GELEP – Larissa, Arnaldo, Diana, Rey, Mirian e Marcus. A caminhada foi gostosa porque foi muito bem acompanhada.

Agradeço, também, aos professores Ataliba Castilho e Marcus Oliveira pela dedicada e atenta leitura da versão da qualificação e aos professores Roberto Camacho e Ieda Alves por aceitarem nosso convite para a discussão do trabalho.

À Profa. Marie-Anne Paveau, por sua acolhida na França durante o estágio doutoral. Essa experiência enriqueceu meu trabalho e minha vida.

Ao CNPq e a Capes, pelo financiamento da pesquisa.

Ao Instituto de Estudos da Linguagem por ser meu lar nos últimos 10 anos e, em especial, aos funcionários da pós-graduação do IEL.

[...]. De volta a 1984, poucos dias após o comício épico, eu casualmente encontrei-me com aquele que se tornara de fato meu orientador de doutorado, Dr. César Timo-Iaria, para discutirmos um artigo clássico de autoria de dois neurocientistas, o canadense David Hubel (1926-) e o sueco Torsten Wiesel (1924-), que haviam compartilhado o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1981, por seu trabalho pioneiro sobre organização funcional do córtex visual. Em suas brilhantes carreiras, ambos haviam registrado a atividade elétrica de neurônios individuais do córtex visual, numa abordagem reducionista que se transformara na norma dos laboratórios de neurofisiologia de todo o mundo nos anos 1950-70. Durante a apresentação do artigo em questão, perguntei inocentemente a meu mentor por que nosso laboratório não utilizava tal abordagem. A resposta veio imediata. Ajeitando-se em sua cadeira e levantando as extensas sobranceiras brancas, meu prezado dr. César fez com que eu sentisse em sua emergente indignação a mesma energia e paixão que eu experimentara no vale do Anhangabaú:

Meu filho, em nosso laboratório não registramos a atividade elétrica de neurônios individuais pela mesma razão que o comício de que você participou apenas alguns dias atrás teria sido um desastre total se, em vez de 1 milhão, uma pessoa tivesse aparecido para clamar por eleições diretas. Você realmente acredita que alguém prestaria atenção à súplica de um comício feito de uma só pessoa? A mesma norma se aplica ao cérebro: ele não presta atenção às faíscas elétricas de um único neurônio ruidoso. Não, senhor, o cérebro precisa contar com milhares de suas células cantando conjuntamente a cada instante para ter a esperança de saber o que fazer no momento seguinte.

Miguel Nicolelis (2011)

Resumo

Para Lakoff (1990, p.6), “sem a capacidade de categorizar, nada funcionaria de nenhuma maneira, seja no mundo físico ou na nossa vida social e intelectual”. A compreensão acerca de *como* categorizamos, segundo o autor, é central para o entendimento de como pensamos e do que nos torna humanos. Apesar de ter sido objeto de estudo desde a antiguidade clássica, a última grande discussão no campo da Semântica sobre a categorização foi realizada há cerca de 30 anos, pelos estudiosos da Semântica dos Protótipos. Esta tese retoma essa discussão e se propõe a refletir sobre as formas de organização semântico-lexical no âmbito da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. Respalda-mos, sobretudo, em autores da vertente sócio-histórico-cultural, principalmente Luria e Vygotsky, no campo da Neuropsicologia; Benveniste (2005), Camacho (1994), Castilho (2010) e Franchi (1980, 1976), por sua visão funcional acerca da linguagem e por questões relativas à subjetividade; bem como Coudry (1986/1988; 2002) e Novaes-Pinto (1992, 1999, 2011, 2014), dentre outros autores da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. Nosso principal objetivo é o de refletir sobre o tema da categorização, tanto no funcionamento normal (i.e, em estados *não-patológicos*), como nas afasias, analisando dados de dois grupos de sujeitos: o primeiro consiste de sujeitos não-afásicos, voluntários em dois protocolos experimentais desenvolvidos para a pesquisa e o segundo de afásicos, participantes do Grupo 3 do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/Unicamp). O primeiro expediente com não-afásicos gerou um Banco Virtual de Palavras e o segundo, adaptado de Dubois (1983), avaliou respostas dos sujeitos acerca de 22 categorias da língua. Para os sujeitos afásicos, realizamos um experimento desenvolvido por Luria e conhecido como “Método do Quarto Excluído” e analisamos episódios dialógicos em sessões coletivas do Grupo 3 do CCA. As análises são qualitativas, de cunho microgenético (Góes, 2000). Concentramo-nos, em ocorrências de dificuldades de encontrar palavras, com ênfase na produção de parafasias, por acreditarmos que estes fenômenos esclarecem aspectos do funcionamento e organização semântico-lexical justamente por envolverem dificuldades de categorização. O fenômeno da categorização se mostra como um processo dinâmico, no qual os elementos categoriais estão sempre em movimento e constituídos socioculturalmente. O estudo também mostra como, nas afasias, predominam os enlaces afetivos, como já apontava Luria, o que pode estar relacionado tanto à desestabilização categorial em função dos vários processos impactados nas afasias, quanto pelas dificuldades mais específicas provocadas por lesões frontais que podem alterar a atenção voluntária e processos de natureza *meta*, reguladores do comportamento e da própria atividade linguística, como já havia apontado Vygotsky.

Palavras-chave: categorização semântica, funcionamento semântico-lexical, parafasias, dificuldade de encontrar palavras, afasias.

Abstract

For Lakoff (1990, p. 6), "without the ability to categorize, nothing would work in any way, either in the physical world or in our social and intellectual life." Understanding how we categorize, according to the author, is central to the understanding of how we think and what makes us humans. Although this theme has been an object of study since classical antiquity, the last groundbreaking discussion on categorization in the field of Semantics was carried out about 30 years ago, by the Semantics of Prototypes scholars. This thesis brings back this discussion and aims to reflect on the forms of semantic-lexical organization in the scope of Neurolinguistics of enunciative-discursive orientation. We ground our discussion on authors from the socio-historical-cultural approaches, mainly Luria and Vygotsky, in the field of Neuropsychology; Benveniste (2005), Camacho (1994), Castilho (2010) and Franchi (1980, 1976), for their functional vision of language and of the issues related to subjectivity; as well as Coudry (1986/1988; 2002) and Novaes-Pinto (1992, 1999, 2011, 2014), among other authors, in the field of Neurolinguistics of enunciative-discursive perspective. Our main goal is to reflect on categorization, both in normal functioning (i.e. in non-pathological states) and in aphasia states, analyzing data from two groups of subjects: the first consisting of non-aphasic subjects, volunteers in two experimental protocols developed specifically for this research, and the second one constituted by aphasic subjects, participants of Group 3 of Center for Aphasic Subjects (CCA in Portuguese/ Unicamp). The experimental procedures with non-aphasics generated a Virtual Bank of Words while the second experiment, adapted from Dubois (1983), evaluated subjects' answers on 22 language categories. For the aphasic subjects, we carried out an experiment developed by Luria known as "Method of the Fourth Excluded". We also analyzed dialogic episodes in group sessions of Group 3 of CCA. The analysis are qualitative, microgenetic (Góes, 2000). We focused on the occurrences of Word Finding Difficulties, with emphasis on paraphasia production, because these phenomena clarify aspects of semantic-lexical functioning and organization, since they involve categorization difficulties. The categorization phenomenon is shown in this work as a dynamic process, in which the categorical elements are constituted socio-culturally, being always in movement. The study also shows how, in aphasia, the categorization process is predominantly influenced by "affective bonds", as Luria pointed out, which may be related to the categorical destabilization, due to the various linguistic-cognitive processes impacted by aphasia. Also, it might be related to more specific difficulties caused by frontal lesions, which can alter voluntary attention and behavior regulation processes (of meta-nature), as well as linguistic activity itself, as Vygotsky pointed out.

Key words: semantic categorization, semantic-lexical functioning, paraphasia, Word Finding Difficulties, aphasia.

Índice de Figuras

<i>Figura 1: Esquema do Protótipo versão standard, segundo Givón (1986, p.76)</i>	61
<i>Figura 2: Esquema do Protótipo versão estendida, segundo Givón (1986, p.76)</i>	61
<i>Figura 3: Esquema da composição dos campos semânticos na ontogênese</i>	66
<i>Figura 4: Esquema da composição dos campos semânticos na ontogênese em seu terceiro estágio - mais abstrato</i>	67
<i>Figura 5: Enlaces internos e externos da palavra cachorro</i>	70
<i>Figura 6: Exemplo de tela referente ao experimento online</i>	100
<i>Figura 7: Relações de sinonímias</i>	106
<i>Figura 8: relações de antonímia</i>	107
<i>Figura 9: formação de sintagmas preposicionados</i>	107
<i>Figura 10: Relações com alteração de classe gramatical</i>	108
<i>Figura 11: Categoria Edifícios/Prédios</i>	109
<i>Figura 12: Categoria Metais</i>	110
<i>Figura 13: Categoria profissões</i>	110
<i>Figura 14: Categoria Instrumentos Musicais</i>	112
<i>Figura 15: Categoria Utensílios</i>	112

Índice de Tabelas

<i>Tabela 1. Modelo adaptado de Rosch (1975) e Kleiber (1990).....</i>	<i>58</i>
<i>Tabela 2. Dado 2: AC – excerto do experimento do “Quarto Excluído”.....</i>	<i>69</i>
<i>Tabela 3. Síntese da relação entre a categorização prototípica e os enlaces lurianos.....</i>	<i>71</i>
<i>Tabela 4. Modelo de tabela utilizada no experimento do Quarto Excluído, com sujeitos afásicos.....</i>	<i>98</i>
<i>Tabela 5. Palavras cujas respostas foram “eu”</i>	<i>104</i>
<i>Tabela 6: Síntese das respostas dada por ID12</i>	<i>114</i>
<i>Tabela 7: recorte das respostas dada por ID12.....</i>	<i>115</i>
<i>Tabela 8: Síntese de respostas para o Método do Quarto Excluído de MG.....</i>	<i>121</i>
<i>Tabela 9: Transcrição das respostas de MG no conjunto 2</i>	<i>122</i>
<i>Tabela 10: Transcrição das respostas de MG no Conjunto 3.....</i>	<i>123</i>
<i>Tabela 11: Transcrição das respostas de MG no Conjunto 4.....</i>	<i>124</i>
<i>Tabela 12: Transcrição de respostas de MG para o Conjunto 12.....</i>	<i>126</i>
<i>Tabela 13: Transcrição das respostas de MG no Conjunto 16.....</i>	<i>126</i>
<i>Tabela 14: Síntese das respostas de BR no Método do Quarto excluído.....</i>	<i>129</i>
<i>Tabela 15: Transcrição das respostas de BR dadas no Conjunto 2.....</i>	<i>129</i>
<i>Tabela 16: Transcrição das respostas de BR no Conjunto 4</i>	<i>129</i>
<i>Tabela 17: Transcrição das respostas de BR no Conjunto 11</i>	<i>130</i>
<i>Tabela 18: Transcrição das respostas de BR no Conjunto 8</i>	<i>131</i>
<i>Tabela 19: Síntese das respostas de AC no Método do Quarto Excluído.....</i>	<i>132</i>
<i>Tabela 20: transcrição de diálogo de AC durante aplicação do experimento</i>	<i>133</i>
<i>Tabela 21: Síntese das respostas de JM para o Método do Quarto Excluído</i>	<i>135</i>
<i>Tabela 22: Transcrição das respostas de JM no Conjunto 2</i>	<i>136</i>
<i>Tabela 23: Transcrição das respostas de JM no Conjunto 8.....</i>	<i>137</i>
<i>Tabela 24: Transcrição das respostas de JM no Conjunto 11</i>	<i>138</i>
<i>Tabela 25: Transcrição das respostas de JM no Conjunto 12.....</i>	<i>138</i>
<i>Tabela 26: Síntese das respostas de SR no Método do Quarto Excluído</i>	<i>139</i>
<i>Tabela 27: Síntese das respostas de MA no Método do Quarto Excluído</i>	<i>140</i>
<i>Tabela 28: Transcrição das respostas de TR na Categoria 6</i>	<i>143</i>
<i>Tabela 29: Transcrição do diálogo de TR e Its na Categoria 07.....</i>	<i>144</i>
<i>Tabela 30: Síntese das respostas de AL no Método do Quarto Excluído</i>	<i>145</i>
<i>Tabela 31: Transcrição das respostas de AL no conjunto 2</i>	<i>146</i>
<i>Tabela 32: Transcrição das respostas de AL no conjunto 4</i>	<i>146</i>
<i>Tabela 33: Síntese das respostas de SS no Método do Quarto Excluído</i>	<i>147</i>
<i>Tabela 34: Transcrição das respostas de SS na Categoria 5.....</i>	<i>149</i>

Sumário

Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas.....	11
Introdução.....	14
Percurso de estudos: das parafasias à categorização	14
Capítulo 1	21
Funcionamento cerebral e funcionamento da língua(gem): abordagens sócio-histórico-culturais que guiam a pesquisa.....	21
1.1. A Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva e a concepção de cérebro.....	22
1.1.1 O cérebro como Sistema Funcional Complexo	22
1.2. A Neurolinguística enunciativo-discursiva e a noção de <i>linguagem</i> orientada pelos paradigmas sócio-histórico-culturais.....	23
1.2.1. Perspectivas sócio-históricas e a aproximação com postulados bakhtinianos.....	25
1.2.3 A língua como um (multi)sistema complexo e funcional.....	29
1.3. A noção de “palavra” no funcionamento semântico-lexical.....	32
1.4. Fenômenos neurolinguísticos produtivos para a compreensão do funcionamento semântico-lexical e da categorização.	38
1.4.1. Dificuldades de encontrar palavras.....	39
1.4.2. Produção de parafasias e fenômenos correlatos.....	40
1.5. O estado da arte dos estudos neurolinguísticos sobre a linguagem e a organização semântico-lexical	40
Capítulo 2	43
Os estudos da categorização: <i>Por que e como categorizamos?</i>	43
Introdução	44
2.1. Categorização: definição, tipologia e problemas	44
2.2 Modelos e teorias sobre a categorização	49
2.2.1 O modelo clássico.....	49
2.2.2. Contribuições dos campos da Filosofia e da Linguística: Crítica ao modelo clássico.....	52
2.2.3. Os modelos sócio-cognitivistas de categorização.....	54
2.2.3.1. A Semântica dos Protótipos	54
2.2.4 Abordagem sócio-cultural das categorias.....	64
2.2.5 Semântica dos Protótipos e teoria luriana: aproximações	71
2.4. Relação entre a categorização e os processos perceptivos: todos os sentidos organizam o mundo	79
2.5 Síntese da visão teórica adotada nesta tese	87
Capítulo 3	89

Aspectos metodológicos da pesquisa	89
3.1 A pesquisa qualitativa no campo de estudo das afasias.....	89
3.2. Aspectos éticos	90
3.3. Lócus da pesquisa	91
3.4 Registro dos dados	91
3.5 Sujeitos da pesquisa	91
3.5.1 Grupo de sujeitos afásicos	92
3.6 Expedientes metodológicos com afásicos	96
3.6.1. Situações experimentais	96
3.6.1.1. Adaptação do “Método do Quarto Excluído” para os sujeitos afásicos	96
3.6.2 Episódios dialógicos com afásicos.....	99
3.7. Expedientes com sujeitos não-afásicos	99
3.7.1 Banco Virtual de Palavras: método associativo	100
4. A teoria na prática é outra: análise de dados	103
4.1 Dados de sujeitos não-afásicos	103
4.1.1 Banco Virtual de Palavras.....	103
4.1.1.1 Resultados dos participantes no BVP.....	104
4.1.2. Análises categoriais – experimento de Dubois	108
4.2. Análise de dados de sujeitos afásicos	116
4.2.1 Os conceitos bakhtinianos na análise da linguagem.....	117
4.2.2 Dados e análises de sujeitos afásicos.....	119
4.2.2.1 Respostas dos sujeitos afásicos ao experimento do “Quarto Excluído”	119
4.2.3 A categorização em episódios dialógicos com sujeitos afásicos.....	149
<i>Considerações Finais</i>	165
Referências Bibliográficas	170
Anexo 1.....	178
Anexo 2.....	182

Introdução

Percorso de estudos: das parafasias à categorização

Meu interesse pelos estudos neurolinguísticos começou ainda na graduação em Letras, no Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp. Ingressei no curso em 2007 e, já no primeiro ano, cursei as disciplinas *Neurolinguística* e *Aquisição da Linguagem* – duas áreas que me chamaram particular atenção, principalmente no que tange aos “casos atípicos”, quando acabei me voltando para os estudos das afasias.

O estudo da linguagem de sujeitos afásicos tem se mostrado, há mais de meio século (desde os trabalhos de Jakobson, em meados da década de 50), um locus privilegiado para a compreensão de processos linguísticos que, na linguagem cotidiana (fora do contexto das patologias), não são observados com tanta facilidade. Coudry (1986/1988)¹ remete a uma metáfora, segundo a qual a afasia é como um filme assistido em *câmera lenta*, pois dá visibilidade a fenômenos que não podem ser observados no seu funcionamento normal.

Já em 2008 comecei a participar dos encontros do Grupo 3 do CCA² – Centro de Convivência de Afásicos – iniciando, no ano seguinte, uma pesquisa em nível de Investigação Científica (PIBIC/UNICAMP) que se tornou, posteriormente, tema do meu trabalho de conclusão do curso (TCC)³. A primeira pesquisa caracterizava-se como um estudo de caso de um sujeito com afasia classificada como *não fluente* e que apresentava a produção recorrente de parafasias⁴. Na literatura tradicional, as parafasias são em geral relacionadas às afasias

¹ 1986 refere-se ao ano em que Coudry defendeu sua tese de doutorado e 1988, o ano da publicação do livro homônimo: *Diário de Narciso: discurso e afasia*. Nesta tese, faremos referência ao trabalho da autora mantendo as duas datas.

² O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) nasceu de uma ação conjunta entre os Departamentos de Linguística e de Neurologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com funcionamento no Instituto de Estudos Linguísticos (IEL), com o objetivo de prover alternativas para as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos afásicos, diante do isolamento social que enfrentam com muita frequência, após o acometimento neurológico. O acompanhamento é realizado em grupo, na convivência com sujeitos não-afásicos, em diversas situações e práticas discursivas nas quais se exploram todos os aspectos que constituem o funcionamento da linguagem em suas diferentes configurações, como nos diálogos, comentários, narrativas, leituras etc. (CAZAROTTI-PACHECO, 2012, p. 34–35)

³ O projeto de Iniciação Científica denominava-se “Estudo da produção de parafasias e da dificuldade de encontrar palavras nas afasias e nas demências”, realizado durante o ano de 2009, com bolsa PIBIC/Unicamp. O trabalho de conclusão de curso foi defendido em fevereiro de 2010 e denominava-se “Dificuldade de encontrar palavras e produção de parafasias nas afasias: estudo de caso”.

⁴ Parafasias são tradicionalmente definidas como a troca de uma palavra-alvo por outra palavra efetivamente produzida. Elas são divididas, de maneira geral, em: i) parafasias semânticas: quando há a troca de uma palavra por outra, com clara relação semântica; ii) fonético-fonológica, quando as palavras apresentam relação sonora entre si; e iii) lexical, quando há troca de palavras sem relação semântica aparente entre elas.

fluentes (posteriores), mas as características observadas na afasia não-fluente do sujeito JM nos levaram a questionar a descrição clássica desse fenômeno e também sua classificação.

Apresentei, em 2011, um projeto de Mestrado ao Departamento de Linguística do IEL/Unicamp, com o título “*Em briga de marido e mulher, ninguém mete... o garfo*”: estudo neurolinguístico da produção de parafasias em sujeitos afásicos, trabalho que defendi em maio de 2013. O objetivo da pesquisa era discutir a natureza, a definição e a classificação das trocas semânticas produzidas por sujeitos afásicos. Para isso, realizei uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, com uma metodologia qualitativa para a abordagem de dados que emergiram em situações experimentais e dialógicas com sujeitos afásicos que participavam do Grupo 3 do CCA.

Ao trabalhar com a produção de parafasias de sujeitos afásicos, observamos que, em diversos momentos, o processo de organização lexical – e sua possível desestabilização – estavam intimamente relacionados aos processos de categorização. Pudemos observar que os sujeitos, consciente ou inconscientemente, se valiam de traços categoriais, durante o processo de negociação de sentidos, para alcançar seu *querer-dizer* (cf. Bakhtin, 1997). Em muitos casos, eles estabeleciam novas categorizações, pressupondo traços socialmente compartilhados (os significados veiculados pela língua), e pressupostos mútuos entre os participantes da díade interacional.

Apresentamos, a seguir, um dado que emergiu ao longo da pesquisa de mestrado, que nos chamou a atenção para essas questões. No episódio em questão, que ocorreu em novembro de 2009, o sujeito afásico (JM) conversa com os demais participantes sobre o voto facultativo após a idade de sessenta e cinco anos. JM busca a palavra para expressar um membro da família ao qual gostaria de se referir. Por meio de atributos categoriais, JM vai, com a ajuda do grupo, dando “pistas” que são fundamentais para que o grupo o auxilie explicitar o seu intuito discursivo.

Turno	Sigla	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal	Observações sobre o contexto
1	JM:	Mai eu posso?		
2	Irn	Pode... não é mais obrigado, mas pode! Acima de setenta, né?		
3	JM	Minha.... minha:: Minha fi... minha vó já... vó não...		
4	DD	Esposa?		
5	JM	Não... Aquela:: antes		
6	Irn	Neta? Filha?		
7	JM	mais, mais	Fazendo movimento com a mão que pode	

			indicar “anterior”	
8	Irn	Mãe?		
9	JM	é... mais di qui a mãe...		Longa pausa de todos
10	Irn	Vó?		(rindo)
11	JM		Faz sinal negativo com a mão	
12	DD	Esposa?		
13	JM	É... não a::	Aponta para a boca dando a entender que está com a palavra “na ponta da língua”	
14	Irn	Como assim, mais? Mais velha? Mais...		
15	JM	É... mais velha de tudo que nós tem.		
16	Irn	Avó?		
17	JM	É...		
18	Irn	Mas o senhor ainda tem avó?		
19	JM	Não... é hãn...	Faz uma pausa tentando buscar a palavra	
20	Irn	A mãe do senhor ainda é viva?		
21	JM	É.. não, não...era... já é... já era...		
22	Irn	Já morreu?		
23	JM	Não... a outra... mãe da mi... da minha..		
24	Irn	A sogra?		
25	JM	Isto... É.		
26	Irn	Ah tá... É mais que a mãe, a sogra?		
27	JM	É... Eu acho que é...	Todos riem	
28	Irn	Puxa Vida!		

Neste episódio, JM, ao tentar produzir “sogra”, trouxe diversas outras figuras familiares femininas, o que evidencia que ele transita entre os enlaces categoriais para chegar à palavra desejada. A primeira que surgiu foi “filha”, e depois, “vó” (ambas no Turno 3). Ao perceberem a dificuldade de JM, os demais interlocutores buscaram auxiliá-lo, produzindo palavras que se referiam à mesma categoria dos dois termos anteriores, por ele produzido: *Familiares*, no subgrupo *Mulheres*⁵. O primeiro termo a ser apresentado foi “esposa”, no Turno 4, por uma senhora afásica (DD). Em seguida, como JM disse que vem “antes” (Turno 5), as próximas sugestões são “neta” e “filha”. JM insiste, verbal e não verbalmente, que seria alguém “mais, mais”, o que leva Irn a inferir que seja “mãe” (turno 8). JM produz, então, o enunciado “é... mais di qui a mãe”. Neste momento todos riem e, no Turno 10, outra sugestão de Irn: “vó?” DD

⁵ Optamos, neste trabalho, por marcar em itálico, com inicial maiúscula, palavras que se configuram como categorias e, entre aspas, quando nos referimos aos termos em determinada categoria. É evidente que há casos em que a mesma palavra pode se referir a uma categoria específica ou a um elemento de outra categoria.

insiste em “esposa” (Turno 12) e como JM nega (Turno 13), Irn pede que ele explicithe melhor o que significa “mais” (Turno 14), no contexto do seu enunciado. No Turno 15, ele produz: “é mais velha de tudo qui nós tem”. Irn, então, produz “vó”, provavelmente interpretando “mais di qui a mãe” como um elemento temporal – o que também pode ser indicado pelo enunciado não verbal do sujeito. Os interlocutores interrogaram-se sobre a possibilidade de sua avó ainda estar viva (Turno 20) – pois, pelo contexto da conversa, sabíamos que ele falava de uma pessoa que estava viva. Como ele diz que “já era”, indicando que ela não estava viva, iniciou-se nova “busca pela palavra”.

No turno 23, quando JM indica que era mãe de outra pessoa (“mãe da mi... da minha...”) Irn pergunta se ele está falando da “sogra”, e ele responde afirmativamente, deixando os participantes surpresos (turnos 26 a 28). Concluímos que isso se deu porque o traço escolhido por JM – de que era mais do que a mãe – parecia não ser compartilhado pelo grupo.

Este dado nos parece muito ilustrativo processo categorial na organização semântico-lexical. Para chegar ao *querer-dizer* de JM, foi fundamental que tanto o sujeito quanto seus interlocutores transitassem na categoria (*Familiares*), que só se tornou evidente ao longo da interação de caráter colaborativo.

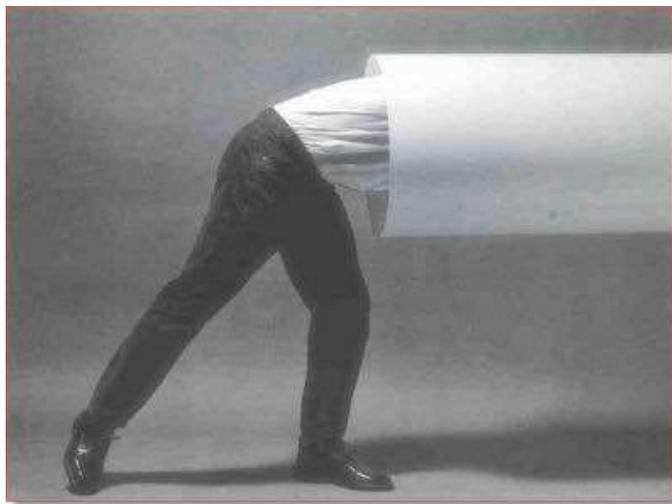
Ainda acerca do nosso interesse pela categorização, nos chamou a atenção o modo como Luria – em uma perspectiva neuropsicológica e respaldado pelos estudos funcionalistas desenvolvidos por Jakobson – descrevia a organização dos campos semânticos através de enlacs multidimensionais, ideia sintetizada no seguinte trecho de seu trabalho:

a palavra não somente gera a indicação de um objeto determinado, mas também, inevitavelmente, provoca a aparição de uma série de enlacs complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior, etc.¹⁰ Sendo assim, a palavra jardim pode evocar involuntariamente as palavras árvores, flores, banco, encontro, etc. e a palavra horta, as palavras batata, cebola, pá, etc. Deste modo, a palavra converte-se em elo ou nó central de toda uma rede de imagens por ela evocadas e de palavras “conotativamente” ligadas a ela. Aquele que fala ou que escuta contém, inibe, toda esta rede de palavras e imagens evocadas pela palavra, para poder escolher o significado imediato ou denotativo necessário no caso ou situações dadas. (LURIA, 1986, p. 35)

Para Luria, a palavra é sempre multissignificativa e polissêmica. O processo que leva à referência objetal – que no dado apresentado refere-se à sogra –, se dá pela escolha do significado necessário dentre uma série de possibilidades. Nas palavras do autor, (LURIA, 1986, p. 35) “tal função é determinada pela situação, pelo contexto nos quais a palavra está e, às vezes, pelo tom em que se pronuncia”.

Os protocolos experimentais utilizados na pesquisa de Mestrado apresentavam: i) atividades com expressões metafóricas; ii) atividades com provérbios e iii) uma primeira versão do “Método do Quarto Excluído”, elaborado por Luria. Estes experimentos tinham como objetivo eliciar a produção de enunciados pelos afásicos, observando a emergência de parafasias semânticas. Entretanto, os expedientes não se mostraram completamente satisfatórios para este fim e priorizamos as trocas que ocorriam em situações dialógicas, ao longo das sessões coletivas e individuais no CCA. Além das trocas originadas por enlaces predominantemente semânticos, outras questões emergiram a partir da análise dos dados. Permanecia, por exemplo, a seguinte questão: como estas palavras/conceitos são organizados e, posteriormente, selecionados e mobilizados pelos sujeitos em situações discursivas?

Dados de episódios dialógicos que não haviam sido incluídos na dissertação de mestrado foram analisados e deram origem, em 2013, ao projeto de Doutorado⁶ que tematiza a categorização semântica, no âmbito dos fenômenos neurolinguísticos. O estudo traz, em seu título, a referência a um enunciado produzido por um dos sujeitos afásicos participantes desta pesquisa (MG), que ao analisar a figura apresentada em seguida, relativa à expressão metafórica “entrar pelo cano”, produziu vários enunciados que culminaram com “entrando pelo *youtubo*”.



MG construiu seu enunciado nos seguintes passos:

É o youtubo.

Homem entrou pelo cano...

⁶ A pesquisa de Doutorado integra o projeto “Funcionamento semântico-lexical: inferências a partir dos estudos das afasias”, coordenado pela Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes-Pinto (2014; CNPq/ bolsa de produtividade em pesquisa).

Entrando pelo cano.

Entrando pelo youtube... pode ser.

Ao observarmos o caminho percorrido por MG para chegar à expressão “entrando pelo *youtube*”, notamos indícios do processo de categorização e de seleção realizados pelo sujeito. Ao dizer “É o *youtube*”, MG primeiramente interpreta a imagem. Há, ao menos, duas características relevantes nesse processo: a primeira, relativa a um conhecimento específico do sujeito que, frequentemente, acessa o site *youtube*. Sendo também falante do inglês, MG faz uma relação entre *tube* do inglês e a palavra *cano*, do português.

Caracterizar os processos de categorização – e mesmo definir categorias – é uma tarefa complexa. Diversos autores, em diversas vertentes teóricas, defendem que a categorização é uma das funções cognitivas mais fundamentais para a organização e o funcionamento semântico-lexical e, em maior ou menor grau, relacionam esta função à organização do pensamento e da linguagem (DUBOIS, 1983; KLEIBER, 1990; LAKOFF, 1990; LARSSON, 1997a; LURIA, 1986; ROSCH, 1978). Estes mesmos autores apontam para o fato de que nem sempre tomamos consciência de sua importância, apesar de a categorização estar presente em quase todas as nossas ações e reflexões cotidianas.

Cada vez que nos deparamos com algo novo – quando lembramos de eventos passados e mesmo quando projetamos nosso futuro – estamos categorizando. No entanto, há momentos nos quais a categorização torna-se problemática e é apenas neste caso que nos damos conta das dificuldades, como em situações em que trocamos uma palavra (ou som) por outra(o); quando não encontramos a palavra desejada ou quando temos a sensação de estarmos com a palavra “na ponta da língua”. Nos contextos das afasias, estes fenômenos são ainda mais recorrentes.

A partir das primeiras análises de dados, observamos que, diferentemente do que (ainda) vem sendo utilizado como o modelo de categorização na literatura da área – respaldada pelo modelo clássico – a organização categorial é entendida a partir de enlaces multidimensionais e influenciada pelo contexto cultural e social, pelas crenças e ideologias, assim como pelo nível de escolarização e pela relação que os sujeitos estabelecem com/pela/na linguagem.

Nesta tese, portanto, argumentamos em favor de uma visão sócio-histórico-cultural da categorização, buscando mobilizar teorias linguístico-cognitivas (e de áreas afins) que sustentam teoricamente esta concepção e que possam orientar a análise dos dados selecionados. Não se trata, entretanto, de postular um novo modelo de categorização.

O **objetivo central** da tese é o de proceder a uma discussão sobre as formas de organização semântico-lexical, no âmbito da neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, com foco nos processos de categorização, a partir de dados de funcionamento normal (fora das patologias) e no contexto das afasias.

Buscando alcançar este objetivo, dividimos a tese da seguinte maneira:

No **Capítulo 1**, intitulado *Funcionamento cerebral e funcionamento da língua(gem): abordagens sócio-histórico-culturais que guiam a pesquisa*, buscamos apresentar nosso posto teórico de observação, uma vez que a Linguística não é uma ciência homogênea e a categorização é um fenômeno estudado por diferentes teorias. Apresentamos, primeiramente, a concepção de cérebro como Sistema Funcional Complexo e, em seguida, questões mais especificamente relacionadas à Neurolinguística, com ênfase nas teorias sócio-histórico-culturais da linguagem, que nos ajudam a compreender o funcionamento semântico-lexical e a categorização.

No **Capítulo 2**, *Os estudos da categorização: Por que e como categorizamos?*, apresentamos questões mais especificamente voltadas ao tema da categorização (desde o modelo clássico proposto por Aristóteles), de acordo com diferentes vertentes teóricas que serviram ou têm servido de base para a discussão do tema em diferentes áreas, dando ênfase, sobretudo, à versão estendida da Semântica dos Protótipos, pela proximidade que tem com a perspectiva sócio-cultural.

O **Capítulo 3**, *Aspectos metodológicos da pesquisa*, destina-se à apresentação da metodologia da pesquisa, enfatizando as vantagens da abordagem qualitativa, de cunho microgenético, na análise dos fenômenos que envolvem a categorização. Descrevemos também os aspectos éticos, os grupos de participantes, o lócus da pesquisa, os contextos dialógicos e os protocolos experimentais elaborados para esta tese.

Já o **Capítulo 4**, *A teoria na prática é outra: análise de dados*, é dedicado à análise qualitativa, de cunho microgenético, de dados de sujeitos afásicos e de sujeitos não-afásicos, nos quais tenha havido a emergência de fenômenos que deixam entrever processos de categorização.

No item *Discussão e Considerações Finais*, buscamos sintetizar os achados da pesquisa, bem como apontar a necessidade de aprofundamento de alguns de seus aspectos, dada a complexidade dos fenômenos, sobretudo no âmbito da Neurolinguística.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para o avanço da compreensão sobre o funcionamento semântico-lexical, mais especificamente sobre a categorização.

Capítulo 1

Funcionamento cerebral e funcionamento da língua(gem): abordagens sócio-histórico-culturais que guiam a pesquisa

A linguística moderna defronta-se, ainda hoje, com o excesso de “linguagem”, que obstinadamente transborda dos limites da “língua”, isto é, com fenômenos linguísticos difíceis de descartar e de remeter a outras áreas, cuja abordagem, porém, põe em perigo a própria possibilidade de fornecer um objeto válido à investigação linguística. [...] O resultado desse recorte metodológico foi ilusório e frustrante, porque sempre sobrou, no fundo, a desafortunada impressão de que a seleção de um ponto de vista predeterminado torna objeto de estudo apenas um aspecto do real, justamente o aspecto que indica a posição ideológica do investigador. O que se exclui é remetido a outras áreas do conhecimento, sob a rubrica do secundário, acessório, supérfluo, das condições gramaticalmente irrelevantes.
(CAMACHO, 1994, p. 20–21)

Introdução

Antes de iniciarmos a discussão sobre a categorização propriamente dita, que será o cerne do próximo capítulo, acreditamos ser importante retomar alguns conceitos fundamentais das áreas que se imbricam nesta tese: a *Neurolinguística enunciativo-discursiva* e a *Linguística*.

A Neurolinguística que desenvolvemos se caracteriza como uma área híbrida que recorre tanto aos conhecimentos desenvolvidos nas neurociências sobre o funcionamento cerebral, quanto da Linguística, o que a torna muito diferente de uma perspectiva que chamamos de “tradicional” para a qual a Linguística é tomada como ciência *auxiliar* na compreensão da linguagem nas patologias e que tem como principal objetivo o mapeamento cerebral – a “localização” da linguagem e de suas partes em substratos neurais.

Por se tratar de um campo heterogêneo, julgamos relevante esclarecer nosso “lugar teórico” e a forma de abordar os fenômenos linguístico-cognitivos. Saussure, em sua obra fundadora já afirmava que “bem longe de dizer que é o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 13). Nesta tese, trazemos para a reflexão os aspectos teóricos de diferentes abordagens do funcionamento integrado do cérebro e da linguagem, nos quais são fundamentais a relação do sujeito com o outro e com a “cultura”. Algumas das questões apresentadas neste capítulo serão retomadas ao longo do trabalho; outras têm a função de esclarecer sentidos reiteradamente veiculados.

1.1. A Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva e a concepção de cérebro

Há um outro cérebro que a ciência não estuda, ou só considera marginalmente. É, em primeiro lugar, o cérebro de cada indivíduo, cada um diferente do outro; e, depois, o cérebro de indivíduos pertencentes a culturas diferentes. [...] Estuda-se um cérebro normal que, na realidade, não existe (Mecacci, 1984).

1.1.1 O cérebro como Sistema Funcional Complexo

Respalhada pelos postulados de Luria, a Neurolinguística enunciativo-discursiva compreende o *cérebro* (assim como a linguagem) como um *Sistema Funcional Complexo*: o cérebro é produto da história social dos indivíduos. Funções mentais superiores como a *linguagem*, a *percepção*, a *atenção*, a *memória*, são desenvolvidas e moldadas pelo contexto sócio-histórico-cultural.

Segundo Kagan e Saling (1997), o trabalho de Luria pode ser visto como uma tentativa de resolver o conflito entre a visão mecanicista do localizacionismo – que concebe uma relação direta entre as funções complexas e os substratos neurais – e a visão integral ou holística – que toma o trabalho do cérebro como resultante de suas diferentes áreas, ou seja, uma massa indiferenciada do ponto de vista funcional. Opondo-se às ideias de que processos mentais complexos podem ser localizados em uma única área focal do cérebro ou, por outro lado, de que nada haja de específico em relação às suas diferentes partes, o autor defendeu que as atividades complexas envolvem o cérebro inteiro de um modo diferenciado, isto é, de que há áreas especializadas que contribuem de forma particular para a realização de determinadas funções. Muito diferente de admitir que as funções estejam “localizadas” nessas áreas, Luria (1981) procura compreender o papel de cada uma das unidades funcionais para a aquisição e o desenvolvimento das funções superiores complexas de modo integrado e dinâmico.

Luria postulou, para isso, uma “arquitetura do cérebro”, a partir de três unidades funcionais: a unidade I (tronco cerebral e sistema límbico), mais primitiva e relacionada com a regulação do tônus, dos estados de vigília e de alerta, ou seja, do estado de consciência dos indivíduos⁷. Trata-se, na abordagem luriana, de um pré-requisito para todo o funcionamento cerebral. A atenção, por exemplo, depende do funcionamento íntegro dessas partes cerebrais e

⁷ Apesar de se tratar de uma unidade abaixo do nível do córtex (zona subcortical), segundo Kagan e Saling (1997, p. 25), há um relacionamento recíproco por meio do qual estruturas subcorticais e do tronco cerebral influenciam e são influenciados pelo córtex.

é fundamental para outros processos cognitivos, como a memória e a linguagem e para os processos de aprendizagem.

A unidades II – região posterior das superfícies laterais, que compreendem os lobos occipital, temporal e parietal – e a unidade III – região anterior à Unidade II e que se refere ao lobo frontal) – são unidades neocorticais e são, ambas, subdivididas em três zonas (primárias, secundárias e terciárias),

A zona primária é responsável pela mediação da percepção física, isto é, pela recepção dos estímulos auditivos, visuais e táteis-cinestésicos.

A zona secundária é responsável pela síntese da informação sensorial recebida; a zona terciária, por sua vez, refere-se ao nível mais complexo do processamento e ocupa a maior parte do lobo parietal e estende-se para os lobos occipital e temporal, com a função de integrar os processos. Trata-se de áreas associativas intermodais que interligam informações de natureza visual, auditiva e tátil-cinestésica.

Já a unidade III – situada na região anterior à unidade 2, que consiste nos lobos frontais direito e esquerdo – também apresenta uma subdivisão em três zonas (primárias, secundárias e terciárias). No entanto, há uma diferença no “sentido do fluxo”: enquanto a unidade II apresenta três canais de entrada independentes (responsáveis pelos sentidos: audição, visão, sensações táteis-cinestésicas), a unidade III apresenta uma única unidade de saída. É a unidade “executiva” do cérebro, responsável pelo controle e avaliação da ação. Segundo Vygotsky (1994), trata-se do lobo responsável pela função reguladora da linguagem. Nos termos de Luria, é a unidade de “programação, regulação e verificação da atividade”.

A formulação de um pensamento ou de uma ideia se inicia na zona terciária, de planejamento da ação; em seguida, aciona-se a área secundária, na qual são programados os detalhes específicos da ação para, finalmente, ativar as contrações musculares na zona primária (manifestações físicas da ação)

Esta visão está na base de uma concepção dinâmica de funcionamento, em que todas as partes do sistema são solidárias e contribuem para o desenvolvimento das funções complexas. A partir desta abordagem, entende-se que, quando um sujeito sofre uma lesão cerebral – como no caso das afasias – todo o sistema é afetado. Por ser “plástico” e dinâmico, o cérebro se reorganiza para suprir, na medida do possível, e a depender das características específicas da lesão, as funções impactadas.

1.2. A Neurolinguística enunciativo-discursiva e a noção de *linguagem orientada pelos paradigmas sócio-histórico-culturais*

A abordagem referida como Neurolinguística enunciativa-discursiva (ou Neurolinguística Discursiva) vem sendo desenvolvida há mais de trinta anos, desde o trabalho fundador de Coudry, publicado em 1988 em livro homônimo à tese, de 1986: *Diário de Narciso: discurso e afasia*. Dentre todos os aspectos teórico-metodológicos postulados pela autora, destaca-se a abordagem das afasias do posto de observação da Linguística, segundo a qual a linguagem é uma atividade constitutiva do sujeito e da própria língua. Tal concepção foi desenvolvida pela autora a partir das formulações explicitadas por Franchi (1976).

Trata-se de uma perspectiva que privilegia o trabalho linguístico que os sujeitos afásicos realizam em interação, isto é, no uso efetivo da linguagem. Destaca-se, também, a opção pela metodologia qualitativa – enfatizando, sobretudo, os estudos de casos, com o acompanhamento longitudinal dos sujeitos, em detrimento de estudos com muitos sujeitos, que são comparados a grupos-controle, de natureza quantitativa e estatística – ainda hoje predominante nos estudos afasiológicos.

Voltando à concepção de linguagem, retomamos um trecho de Franchi (1976), no qual fica clara a importância da relação entre a linguagem, o sujeito e suas experiências sociais e históricas:

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. *A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’ que, ao mesmo tempo, constitui o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo.* Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias (FRANCHI, 1976, p. 31, grifos nossos).

Vale notar que o autor retoma esta definição, em estudo posterior, para discutir justamente a visão de *funcionamento categorial* (no sistema da língua e no seu uso) e sua relação com o funcionamento semântico e regras sintáticas, ambos dependentes do contexto pragmático:

Concebemos a linguagem como uma atividade constitutiva, isto é, como um processo constitutivo do qual resultam, por um lado, os esquemas categoriais (de natureza relacional e funcional) que correspondem a diversos sistemas de referência, mediadores da interpretação de expressões das línguas naturais em diferentes domínios ou universos de representação; por outro lado organiza, mediante múltiplas estratégias, os recursos expressivos de uma determinada língua natural em um sistema de princípios e regras que constituem sua sintaxe (FRANCHI, 1980, p. 1, grifos do autor).

Para o autor, se concebemos a linguagem como uma atividade constitutiva, fruto do trabalho linguístico dos falantes em interação, a organização dessa atividade

não pode ser representada como a de instanciações de categorias universais e abstratas (definindo classes de construções, classes de elementos complexos, classes de termos), determinadas ‘a priori’ mediante estrita definição de traços (categoriais) pertinentes. Em outros termos, rejeita-se a hipótese de um modelo estrutural baseado em um sistema fixo e imanente de categorias. Estas têm que entender-se como ‘dependente do contexto’, ou seja, definidas no interior de esquemas funcionais que descrevem o próprio processo constitutivo da linguagem (FRANCHI, 1980, p. 1–2, grifos do autor).

A concepção de Franchi acerca da linguagem insere-se no campo das teorias funcionais, que estão em consonância com os princípios teórico-metodológicos da Neurolinguística que desenvolvemos. Passamos a discutir a aproximação desse paradigma com os postulados bakhtinianos que também orientam nossas pesquisas na área, desde o trabalho de Novaes-Pinto (2009).

1.2.1. Perspectivas sócio-históricas e a aproximação com postulados bakhtinianos

No campo da Neurolinguística enunciativo-discursiva, Novaes-Pinto (1999a) apoiou-se, desde o início de seus trabalhos na área, na filosofia da linguagem bakhtiniana. Pela força da noção de “enunciado”, a autora ainda mantém a expressão “enunciativo-discursiva” para caracterizar essa abordagem e distingui-la das perspectivas tradicionais. Tem se valido de conceitos bakhtinianos como “enunciado”, “acabamento”, “contra-palavras”, “querer-dizer”, “excedente de visão”, “dialogia”, dentre outros, tanto para explicitar o funcionamento linguístico-cognitivo nas patologias, quanto para analisar os dados de sujeitos afásicos. Essas questões ficarão mais evidentes no *Capítulo 4*, em nossa análise de dados.

A dialogia é um conceito que perpassa toda a obra de Bakhtin e também orienta a opção pelos dados em episódios dialógicos e a análise qualitativa de cunho microgenético, resgatando ao máximo possível todas as condições de produção dos enunciados. A perspectiva bakhtiniana desenvolvida na área por Novaes-Pinto orientou vários outros trabalhos na área de Neurolinguística, sobretudo no âmbito do GELEP, dentre os quais citamos Cazarotti-Pacheco (2012), Fugiwara (2013), Mazuchelli (2012), Beilke (2009) (2010), Oliveira (2015), Souza-Cruz (2013) e Lima (2017).

Dentre os que defendem a perspectiva funcional na Linguística, destacamos primeiramente Camacho, por, pelo menos, duas razões. O autor (i) traça um percurso de desenvolvimento das reflexões linguísticas até o momento em que o contexto pragmático é

considerado crucial; (ii) aproxima a abordagem funcional da perspectiva bakhtiniana, que nos interessa, tanto teórica quanto metodologicamente, já que esta se refere à linguagem em uso, no contexto social; ou seja, a “linguagem como instrumento da interação social entre seres humanos, usado com a intenção de estabelecer comunicação” (CAMACHO, 1994, p. 34).

Quanto ao primeiro item, como já apontado, o autor elege o contexto pragmático como o mais abrangente, sendo que os demais – semântico e o sintático – não podem ser analisados fora de uma relação pragmaticamente determinada. Em suas palavras: “nenhum desses três parâmetros pode ser, por si só, a teoria, nem é possível constituir uma teoria viável ignorando-se o papel de um desses três aspectos ou distorcendo-se a natureza de sua interdependência” (Camacho, 1994, p. 33).

A partir da noção de “paradigma científico” desenvolvida por Kuhn⁸, mostrando como o confronto de teorias é importante para o movimento e desenvolvimento da ciência Linguística – através de crises, novos problemas e novas abordagens – o autor enfatiza os limites do estruturalismo e do gerativismo, e a evolução no método científico na área a partir da inserção da Pragmática nas análises dos fenômenos de linguagem. O autor afirma que a separação entre língua, sujeito e contexto inviabilizou a compreensão desses fenômenos. O que importa para o interlocutor é, justamente, “a forma linguística enquanto signo variável e flexível, características que lhe permite figurar num dado contexto e que a torna adequada às condições do contexto situacional, seja do ponto de vista fonológico, morfossintático ou semântico” (CAMACHO, 1994, p. 31).

Segundo Camacho, a teoria estruturalista esvazia a língua de qualquer influência do contexto social, enquanto a gramática gerativa, por sua vez, concebe a linguagem como um sistema que funciona sem a influência de fatores sociais. O autor sintetiza o avanço dos estudos linguísticos a partir do desenvolvimento da Gramática Funcional no trecho que se segue:

O paradigma funcionalista vê a linguagem como um instrumento de interação social entre seres humanos, usado com a intenção de estabelecer comunicação. Consequentemente, a interação verbal, definida como a interação social mediante o uso da linguagem, constitui uma forma de atividade cooperativa estruturada, já que é governada por regras, normas e convenções; é uma atividade cooperativa, porque necessita pelo menos de dois participantes. Esse princípio parece óbvio, mas assegura, na realidade, um princípio sonogado pelo objetivismo abstrato: *a relação entre interlocutores reais*. Nesse caso, de um ponto de vista funcional, a linguística necessitaria tratar de dois tipos de sistemas e regras: 1. as regras que governam a configuração das expressões

⁸ Retomamos do próprio artigo de Camacho a definição de paradigma desenvolvida por Kuhn. Segundo o autor, por paradigma entende-se as “realizações científicas universalmente reconhecidas e que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes da ciência” (Kuhn, 1975, p. 13 *apud* CAMACHO, 1994).

linguísticas, especificamente regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas; 2. as regras que governam os padrões de interação verbal em que as expressões linguísticas são usadas, especificamente regras pragmáticas (Dik, 1989, p.3). *As expressões linguísticas não são, assim, objetos formais abstratos; ao contrário, suas propriedades são sensíveis às determinações pragmáticas da interação verbal* (CAMACHO, 1994, p. 34, grifos nossos).

Partindo-se dessa abordagem, portanto, a língua não é mais tomada como um sistema estável, que se encontra pronto e do qual os sujeitos apenas se apropriam no momento de uso.

Com relação ao segundo item, o autor destaca alguns princípios que aproximam a gramática funcional – tal como ele a concebe – da visão de Bakhtin (1879) sobre os limites dos paradigmas formais:

(i) a linguagem como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que não explica adequadamente sua realidade concreta e que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares; (ii) a linguagem constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos interlocutores; (iii) as leis da evolução linguística são essencialmente leis sociais; (iv) a criatividade na linguagem não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que se ligam a ela; (v) a estrutura da enunciação é puramente social, de modo que o ato de fala individual é uma contradição nos termos (Camacho, 1994, p. 32).

O autor enfatiza, portanto, que o que deve ser considerado é a relação dos signos linguísticos com a realidade. Na perspectiva bakhtiniana, o importante não é a forma linguística enquanto sinal estável e sempre igual, mas, sim, a sua forma linguística como signo variável e flexível. A partir dessa crítica aos modelos formais de linguagem, Camacho (1994) aponta a necessidade de se eleger um objeto alternativo para a investigação linguística e afirma que o uso efetivo da linguagem, num contexto determinado, por indivíduos socialmente determinados, deveria ser o novo objeto de estudo da Linguística.

Segundo Voloshinov (2013), a essência da linguagem é o próprio fato social da interação verbal, que se materializa por uma enunciação ou por um conjunto de enunciações. Nessa visão dialógica – extremamente profícua para a compreensão da categorização – os autores do Círculo unem o *repetível* e o *compartilhado* ao *novo*, sempre em elaboração no momento da enunciação. Não se trata de sobrepor o individual ao coletivo, ou vice-versa, mas de compreender que é apenas na articulação do coletivo e do singular, na interação única e irrepetível do enunciado que os sentidos se organizam dinamicamente.

Há, no enunciado dois sentidos que contrastam e coincidem, em uma negociação entre os sujeitos, no contexto de uso. A teoria bakhtiniana da linguagem recorre aos termos

significado e *tema*, postulando que o primeiro refere-se ao sentido estabilizado no signo linguístico, comum, cristalizado e o segundo ao sentido único, singular. É importante marcar que o *tema* não prescinde do valor compartilhado do signo, mas também é constituído pelo contexto, pelas crenças, avaliações e julgamentos dos sujeitos. Retomamos de Bakhtin o que o autor diz sobre o processo interativo na constituição do sentido:

(...) o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2006, p. 46).

Bakhtin segue com a definição do *tema* e enfatiza a natureza dialógica do signo:

Admitamos chamar a realidade que dá lugar à formação de um signo de *tema* do signo. Cada signo constituído possui seu tema. Assim, cada manifestação verbal tem seu tema. O tema ideológico possui sempre um índice de valor social. Por certo, todos estes índices sociais de valor dos temas ideológicos chegam igualmente à consciência individual que, como sabemos, é toda ideologia. Ai eles se tornam, de certa forma, índices individuais de valor, na medida em que a consciência individual os absorve como sendo seus, mas sua fonte não se encontra na consciência individual. O índice de valor é por natureza *interindividual*. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2006, p. 46–47)

Para Sobral (2013), Bakhtin se aproxima também da concepção de Benveniste (2005) sobre os processos de *enunciação* e de *significação*. Benveniste também discute aquilo que está fixado no signo linguístico e aquilo que, no momento da enunciação, surge da relação entre enunciador e enunciatário. Este autor diferencia “significado” – aquilo que é estabilizado e socialmente compartilhado de “sentido” – construído no momento da enunciação de “significação”. Segundo Sobral, três elementos aproximam essas duas teorias:

1) a realidade concreta da linguagem é social e histórica e não formal (ainda que o sistema da língua apresente certa sistematicidade formalizável); 2) a interação verbal entre falantes é o espaço de um processo contínuo no qual se realiza concretamente a língua; 3) o processo de geração da língua depende da atividade dos falantes, mas não de sua psicologia individual *tout court*; e 4) só se pode empregar legitimamente o termo “fala” para designar a ação linguística que se produz entre os falantes (SOBRAL, 2013, p. 88).

Nesta tese, utilizaremos a distinção entre os conceitos de “significado” e “sentido” a partir do que foi discutido até aqui, utilizando os conceitos da seguinte maneira: “sentido”, para retomar o sentido individual, único e irrepitível, relacionado ao “querer-dizer” do sujeito (cf.

Bakhtin, 1997); e “significado”, quando nos referimos àquilo que se encontra parcialmente cristalizado na língua, que é socialmente compartilhado⁹. O termo “significação” será utilizado para se referir ao processo de negociação dos sentidos entre os interlocutores ou, nos termos de Bakhtin, entre os “parceiros da comunicação verbal”.

Se assumimos, a partir do que Vygotsky e Luria têm nos mostrado, que a formação do conceito ocorre (e modifica-se) durante todo o processo de formação do indivíduo, então podemos inferir que, a cada uso que fazemos das palavras – enquanto unidades que compõem o enunciado – atualizamos os conceitos. Oliveira (2015), também respaldado pelos estudos bakhtinianos, nos lembra que essa atualização é feita a partir das relações que estabelecemos no momento da enunciação entre o *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e o *eu-para-o-outro*.

Alguns dos autores que mobilizamos não apresentam ou não discutem a entre os conceitos. É importante frisar, no entanto, que buscaremos manter as definições dadas a esses termos pelos autores, enquanto estivermos apresentando as teorias, a fim de evitar ambiguidades ou equívocos.

Fechamos este item endossando a reflexão de Lima (2017) sobre a relevância de aproximarmos a Gramática Funcional da Neurolinguística enunciativo-discursiva, considerando-se que “os enunciados muitas vezes são estruturalmente incompletos e a significação só é construída quando composta por elementos contextuais ou não-verbais, com a participação ativa do interlocutor; o *parceiro da comunicação verbal* (cf. Bakhtin)” (LIMA, 2017, p. 74). Ao colocarmos a pragmática no centro da análise e assumirmos uma postura dialógica com relação à linguagem, estamos privilegiando a compreensão do funcionamento dos processos subjacentes à produção do enunciado em detrimento do que os estudos Neuropsicológicos tradicionais tem denominada erro ou déficit.

1.2.3 A língua como um (multi)sistema complexo e funcional

Segundo Pickering (2012), a expressão “teoria da complexidade” descreve uma abordagem científica e filosófica heterogênea que inclui, por exemplo, a “teoria do caos”, a “teoria dos sistemas complexos”, a “teoria da auto-organização”, dentre outras. Resumidamente, os sistemas complexos constituem um sistema de corpos inter-relacionados e

⁹ Essas definições também estão em acordo com o pensamento de Vygotsky (1994).

heterogêneos que se encontram em constante mudança e, portanto, uma de suas características é a dinamicidade, a não-linearidade. Segundo Nascimento e Paiva (2017)¹⁰,

Trata-se da gênese da ordem a partir da dispersão, da desordem, da qual emerge sempre uma ordem: unidade constituinte de um todo. O processo organizativo dos sistemas complexos institui-se num fluxo contínuo entre desequilíbrio → organização/reorganização.

Alguns autores (Gleick, 1987, Waldrop 1993 e Cilliers, 2000, apud CASTILHO 2010) se dedicaram a especificar as características dos domínios complexos. Segundo Castilho, essas características podem ser assim sintetizadas:

1. Os componentes dos sistemas exibem um tipo de “ordem sem periodicidade”, em fluxo contínuo;
2. Os sistemas são não-lineares, dinâmicos e exibem um comportamento irregular, imprevisível.
3. Os elementos dos sistemas não são construídos passo-a-passo, linearmente, mas ocorrem simultaneamente, em meio ao caos.
4. As anomalias identificadas na abordagem clássica exemplificam fenômenos vitais para o entendimento dos problemas e não deveriam ser descartadas como aberrantes¹¹.
5. É preciso uma nova topologia do impreciso, do vago.
6. A competição nos sistemas é mais importante que sua consistência.
7. Nenhum método revelará por si mesmo o objeto por inteiro.

Castilho (2009, 2010), explorando essa teoria e retomando essas características, propõe a noção de língua como um multissistema – um sistema formado por um conjunto de subsistemas – dinâmico e complexo, configurado no quadro das ciências dos domínios complexos.

Essa visão de linguagem nos obriga, conseqüentemente, a pensar a língua e o funcionamento linguístico de maneira complexa. Infelizmente, a ciência clássica despertou na Linguística um pensamento centrado na ideia de funcionamento individual de partes do sistema

¹⁰ Consulta realizada em www.veramenezes.com/metomiltonvera.pdf. Acessado em 10 de junho de 2017.

¹¹ Em nota, Castilho justifica a escolha pelo termo “aberrante” porque, segundo ele, ao publicar (em parceria com Dino Preti) amostras do Projeto NURC/SP, colegas lamentaram a seleção de afásicos entre os informantes. Segundo o autor, esta confusão entre o patológico e o falado relaciona-se à dificuldade de se conceber a língua a partir da teoria clássica, uma vez que não foram capazes de revelar “o tremendo dinamismo da língua falada” (CASTILHO, 2009, p. 37).

linguístico levando, equivocadamente, à ideia de supremacia desta ou daquela categoria (discursiva, sintática, semântica, lexical) no efetivo funcionamento da linguagem. Na abordagem aqui exposta, essas categorias são consideradas em seu uso simultâneo, nos processos mobilizados no momento do uso.

Como veremos – tanto nas análises quanto na discussão teórica que faremos nos capítulos subsequentes – os processos de categorização e de recategorização deixam entrever muitas dessas características apontadas por Castilho. Segundo o autor, a característica multissistêmica da língua organiza-se a partir de duas premissas: a língua enquanto um conjunto de processos e enquanto um conjunto de produtos:

- 1) No que tange à língua como um conjunto de processos, estes organizam a língua de maneira dinâmica, operando simultânea, dinâmica e multilinearmente. A cada momento de utilização da língua, ela é articulada em quatro domínios: i) lexicalização, ii) discursivização, iii) semanticização e gramaticalização.
- 2) No que tange à língua como um produto, a visão multissistêmica compreende que “as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema” (CASTILHO, 2010, p. 77), sendo eles i) léxico, ii) gramática, iii) semântica e iv) discurso.

Trata-se de sistemas autônomos e que, portanto, não apresentam a primazia de um em relação ao outro, como postulado por outras teorias linguísticas. Não há, portanto, sistemas centrais nem periféricos e “qualquer expressão linguística exhibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais” (CASTILHO, 2010, p. 77).

Para Castilho, a articulação entre processo e produto se dá em um nível intersistêmico, por meio de procedimentos *sóciocognitivos*: *cognitivos* porque se fundamentam em categorias e subcategorias cognitivas (ativação, reativação, desativação) e *sociais*, porque se baseiam nas situações que ocorrem no uso, em uma conversa, principalmente na gestão dos turnos conversacionais (cf. CASTILHO, 2009, p. 39–40)¹².

Os princípios sóciocognitivos gerenciam os sistemas linguísticos, garantindo sua integração para os propósitos dos usos linguísticos, para a eficácia dos atos de fala. De acordo com esse dispositivo, o falante ativa, reativa e desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da criação de seus enunciados, constituindo as expressões que pretende “pôr no ar”.

¹² O autor considera a conversação a atividade linguística básica.

Esta teoria nos ajuda a compreender fenômenos envolvidos nas chamadas “dificuldades de encontrar palavras”, por exemplo, em que há indícios de envolvimento de todos os níveis linguísticos de forma não hierárquica.

1.3. A noção de “palavra” no funcionamento semântico-lexical

Com relação à noção de “palavra”, consideramos necessário esclarecer quais teorias se mostram compatíveis com a abordagem da Neurolinguística enunciativo-discursiva nesta tese, já que se trata de uma unidade central nos processos de categorização e na própria discussão acerca do funcionamento e da organização semântico-lexical, bem como apresentar como nossa visão pode auxiliar na discussão acerca da natureza e da definição da palavra. Esclarecemos que essa discussão já foi desenvolvida por diversos autores da área, como Novaes-Pinto (2009; 2014), Novaes-Pinto e Souza-Cruz (2012), Souza-Cruz (2013) e Oliveira (2015) e a reflexão aqui apresentada pode ser descrita como uma síntese dessas reflexões anteriores.

Grande parte dos trabalhos sobre este tema na literatura neuropsicológica não explicita as noções de *léxico* ou mesmo de *língua* que subjazem às pesquisas. No entanto, é possível depreender que partem da noção da existência de um léxico mental ou de um “dicionário mental” que é organizado e “acessado” pelo sujeito (Novaes-Pinto, 2009).

Em Novaes-Pinto (2009; 2014), Novaes-Pinto e Souza-Cruz (2012) e em Souza-Cruz (2013), buscamos apontar para a vantagem de se adotar uma abordagem discursiva do léxico, tal como proposto por Nunes (2006), autor que identifica a lexicologia como uma ciência que estuda, descreve e identifica as unidades lexicais através da análise de enunciados em um *corpus*. Segundo o autor, tal abordagem permite olhar para o funcionamento lexical e para os “processos de significação que o léxico carrega” (NUNES, 2006, p. 152).

Alves (1990) e Basílio (1995) e também assumem uma teoria dinâmica do léxico, uma vez que ele teria que “dar conta” de novas entradas e novos sentidos das palavras, criação de neologismos, a cada uso e fala dos sujeitos. Para Basílio, “o léxico categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras” (BASILIO, 1995, p. 8, grifos nossos). A autora define as “palavras” como “elementos de que dispomos permanentemente para formar enunciados” (BASILIO, 1995, p. 5), podendo variar de acordo com a ênfase que se quer dar – fonológica, semântica, formal etc. Apesar do fácil reconhecimento dessa unidade – a palavra –, sua definição é difícil, principalmente se nos

referimos à língua falada. Na língua escrita, poderíamos defini-la como uma sequência entre espaços ou pontuações.

Novaes-Pinto (2014) traz ainda a definição de Abaurre (2006), autora para quem a palavra é uma “unidade linguística de som e significado que entra na composição dos enunciados da língua” (Abaurre, 2006:56, apud NOVAES-PINTO, 2014, p. 10).

Já autores mais identificados com a teoria lexical optam por não utilizar o termo “palavra”, optando por “lexema”, “lexia” ou “unidade lexical”. No entanto, a diversidade no tratamento do tema, como podemos observar pela variação nomenclatural, persiste. Segundo Biderman (2005), a dificuldade em definir o termo ocorre devido à diversidade observada entre os elementos que compõem o léxico¹³ de uma língua, que se constituem seja por unidades monossilábicas até frases inteiras, como no caso das expressões idiomáticas ou dos provérbios – unidades sobre as quais a autora dedica grande parte de seu trabalho e que serão discutidas mais adiante, na análise de alguns dados.

A dificuldade relaciona-se, também, à falta de critérios teóricos “abrangentes e bem estabelecidos” que possam auxiliar na identificação e classificação dessas unidades. Segundo a autora, as fronteiras de demarcação entre o que já está estocado no ‘tesouro da língua’ e o que é combinatória sintática são fluidas.

Uma vez que tratamos da organização dos conceitos a partir da Linguística, a palavra torna-se objeto central de análise, já que é o signo linguístico por excelência.

Segundo Novaes-Pinto (2009) e Novaes-Pinto e Souza-Cruz (2012), estas definições são compatíveis também com a filosofia bakhtiniana que baliza as pesquisas realizadas no âmbito do GELEP. Para Bakhtin, a palavra é um recurso abstrato da língua que só tem existência quando inserida em um enunciado concreto. É, portanto, um signo ideológico, uma unidade singular à qual damos significado semântico muito preciso, a depender dos usos, contextos e dos sujeitos envolvidos no processo enunciativo.

Oliveira (2013) destaca a reflexão de Ponzio (2010) que, por sua vez, fundamenta-se em Freud, sobre a compreensão das complexas e intrincadas dimensões da palavra:

A palavra é uma representação complexa que requer um processo de associação intrincado no qual entram em jogo imagens de ordem visual acústica e de movimento (cinestésico). Cada nova associação de ordem linguística, [...] liga-se às anteriores, numa forma de uma superassociação. Cada nova associação vem superassociada às anteriores. Dessa forma, o

¹³ Assim como Basílio (1999), a autora define “léxico” como o conjunto de unidades linguísticas das quais as falantes dispõem para compor enunciados (BIDERMAN, 2005).

aparato linguístico é estruturado como um campo associativo interdependente (PONZIO, 2010: 98).

Segundo Volochínov, as palavras, por seu caráter social e compartilhado, só podem formar-se em uma comunidade de pessoas socialmente organizadas. O signo se cria, portanto, entre os indivíduos, no ambiente social. Há um sentido que, por ser de origem social, é compartilhado pelos falantes. No entanto, justamente por serem signos ideológicos, há certa instabilidade historicamente constituída no significado das palavras (cf. VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]).

Todo membro de uma coletividade falante encontra não palavras neutras “linguisticamente”, livre de apreciações e de orientações de outros, mas palavras habitadas pela voz de outros. Toda palavra de seu próprio contexto, é já marcada pela interpretação de outrem. Seu pensamento não encontra nada além de palavras já marcadas. (BAKHTIN, [1970]2008, p. 279)

Podemos citar o autor, ainda, ao afirmar que o léxico de uma língua não é neutro e, a esse respeito, nos voltamos para Bakhtin, quando o autor afirma que

A língua materna – a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical - não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam. (...) Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas). (BAKHTIN, 1929/1997, p. 301).

A partir da noção bakhtiniana de *palavra*, Moirand (2004a) e Oliveira (2015) discutem a noção de “memória da palavra”, respectivamente no âmbito da Análise do Discurso (AD) e no contexto da Neurolinguística enunciativo-discursiva.

Moirand enfatiza a dimensão ideológica e social da palavra, ao mesmo tempo que considera o trabalho dos outros falantes sobre o sistema, modificando-o e contribuindo para sua estabilidade parcial, como observamos no seguinte trecho:

Se ‘todo membro de uma coletividade falante não encontra palavras neutras, livres de apreciações ou de orientações de outrem, mas palavras habitadas por outras vozes’ (Bakhtin, 1970, p.279), tem-se que a própria palavra é habitada por outros discursos e centra-se sobre expressões nominais mais que sobre os enunciados ou formações. Compreende-se que as palavras têm uma memória (MOIRAND, 2004c).

Estamos diante uma visão de palavra na qual o sentido resgata os discursos anteriores, um já-dito (tanto temporal, quanto espacialmente), ao mesmo tempo em que permite, a nosso ver, um espaço para o novo, para a atualização ou a reconição, atributos por sua vez relacionados à nossa compreensão acerca das categorias.

Arriscamos dizer, baseados nesses autores, que a categorização é um processo e ao mesmo tempo um produto desses movimentos, revelados justamente em sua instabilidade.

Moirand (2004a, 2004b) refere-se à “memória da palavra” para discutir as alusões aos dizeres dos outros e à memória dos dizeres (memória das coisas; *memoria rerum*) para evocar fatos que, ao serem nomeados, expõem representações, conhecimentos ligados aos saberes dos sujeitos. Para a autora, a memória da palavra se transforma em *memória do dizer dos outros* no enunciado. Moirand atualiza o termo “memória discursiva”, formulado por Courtine (1981)¹⁴ para propor, ainda fundamentada por Bakhtin, o conceito de “memória interdiscursiva” para referir-se à memória da palavra quando retomada pelos sujeitos, no momento de formulação de seus discursos, enfatizando a natureza dialógica onde os enunciados são produzidos:

Quando a memória das palavras é aquela do uso que delas fazem outros locutores, então o dialogismo entra em cena e se trata então de uma memória dos dizeres do outro, uma memória interdiscursiva marcada pela mobilidade dos dizeres (MOIRAND, 2004b, p. 89)

Paveau (2013), por sua vez, retoma de Moirand o conceito de *memória interdiscursiva* enfatizando que não se trata de um processo que serve somente à memorização, mas que possui uma função (re)construtiva – que a autora reconhece como um processo de (re)categorização. Para a autora, mais do que “guardar” conceitos, a memória discursiva opera na linguagem por meio de quadros pré-discursivos coletivos. Paveau (2006) define como *memória discursiva* uma memória ligada às condições de produção (sociais e históricas), aos dados extralinguísticos e, sobretudo, aos dados pré-discursivos que participam na elaboração, produção e difusão das produções verbais de sujeitos. Para ela, descrever a memória em termos linguísticos seria, então, quase ao extremo, descrever o uso da língua na produção de *discursos historicizados*.

A partir dessas duas conceituações – memória discursiva e memória interdiscursiva –, Paveau (2006b), propõe uma nova dimensão para o estudo do conceito: a dimensão cognitiva, passando a falar em uma *memória cognitivo-discursiva*, termo cunhado por ela, em 2006, entendendo como “cognitiva” uma “dimensão em que ocorrem processos de construção do conhecimento e sua configuração no discurso, a partir de dados recebidos pelos sentidos, pela memória e pelas relações sociais” (PAVEAU, 2006b). Segundo a autora, a dimensão cognitiva

¹⁴ Para Courtine (1994, apud PAVEAU 2006) “se a linguagem é o tecido da memória, a linguagem constitui a matéria, aqui tecido, da memória (e esta é tema da Linguística)”.

da memória, atrelada ao seu estudo discursivo, é possível graças aos avanços que a semântica tem feito com relação à cognição, em uma vertente sócio-cognitiva.

A autora também ressalta que, quando falamos em memória, não falamos apenas em conservação e transmissão, mas também em modificação, falsificação e esquecimento (disparição). Além de ser tomada como um processo dinâmico, a memória cognitivo-discursiva, enquanto um processo de coletividade da memória, assume uma posição claramente anti-inatista, tomando partido da experiência e do contexto na elaboração e organização das unidades linguísticas. Para Paveau, os lugares dessa memória são, essencialmente, lexicais e é por meio da categorização que se elabora e se constrói os sentidos.

Mais interessante ainda que o conceito de *memória cognitivo-discursiva* é o de *pré-discurso*, que pode fundamentar a visão de organização semântica que vimos propondo ao longo desta discussão. Paveau apresenta o conceito como um novo aporte teórico para compreender como os quadros de memória podem influenciar a composição de nosso discurso. Nas palavras da autora,

As produções verbais, como sabemos, não surgem por geração espontânea, mas se apoiam em dados prévios que escapam, em grande parte, à consciência e ao controle do sujeito. A questão da natureza desses dados e de seu modo de articulação com os discursos produzidos, frequentemente, discutida em ciências da linguagem, permanece aberta às investigações. Para tentar respondê-la, eu proponho a noção de pré-discurso (PAVEAU, 2006, p. 17).

A autora esclarece que o termo *pré-discursivo* não deve ser colocado em oposição a *discursivo*. Com pré-discursos, a autora se refere a quadros pré-discursivos coletivos e não às “anterioridades do discurso. Segundo ela, a significação linguisticamente articulada é uma especificação do sentido pré-linguístico já organizado. As categorias pré-linguísticas são o suporte para a reorganização total na nova categorização – realizada pela sua colocação em linguagem socialmente compartilhada – e que têm papel instrucional para a produção e a interpretação do sentido no discurso. Os sentidos derivam de quadros de saberes, crenças anteriores, práticas pelas quais os sujeitos – consciente ou inconscientemente – são expostos. A autora elenca seis características fundamentais dos pré-discursos:

1. Coletividade: Fruto de uma colaboração entre o indivíduo e a sociedade: os quadros pré-discursivos coletivos são partilhados coletivamente e apropriados individualmente. Esta apropriação individualizada, segundo a autora, “mantém a ilusão” de construir versões individuais do mundo.

2. Imaterialidade: Os pré-discursos imprimem marcas indiretas na materialidade discursiva. Preocupando-se em não utilizar o termo “inconsciente”, para não cair em uma discussão psicanalítica, a autora prefere o uso do termo “conhecimentos tácitos” (aqui compreendido como o que não é explícito e que não é destinado a ser).
3. Transmissibilidade: Os quadros pré-discursivos coletivos desdobram-se nos eixos sincrônico e diacrônico da produção do discurso. No eixo sincrônico temos uma distribuição de saberes coletiva entre os falantes; uma difusão e circulação de quadros de saberes e crenças pré-discursivas. No eixo diacrônico, há uma transmissão no tempo, coletiva, sendo a memória o principal agente de transmissão, construindo “linhagens discursivas”.
4. Experimentabilidade: Os pré-discursos permitem a organização da experiência, mas também as previsões com relação aos discursos que serão produzidos. Ou seja, é devido a esta propriedade que podemos organizar o passado e prever o futuro interpretado nas categorias elaboradas, graças à leitura das experiências passadas. Trata-se de um conceito dinâmico.
5. Intersubjetividade: Os quadros pré-discursivos coletivos acolhem conteúdos de verdade “aproximada e relativa”. Relativa porque é estreitamente dependente da situação. Aproximada porque se verifica através da demonstração (prejulgamento, estereótipo, crença, etc.) e não por meio de uma verdade lógica. O funcionamento dos pré-discursos estão intimamente relacionados à partilha do sentido, ao mesmo tempo em que o constroem no discurso.
6. Localização: Assume-se como modelo cognitivo o *distribuído*: os pré-discursos são temporariamente anteriores ao momento da produção (anteriores ao eixo diacrônico). São localizados nas relações entre o sujeito e seu ambiente social, cultural, histórico e mais do que nunca, tecnológico.

Das seis propriedades acima elencadas, algumas nos parecem interessantes para a discussão sobre a categorização, sobretudo *intersubjetividade* e *experimentabilidade*.

Com relação à intersubjetividade, a autora chama atenção para um esvaziamento (e até mesmo uma banalização) sofrida pelo termo. Paveau questiona: se há alguma coisa entre mim, o mundo e os outros, do que se trata e como funciona? Ela recorre a Kleiber (1990) e a Larsson (1997) para discutir a partilha de sentidos entre os sujeitos que se comunicam e como eles compartilham um mundo comum presente na consciência de cada um. Para a autora, a noção

de intersubjetividade pode responder à questão da comunidade dos pré-dados que permitem a produção discursiva, desde que conservados sua riqueza teórica e rigor científico.

A propriedade da experimentabilidade, segundo a autora, é o que relaciona diretamente os pré-discursos com a categorização. Retomando o próprio arcabouço teórico utilizado, vemos que a autora afirma que aquilo que permite essa anterioridade endossa o tempo cronológico da categorização. Para tal reflexão, considera que os pré-discursos seriam elementos definidores do próprio protótipo categorial e a anterioridade discursiva seria a própria categorização, sendo a anterioridade entendida como a conservação da especificidade do social e do cultural.

Como consequência da adoção da ideia de “pré-discursivo” para a organização categorial, conclui-se que é impossível separar aspectos cognitivos de aspectos sociais: o contexto social é parte integrante no seio da qual a atividade cognitiva ocorre. Os esquemas mentais, portanto, não são esquemas disponíveis anteriormente, mas o produto das relações entre o ambiente e a vida dos sujeitos.

“[...] minha posição é pós-cartesiana (para não dizer anticartesiana): eu acho que o espírito está também fora do crânio, e, como T. van Gelder, recuso o ‘modelo de espírito como construtor atemporal de representações’ e argumento em favor de uma abordagem dinâmica da cognição que ‘coloca o acento [sic] sobre a interação contínua e em tempo real dos agentes situados num mundo em transformação (Paveau, 2013, p. 143).

Enfatizamos que, embora seja coerente a perspectiva apresentada por Paveau acerca da interrelação entre o cognitivo e o social, o produto das relações entre o ambiente não se dá fora da linguagem e dos processos interativos humanos, como já afirmava Vygotsky.

1.4. Fenômenos neurolinguísticos produtivos para a compreensão do funcionamento semântico-lexical e da categorização.

As dificuldades de encontrar palavras, a produção de parafasias e a ocorrência de ToTs – sensação de que estamos com a palavra na ponta da língua – são bastante recorrentes nas afasias. São fenômenos bastante complexos, relacionados entre si e também com o funcionamento categorial, revelando-se interessantes para a análise do funcionamento da linguagem.

Apesar de serem observados também na fala não-patológica, os estudos, em geral, centram-se na fala de sujeitos afásicos ou com outras patologias que afetam a linguagem, justamente pela visibilidade que ganham nesse contexto, pela sua alta ocorrência e porque deixam entrever processos epi- e metalinguísticos em curso durante a sua produção.

Buscaremos ilustrar essas questões a seguir. Posteriormente, relacionaremos a ocorrência desses fenômenos aos processos de categorização, baseando-nos, para isso, nas discussões realizadas por Vygotsky e por Luria.

1.4.1. Dificuldades de encontrar palavras

A “dificuldade de encontrar palavras” (word finding difficulties) refere-se àquela situação em que, ao tentarmos enunciar uma palavra, não conseguimos produzi-la. Ela pode ou não vir acompanhada da sensação de que sabemos qual palavra desejamos ou de que estamos com a palavra “na ponta da língua”. Em alguns casos, conseguimos, ao longo do processo de enunciação, “recordar” a palavra (cf. Luria, 1986). Em outros casos, no lugar da palavra desejada – a palavra-alvo – é produzida outra em seu lugar, troca referida na literatura como “parafasia”.

A respeito da produtividade desses fenômenos para o estudo da categorização, recorremos às palavras de Luria (1986), que afirma que

o campo semântico manifesta-se com toda evidência nos *fenômenos amplamente conhecidos na literatura psicológica de dificuldades de recordar palavras, estados nos quais a palavra procurada encontra-se como se estivesse na ponta da língua* (o conhecido *tip of the tongue phenomenon*, descrito por Brown e McNeill, 1966) ou quando a palavra procurada é substituída por outra, tomada do campo semântico comum. (LURIA, 1986, p.37, grifos nosso)¹⁵

Durante o processo de busca, os interlocutores se envolvem na busca da palavra para aliviar a ansiedade e a frustração de quem não consegue produzi-la (OLIVEIRA, 2015). É comum que, nestas situações, haja ainda uma farta produção de processos hesitativos e de reformulações do enunciado, para que se chegue ao “querer-dizer”.

A dificuldade de encontrar palavras é um fenômeno muito presente em sujeitos em quase todas as formas de afasias e é, geralmente, relacionada a lesões no lobo temporal. Uma das principais diferenças entre a presença deste fenômeno na fala de sujeitos afásicos e na fala cotidiana, dos não-afásicos está relacionada à sua maior frequência e à dificuldade de reformulação do enunciado por parte dos afásicos, o que pode se configurar como um processo

¹⁵ A esse respeito, citamos um dado do afásico JS, quando queria se lembrar do nome de sua esposa e não conseguia. Nem mesmo o sintagma *minha esposa* ou *minha mulher* foi evocado. Em um esforço para se referir a ela, disse “*a minha... véia*”. Logo após, disse: “*véia não... nossa...*”, muito constrangido, de onde inferimos que ele não queria dizer a palavra *véia*, mas não conseguiu *conter* ou *inibir* sua seleção e produção. É nesse sentido que Luria admite, além dos enlaces sonoros e semânticos subjacentes às palavras – um sistema multidimensional de enlaces - significados emocionais que às vezes só emergem na forma de atos-falhos.

de grande sofrimento e, muitas vezes, de afastamento dos sujeitos dos seus círculos sociais (Novaes-Pinto, 2008).

1.4.2. Produção de parafasias e fenômenos correlatos

As parafasias são tradicionalmente definidas como a troca de uma palavra ou som (palavra-alvo, som-alvo) por outra palavra ou som efetivamente produzida (o). Novaes-Pinto (2009), Novaes-Pinto e Souza-Cruz (2012) e Souza-Cruz (2013) apontam para equívocos e limitações na compreensão deste fenômeno, derivados tanto da visão de organização semântico-lexical em categorias fechadas – uma consequência da visão clássica de categorização –, quanto da metodologia utilizadas tradicionalmente para a análise, feita em geral a partir da nomeação de palavras isoladas e de dados meramente quantitativos, o que torna impossível retomar as possíveis relações feitas pelos sujeitos entre a palavra-alvo e a palavra produzida. Ao considerarmos uma visão de sentido monorreferencial, limitada a seu sentido denotativo, excluímos relações e enlaces intersubjetivos e diversas outras possibilidades de sentido.

1.5. O estado da arte dos estudos neurolinguísticos sobre a linguagem e a organização semântico-lexical

A maior parte dos artigos publicados nas revistas de neurociências buscam relacionar diretamente substratos neurais a determinados processos cognitivos complexos, como a linguagem¹⁶. Esta característica também foi discutida por Novaes-Pinto (1999, 2002, 2009), quando aponta que tal objetivo se baseia em uma concepção de léxico como “dicionário mental” e que serve aos modelos computacionais que visam explicar o *processamento semântico-lexical* e o *acesso lexical*. Nestes, em geral, a questão da categorização é tomada como um *a priori*, a partir do modelo clássico¹⁷. Dados que não se encaixam nessas categorias são tomados como exceções à regra, de modo que não invalidem o modelo.

¹⁶ Dentre esses, citamos: BARDE; SCHWARTZ; BORONAT, 2006; BORNKESSEL-SCHLESEWSKY; SCHLESEWSKY; CRAMON, 2009; BRIGHT; MOSS; TYLER, 2004; BULLOCK-REST et al., 2013; CRUTCH, 2006; GRABOWSKI et al., 2003; HARLEY et al., 2008; HENRY; BEESON; RAPCSAK, 2008; HILLIS; RAPP; CARAMAZZA, 1999; JACOBS, 2001; JONKERS; BASTIAANSE, 1998; MANDONNET et al., 2007; MARTIN; MCDONALD, 2003; MOREAUD et al., 2001; PARK; MCNEIL; DOYLE, 2002; PERANI, D; CAPPA, S.F; TETTAMANTI, M; ROSA, M; SCIFO, P; MIOZZO, A; BASSO, A; FAZIO, 2003; POSTLER et al., 2003; RAPP; GOLDRICK, 2001; RENVALL; LAINE; MARTIN, 2005; ROBSON et al., 2004; ROSE; DOUGLAS, 2008; SCHWARTZ et al., 2006; SMALL; SANDHU, 2008; WASSENAAR; HAGOORT, 2005.

¹⁷ ARDILA, 2000; BARDE; SCHWARTZ; BORONAT, 2006; BORMANN; KULKE; BLANKEN, 2008; BORNKESSEL-SCHLESEWSKY; SCHLESEWSKY; CRAMON, 2009; BRIGHT; MOSS; TYLER, 2004; BROWN, 2009; BUCKINGHAM, 1977, 2010; BUCKINGHAM; REKART, 1979; BULLOCK-REST et al., 2013; CARAMAZZA; HILLIS, 1991; CRUTCH, 2006; FORSTER, 1985; FROMKIN, 1971; GONTIJO et al., 2002; GORDON, 2002; GRABOWSKI et al., 2003; HILLIS; RAPP; CARAMAZZA, 1999; JACOBS, 2001;

Com relação aos modelos semântico-lexicais, em geral, podem ser divididos em duas principais correntes: os “modelos interativos”, por sua vez subdivididos em “modelo de Dell et al” (1990) e o modelo de ativação em cascata, e os “modelos não-interativos” (também conhecidos como “modelos em dois passos”), como o de Levelt (1989). Os dois primeiros são referidos como “interativos” por defenderem que há uma maior interação entre os níveis do sistema – o que faria com que certa desestabilidade em um dos níveis de processamento afetasse de alguma forma outras partes desse sistema. Ao contrário dessa concepção, modelos em dois passos ou “não-interativos” assumem uma ativação linear no acesso da palavra, sendo que se um dos sistemas está impactado, o outro não se altera. Embora ainda reducionistas para explicar a organização e o funcionamento semântico-lexicais, os modelos interativos são mais coerentes com a perspectiva enunciativo-discursiva de léxico que assumimos nesta pesquisa¹⁸.

Fromkin (1971) defende que o uso destes modelos pode auxiliar na compreensão de qual estágio do processamento da informação estaria comprometido no cérebro impactado por uma patologia. Embora o modelo mais utilizado atualmente seja o “em cascata”, o modelo de Levelt et al. (1999) é o mais antigo dos três e, ainda hoje, é muito utilizado nos estudos sobre os “erros semânticos”.

Dentre os autores que valem de modelos interativos, destacamos Crutch (2006) que busca avaliar qualitativamente diferenças entre as palavras com relação à sua natureza concreta ou abstrata¹⁹. Segundo Crutch (2006), a preferência pelas palavras concretas está relacionada ao fato de o par concreto/abstrato ser concebido como uma diferença quantitativa. No entanto, para ele, trata-se de uma diferença qualitativa. O autor desenvolve um interessante ponto de vista sobre a organização mental dos conceitos e os aborda qualitativamente a partir de dados de sujeitos com dislexia profunda²⁰. Para Crutch (2006), conceitos concretos seriam representados em redes categoriais, enquanto conceitos abstratos estariam relacionados em

KIRAN; SANDBERG; ABBOTT, 2009; MANDONNET et al., 2007; MARTIN; MCDONALD, 2003; MOREAUD et al., 2001; OLIVEIRA, M.V. B; NOVAES-PINTO, 2015; OSTROSKY-SOLIS et al., 1998; PARK; MCNEIL; DOYLE, 2002; PERANI, D; CAPP, S.F; TETTAMANTI, M; ROSA, M; SCIFO, P; MIOZZO, A; BASSO, A; FAZIO, 2003; POSTLER et al., 2003; RAPP; GOLDRICK, 2001; RENVALL; LAINE; MARTIN, 2005; ROBSON et al., 2004; ROSE; DOUGLAS, 2008; ROSSELLI; ARDILA, 1990, 2003; SCHWARTZ et al., 2006; SMALL; SANDHU, 2008; SORIN-PETERS, 2004; VISCH-BRINK, 2007; WASSENAAR; HAGOORT, 2005)

¹⁸ Dos 64 artigos lidos, 19 inserem-se na perspectiva “interativa” com relação aos modelos de acesso lexical.

¹⁹ Notamos, ainda, que a grande maioria foca em palavras que denotam objetos concretos e apenas cinco trabalhos que tratam explicitamente de conceitos abstratos: DILKINA; MCCLELLAND; PLAUT, 2010; HARLEY et al., 2008; HILLIS; RAPP; CARAMAZZA, 1999; OGAR et al., 2011; RAPP; GOLDRICK, 2001.

²⁰ Segundo o autor, a dislexia profunda refere-se a uma dislexia adquirida, na qual erros de leitura visual, derivacional e semântica são comumente observados; há empobrecimento da função de leitura de palavras. Nota-se também uma maior dificuldade com a leitura de palavras abstratas do que concretas. Um outro sintoma de central importância é o erro semântico (cf. CRUTCH, 2006).

redes associativas²¹. Essa reflexão do autor, entretanto, deixa entrever que subjacente a essa classificação encontram-se os princípios de categorização clássica, como vimos anteriormente.

Além da própria ideia de diferentes relações entre os conceitos que o autor apresenta, é interessante a relação que estabelece entre a metodologia escolhida e a forma como lida com a organização dos conceitos. Segundo ele,

theorizing in very great detail about the structure of one aspect of such a complicated system may draw scientists toward an inappropriate assumption that the principles which describe one component of a cognitive system also apply, directly or indirectly, to the system as a whole²² (CRUTCH, 2006, p. 91).

Vários artigos discutem as questões de categorização em termos de “erros semânticos” e se preocupam em distinguir em qual fase do processamento haveria um problema em relação aos sujeitos afásicos, gerando a produção de parafasias ou a dificuldade de encontrar palavras.

Dentre todos os artigos lidos, apenas dois discutem a questão da categorização mais ampla de forma explícita e assumem a influência de fatores sócio-históricos para a maneira como o sujeito interpreta e organiza o mundo, ou seja, como categoriza. São eles: o artigo de Mazzoni e Vista (2007), que aborda um modelo de terapia semântica em sujeitos com “afasia crônica”, destinada a melhorar o “processamento” léxico-semântico, a partir da comunicação real dos sujeitos; e o artigo de Dilkina et al (2010), que, apesar de afirmar que o meio em que os sujeitos estão inseridos podem modificar sua percepção do mundo, concentra-se em discutir tipos de organização lexical enquanto “léxico mental”. A partir da análise de sujeitos com demência semântica, os autores afirmam que não há um léxico mental, defendendo uma abordagem de representações semânticas que seriam ativadas, como se vê no seguinte excerto:

If the two types of processing rely on a common system, then should not damage the same items on all tasks? We present a single-system model of lexical and semantic processing, where there are no lexicons, and performance on lexical decision involves the activation of semantic representations. We show how, when these representations are damaged, accuracy on semantic and lexical tasks falls off together, but not necessarily on the same set of items. These findings are congruent with the patient data. We provide an explicit explanation of this pattern of results in our model, by defining and measuring

²¹ No entanto, não se trata, para o autor, de uma separação clara entre esses dois tipos de redes: essa distinção deve ser considerada muito mais como relativa do que absoluta, com palavras mais concretas compartilhando representações com itens semelhantes e palavras abstratas compartilhando um maior número de representações com itens associados.

²² “Teorizar detalhadamente sobre a estrutura de um aspecto de um sistema tão complexo pode atrair os cientistas para uma suposição inadequada de que os princípios que descrevem um componente de um sistema cognitivo também se aplicam, diretamente ou indiretamente, ao sistema como um todo” (Tradução nossa de Crutch, 2006, p. 91).

the effects of two orthogonal factors -spelling consistency and consistency concept²³ (DILKINA; MCCLELLAND; PLAUT, 2010, p. 67).

Podemos observar, portanto, uma tendência geral para implicitamente usar o modelo clássico de categorização. Parece-nos que esta opção tem a ver com a visão de *ciência* predominante, pois se trata de um modelo que visa a delimitação de categorias, mas nem mesmo chega a problematizá-las. Na verdade, nem mesmo chega a problematizá-las. Além disso, permite a reprodutibilidade da metodologia para fins de análises quantitativas e estatísticas, fundamentais para a concepção científica atual.

Observamos que alguns estudos buscam uma abordagem qualitativa do funcionamento lexical e partem do estudo de enunciados reais produzidos por sujeitos afásicos. Dos artigos selecionados, três utilizam-se da produção dos afásicos e apontam sua metodologia como “qualitativa” (FERGADIOTIS; WRIGHT, 2011; HILLIS; RAPP; CARAMAZZA, 1999; OGAR et al., 2011).

Nesta pesquisa, vimos que grande parte dos artigos²⁴ se utiliza das baterias de testes neuropsicológicos²⁵, geralmente com palavras isoladas, objetivando desenvolver modelos. Novaes-Pinto (2011), a esse respeito, afirma que muitas vezes, para se constituir como científico e preservar os modelos, as pesquisas acabam descartando os sujeitos.

Capítulo 2

Os estudos da categorização: *Por que e como categorizamos?*

²³ Se dois tipos de processamento dependem de um sistema comum, então não deve danificar o mesmo item em todas as tarefas? Apresentamos um modelo de sistema único de processamento lexical e semântico, no qual não há léxicos, e o desempenho sobre a decisão lexical envolve a ativação das representações semânticas. Buscamos mostrar como, quando a representação está danificada, a precisão sobre a tarefa semântica e lexical cai no mesmo conjunto de itens. Estes achados são congruentes com os dados do paciente. Buscamos uma explicação explícita deste padrão em nosso modelo, definindo e medindo os efeitos de dois fatores ortogonais – consistência ortográfica e consistência de conceito.

²⁴ Podemos citar, nessa perspectiva: ARDILA, 2010; BARDE; SCHWARTZ; BORONAT, 2006; BORMANN; KULKE; BLANKEN, 2008; BORMANN; WEILLER, 2012; BORNKESSEL-SCHLESEWSKY; SCHLESEWSKY; CRAMON, 2009; BRIGHT; MOSS; TYLER, 2004; BULLOCK-REST et al., 2013; DILKINA; MCCLELLAND; PLAUT, 2010; FERGADIOTIS; WRIGHT, 2011; GORDON, 2002; HILLIS; RAPP; CARAMAZZA, 1999; KUDO, 1987; POSTLER et al., 2003; RAPP; GOLDRICK, 2001; RENVALL; LAINE; MARTIN, 2005; ROMANI et al., 2011; SCHWARTZ et al., 2006; SMALL; SANDHU, 2008.

²⁵ Segundo Rapp & Goldrick (2001), uma determinada informação é *processada* passando por *diferentes estágios* que ocorrem antes ou depois de algum evento no tempo. De acordo com os autores, o termo *processo* tem sido utilizado no sentido “informacional”, enquanto o uso de “estágio” para cada etapa do processo é utilizado em sentido temporal, para atividades que ocorrem antes ou depois de algum evento ou ponto no tempo.

Os nomes e as coisas que são ditas de um sujeito predicam-se necessariamente do sujeito.
(Aristóteles, *Categorias* [1995]/1831, 19-21)

Introdução

Neste capítulo, apresentaremos, inicialmente, os conceitos correntes de categorização em trabalhos de filósofos e de linguistas, retomando o modelo proposto por Aristóteles que, até hoje, tem sido utilizado por diversos autores nas Neurociências. Destacaremos, ainda, a relevância das discussões realizadas por Dubois, Lakoff e Foucault, dentre outros, acerca do tema.

Apresentaremos, em seguida, uma crítica ao modelo reconhecido como “clássico”, por seus limites, argumentando em favor de um modelo sócio-cognitivo de categorização, sem deixar, por um lado, de apontar as extrapolações também desta teoria e, por outro, reconhecendo os avanços que traz para a compreensão da categorização e para os estudos sobre o funcionamento semântico-lexical.

2.1. Categorização: definição, tipologia e problemas

De maneira geral, a categorização tem sido definida como um processo por meio do qual agrupamos entidades semelhantes – objetos, pessoas, lugares etc. – em classes específicas. Segundo Dubois (1983), a categorização e as categorias são elementos fundamentais de nossa organização da experiência e ocorrem, na maior parte do tempo, de forma inconsciente. Para Lakoff (1982, 1990), categorizar é uma capacidade fundamental para o pensamento humano, sem a qual o ambiente percebido seria caótico e perpetuamente novo, uma vez que, a cada uso de um termo ou a cada nova situação vivida, precisaríamos reorganizar todo nosso conhecimento. Segundo ele,

Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore, central to an understanding of what makes us human²⁶ (LAKOFF, 1990, p. 6).

²⁶ “Sem a habilidade de categorizar, não poderíamos funcionar de maneira alguma, seja no mundo físico ou em nossa vida social e intelectual. Um entendimento de como categorizamos é central para a compreensão de como pensamos e como funcionamos, e, portanto, central para o entendimento do que nos torna humanos” (Tradução nossa, de LAKOFF, 1990, p. 6).

Sempre que realizamos uma ação ou dizemos algo (por mais simples que seja), estamos usando categorias (LAKOFF, 1982, 1990). Se olhamos para uma árvore e a reconhecemos como “árvore”, estamos categorizando. A categorização de palavras não é menos complexa do que a categorização do pensamento, da percepção, da ação e do discurso: toda vez que queremos produzir ou compreender qualquer enunciado, estamos empregando dezenas, senão centenas, de categorias – categorias de sons de fala, de palavras, de frases e orações, bem como categorias conceituais. Ainda segundo Lakoff, no mundo em movimento, nós categorizamos automaticamente pessoas, animais e objetos físicos; situações cotidianas e eventuais. Entretanto, só nos tornamos conscientes desse processo de categorização em casos problemáticos: quando não "encontramos" a palavra desejada, quando trocamos um nome por outro, quando precisamos (e não conseguimos) definir um conceito etc.

A partir do referencial teórico que assumimos, entendemos que qualquer pesquisa que realmente queira compreender o funcionamento categorial deverá levar em conta essa diversidade de elementos que o compõem e suas especificidades nos diversos meios sociais e nos diferentes momentos do desenvolvimento do indivíduo.

Categorizar, assim, é uma função linguístico-cognitiva fundamental, tanto para a organização do pensamento e da linguagem, quanto para nossa organização do mundo; uma maneira de atribuímos sentido aos fatos vividos. Segundo Kleiber (1990, p. 16), "ranger ensemble des choses différents, se retrouve dans nos activités de pensée, perception, parole, [et] dans nos actions aussi²⁷".

Por sua importância, como já apontamos, o tema tem sido discutido desde a Antiguidade, inaugurado por Aristóteles ([1831] 1995). O autor buscava compreender como funciona a categoria enquanto agrupamento de conceitos ou significados, cuja natureza pode estar relacionada a diversos fatores – externos e internos.

Lakoff (1990), em uma de suas mais conhecidas obras – *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind* –, retoma um estudo realizado por Dixon (1982) junto a uma tribo australiana falante de dyirbal, objetivando mostrar a variação na forma de organização dos conceitos em diferentes culturas, e que nosso estranhamento perante essa diferença está relacionado à falta de familiaridade com uma determinada cultura.

Souza-Cruz (2013) retoma Lakoff, a respeito do título do seu livro, sobre o qual o autor esclarece que para nós, falantes ocidentais,

²⁷ “Armazenar juntas coisas diferentes encontra-se em nossas atividades de pensamento, percepção, fala, [e] também em nossas ações” (Tradução nossa de KLEIBER, 1990, p. 16).

essa categorização é estranha, não-natural ou, no mínimo, de conotação machista. É muito provável que esta classificação esteja no domínio da experiência, não porque os falantes acham que elas ‘se parecem’, mas porque, de acordo com sua experiência de vida, elas se relacionam: a mulher estaria relacionada ao elemento *sol* que, por sua vez, apresenta relação com o *fogo*. Portanto, se coloco *mulher* na categoria *balan*, logo deveria colocar *sol* e *fogo* nesta mesma categoria. Lakoff propõe, a partir desta análise, que consideremos que ‘homem’ e ‘mulher sejam, respectivamente, os membros centrais de suas categorias’ (Souza-Cruz, 2013, p. 34).

Segundo o autor, os falantes de dyirbal não aprendem um a um os elementos de uma categoria, mas seguem um esquema geral de princípios básicos. A partir de suas observações sobre o estudo dessa língua, Dixon propôs que seus falantes categorizam por meio dos seguintes itens morfo-semânticos:

- i) ***bayi*** para homens e animais;
- ii) ***balan*** para mulheres, água, fogo e briga,
- iii) ***balam*** para comidas de origem não-animal e
- iv) ***bala*** para as coisas que não estiverem nas outras três categorias.

Esse princípio foi denominado por Lakoff (1990) como “princípio do domínio da experiência”, ou seja, se há um domínio básico da experiência associado com *A*, então é natural que as entidades nesse domínio pertençam à categoria *A*. Se “peixe”, por exemplo, está organizado em *bayi* (categoria i, de homens e animais), então “linha de peixe” e “lança de pesca” pertencem a essa mesma categoria mesmo se, pela nossa expectativa, estes dois elementos devessem inserir-se na classe iv (*bala* – que não equivale à descrição das outras três).

Ao retomar este exemplo, Lakoff enfatiza que a categorização não deve ser tomada como algo *a priori*, da qual o falante simplesmente se apropria, mas como um processo construído pelo sujeito de acordo com sua cultura, suas crenças, os espaços comunitários em que vive e atua etc.

Para Foucault (2000), mais do que uma forma de organização lexical, a categorização é uma manifestação da necessidade humana de colocar as coisas em seus lugares, a partir de critérios que vão se modificando ao longo do tempo, influenciados por questões sócio-históricoculturais. É essa influência que justifica nosso espanto ou estranhamento diante de algumas categorizações com as quais não estamos familiarizados. Um exemplo disso é dado pelo autor,

que retoma a categorização de animais que Borges encontra em uma enciclopédia chinesa, lembrando que este autor tinha o mesmo objetivo – o de evidenciar tal estranhamento²⁸:

a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acaba de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas”(apud Foucault, p. X)

O autor nos mostra que o espanto ao nos depararmos com essa classificação não está ligado ao fato de a enciclopédia nomear animais irreais ou impossíveis – como as sereias²⁹, mas de colocá-los próximos a animais reais e cotidianos como o cachorro. Segundo o autor, este estranhamento está relacionado à geografia e à idade de nossa língua; isto é, ao lugar e ao tempo em que estamos e que configura o que, praticamente, nos permite (ou não) classificar sereias e cachorros de forma tão próxima.

Para Foucault, a categorização, enquanto necessidade de ordenação do mundo, é tomada por nós como a própria ordem das coisas, fazendo com que nos apeguemos às nossas utopias e nossas ordens e que passemos a considerar como “fora de lugar” (ou “errado”) tudo que não se encaixe nesse contexto. O autor nomeia essa quebra de expectativa de “heterotopia”³⁰.

O que Foucault busca deixar claro é que a classificação que utilizamos sempre nos parece a mais coerente (seja ela a que coloca em uma mesma categoria um cachorro e um gato que se pareçam ou dois animais que acabaram “de quebrar a bilha”) porque se dá a partir de determinadas relações de similitude, consideradas as mais corretas ou “correntes”. Essas relações não são, ao contrário do que parece, determinadas de forma individual, mas pela cultura e pelo contexto geográfico em um determinado tempo.

A partir dessa compreensão, o autor faz uma análise temporal dos conceitos de “signo” e de “semelhança” e de como essas mudanças, ao longo do tempo, alteram a composição e o entendimento de mundo dos sujeitos. A mudança na cultura e na história acarretaria, por sua vez, uma mudança na forma de organizar e de categorizar o mundo e, conseqüentemente, no entendimento que os homens têm do que está “organizado de modo correto” e do que está “fora de ordem”.

²⁸ A enciclopédia a que Borges se refere no conto chama-se *Celestial Emporium of Benevolent Knowledge*.

²⁹ O simples fato de a Enciclopédia classificar “sereia” como um animal já pode nos levar a este estranhamento inicial de que Foucault tanto fala.

³⁰ É esta visão de categorização que vemos, por exemplo, subjacente aos testes neuropsicológicos das baterias que consideram como inadequada qualquer classificação que não atenda às expectativas do teste e/ou do investigador.

Assim como Lakoff, Foucault³¹ (2000) também dedicou-se a estudar as diferentes formas de categorização, sintetizando-as em quatro grandes grupos, a partir da natureza dos traços utilizados que constituem as categorias:

- i. *Convenientia*: a semelhança ocorre pela vizinhança entre os termos semelhantes: “a extremidade de um termo [termo ou conceito] designa o começo de outro” (FOUCAULT, 2000, p. XXII). Como veremos, esta articulação de elementos está relacionada a uma proximidade física entre termos e é por isso que o autor se refere a ela como uma relação de vizinhança.
- ii. *Aemulatio*: também denominada como “*convenientia* liberada da lei do lugar” (FOUCAULT, 2000), refere-se ao fato de que a semelhança não ocorre com termos vizinhos, mas atua à distância. Nesse caso, a semelhança ocorre pela aproximação de alguma característica, mesmo que esses objetos não estejam colocados lado a lado. Segundo ele, o *aemulatio* agiria como um espelho em que as coisas diversas do mundo se correspondem. Pode ser também o combate de uma forma contra a outra. Importante observar, segundo o autor, que é difícil delimitar o que seria o reflexo e o que seria o objeto refletido. Em suas próprias palavras,

Desses reflexos que percorrem o espaço, quais são os primeiros? Onde a realidade, onde a imagem projetada? Frequentemente não é possível dizê-lo, pois *o emulatio* uma espécie de geminação natural das coisas; nasce de uma dobra do ser, cujos dois lados imediatamente se defrontam (Foucault, 2000, p. XXVII).
- iii. *Analogia*: segundo o autor, as similitudes de analogia não são visíveis, não pertencem às próprias coisas; mas podem ser semelhanças que surgem da relação entre os objetos. Dessa forma, se levada ao extremo, por analogia aproxima-se todas as coisas do mundo. O “ponto de saturação” desta forma de semelhança é o homem, pois é apenas passando pelo homem que essas reações podem ser invertidas e/ou alteradas.
- iv. *Simpatia*: a categorização não segue um caminho único, nem mesmo pré-determinado. Ao contrário da *convenientia*, ela é atraída por um movimento externo e visível “suscitando um movimento interior – ou seja, um deslocamento de qualidades que se substituem mutuamente” (FOUCAULT, 2000, p. XXXII).

³¹ Enquanto Lakoff (1982, 1990) discute a questão da categorização a partir de estudos linguísticos e cognitivos, Foucault (2000) faz essa discussão crítica buscando criar uma história da formação dos conceitos e das formas do conhecimento que os homens adquiriram, a partir do que convencionaram como “ciência”.

Segundo o autor,

A simpatia transforma, altera, mas na direção do idêntico, de sorte que, se seu poder não fosse contrabalançado, o mundo se reduziria a um ponto, a uma massa homogênea, à morna figura do Mesmo: todas as suas partes se sustentariam e se comunicariam entre si sem ruptura nem distância, como elos de metal suspensos por simpatia à atração de um único imã. Eis porque a simpatia é compensada por sua figura gêmea, a antipatia (FOUCAULT, 2000, p. 32–33).

Esse esforço de Foucault para denominar e apresentar as diferentes formas de categorização também pode ser observado em vários outros autores que se preocuparam em compreender a necessidade que o ser humano tem de categorizar.

Categorizar, portanto, segundo Foucault e Lakoff, não seria apenas “nomear” de acordo com características em comum entre todos os objetos ou palavras que compõem uma determinada categoria, excluindo-se com facilidade aquelas que não se assemelham aos demais elementos. Apesar de corresponder ao que de fato ocorre na maioria das composições categoriais, esta é apenas “uma parte da história” – e, para os dois autores, a menor delas. Categorizar seria proceder a uma espécie de “economia cognitiva” para organizar o mundo e acessá-lo com um menor esforço. Voltaremos a esta questão quando abordarmos a Teoria dos Protótipos estendida (TPE).

Como vimos no Capítulo 1 a este respeito, para Paveau (2006) este processo estaria intimamente relacionado às capacidades humanas de linguagem e também de memória, por sua vez fundamental para a organização do pensamento como um todo.

2.2 Modelos e teorias sobre a categorização

2.2.1 O modelo clássico

Aristóteles descreveu as categorias como entidades homogêneas e “não-problemáticas”, definição que ainda tem sido utilizada como o modelo de categorização em diversas áreas do saber, incluindo as Neurociências, e dentre as quais a Neuropsicologia e a Neurolinguística, como vimos no final do Capítulo 1.

É importante, neste momento, retomarmos a abordagem de Aristóteles sobre a categorização para, a partir dela, observarmos como os estudos de condições necessárias e suficientes podem ser, na verdade, uma visão reduzida ou simplificada de um pensamento muito interessante à sua época. É importante compreender (e reconhecer) o esforço de Aristóteles para sintetizar o conhecimento a partir de categorias ou, como ele as chamou, “gêneros do ser”.

Para o autor, todo nosso conhecimento poderia ser organizado em dez categorias³²: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão, sendo que a principal era a categoria de substância: todas as coisas que não são substâncias existem em um sujeito, mas a própria substância não pode existir em nenhum ser, porque são elas próprias os sujeitos nos quais as não-substâncias existem. No que tange à relação entre as categorias, uma vez que as outras nove dependem da categoria de *substância* para existir, então esta deve existir primeiramente para, depois, existirem as demais. Por isso, segundo Aristóteles, as outras nove categorias são um gênero secundário.

Duas questões fundamentais que devem ser retomadas para compreender o intuito de Aristóteles em sintetizar essas categorias são: i) os traços que ele utiliza para determinar se um elemento pertence ou não a uma dessas dez categorias; ii) as relações entre as categorias podem se dar a partir de relações de sinonímia, homonímia e paronímia.

Segundo este modelo – também conhecido como “modelo clássico” ou “modelo de Condições Necessárias e Suficientes” (doravante CNS) –, os elementos categoriais são classificados com base em traços ou atributos comuns, básicos ou, ainda, segundo as condições necessárias e suficientes compartilhadas pelos elementos. Em outras palavras, as unidades pertencem (ou não) à categoria *se e somente se* compartilham certas propriedades; e é a partir dessas propriedades que as categorias e seus limites são definidos, assim como sua extensão. Neste modelo, o sujeito que categoriza tem pouca ou nenhuma influência em sua configuração. Casos que não se enquadram na definição são considerados exceções à regra. Os itens lexicais pertencentes a uma categoria contêm também traços distintivos não compartilhados, os quais seriam responsáveis pela diferenciação entre eles.

A categoria *Ave*, por exemplo, apresenta como CNS a característica compartilhada *ter asas* ou, ainda, *voar*. Uma vez que todos os elementos apresentam um conjunto de CNS, todos são considerados bons exemplares da categoria – o que significaria dizer que ela é homogênea, com todos os elementos ocupando a mesma importância e o mesmo grau de representatividade. Além disso, os limites da categoria são rígidos: ou um elemento pertence à categoria – quando apresenta o conjunto de CNS necessário – ou não pertence. Portanto, as categorias se organizariam segundo bases lógicas, igualmente compartilhadas entre os sujeitos, funcionando

³² Segundo Ricardo Santos, tradutor da obra *Categorias*, a divisão em dez categorias não é uma escolha aleatória, mas é, ela mesma, reflexo do seu tempo, da maneira como os estudiosos compreendiam o mundo e o próprio surgimento das coisas. Basta se lembrar que, no período pré-socrático, considerava-se que todos os objetos da terra eram formados por quatro elementos que, em proporções diferentes, davam origem a coisas diferentes: terra, fogo, água e ar.

como reflexos diretos do mundo (cf. KLEIBER, 1990). Não há um limite no número de CNS para que um elemento seja incluído em uma categoria, podendo se constituir de apenas um traço definidor ou de vários.

Por ser uma questão lógica, o pertencimento ou não a uma determinada categoria pode ser expresso como verdadeiro ou falso: “x” pertence à categoria *Y* OU “x” não pertence à categoria *Y*, o que pode ser representado da seguinte forma, em termos de condições de verdade:

É verdade que “x” é um *Cachorro*
 Não é verdade que “x” é um *Cachorro*

Embora este modelo de categorização seja considerado satisfatório para a explicação de algumas (poucas) categorias – em geral de objetos concretos – sua força explicativa é fraca para a grande maioria delas, nas quais se observam limites não muito claros ou que não apresentam um conjunto de CNS facilmente identificável. Os elementos considerados marginais, portanto, não seriam bons exemplos da categoria.

Do ponto de vista da organização do conhecimento, este modelo traz, pelo menos, duas características que devem ser questionadas, descritas a seguir:

- Se as categorias correspondem a um princípio lógico de CNS, então sua formação e organização não são influenciadas por nenhuma questão externa à categoria ou relativa aos indivíduos. Elas seriam, portanto, igualmente partilhadas por todos os sujeitos, seja qual for o meio em que vivem e as relações sociais que apresentam.
- Se todos os membros de uma categoria são "bons exemplares categoriais", significa que "cachorro", "gato", "baleia" ou "morcego" seriam todos bons exemplares da categoria *mamífero*. Esta afirmação deriva da ideia de que nenhum exemplar é melhor que o outro – noção de homogeneidade categorial, como já apontado. Como vimos até aqui, o modelo clássico pressupõe que é o próprio sentido de *Y* – o conjunto de CNS que a compõe – que determina que uma entidade *x* seja armazenada na categoria *Y*. Dito de outra forma, os traços necessários definidores da categoria são aqueles que participam da própria definição semântica do item lexical. Aqueles traços considerados "acidentais ou contingentes" não fariam parte do significado da palavra³³. Como consequência, as unidades linguísticas e categoriais teriam um sentido único, limitado, igualmente compartilhado por todos os sujeitos (cf. a crítica de KLEIBER, 1990). Em resumo, trata-se de um significado enciclopédico; de uma concepção monológica de sentido – característica que

³³ Kleiber, assim como Fauconnier (1995), evita utilizar o termo “palavra”, optando por “item lexical” ou “elemento categorial”. Segundo eles, a discussão sobre o que seria considerado *palavra* abriria parênteses muito grandes e complexos na discussão.

também foi questionada por modelos posteriores (JOHNSON, 1989; LAKOFF, 1982, 1990; LANGACKER, 1987; ROSCH, 1975, 1978; ROSCH; MERVIS, 1975).

Fica claro, portanto, para esses autores, que o modelo clássico não é capaz de explicar todas as formas de categorização. Tanto Kleiber (1990), quanto Larsson (1997b, 2008) apontam para os limites do modelo de CNS, por explicar poucas categorias linguísticas.

2.2.2. Contribuições dos campos da Filosofia e da Linguística: Crítica ao modelo clássico

Nos últimos trinta anos, tem havido um olhar bastante crítico sobre a forma clássica de se conceber a categorização, principalmente nas áreas preocupadas em compreender os processos subjacentes ao conhecimento humano, como a Filosofia, a Psicologia, a Linguística e a Sociologia.

Wittgenstein (1953) questionou a noção clássica de categorização, a partir da observação dos elementos da categoria *Jogos*. Segundo o autor, não há sequer um só traço comum e necessário para categorizar todos os seus elementos: alguns são jogados em dupla, outros em grupo e há, ainda, aqueles que podem ser jogados sozinho; nem sempre se trata de uma competição; nem todos usam bola; muitos são jogados dentro de casa e outros ao ar livre etc. Segundo ele, nesta categoria, a aplicação de CNS simplesmente não funciona. Defende que um conceito deve ser compreendido com base em alguma propriedade comum necessariamente presente e implícita a tudo aquilo que é associado e classificado. A este princípio, o autor denominou "semelhança de família", conceito que foi retomado posteriormente por Rosch (1978). Segundo esta visão, os membros de uma categoria podem relacionar-se sem que haja uma propriedade comum a todos os elementos. O que determina a inclusão de um item na categoria é a avaliação feita pelos sujeitos; portanto, é também de natureza subjetiva.

Ainda sobre o exemplo dado por Wittgenstein – sobre a categoria *Jogos* – voltamo-nos à citação abaixo transcrita, que ilustra como ele entende o processo de categorização e como ocorre a relação entre os elementos da categoria:

E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor. Não posso caracterizar melhor essas similaridades do que com a expressão “semelhança familiares”, por assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: compleição, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento, etc., etc.... – e digo: os jogos “formam famílias” (WITTGENSTEIN, 1953, p. 71)

Um dos problemas apontados pelos críticos desta teoria é que, apesar de parecer muito mais próxima de uma visão externalista do funcionamento categorial, ela ignora um dos pontos básicos para que a comunicação se efetue: a necessidade de compartilhamento categorial entre os sujeitos – ponto fundamental para que funcione (KLEIBER, 1990; LARSSON, 1997b).

No campo da Linguística, os estudos críticos sobre a categorização tomaram força, principalmente entre os linguistas cognitivos, encabeçados por pesquisadores que acreditavam que o modelo clássico não é suficiente para explicar todas as categorias. Apesar de grandes divergências entre os modelos resultantes dessas discussões, podemos observar alguns pontos de convergência:

- i) A forma como os sujeitos categorizam está intimamente relacionada às suas relações subjetivas, culturais e sociais;
- ii) A estabilidade da categoria é relativa, ou seja, há *certa* estabilidade, visando a intercompreensão dos sujeitos em determinada comunidade, mas as diferenças são esperadas e, em alguns casos, até mesmo previstas.

Kleiber (1990), assim como Fauconnier (1995), defende que a adoção de um traço necessário igualmente compartilhado pelos elementos de uma categoria coloca um problema para a análise linguística, visto que isso não pode ser verificado para todos os usos que são, foram e podem ser possíveis para a palavra. Isso implicaria eliminar muitos outros traços que, apesar de não serem compartilhados por todos os elementos da categoria, podem estar presentes no sentido de um termo. Outra questão a ser considerada na crítica aos modelos clássicos é a rígida separação entre componentes considerados "linguísticos" daqueles considerados "extralinguísticos", inserindo-se neste último tudo que é relativo à experiência humana (percepção, crenças, sentimentos etc.).

Diversos estudiosos da Semântica Linguística (KLEIBER, 1990; LAKOFF, 1982, 1990; ROSCH, 1975, 1978) também apontaram para um outro problema do modelo clássico, relativo à própria forma de fazer ciência: trata-se de um modelo postulado sem comprovação empírica, tomado de maneira apriorística; uma elucubração de como funciona a organização do pensamento humano que, generalizada na ciência moderna, foi tomada como modelo de verdade.

2.2.3. Os modelos sócio-cognitivistas de categorização

2.2.3.1. A Semântica dos Protótipos

Segundo Ferrari (2011), o termo “Linguística Cognitiva”, inicialmente, referia-se à posição teórica de um pequeno grupo de pesquisadores (Rosch, Langacker, Lakoff, Fillmore e Fauconnier, dentre outros) ligados aos estudos gerativistas e que sentiram a necessidade de discutir mais profundamente o papel da Semântica e da Pragmática no funcionamento linguístico. Eles abandonaram o formato modular proposto por Chomsky e passaram a discutir um outro modelo, que dá espaço para essas questões: a Semântica Prototípica ou Semântica dos Protótipos.

Para os autores, um modelo adequado para explicar o funcionamento da categorização deveria: i) ser empiricamente comprovável; ii) explicar os "casos marginais" de categorização – até então tratados como idiosincrasias e retirados das análises; iii) ser capaz de explicar a estrutura interna das categorias; iv) explicar as possíveis variações categoriais entre os diferentes sujeitos (de uma mesma comunidade e de comunidades diferentes), para além de dizer o que os elementos de uma categoria têm ou não em comum; e, finalmente, v) ser capaz de apresentar uma noção de *sentido* mais ampla do que uma simples definição de dicionário; isto é, ser capaz de cobrir (ou pelo menos se aproximar disso) os diversos sentidos que um elemento lexical possa apresentar³⁴. No entanto, ao contrário da homogeneidade teórica que o uso do termo “Semântica dos Protótipos” possa inicialmente aparentar, as teorias relativas a este grupo podem ser muito diferentes entre si, chegando a se oporem em alguns pontos.

Alguns estudiosos da categorização dividem a teoria em dois momentos: o primeiro, denominado Semântica dos Protótipos *Standard* (SPs), associado aos trabalhos de Rosch e colaboradores, com o objetivo principal de postular os fundamentos deste modelo de categorização. Em um segundo momento, denominado Semântica dos Protótipos *estendida* (SPe), conta-se com um maior número e maior variedade de teorias, tendo como foco discutir o funcionamento categorial e o grau de influência dos elementos externos ao cérebro nos modelos de funcionamento cognitivo.

³⁴ É preciso frisar que, inicialmente, a Semântica dos Protótipos não discutia de maneira direta a influência sócio-histórica na categorização, mostrando-se muito mais preocupada em explicar a estrutura interna das categorias e como elas se relacionavam. Posteriormente, em versões mais “modernas” e com as diversas ramificações da teoria, o elemento subjetivo passou a ser considerado de fundamental importância e a ser discutido a partir de um viés sociocultural (cf. KLEIBER, 1990).

Retomamos esta divisão em seguida, para ilustrar as diferenças que essas teorias apresentam e quais elementos as perpassam e que podem ser considerados fundamentais, independentemente do modelo adotado³⁵.

O primeiro momento de desenvolvimento da teoria – cuja principal expoente é Rosch – foi marcado pela preocupação em compreender e desenvolver um modelo de estrutura categorial³⁶. Segundo a autora, nomeia-se como prototípico(s) o(s) melhor(es) representante(s) ou instância central de uma categoria: “the clearest cases of pry membership defined operationally by people's judgments of goodness of membership in the category³⁷” (ROSCH, 1978, p. 11). Prototípico é o elemento que guarda maior relação com os outros elementos da categoria; o responsável por aglutinar os demais elementos categoriais. É também aquele que “apresenta menos atributos com categorias que contrastam com ela” (ROSCH e MERVIS, 1975, p. 36).

O exemplo abaixo é adaptado de Kleiber (1990). O autor retoma um estudo da categoria *Ave*, a partir da noção de protótipo, defendendo que diferentes elementos apresentam níveis diferentes de pertencimento à categoria:

- a) Um pardal é uma *Ave* (*afirmação verdadeira*).
- b) Um pintinho é uma *Ave* (***b** parece menos verdadeira que **a***).
- c) Um pinguim é uma *Ave* (***c** parece ainda menos verdadeira que **b** e **a***).
- d) Um morcego é uma *Ave* (falsa, ou muito longe da verdade).
- e) Uma vaca é uma *Ave* (absolutamente falsa).

Se todos os membros fossem igualmente “bons exemplos” da categoria *Ave*, então a escala acima não faria sentido. De acordo com o exemplo, a organização interna da categoria *Ave* tem como elemento central “pardal”, a partir do qual os demais elementos são organizados e, portanto, dispostos na estrutura categorial.

É importante salientar que esta escala é dada, segundo a SPs, a partir da validação de um único sujeito e, portanto, pode apresentar variações de um sujeito para outro³⁸. Um dos

³⁵ Não se trata, aqui, de detalhar exaustivamente cada uma delas, nem mesmo de escolher dentre elas, mas de apresentar o processo de desenvolvimento do pensamento sócio-cognitivista sobre a categorização, apontando os avanços e limites dessas teorias na discussão sobre a organização semântica e mesmo para a discussão da noção de sentido.

³⁶ Por essa razão, a virada teórica causada pela Semântica dos Protótipos ficou conhecida como “Revolução Roschiana”.

³⁷ Os casos mais claros de pertencimento prototípico definido operacionalmente pelos julgamentos das pessoas sobre a adequação de pertencimento a uma categoria (Tradução nossa de Rosch, 1978, p.11).

³⁸ Essas questões nos remetem ao dado de JM, apresentado na *Introdução* desta tese. Nele, a palavra “sogra” não foi rapidamente considerada como provável por todos os sujeitos, justamente porque os traços trazidos à tona por JM não eram totalmente compartilhados, devido a um *valor* negativo que circula em nossa cultura acerca dessa

grandes pontos inovadores desta teoria em relação ao modelo clássico está, justamente, no fato de que o protótipo não é fixo, mas reconhecido como tal pelos indivíduos que categorizam. As relações intra- e inter- categoriais passam a ser estabelecidas, portanto, pelos indivíduos e pela forma como estes compreendem o mundo. Veremos, mais adiante, que diversos estudos na SPE mostraram *alguma estabilidade* entre os julgamentos de sujeitos de uma mesma cultura, levando seus estudiosos a discutir uma estrutura interna socialmente compartilhada.

Para Langacker (1987, p. 62–63), o objetivo da Semântica dos Protótipos é, justamente, descrever estas "zonas compartilhadas". Pode-se notar que, apesar de ser esperado que sujeitos diferentes em determinada cultura apontem como prototípico um mesmo item, a variação individual é considerada parte da própria estrutura categorial, uma vez que o significado dos itens categoriais e as formas de arranjo estão submetidas à avaliação individual dos sujeitos. Rosch descreve duas dimensões da categoria: a dimensão *horizontal* – relacionada à fixação do protótipo e, conseqüentemente, à limitação das categorias – e a sua dimensão *vertical* – ou dimensão do "nível de base".

A chamada "dimensão horizontal" é aquela relativa à relação interna entre os elementos da categoria e o seu protótipo. Segundo este princípio, quanto mais relações em comum um item categorial apresentar com o protótipo, mais próximo estará dele e, portanto, do centro da categoria. Da mesma forma, quanto menos elementos em comum um item categorial apresentar em relação ao protótipo, mais longe do centro da categoria estará, podendo ser considerado um elemento limítrofe, localizado nas bordas da categoria.

In terms of the basic principles of category formation, the formation of category prototypes should, like basic levels of abstraction, be determinate and be closely related to the initial formation of categories. For categories of concrete objects (which do not have a physiological basis, as categories such as colors and forms apparently do – Rosch, 1974), a reasonable hypothesis is that prototypes develop through the same principles such as maximization of cue validity and maximization of category resemblance as those principles governing the formation of the categories themselves³⁹ (ROSCH, 1978, p. 12).

Não se trata, portanto, de um modelo categorial em que as relações se dão ao acaso, mas respeitando um princípio claro: o protótipo representa o elemento que o sujeito reconhece como

relação familiar. Podemos supor, também, que essa dificuldade deva-se ao fato de, a partir da fala de JM, focarmos em uma relação de consanguinidade, excluindo, portanto, termos como "sogra".

³⁹ Tradução nossa de Rosch (1978, p.12): "Em termos de princípios básicos de formação das categorias, a formação de protótipos categoriais deve, como níveis básicos de abstração, ser determinada e estar intimamente relacionada à formação de categorias. Para categorias de objetos concretos (que não têm uma base fisiológica, como aparentemente aparecem em categorias de cores e formas – Rosch, 1974), uma hipótese razoável é a de que os protótipos se desenvolvem através dos mesmos princípios, tais como maximização da "cue validity" e maximização da semelhança de família, como os princípios que regem a própria formação de categorias".

o mais central. Para um elemento pertencer a determinada categoria, ele deve apresentar semelhanças com as relações criadas a partir do elemento prototípico.

Do ponto de vista “ideal”, essa abordagem permite que o protótipo seja considerado um elemento não prototípico por outro sujeito ou, ainda, um elemento prototípico de outra categoria: “cachorro”, por exemplo, pode pertencer à categoria *Animais Domésticos* e, igualmente, aparecer nas categorias *Mamíferos* ou *Quadrúpedes*. No entanto, uma vez que há uma estabilidade categorial relativa – determinada socioculturalmente – essas distorções tendem a ser restringidas pelo grupo social. Esta questão, entretanto, só aparece como um problema na versão estendida da teoria, sob o conceito de *cue validity*.

O último elemento importante nessa dimensão é o limite categorial. Enquanto no modelo de CNS os limites categoriais eram claros (“x” pertence a Y OU “x” não pertence a Y), Rosch defende que grande parte das categorias (se não todas) não têm limites claros: elas são contínuas e, muitas vezes, apresentam casos de difícil descrição e delimitação. Segundo a autora, a separação entre as categorias que o modelo clássico postula só é possível no caso de se “conceber cada categoria em termos de seus casos claros em vez de em termos de seus casos fronteiros” (cf. ROSCH, 1978, p. 13).

Dubois (1983) mostra que alguns elementos considerados “limítrofes”, isto é, que apresentam poucas relações – ou relações fracas com o protótipo –, podem ser citados nas categorias nas quais “teoricamente” não fariam parte. Um exemplo é “baleia”, normalmente classificado como *Peixe* ou o elemento “morcego”, geralmente classificado como *Ave* (apesar de ambos serem da categoria *Mamífero*). Como vemos, as próprias categorias científicas salientam alguns traços em detrimento de outros.

As questões que se colocam no nível *vertical* visam compreender por que se coloca “x” na categoria Z ou porque se chama “x” de Z. Para respondê-las, é preciso observar a categoria sob dois pontos de vista: o primeiro explica a escolha de Z em relação a todas as categorias às quais “x” não pertence, ou seja, a partir da relação do elemento x com o protótipo da categoria Z. O segundo deve ser capaz de explicar a escolha de Z em relação às demais categorias às quais “x” também pertence, o que demanda considerarmos a relação intercategorial.

Retomando o exemplo de “cachorro”, podemos categorizá-lo de diferentes maneiras: na categoria mais geral *Cachorro*, mas também como *Boxer*, *Quadrúpede*, *Ser Animado* etc. No entanto, ao descrever uma cena do tipo “um cachorro está sobre a grama”, é mais comum que o façamos utilizando “cachorro” e não os outros termos (cf. BROWN, 1958, p.14).

Rosch e Mervis (1975) propuseram um modelo de organização interna à categoria em três níveis: um nível *superordenado*, um nível de *base* e um nível sub-ordenado (subordinado), como ilustrado abaixo:

SUPERORDENADO	<i>Animal</i>	<i>Fruta</i>	<i>Móvel</i>
BASE	Cachorro	Maçã	Cadeira
SUB-ORDENADO	Boxer	Golden	Cadeira de descanso

Tabela 1. Modelo adaptado de Rosch (1975) e Kleiber (1990).

Segundo Rosch (1975), é no nível de base que podemos identificar "formas médias" de membros da classe, como observado na tabela acima, e onde encontramos o maior número de traços em comum entre os objetos⁴⁰.

O nível de base também é o mais alto no qual o sujeito pode criar uma imagem mental ou forma específica (seja ela abstrata ou concreta) e ao qual podemos associar uma forma global; o nível mais interativo: podemos dizer como funciona uma "cama" ou uma "mesa", mas não podemos determinar como funciona um *Móvel*. Da mesma forma, podemos explicar "cachorro" ou "maçã", mas dificilmente o fazemos para *Animal* ou *Fruta*⁴¹. Do ponto de vista cognitivo, os termos do nível de base são os mais rapidamente identificáveis: o termo "maçã", por exemplo, em relação ao seu nível sub ordenado "golden". Por isso, o nível de base é também o nível com "representação preferida" para a denominação de um objeto e aquele que agrupa o maior conjunto de informações semânticas e é neste nível que se encontra o maior número de elementos de uma categoria.

No que tange à própria formação da categoria, o nível de base maximaliza a similaridade entre os seus membros e minimiza as similaridades destes elementos com categorias opostas. Segundo Kleiber (1990, p. 85), "as categorias não são autônomas e dependem, em grande parte, da organização categorial nas quais entram e, mais especialmente, categorias com as quais estão

⁴⁰Segundo os criadores desta teoria, pode-se observar, também, que os níveis apresentam programas motores parecidos e formas morfológicas similares.

⁴¹ Mais tarde, o nível *superordenado* foi nomeado pelos linguistas como "hipônimo categorial" (KLEIBER, 1990).

em oposição”. Já o nível superordenado é considerado um nível mais abstrato, e que, portanto, não apresentaria (ou nós não associaríamos) a uma forma global, uma *Gestalt*⁴².

Do ponto de vista da composição do enunciado, segundo Rosch e Mervis (1976), a escolha e o uso de termos dos níveis sub- e super- ordenados é, geralmente, contextual: é a situação que determinará se é necessário especificar se estamos falando de um “boxer” ou de um “labrador”; ou, em outro contexto, justificar que é “proibida a entrada de animais”, por exemplo.

Em 1978, Rosch abandonou este modelo e revisou, juntamente com outros colaboradores, a estrutura da categoria. Além de uma nova definição para o protótipo, dois novos elementos passaram a ser considerados fundamentais para a formação categorial⁴³: **i)** o sujeito que valida um elemento como um protótipo e, portanto, a organização das categorias; e **ii)** a ideia de que o mundo em questão não é idealizado, mas um mundo percebido, experienciado pelo sujeito (*perceived world structure*).

O conjunto de propriedades da categoria depende, basicamente, da interação dos sujeitos com seu ambiente. Segundo Rosch (1978, p. 29), este conjunto é percebido pelos sujeitos como "um feixe de propriedades que não necessariamente existem de forma inerente na realidade". Isso não significa que a categoria se constitui de maneira arbitrária: o sujeito tem restrições relativas ao que pode ou não ser percebido, dado que também herdamos um mundo parcialmente categorizado, mas que a todo o instante é recategorizado. A estabilidade na categoria ocorre, justamente, pelo fato de o mundo percebido ser mais ou menos compartilhado, garantindo o entendimento entre os sujeitos. Portanto, a propriedade categorial resulta da maneira como os seres humanos, pelo seu corpo, seu aparelho cognitivo e suas relações sociais confrontam e são confrontados pelo objeto: “a maneira como eles percebem, imaginam, a forma na qual eles organizam a informação que estes objetos trazem e sobretudo a maneira na qual os corpos entram em contato com eles” (LAKOFF, 1987, p. 51).

A Semântica dos Protótipos não resolveu todos os problemas da teoria clássica, mas pode ser considerada um avanço na compreensão da categorização e do funcionamento cognitivo humano. Do ponto de vista do funcionamento da linguagem, especificamente, ela permitiu que se integrasse ao sentido da palavra conceitos antes excluídos. Permitiu também

⁴²O termo “Gestalt” foi emprestado da psicologia e refere-se a uma unidade indivisível, um processo de dar forma, de configurar (em imagem) o que é exposto ao olhar.

⁴³ Não significa que até este momento estas questões não eram consideradas, mas que, a partir deste momento, elas passam a integrar as características fundamentais para a própria estruturação categorial.

que se considerasse, na própria estrutura da categoria, diferenças de categorização entre sujeitos e entre culturas⁴⁴.

A partir da revisão de elementos da SPs, a Semântica dos Protótipos *estendida* desenvolveu-se fundamentada em dois princípios básicos: o de *economia cognitiva* e o conceito da *perceived world structure*, da forma como percebemos e estruturando o mundo. Segundo o princípio da *economia cognitiva*, o que se deseja ganhar com o uso das categorias é uma grande quantidade de informações sobre o ambiente, conservando-se recursos finitos, tanto quanto possível. Categorizar um estímulo significa considerá-lo não apenas equivalente a outros na mesma categoria, mas também diferente de “não-estímulos” dessa categoria. Um dos propósitos da categorização é reduzir as infinitas diferenças entre estímulos comportamentais e cognitivos utilizáveis proporcionalmente (ROSCH, 1978).

Já de acordo com o princípio conhecido como *perceived world structure*, como vimos anteriormente, o mundo percebido não é um conjunto total de atributos não-estruturais co-ocorrendo equiparadamente. Ao contrário disso, os objetos materiais possuem alta estrutura de correlação. Um exemplo dado pela autora é a de especialista em "pena", "pele" e "asas", que saberá que é mais provável que encontremos uma co-ocorrência do primeiro com o terceiro, apesar da segunda não poder ser descartada como possível combinação. Em resumo, combinações do que nós percebemos como atributos dos objetos reais não ocorrem uniformemente. Segundo Rosch (1978, p. 29), “some pairs, triples, etc. are quite probable, appearing in combination sometimes with one, sometimes another attributes; other logically cannot or empirically do not occur⁴⁵”.

Apesar do nome “Semântica dos Protótipos” ser mantido e uma parcela de seus autores trabalharem como se esta fosse uma continuação da teoria anterior, a principal modificação causada pela inserção desses dois elementos na teoria é, justamente, o abandono da noção de “protótipo”, agora substituído pela noção de “efeito prototípico”. Os autores passaram a falar em “grau de prototipicidade” e não mais em centralidade do protótipo (LAKOFF, 1982, 1990; ROSCH, 1978).

Segundo Kleiber (1990), a noção de *protótipo* subsiste, mas ela não tem mais o estatuto de identidade fundadora da estrutura categorial de antes, característica que demandou uma segunda mudança fundamental: não é mais necessário que haja um grau de similaridade com o

⁴⁴Esta visão é levada às últimas consequências na versão estendida da teoria, principalmente em autores como Lakoff ou Johnson (JOHNSON, 1989; LAKOFF, 1990; LAKOFF; JOHNSON, 2002).

⁴⁵ Tradução nossa de Rosch (1978, p.29): “Alguns pares, triplos, etc., são muito prováveis, aparecendo em combinação, às vezes com um, às vezes com outros atributos; outros logicamente não podem ou empiricamente não devem ocorrer”.

protótipo para definir que um elemento pertence ou não a uma determinada categoria. Não há mais uma forma estrutural única que origina a categorização na qual pode ocorrer, inclusive o que é previsto pelo modelo clássico (cf. KLEIBER, 1990, p. 144). A noção de *fronteiras fluidas* mantém-se nesta segunda versão da teoria; conseqüentemente, mantém-se também a noção de que as categorias não são bem delimitadas, nem delimitadas *a priori*.

Para fins de comparação, inserimos um esquema proposto por Givón, que visa ilustrar a diferença entre a Semântica dos Protótipos *standard* e o modelo estendido:

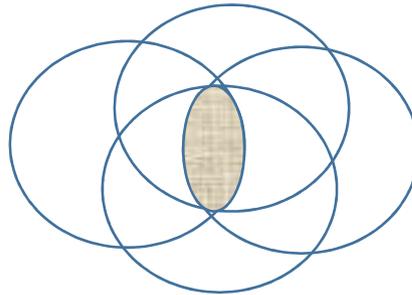


Figura 1: Esquema do Protótipo versão standard, segundo Givón (1986, p.76)

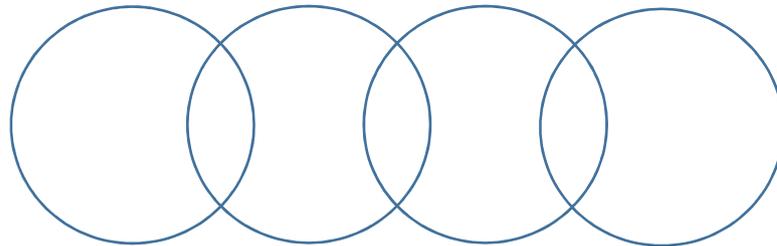


Figura 2: Esquema do Protótipo versão estendida, segundo Givón (1986, p.76)

Com os esquemas reproduzidos acima, o autor busca ilustrar a diferença entre a organização categorial (e, conseqüentemente, a relação entre as categorias) na versão *standard* e na versão estendida da teoria dos protótipos. A partir desta reprodução, podemos observar que, enquanto na primeira versão o protótipo era o elemento central e (re)organizador dos demais elementos, na versão estendida, o protótipo não é mais um elemento categorial, mas, um *efeito de sentido* obtido a partir da relação de semelhanças entre categorias, que nos permitem (re)agrupá-las.

A caracterização e a origem do protótipo podem ser explicadas de outra maneira: o que os “locutores” têm no espírito/na mente não é um *conceito prototípico*, mas o *conceito* ou a *imagem mental* da categoria que o contém: “Le prototype est ainsi l’objet mental, schéma, image

cognitive, etc. associé à un mot par rapport auquel se fait la catégorisation⁴⁶ (KLEIBER, 1990, p. 145). Dessa forma, uma mesma categoria pode ter mais que um elemento prototípico, porque mais de um elemento corresponde ao conceito prototípico.

Para explicar o reagrupamento de entidades diferentes em uma mesma categoria, os autores da SPe passaram a defender que o pertencimento a uma categoria se dá após uma verificação das semelhanças compartilhadas entre eles: “a ideia de que os membros de uma categoria podem relacionar-se uns aos outros sem que haja uma propriedade comum que defina a categoria (LAKOFF, 1982, p. 12)⁴⁷. A teoria da *semelhança de família* caracteriza-se, assim, como um conjunto de semelhanças dentre as diferentes ocorrências de uma mesma família. São propriedades que não precisam ser comuns a todos os membros, mas que encontramos em pelo menos dois deles⁴⁸.

Esta mudança é fundamental para o desenvolvimento e compreensão sobre a formação e a organização das categorias, que não mais convergem para uma mesma entidade central. Segundo Kleiber,

Le rapprochement entre théorie du prototype et ressemblance de famille conduit à une version étendue du prototype, beaucoup plus puissante, puisque libérée de la contrainte du ou des traits commun avec le prototype que doivent présenter tous les membres dans la version standard⁴⁹. (KLEIBER, 1990, p. 61)

Esta modificação na noção de protótipo leva diversos autores a considerá-la não uma versão de continuação em relação ao SPs, mas uma versão de ruptura. Apesar do desenvolvimento da SPe, grande parte dos estudos que se utilizam da visão de protótipo baseiam-se na versão *standard*, apesar de seus próprios fundadores já a terem abandonado.

Tanto Kleiber (1990) quanto Lakoff (1982, 1990) apontam para a mudança da noção de *sentido* que acompanha o desenvolvimento das teorias da SPe, mostrando que o abandono da noção de protótipo resulta na passagem de uma visão monorreferencial para uma versão multirreferencial. Lakoff reforça o valor polissêmico do sentido na versão estendida e afirma que

⁴⁶ O protótipo é, portanto, o objeto mental, esquema, imagem cognitiva etc., associados a uma palavra com relação a qual se faz a categorização (Tradução nossa de KLEIBER, 1990, p. 145).

⁴⁷ Uma categoria concebida sob o modelo clássico, como vimos, é uma categoria em que todos os membros possuem os mesmos traços; isto é, uma categoria em que o recobrimento é máximo.

⁴⁸ A teoria da semelhança de família em Wittgenstein não faz nenhuma alusão à Semântica dos Protótipos. Segundo Kleiber (1990), o único ponto em comum entre elas é a caracterização de propriedades como sendo “não-necessárias”.

⁴⁹ Tradução nossa de Kleiber (1990, p. 61): “A aproximação entre teoria dos protótipos e semelhança de família conduz a uma versão estendida do protótipo, muito mais poderosa, porque livre do limite do/dos traços comuns com o protótipo que todos os membros devem apresentar na versão standard”.

a polissemia aparece como sendo um caso especial de categorização de base prototípica, onde os ‘sentidos de uma palavra’ são os membros de uma categoria. A aplicação da teoria do protótipo ao estudo do sentido das palavras coloca ordem lá onde não há senão caos (LAKOFF, 1990, p.34).

Para Kleiber, as mudanças na estrutura da Teoria dos Protótipos podem ser consideradas uma "revisão drástica" que faz com que a virtude essencial e revolucionária da Semântica dos Protótipos se perca – a saber, a proposição de uma alternativa ao modelo de categorização em termos de CNS. A recusa à noção inicial de protótipo retira todo o poder de explicação de como uma entidade pode pertencer a uma categoria.

En fixant le prototype comme pivot d'appariement référentiel, la version standard en reste à une conception de la catégorie comme regroupant un type de référents: le fait que tous les membres de la catégorie doivent vérifier au moins un trait du prototype empêche l'éclatement de la catégorie en des sous-catégories pouvant ne plus rien avoir de commun entre elles⁵⁰ (KLEIBER, 1990, p. 161).

Neste novo quadro, o protótipo passa a ser um conceito, uma construção mental, resultado de operações cognitivas. Kleiber sintetiza o avanço que a Semântica dos Protótipos trouxe para o estudo da Semântica Lexical, nos pontos abaixo⁵¹:

- i. A SPe coloca em relevo uma estruturação intercategoriaal organizada em torno de instâncias prototípicas, cujo papel é primordial em diversas tarefas cognitivas.
- ii. A teoria determina um nível categorial privilegiado – o nível de base – que constitui o lugar de denominação *standard* dos objetos;
- iii. Traz uma visão positiva do sentido lexical, integrando no sentido de uma palavra todas as propriedades típicas de um conceito;
- iv: Por fim, a SPe não teme nem os fenômenos referenciais, nem a dimensão humana, capaz de modificar o sentido.

Como exporemos mais adiante, do ponto de vista dos estudos neurolinguísticos, a SPs e a SPe podem ajudar na discussão e na compreensão dos fenômenos relacionados ao

⁵⁰ Tradução nossa de Kleiber (1990, p.161): “Ao fixar o protótipo como o pivô do pertencimento referencial, a versão *standard* permanece como uma concepção da categoria como um reagrupamento de um tipo de referentes: o fato de que todos os membros da categoria devem verificar ao menos um traço do protótipo impede a ruptura da categoria em subcategorias que podem não ter nada mais em comum entre elas.

⁵¹ Apenas para ilustrar como a teoria dos protótipos se tornou relevante nas discussões linguísticas, citamos Fillmore (1982), que buscou classificar os protótipos em tipos, a partir de protótipos-exemplos, baseando-se em condições pertinentes que cada um desses tipos deveriam cumprir: *climb, long, bird, red, bachelor e decedent*. Lakoff (1990) também os classificou em sete tipos: exemplares típicos, estereótipos sociais, ideais, analogia (parangons), generalizadores, submodelos e exemplares de destaque. Destes os protótipos do tipo *parangons* (analogia) e exemplares de destaque seriam os únicos a apresentar um resquício do modelo da SPs.

funcionamento semântico-lexical que, muitas vezes, encontra-se desorganizado nas afasias, resultando em dificuldades de “encontrar palavras”, produção de parafasias semânticas etc. Estas teorias também podem contribuir para a crítica aos modelos de “processamento” e às baterias de avaliação utilizados na Neuropsicologia e na Neurolinguística tradicional, uma vez que trazem para a discussão elementos socioculturais desconsiderados na maioria desses estudos. A noção dinâmica de categoria, modificável pelos sujeitos no curso da história social dos indivíduos, é uma das características mais relevantes trazidas por esta teoria.

Concluindo, esta reflexão evidencia que as categorias não são claramente definidas e que a localização dos elementos em uma ou outra depende do que é considerado prototípico pelo indivíduo que categoriza. Dito de outro modo, trata-se da relação do sujeito com a palavra ou, conforme Oliveira (2015), da “história do sujeito com a palavra”, relevante nos processos de categorização.

2.2.4 Abordagem sócio-cultural das categorias

Segundo Luria (1986), a *palavra* é o elemento central da linguagem e é por meio dela que o homem compartilha sua experiência e obtém conhecimento; por ela designamos ações, relações e reunimos objetos em determinados sistema. Dito de outra maneira, é a partir dela que categorizamos a experiência humana. Em sua obra *Pensamento e linguagem* (LURIA, 1986), que reúne textos sobre a estrutura da palavra e suas relações, o autor faz também discussões importantes para a compreensão do *sentido* e da *organização semântica* que nos ajudam a pensar nessa questões.

Com relação à categorização, especificamente, é fundamental para Luria a ideia de que os homens são capazes de abstrair as características isoladas das coisas, de captar enlaces profundos e as relações em que se encontram. São também capazes de ultrapassar a experiência imediata e formar conceitos abstratos, de entrar na essência das coisas. Para ele, esta é uma das características que diferenciam a linguagem humana da “linguagem” dos demais animais – mesmo aqueles que demonstram ter um sistema de comunicação muito evoluído.

O homem dispõe não apenas de um conhecimento sensorial, mas também de um conhecimento racional: ele é capaz de assimilar um conhecimento abstrato, uma experiência vivida por outrem ou mesmo elaborar conceitos a partir de deduções lógicas. Da mesma forma, é capaz de assimilar a experiência social formulada no sistema de conceitos abstratos (LURIA, 1986, p. 13). Segundo Luria, este traço é a peculiaridade fundamental de sua consciência, mas,

como vimos, são justamente estas as relações que são deixadas de lado nas teorias clássicas sobre categorização.

O autor, debruçando-se sobre o estudo do desenvolvimento dos conceitos, tanto na ontogênese quanto na filogênese⁵², se opôs à ideia kantiana de que as categorias existem nas “profundidades da alma humana”. Ele buscou mostrar que a essência do conhecimento humano é, justamente, a possibilidade de sair dos limites da experiência imediata, de pensar e organizar sua conduta a partir de formas simbólicas.

Retomamos, a seguir, algumas das discussões feitas pelo autor sobre a formação e desenvolvimento dos conceitos (das palavras), uma vez que esta questão está ligada àquela das relações categoriais estabelecidas pelos sujeitos.

De acordo com Luria, em suas primeiras etapas de desenvolvimento, a palavra possuía um caráter *simpráxico*, isto é, seu uso e significado estavam diretamente relacionados à situação imediata e, na maioria dos casos, associadas ao gesto. O desenvolvimento da palavra enquanto *signo* que designa um objeto está associado ao surgimento do trabalho, às ações desenvolvidas com os objetos e à necessidade de comunicação que o homem, em determinado momento dessa evolução, passou a apresentar.

Posteriormente, no processo de evolução, a palavra emancipou-se de seu contexto *simpráxico*, imediato, e passou a assumir um caráter sinsemântico, isto é, a palavra passou a incorporar um “sistema de signos que estão enlaçados uns aos outros por seus significados e que formam um sistema de códigos que podem ser compreendidos, inclusive, quando não se conhece a situação” (LURIA, 1986, p. 29)⁵³.

Baseando-se na noção de desenvolvimento das estruturas semânticas proposta por Vygotsky, Luria afirma que o desenvolvimento posterior da palavra não está relacionado à sua referência objetal, mas à sua função generalizadora e analítica; ou seja, ao desenvolvimento de seu significado. De acordo com o autor, mesmo conservando uma mesma referência objetal, a palavra adquire novas estruturas semânticas, muda, se enriquece e enriquece o sistema de enlaces e generalizações nela encerrados, “o que quer dizer que o significado da palavra se

⁵² O desenvolvimento do conceito na filogênese dá-se ao longo da história do desenvolvimento humano. Já o desenvolvimento ontogenético refere-se à história particular de um sujeito. Luria desenvolve sua teoria sobre os desenvolvimentos filogenético e ontogenético a partir dos estudos de Vygotsky (sobre o desenvolvimento do conceito na criança).

⁵³ Luria afirma em diversos momentos que o desenvolvimento da palavra, na ontogênese, apesar de não se parecer em nada com a “pré-história” da palavra, também pode ser considerado um processo que vai de um caráter *simpráxico* a um desenvolvimento sinsemântico. Ele transcorre no “processo de assimilação da experiência geral da humanidade e da comunicação com os adultos (p. 29). Esta visão sobre o desenvolvimento da palavra na criança relaciona-se intimamente com a noção de “organização em complexos” que podemos observar na teoria de Vygotsky.

desenvolve” (LURIA, 1986, p. 30). Retomando um exemplo do autor, a palavra “mesa” pode se referir a qualquer mesa mesmo que, inicialmente, fosse utilizada para designar uma mesa específica.

Para a compreensão de como se dá esse desenvolvimento – a passagem de um caráter *simpráxico* para um caráter *sinsemântico* –, retomamos um esquema de desenvolvimento do conceito trazido por Luria, exemplificando com a palavra “cachorro”.

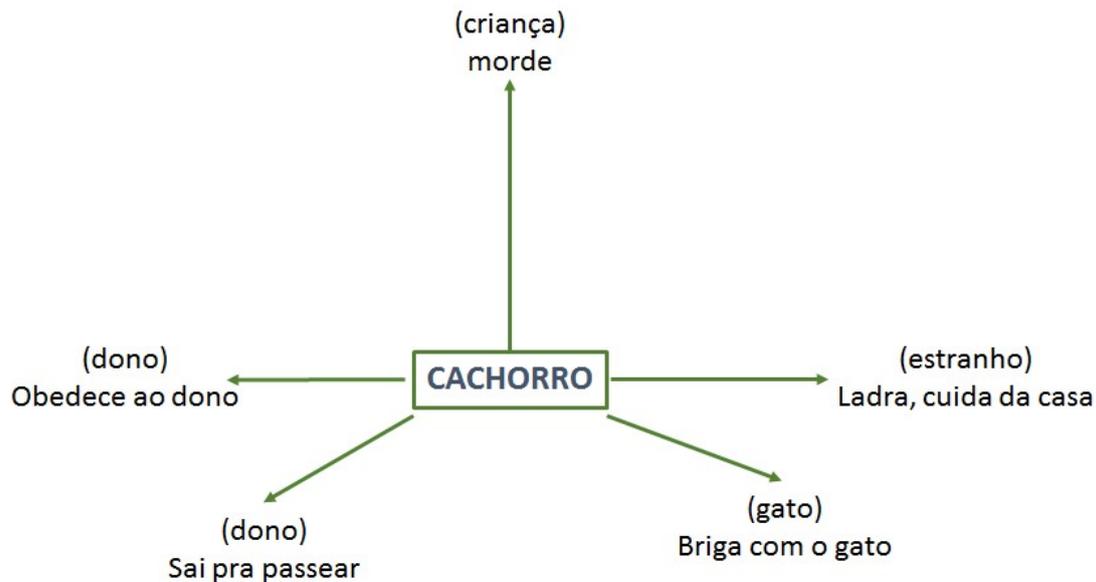


Figura 3: Esquema da composição dos campos semânticos na ontogênese.

Fonte: Luria, 1986, p. 53.

Em um primeiro momento, a palavra “cachorro” tem um sentido muito mais relacionado à experiência imediata: para uma criança que tenha sido mordida por um cachorro pode ser algo horrível, mas também pode ser uma lembrança agradável, caso tenha convivido e brincado com ele. Esta relação, assim, estará na essência do conceito “cachorro”.

Em um segundo momento, a palavra pode já ter ganho contornos de uma experiência concreta: cachorro come, vigia a casa etc. Neste caso, os enlaces por trás da palavra “cachorro” estão relacionados a uma série de imagens indiretas. Nesta fase, “cachorro” passa a ser um animal que se inclui em “uma hierarquia de conceitos subordinados entre si” (LURIA, 1986, p. 52–53); passa, portanto, a ser um *conhecimento organizado em uma categoria*. Segundo o autor, cada elemento do sistema entra em um enlace com a palavra sobre bases distintas (LURIA, 1986).

Há ainda um terceiro momento (Figura 4), em que o significado, mesmo tendo alcançado estabilidade em sua referência objetal, continua a mudar, tanto em sua estrutura semântica, quanto em sua estrutura sistêmica.

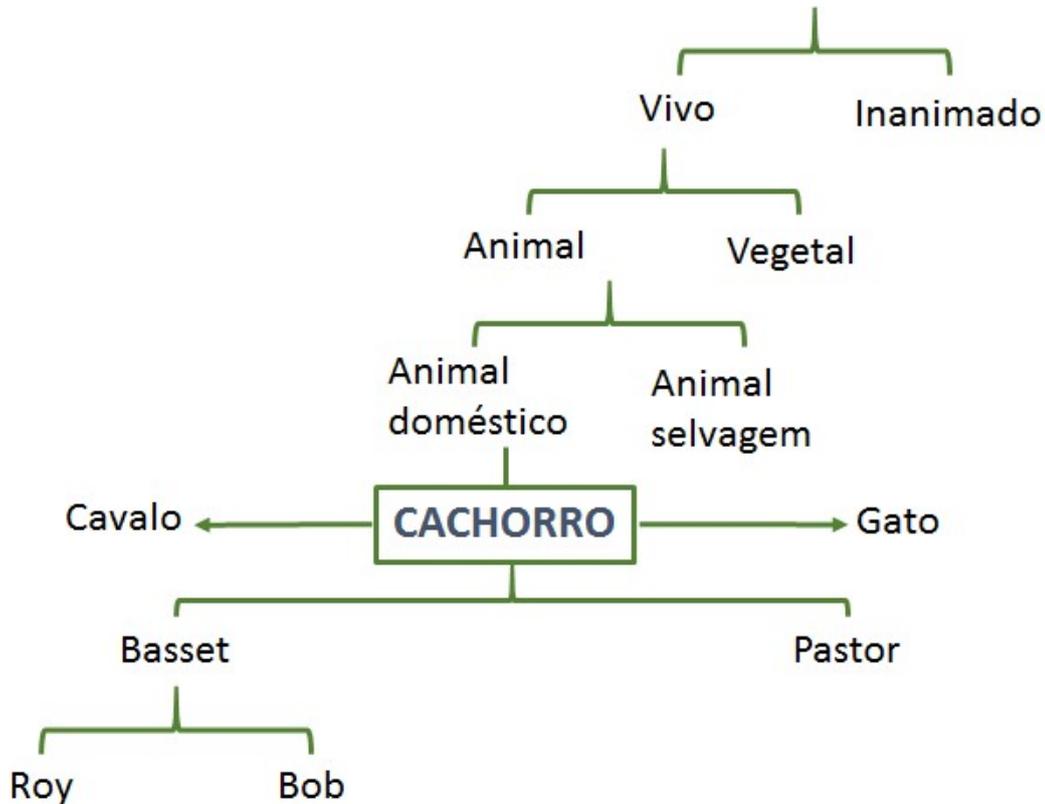


Figura 4: Esquema da composição dos campos semânticos na ontogênese em seu terceiro estágio - mais abstrato

Segundo o autor, neste terceiro momento os conceitos se mostrariam mais hierarquicamente subordinados. A palavra adquire um caráter paradigmático, incluindo o objeto dado em um sistema hierárquico de contraposições abstratas: “um cão basset não é um bulldog nem um cachorro de rua; o basset é um cachorro e não um gato; o cachorro e o gato são animais e não vegetais etc” (LURIA, 1986, p. 53).

Segundo Luria, para cada momento do desenvolvimento (tanto do significado da palavra quanto do homem), um determinado tipo de enlace está em evidência:

No estágio dos conceitos concretos, o papel decisivo cabe aos enlaces situacionais diretos, reais dos objetos e no estágio dos conceitos abstratos, o papel decisivo cabe aos enlaces lógico-verbais, hierarquicamente constituídos. Portanto, o significado muda não só em uma sua estrutura, mas também no sistema dos processos psíquicos (LURIA, 1986, p. 54).

Segundo Luria, “por trás de cada palavra não há um significado permanente; há sempre um sistema multidimensional de enlaces. (...) Nisto consiste a seletividade, característica das bases psíquicas de utilização da linguagem (LURIA, 1986, p. 90). A modificação do significado da palavra ao longo de seu desenvolvimento e do desenvolvimento do homem modifica também a própria estrutura dos processos psíquicos. Consequentemente, modificam-se as relações *intra- e inter-categoriais*, modificando, por sua vez, também a nossa consciência⁵⁴, seja em sua estrutura semântica, seja em sua estrutura sistêmica.

A título de ilustração sobre essas questões, retomamos um excerto de uma atividade realizada com AC, senhor afásico, senhor de 80 anos de idade que, após o AVC apresenta, dentre outras questões, a dificuldade de encontrar palavras e a sensação de que elas estão “na ponta da língua”⁵⁵.

Na atividade que realizamos nesta pesquisa, adaptada do experimento denominado “Quarto excluído” (Bateria Luria/Nebraska, 1980), AC deveria retirar, de um conjunto de quatro palavras que lhe foram apresentadas, o item lexical que não fizesse parte do conjunto (ou que fosse menos próximo das outras palavras)⁵⁶. Foi solicitado que ele justificasse sua resposta porque, além de nos interessarmos pela *categorização* realizada, gostaríamos de saber quais critérios orientaram a sua escolha.

No exemplo em questão, as palavras apresentadas eram: “mãe”, “tio”, “primo” e “cunhado”. O sujeito exclui o elemento esperado⁵⁷ (cunhado), mas sua justificativa é muito diferente daquela esperada pela pesquisadora (aquele que não tem laços consanguíneos) e também em relação às respostas dos demais sujeitos participantes do experimento.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enuncia do não-verbal
1	Its	<i>Porque tirou o “cunhado”, Sr. AC?</i>	_____
2	AC	<i>Ele não é meu cunhado... é meu genro... Mas ele é fora de série! Ele é ruim!</i>	_____
3	Its	<i>O senhor tirou o cunhado porque não gosta do genro?</i>	_____
4	AC	<i>Isso.</i>	Com cara de bravo

⁵⁴ O uso do termo “consciência”, em Luria, não tem relação com o uso mais corrente, de inspiração psicanalítica. Com “consciência”, Luria denomina um processo quase metalinguístico de regulação da linguagem.

⁵⁵ A respeito desse fenômeno, conhecido na literatura como TOT (tip-of-tongue), ver o trabalho de OLIVEIRA, 2015.

⁵⁶ Como veremos mais adiante, o grau de dificuldade de operação sobre os conjuntos de palavras variava de “fácil” a “difícil”. No exemplo em questão, o conjunto de palavras foi considerado um “pouco difícil” pela maioria dos sujeitos afásicos que participaram do experimento.

⁵⁷ Apesar de ser esperado a retirada do termo “cunhado”, é possível, como veremos em outros sujeitos afásicos, que “mãe” seja o termo excluído, uma vez que se trata da única denominação feminina.

5	Its	<i>O senhor tem cunhado?</i>	_____
6	AC	<i>Tinha, morreu esses dias atrás.</i>	_____
7	Its	<i>O senhor se dava bem com seu cunhado?</i>	_____
8	AC	<i>Não.</i>	_____

Tabela 2. Dado 2: AC – excerto do experimento do “Quarto Excluído”.

Após a justificativa dada por ele, podemos, em um primeiro momento, pensar que se trata de uma relação equivocada – ele poderia não ter lido ou ter confundido as palavras “cunhado” e “genro”. Ao longo de suas justificativas, entretanto, podemos observar a relação entre essas palavras que referenciam os dois parentes, com os quais o sujeito afirma não “se dar bem”. Há, ainda, um outro fato a ser considerado: seu único cunhado morreu e, portanto, a palavra “cunhado” poderia ter sido tirada do conjunto de parentes.

Vemos que a relação categorial realizada pelo sujeito é feita a partir de enlaces afetivos muito específicos, subjetivos e singulares. É importante ressaltar que quase todas as demais categorizações feitas por AC apresentam enlaces do mesmo tipo, como veremos no *Capítulo 4*.

Luria distingue o “significado da palavra” (seu significado propriamente dito) do “significado categorial da palavra”. Trata-se, neste caso, de seu papel para refletir a realidade na elaboração do conhecimento. A palavra não apenas “separa um traço”, mas também é responsável pela inclusão de um elemento em determinada categoria. A palavra, portanto, não é apenas célula da comunicação, mas célula do pensamento, para o qual as funções de generalização e abstração são essenciais.

É devido à capacidade de categorizar que podemos analisar os objetos, abstrair e generalizar suas características ou mesmo provocar associações parecidas. Essa reflexão pode ser sintetizada por Luria: “a palavra não apenas substitui uma coisa, também a analisa, a introduz em um sistema de complexos enlaces e relações” (LURIA, 1986, p. 36).

Portanto, a palavra possui uma função muito mais complexa do que sua função de designar um objeto: ela separa um traço essencial do objeto, analisa-o, diz algo sobre sua função (“mesa” não designa apenas um objeto, mas diz algo sobre ele). Esta função é uma das mais importantes do ponto de vista da *economia cognitiva*, como vimos nos postulados de Rosch (1978), pois é responsável pela função intelectual de *generalização*. Assim, o homem pode, através da experiência anterior, solidificada na história da palavra (*memória da palavra*, segundo Bakhtin, 1997), produzir pensamentos complexos. Ao comunicarmos-nos com alguém,

precisamos que este alguém compreenda nosso *querer-dizer* (BAKHTIN, 1979). Precisamos que a palavra não apenas restrinja um objeto, mas que também generalize a informação sobre ele. De acordo com uma visão sócio-cultural, como a desenvolvida por Luria, esta estabilidade relativa do significado da palavra é dada pela transmissão das experiências anteriores, acumulada na história social.

Uma palavra aparentemente simples, portanto, encerra em si uma complexa quantidade de propriedades, uma grande rede de enlaces multidimensionais. Luria já discutia que a generalização passa despercebida pelo sujeito e que apenas em casos específicos (problemáticos) tomamos consciência dela.

Segundo Luria, cada palavra evoca todo um complexo sistema de enlaces, transforma-se no centro de toda uma complexa rede semântica, atualizando determinados campos semânticos, os quais caracterizam um aspecto importante da estrutura psíquica da palavra” (LURIA, 1986, p. 76).

Essa definição luriana contribui, do ponto de vista da neuropsicologia, para o entendimento da estrutura da categoria e traz para o centro do debate questões relevantes também para a Linguística: i) a relação entre as categorias; ii) os diferentes tipos de enlaces organizadores dos campos semânticos; iii) a relação entre a categorização e as demais funções cognitivas (memória, percepção, atenção, linguagem, etc.); iv) as relações entre os elementos sócio-culturais e afetivo/emocionais.



Figura 5: Enlaces internos e externos da palavra cachorro

O autor buscou demonstrar a diferença (e riqueza) desses enlaces, desenvolvendo uma metodologia para abordar os campos semânticos. Por meio de experimentos associativos, determinou que há, dentre muitos, dois tipos de enlaces que podem determinar a escolha das palavras e as relações semânticas efetuadas pelos sujeitos:

- **Enlaces associativos externos:** também denominados “associações por contiguidade”, nos quais os elementos estão relacionados por um componente da situação concreta em que o objeto nomeado está inserido (casa-teto, cachorro-rabo).
- **Enlaces associativos internos:** são invocados pela inclusão da palavra em uma determinada categoria (cachorro-animal; cadeira-móvel).

Ainda de acordo com o autor, os enlaces do primeiro tipo são mais frequentes em estágios iniciais do desenvolvimento, enquanto o segundo, mais abstrato, aparece mais nos enunciados de sujeitos com mais alto grau de desenvolvimento do conceito (sujeitos adultos, maior grau de escolaridade etc).

2.2.5 Semântica dos Protótipos e teoria luriana: aproximações

Se relacionarmos esta teoria luriana com a Semântica dos Protótipos, podemos inferir que os enlaces do tipo “associativos internos” seriam aqueles que ocorrem no nível superordenado, enquanto os enlaces do tipo “associativos externos” podem estar relacionados aos que ocorrem no nível de base. Retomamos, na tabela abaixo, o exemplo da categorização do termo “cachorro”, tanto para a teoria Luriana, quanto para a Semântica dos Protótipos, mostrando a possibilidade de encontro entre elas.

Classificação na Semântica dos Protótipos		Classificação segundo a Teoria Neuropsicológica de Luria
SUPERORDENADO	Animal	Enlace associativo interno
BASE	Cachorro	
SUB-ORDENADO	Boxer	Enlace associativo externo

Tabela 3. Síntese da relação entre a categorização prototípica e os enlaces lurianos.

Luria também mostrou que formas mais complexas de associações demandam mais tempo de “processamento”, enquanto formas mais simples são realizadas mais rapidamente. Nos experimentos que realizou, o autor observou que o significado das palavras mudava conforme o contexto, o que se reflete na dinâmica das relações dos sistemas de conceitos. Esta informação corrobora, ainda mais, a ideia de que as categorias não são determinadas *a priori*,

mas construídas a partir de elementos socioculturais, que se modificam ao longo do tempo e são também dependentes do contexto imediato.

Apesar da Semântica dos Protótipos e da teoria luriana terem se desenvolvido em lugares e em momentos diferentes, podemos encontrar diversos pontos de aproximação, fruto de preocupações muito semelhantes e apontar para os seguintes encontros:

- Ambas as teorias enfatizam o caráter sócio-histórico das categorizações não apenas como fator influenciador, mas como fator determinante para a organização do conhecimento e da linguagem, tendo como consequência e como base a constituição e o desenvolvimento das demais funções cognitivas.
- Ambas se baseiam na ideia de que é a visão do sujeito sobre o mundo e suas experiências intersubjetivas com a linguagem e com o contexto que determinará os limites categoriais e os possíveis enlaces entre as palavras/conceitos.
- A palavra assume o lugar de unidade central que sintetiza, de um lado, a experiência do sujeito – parte modificável do sentido – e, por outro, os sentidos acumulados ao longo da história – mais estáveis: os significados compartilhados.
- Ambas as teorias reforçam a necessidade de se considerar a relação do sujeito com um mundo real, formado a partir das relações e crenças estabelecidas no interior de uma cultura.

Apesar de se tratar mais especificamente da contribuição de Vygotsky, Akhutina (2003a) apontou para a relação entre a teoria dos protótipos e para a vertente sócio-cultural. A autora estabeleceu essa comparação em um artigo no qual discute os modelos categoriais e as formas de organização lexical, partindo de dois conceitos fundamentais de Vygotsky:

1. A noção de que o sistema de significação da palavra começa a se formar na criança, por meio de um pensamento “pré-lógico” e que, ao longo do seu desenvolvimento vai evoluindo e tornando-se complexo⁵⁸. Para Vygotsky, o pensamento inicial e o pensamento por complexos são o prelúdio para a formação de conceitos e para o raciocínio lógico e estão na base do processo de organização dos conceitos;
2. A ideia de que a criança aprende, inicialmente, as palavras com significados concretos, pictóricos, formando associações do tipo palavra-imagem generalizada⁵⁹.

⁵⁸ Conjunto de elementos associados por meio de laços concretos e factuais, que se opõe aos laços lógicos e abstratos.

⁵⁹ Em Luria, este conceito inicial é o que daria origem aos enlaces afetivos – mais relacionados à prática e menos relacionados à abstração lógica.

Ao longo do tempo – e no curso do desenvolvimento – as formas de generalização vão sendo modificadas até assumirem sua forma “final” – o conceito propriamente dito.

Aproveitando-se dos avanços obtidos pela Semântica dos Protótipos e dos postulados sobre a formação do significado categorial no homem, Akhutina (2003), fundamentada pelas reflexões de Vygotsky, defende um modelo denominado *histórico-genético* ou *genético-funcional*, segundo o qual os significados primários:

- São construídos de acordo com as leis do pensamento em complexos; por estruturas não lógicas, reforçadas pelos contextos linguísticos e que permanecem. Os sentidos que não são reforçados passam a um estado latente ou desaparecem.
- São os pontos de referência para a definição de significados adquiridos mais tarde (significados secundários), no mesmo campo semântico.
- Ocupam uma posição central no campo semântico, o que os tornam fáceis de serem recuperados e garantindo que serão usados frequentemente.

Para Vygotsky, toda estrutura de generalização baseia-se em um sistema específico de “relações de uniformização” e “particularização dos conceitos” (VYGOTSKY, 2001, p. 271). Só nos mais altos estágios de desenvolvimento do significado da palavra (e, portanto, de relações de uniformização) surge um sistema complexo de conceitos – e é este sistema que permite que possa ser designado por um número ilimitado de formas, através da utilização de outros conceitos, para definir seu lugar no sistema (Vygotsky, 1982, p.271)⁶⁰.

Ao inserir estes dois pressupostos vygotksyanos na discussão sobre a categorização, Akhutina aponta para outro importante ponto de vista que, apesar de ser fundamental, não tem sido sistematizado nos estudos contemporâneos sobre o tema: o desenvolvimento das categorias ao longo da história do sujeito, o seja, no desenvolvimento ontogenético.

A hipótese de Akhutina é a de que “os significados das palavras apreendidas primeiro pela criança vão agir como palavras iniciais (primária, básica) para a construção dos campos semânticos mentais individuais” (AKHUTINA, 2003b, p. 116). Ou seja, estas palavras assumirão o lugar de protótipos categoriais – quer estejamos falando do modelo *standard*, quer

⁶⁰ Vygotsky sugere também que novas e velhas formas coexistem, em uma relação semelhante a uma estratificação geológica (AKHUTINA, 2003a, p. 118).

assumamos o modelo *estendido*. Segundo a autora, “If we are to describe primary concepts, we must start by considering their origin and functioning”⁶¹ (AKHUTINA, 2003b, p. 117).

A autora retoma o conceito de “protótipo categorial”, que define como o termo mais fácil de ser identificado e recordado. Retomando a hierarquia vertical apresentada por Rosch, na categoria *Fruta* (que inclui os elementos “maçã” e “golden”), o elemento “maçã” cumpre o papel de termo de base. Enquanto Rosch denomina este elemento de *prototípico* – ou *conceito de base* –, Akhutina o denomina de *conceito-fonte* ou *conceito primário*. Segundo a autora, se retomamos Rosch e a SP, e aceitamos que o elemento prototípico é o elemento central da categoria, a partir do qual os demais elementos são agrupados, então o grau de prototipicidade pode nos dar pistas sobre a facilidade (em termos de tempo para seleção e reconhecimento do termo) para se operar com determinado conceito – o conceito central da categoria.

De acordo com Akhutina (2003b), o *conceito-fonte* seria equivalente às palavras mais utilizadas, as que aparecem em maior número e que seriam os elementos mais antigos, tanto na história da organização da categoria, quanto na própria história do desenvolvimento do referido conceito para o sujeito.

Em relação aos termos localizados nos níveis acima e abaixo desses conceitos primários, são também os elementos com a maior capacidade discriminativa da categoria.

Segundo Akhutina (2003a), o efeito de typicalidade dos conceitos diários (cotidianos) e a complexidade de categorias para os conceitos científicos podem ser explicados de maneira consistente com o pensamento de Vygotsky. A autora retoma esta relação, nos dando suporte teórico não apenas para uma visão dinâmica de categorização, como para a própria escolha metodológica pelo estudo de *enunciados reais*. Segundo a autora,

Everyday thinking, which is based on everyday speaking, makes extensive use of the higher forms of complex-based thinking in the form of pseudoconcepts — everyday concepts, while scientific thinking relies on scientific concepts (Vygotsky, 1982:168-176). The essential difference between everyday and scientific concepts is associated with the presence or absence of a system. [...] When a system of concepts exists, meta-empirical associations become possible” (Vygotsky, 1982, p. 284). Thus, conceptual thinking differs from thinking in complexes by virtue of the existence of a system⁶².

⁶¹ Se devemos descrever conceitos primários, devemos começar considerando sua origem e funcionamento (Tradução nossa de AKHUTINA, 2003b, p. 117).

⁶² O pensamento cotidiano, que se baseia na fala cotidiana, faz uso extensivo de formas mais elevadas do pensamento básico-complexo na forma de pseudoconceitos – conceitos cotidianos, enquanto o pensamento científico se baseia em conceitos científicos (Vygotsky, 1982, 168-176). A diferença essencial entre conceitos científicos e cotidianos está associada com a presença ou ausência de um sistema. [...] Quando um sistema de conceitos existe, associações meta-empíricas tornam-se possíveis (Vygotsky, 1982, p.284). Assim, o pensamento conceitual se difere do pensamento por complexos em virtude da existência de um sistema.

Com relação à linguagem de afásicos, Akhutina aponta que os estudos das afasias têm corroborado esta visão de categorização e de formação dos conceitos, mostrando que o sujeito pode apresentar dificuldades na retenção do *significado categorial*, enquanto o *significado referencial* permanece intacto e vice-versa. A partir dos tipos de afasia postulados por Luria, a autora relaciona a preservação destes dois tipos de significados aos tipos de lesões que provocam as afasias. Pacientes com lesões cerebrais focais na região parietal-temporal-occipital⁶³, por exemplo, apresentaram dificuldades em operar com significados categoriais, uma vez que não é “percebida” pelos sujeitos, pois se, “maçã” é *Fruta*, “vestido” seria da categoria *X*:

Da mesma forma, pacientes com lesões na região inferior do córtex têmporo-occipital esquerdo (com dominância desse hemisfério) apresentaram problemas para recuperar significados referenciais. Segundo Akhutina, estes dados corroboram as hipóteses de Vygotsky sobre os processos categoriais e corroboram, também, alguns estudos feitos com neuroimagem⁶⁴. Nas palavras da autora,

These data confirm Vygotsky’s ideas and suggest that the meaning of words denoting concrete objects is dually represented and may be retrieved by two different routes: the categorial, within the verbal system of concepts (cf. the term “concept network” in Luria), and the “imagistic,” within the system of references. In the first case, the “categorial (significative) meaning” is activated, in the second the “object denotation,” to use Vygotsky’s term. Each meaning occupies a particular place in a continuum, at one end of which are the most categorially represented and least perceptually represented words and at the other end the most imagistically and least categorially represented⁶⁵ (AKHUTINA, 2003a, p. 120).

Do ponto de vista da organização categorial, o modelo esboçado pela autora defende ainda que o sistema de hierarquias lógicas do sistema genérico-específico, que se forma mais tarde sob influência da escolarização, está “superposta sobre as primeiras, sem tomar o lugar delas” (AKHUTINA, 2003a, p. 126).

Segundo Akhutina, a SP, aliada às questões colocadas pelos estudos vygotksyanos, pode contribuir para a compreensão da formação dos conceitos nos indivíduos. Para ela,

⁶³ Não podemos nos esquecer de que essas áreas do Bloco 2 têm uma região terciária intermodal e associativa que integra informações de natureza visual, auditiva e tátil-cinestésica.

⁶⁴ (DRANE et al., 2008; TRANEL et al., 2005).

⁶⁵ Tradução nossa de Akhutina (2003a, p.120): “Estes dados confirmam as ideias de Vygotsky e sugerem que o significado das palavras que denotam objetos concretos é duplamente representado e pode ser recuperado por dois caminhos diferentes: o categorial, dentro do sistema verbal de conceitos (cf. o termo “rede de conceitos” em Luria), e o imagético, dentro do sistema de referências. No primeiro caso, o significado “categorial” (significativo) é ativado, no segundo a “denotação do objeto”, para usar um termo de Vygotsky. Cada significado ocupa um lugar particular no *continuum*, no qual em uma extremidade estão representadas as palavras mais categoricamente e menos imageticamente representadas e na outra as mais imageticamente e menos categoricamente representadas”.

“generalization of the ‘thinking in complexes’ type and organization of groups according to the principle of ‘family resemblance’ are two different descriptions of a single phenomenon”⁶⁶ (AKHUTINA, 2003a, p. 117). Este ponto de vista, resultante dos experimentos e generalizações de Vygotsky, é confirmado, segundo a autora, por dados de sujeitos afásicos. Voltaremos a algumas dessas questões mais adiante, após a análise de nossos dados.

Há, no entanto, um limite para a relação entre estas teorias. Segundo a autora, as abordagens dos estudos cognitivos inserem os elementos categoriais em hierarquias rígidas, com base em suposições equivocadas. Para a autora, a concepção de um modelo rígido impede que qualquer uma dessas abordagens possa definir com precisão o nível dos conceitos básicos.

Resumidamente, podemos dizer que, para Akhutina, os elementos categoriais considerados na Semântica dos Protótipos, bem como os termos mais prototípicos, não estão no centro da categoria porque são os mais usados, mas são mais utilizados por estarem em um lugar privilegiado, no centro da categoria, visto que são mais compartilhados entre os falantes.

Outra diferença fundamental entre a abordagem proposta por Akhutina e a SP diz respeito a um elemento fundamental para ambas: os pesquisadores da SP falam em *semelhança de família* (ou “tipicidade”) olhando apenas para os membros de uma mesma categoria. Vygotsky, no entanto, fez afirmações mais gerais sobre os diferentes tipos de pensamento verbal, atribuindo uma esfera mais ampla de operação para os complexos, que vai muito além das categorias prototípicas e que pode ser bem definido pelo conceito de *enlaces multidimensionais*, como proposto por Luria.

2.3. Reflexão crítica sobre os modelos de categorização.

Se assumimos que a categorização é um processo complexo – assim como o funcionamento da linguagem e de todo o cérebro, enquanto Sistema Funcional – dificilmente podemos encerrá-la em um único modelo, o que não contribuiria para explicar os processos subjacentes.

Não podemos deixar de mencionar os avanços que a SP trouxe para a compreensão do fenômeno e considerar elementos que são de extrema importância para a Neurolinguística enunciativo-discursiva, sobretudo considerar o contexto sócio-cultural e o papel do sujeito nos processos de categorização.

⁶⁶ Tradução nossa de Akhutina (2003, p.117): “A generalização do tipo ‘pensamento por complexo’ e a organização de grupos de acordo com o princípio de ‘semelhança de família’ são duas descrições diferentes de um único fenômeno”.

Reconhecer este avanço não significa dizer que a categorização possa ser feita com base em um sistema de Condições Necessárias e Suficientes: há categorias e contextos nos quais este modelo pode funcionar; em que bastaria para explicar o funcionamento categorial. Da mesma maneira, dizer que todas as categorizações são feitas a partir de uma relação com um protótipo categorial pode não ser suficiente para explicar relações de sentidos entre os elementos categoriais, principalmente em casos de patologias.

Alguns autores, como Larsson (1997) e Hörmann (1986), defendem a tese de que não há um único modelo de categorização que represente uma única forma de categorizar. Entretanto, a depender das categorias implicadas e das situações enunciativas, um ou outro modelo pode ser suficiente. Hörmann, após um detalhado estudo sobre a organização do conteúdo semântico, afirma que

We may draw the conclusion that there are probably many different ways or representing the (semantic) content of what is said or meant. Probably we have to assume analytic processes like decomposing a unitary meaning into a list of elementary semantic features, but also processes operating on a more holistic level, as the findings of Pavio and also these of Rosch shows. [...] But could we not assume that the owner of the memory, so to speak, decides in which code the representation, should appear? And that he reaches this decision, for example, according to the kind of tasks during which he must call on his semantic memory⁶⁷ (HÖRMANN, 1986, p. 162).

Baseando-se no detalhado estudo feito por Hörmann, Larsson (1997b) apresenta uma interessante discussão sobre a categorização, que tem como principal ponto uma noção intersubjetiva sobre o sentido. Para ele, “plutôt que postuler que la catégorisation sémantique se fait sur la base d’une seule de ces théories, ne peut-on penser que nous utilisons différents principes de catégorisation pour différents aspects du sens ?”⁶⁸ (LARSSON, 2008, p. 98). O autor defende que, ao contrário de explicar a categorização por uma única regra – prototípica, condições necessárias e suficientes etc., é importante que o pesquisador se debruce sobre os diferentes modelos e tente compreender quando cada um deles tem capacidade explicativa.

⁶⁷ Tradução nossa de Hörmann (1986, p.162): “Podemos concluir que provavelmente há muitas formas diferentes ou representações do conteúdo semântico do que dizemos ou significamos. Provavelmente, temos que assumir processos analíticos como a decomposição de um significado unitário em uma lista de características semânticas elementares, mas também processos operando em um nível mais holístico, como os achados de Pavio e também estes mostrados por Rosch. Mas não poderíamos assumir que o dono de uma memória, por assim dizer, decide em qual código a representação deve aparecer? E que alcança esta decisão, por exemplo, de acordo com o tipo de tarefa durante a qual ele deve recorrer à memória semântica”.

⁶⁸ Mais do que postular que a categorização semântica se faz sobre a base de uma única dessas teorias, não podemos pensar em utilizarmos diferentes princípios de categorização para diferentes aspectos do sentido?

Para Larsson, se compreendemos o cérebro como um SFC, reduzir a categorização a um único modelo seria abrir mão de elementos importantes, uma vez que os sujeitos têm condições de valerem-se de diferentes caminhos para categorizar. Enquanto o modelo clássico seria bom para a categorização de sentidos que pertencem à metalinguagem, a categorização de *lexemas emocionais* seria melhor explicada com o modelo de Semelhança de Família (WITTGENSTEIN, 1953). Já a Teoria dos Protótipos Standard pode ser utilizada para elementos categoriais em que a ordem biológica e perceptual são mais fortes, como no caso das cores.

O mais interessante no estudo de Larsson, a nosso ver, é sua discussão sobre o que é o *sentido* e a *soberania de um sentido comum* que possa ser compartilhado (mesmo que parcialmente) no momento da comunicação⁶⁹ entre diferentes sujeitos. Para Larsson, o esforço do pesquisador em Ciências Humanas não deve ser o de postular um modelo, mas o de compreender a natureza intersubjetiva do sentido e de sua organização. Ele sugere que abandonemos a dicotomia entre sentido objetivo ou subjetivo e propõe uma terceira via para a resolução do problema do sentido, a *intersubjetividade do sentido*, o qual apresentaria uma grande parte de consenso semântico, mas sem excluir o espaço para as variações históricas e sociais.

O autor insere-se em uma vertente que ele denomina de *interacionista* – mesma desenvolvida por autores como Bakhtin ou Todorov – e defende a ideia de uma intermitência de sentido ao propor que os sujeitos, no momento do uso e elaboração da linguagem não estão em um (mero) processo de cognição, mas de reconhecimento: não é o sentido do *sujeito A*, nem o sentido do *sujeito B*, mas um terceiro sentido construído a partir dos dois primeiros: o *sentido* é, portanto, um *resultado*.

Larsson opta pela noção bakhtiniana de *sentido*, que se constitui e emerge enquanto tal no ato de reconhecimento comum – um ato de comunhão – e que só se dá a partir desse reconhecimento da existência objetivamente conhecida por dois seres humanos. Para o autor, a essência do sentido está justamente em ser comum, mesmo que, evidentemente, não seja comum a todo mundo. Para ele, o sentido é algo que obrigatoriamente deve ser compartilhado para que a comunicação seja efetivada. Assim como para Bakhtin, que compreende a interação como a solução dialética entre posições dicotômicas (BAKHTIN, 1997).

⁶⁹ Apesar de apresentar uma extensa discussão sobre as noções de *sentido* e *significado*, o autor prefere não se posicionar com relação ao uso destes termos, utilizando *sense* (sentido) e *signification* (significação) como sinônimos.

A intercompreensão aparece no momento em que dois locutores constatarem ou reconhecem a existência de uma conceptualização comum. Esta teoria intersubjetiva do sentido e a noção de reconhecimento interativa, defendida por Larsson, mostra-se compatível com os pressupostos teóricos aqui apresentados e nos motiva a, metodologicamente, desenvolver expedientes em episódios dialógicos, analisando os processos interativos para compreender como o funcionamento linguístico-cognitivo se dá, dentre eles o processo de categorização.

2.4. Relação entre a categorização e os processos perceptivos: todos os sentidos organizam o mundo

Neste último tópico, buscamos apresentar a relação entre os fenômenos de categorização e a percepção, por sua vez intimamente ligada à linguagem e que, em seu funcionamento integrado, como um Sistema Funcional Complexo (SFC), possibilita aos seres humanos interpretar e organizar o mundo ao nosso redor.

A percepção, durante muito tempo, foi compreendida e estudada como uma função básica (primária), assim como a acuidade visual e sonora e muito relacionada ao “instinto animal”. Em uma perspectiva histórico-cultural, baseada na teoria luriana, esta função, concebida pelo autor como uma função complexa, é fundamental para a compreensão e a organização do mundo e da “cultura” – termo bastante utilizado pelo autor para se referir a tudo o que nos circunda.

Mesmo sendo filogeneticamente relacionada ao “instinto animal e primitivo”, a capacidade perceptiva foi conservada e desenvolvida no homem. Segundo Luria, o pensamento intelectual – que tem na linguagem sua forma mais importante e fundamental – passa pelo comportamento perceptivo, que surge com o desenvolvimento dos órgãos do sentido e dos níveis superiores do córtex cerebral (cf. LURIA, 1991, p. 3). É, segundo o autor, por meio da percepção que o animal pode, a partir da análise da situação direta, discriminar os elementos mais importantes e adaptar seu comportamento às condições da “situação imediatamente perceptível” (LURIA, 1991), procedendo a uma síntese situacional⁷⁰. Segundo ele,

⁷⁰ Segundo o autor, “para esse comportamento perceptivo, o mais importante é que a aquisição de novas formas de comportamento adaptativo ocorre em condições de testes ativos imediatos e, depois de inúmeras repetições da mesma situação, as novas formas de atividade adaptativa se tornam automáticas, a atividade adaptativa do animal se transforma em sistema de habilidades solidamente fixadas. Essas formas de comportamento direto ou adaptativo, que se afirma com base na atividade orientadora de pesquisa, começam a ocupar papel determinante entre os vertebrados superiores; sem perder a ligação com as formas instintivas de comportamento, elas se tornam forma básica de comportamento dos mamíferos superiores e conservam posição considerável na atividade consciente do homem. A terceira e mais complexa forma de comportamento é o comportamento intelectual, que

A evidência acumulada sugere que a percepção é um processo complexo envolvendo complexas atividades de orientação, uma estrutura probabilística, uma análise e síntese dos aspectos percebidos e um processo de tomada de decisão. Em resumo, percepção é um processo complexo estruturalmente similar aos processos subjacentes às atividades cognitivas mais complexas (LURIA, 1990, p. 37).

Para Vygotsky, a linguagem é o elemento mais decisivo na sistematização da percepção. Na medida em que as palavras são, elas próprias, produto do desenvolvimento sócio-histórico, tornam-se instrumentos para a formulação de abstrações e generalizações que facilitam a transição da reflexão sensorial não-mediada para o pensamento mediado, racional. Em *Pensamento e Linguagem*, o autor teoriza acerca do desenvolvimento dos conceitos – dos mais concretos aos mais abstratos. Segundo ele, o desenvolvimento e organização dos conceitos modificam-se ao longo de toda a vida do indivíduo e compreende, basicamente, três estágios. No primeiro estágio, não há um princípio lógico para agrupar os objetos; a criança percebe, pelos sentidos, cada objeto isoladamente e os “amontoa” de maneira desordenada. Depende, basicamente, da maneira como ela apreende o mundo ao seu redor.

O segundo estágio, característico das crianças em idade pré-escolar e de crianças nos primeiros anos do Ensino Fundamental, se caracteriza por uma capacidade de pré-categorização. As palavras (signos linguísticos) ainda não aparecem como um meio independente de classificação, mas já há uma capacidade de comparação entre os objetos, por seus traços concretos. Esta fase também está ainda muito relacionada à percepção e à memória concreta dos objetos; de sua impressão gráfica sobre estes.

A esse respeito, Luria diz que a criança vai agrupar objetos como “um círculo azul grande (cor), um triângulo azul pequeno (forma), um quadrado verde pequeno (tamanho), um cubo verde pequeno (cor), e assim por diante” (Luria, 1990, p.68). Poderíamos descrever este momento do desenvolvimento do conceito, segundo o autor e a partir dos trabalhos de Vygotsky, como um estágio em que a criança ainda não adquiriu a qualidade lógico-verbal do pensamento abstrato.

O terceiro estágio – da formação de conceitos propriamente dito – caracteriza-se pela entrada da criança na dinâmica escolar, o que modifica sobremaneira sua organização cerebral. É também denominado como período de “análise por meio da síntese”. Neste período, que ocorre durante a adolescência do indivíduo, ela já não generaliza com base em impressões imediatas, mas isola certos atributos distintos dos objetos como base da categorização. É capaz

existe no animal apenas em formas embrionárias, tornando-se quase forma básica de atividade consciente” (LURIA, 1991, p. 9).

de fazer inferências, destinando cada objeto a uma categoria específica. Desenvolve um esquema conceitual hierárquico que expressa diferentes “graus de similaridade progressivamente maiores. Segundo Luria (1990), a partir deste momento o sujeito passa a se concentrar, principalmente, nas relações categoriais entre os objetos e não em seu modo concreto de interação. A esse respeito, Luria aponta que:

Como Vygotsky observou, enquanto impressões emocionais ou ideias concretas dão colorido ao significado das palavras nos estágios iniciais do desenvolvimento, um sistema semântico historicamente desenvolvido controla seu significado posteriormente, de modo que as palavras funcionam para produzir abstrações e generalizações (LURIA, 1990, p. 70).

O desenvolvimento dos conceitos, portanto, passa por um “afastamento” das relações imediatas, da percepção do mundo concreto e aproxima-se, com o tempo, de um processo de abstração – este, por sua vez, fundamental para a organização semântico-lexical.

Segundo Vygotsky e Luria, a classificação categorial implica pensamento verbal e lógico complexo, que explora o potencial da linguagem de formular abstrações e generalizações, para selecionar atributos e subordinar objetos a uma categoria geral. Segundo Luria,

Deve-se notar que o pensamento categorial é geralmente bastante flexível; os sujeitos passam prontamente de um atributo a outro e constroem categorias adequadas. Classificam objetos pela substância (animais, flores, ferramentas), pelo material (madeira, metal, vidro), pelo tamanho (grande, pequeno), pela cor (claro, escuro) ou por outra propriedade. A capacidade de se mover, de transitar livremente de uma categoria a outra é uma das características principais do ‘pensamento abstrato’ ou do ‘comportamento categorial’ essencial a ele (LURIA, 1990, p. 66).

Após o minucioso estudo de Vygotsky sobre a formação dos conceitos e sua relação com a linguagem e memória, de acordo com Luria, faltava compreender: i) como o significado se desenvolve nos estágios consecutivos do desenvolvimento da sociedade humana; ii) como a escolarização modifica a capacidade de generalização; e iii) se os sistemas sócio-históricos diversos produzem generalizações que marcam a realidade de maneira diferentes ou se o procedimento de categorização de objetos de acordo com propriedades essenciais é característico do pensamento adulto em toda parte. Para isso, o autor desenvolveu um experimento que denominou de “Método do Quarto Excluído, o qual foi aplicado a um grupo de participantes que, em sua grande maioria, não haviam frequentado a escola e, portanto, não estavam “familiarizados” com a classificação escolar – balizadora de maneira como apreendemos o mundo. Segundo Luria, devido à falta de escolarização, as palavras não eram interpretadas como símbolos de categorias abstratas para a classificação de objetos. Os sujeitos

orientavam-se, portanto, para a tarefa prática – selecionando “objetos apropriados para um fim específico” – e não para a tarefa teórica – organização de objetos semelhantes. Os sujeitos escolarizados, mas que mantinham trabalhos relacionados a atividades práticas, inclinavam-se a utilizar os dois modos de generalização: prático e teórico. Participaram do experiente, também, jovens ativistas políticos com dois anos de escolarização, os quais, majoritariamente, empregavam principalmente o método abstrato, mas também utilizavam o método situacional, demonstrando muita facilidade para passar de um método a outro.

Ao observar os processos de organização lógico-categorial dos sujeitos, principalmente dos analfabetos, o autor concluiu que, devido à falta de escolarização, os participantes não poderiam cumprir a tarefa proposta como era esperado, com a categorização superordenada, ou seja, mais abstrata. Retomamos, a seguir, alguns trechos retirados das respostas dos sujeitos que ilustram os processos pelos quais eles categorizavam:

E: Olhe, aqui você vê três rodas e um alicate. Seguramente o alicate e as rodas não são parecidos de jeito nenhum, são?

*S: Não, eles todos vão bem juntos. **Eu sei que o alicate não parece com as rodas, mas você vai precisar dele se for necessário apertar alguma coisa nas rodas.***

O experimentador insiste:

E: Mas você pode usar uma palavra para as rodas que não pode ser usada para o alicate, não é mesmo?

*S: **Sim, eu sei disso**, mas você precisa ter o alicate. Você pode levantar ferro com ele, e é pesado, você sabe.*

(Rakmat, 39 anos, camponês analfabeto, Luria, 1990, p.75)

O trecho acima é muito interessante para observarmos as diferentes formas de classificação que um sujeito pode fazer. Concordamos com Luria, quando afirma que os sujeitos fazem uma categorização mais próxima da situação concreta e cotidiana, experienciada, em vez de uma categorização a partir de um processo lógico-abstrato. Entretanto, nota-se que, nos trechos em negrito, o informante parece saber que há um termo que retoma todos os demais. Apesar de, não ficar claro de qual termo se trata, o informante “S” afirma, em dois momentos diferentes, saber do que se trata, embora insista em sua lógica de categorização. Para ele, não é possível excluir do experimento o elemento “alicate”, uma vez que o objeto “alicate” pode ser necessário em sua relação com os demais. Observando outros trechos e respostas dadas pelo mesmo sujeito, temos que ao invés de selecionar um traço excludente, ele busca criar uma situação em que os quatro elementos estejam integrados na vida real. Ao fim, no trecho

sublinhado, “S” exprime a estranheza diante do experimento e diante das explicações do investigador.

Observamos esta mesma característica nas respostas de outro sujeito, Sher (60 anos, camponês analfabeto do vilarejo), ao ser apresentado ao conjunto “serra, martelo, machadinha e tora”. O participante questiona a exclusão de “tora” baseando-se, mais uma vez, em uma solução experiencial.

E: Mas uma pessoa me disse que a tora não pertencia a este grupo.

S: Por que diria isso? Se nós dissermos que a tora não é como as outras coisas e a colocarmos de lado, estaremos cometendo um erro. Todas essas coisas são necessárias para a tora.

E: Mas aquela outra pessoa disse que a serra, o martelo e a machadinha são todos parecidos de alguma maneira, enquanto que a tora não é.

*S: **E daí que não são parecidos?** Todos trabalham juntos e cortam a tora. Aqui tudo funciona direito, aqui está tudo certo.*

E: Olhe, você pode usar uma palavra – ferramentas – para esses três, mas não para a tora.

*S: **Que sentido faz usar uma palavra para todos eles se não vão trabalhar juntos?***

(Sher, 60 anos, camponês analfabeto, in: Luria 1990, p. 79-80)

Mais uma vez, observamos o esforço do sujeito para incluir o elemento que deveria ser excluído: o traço utilizado tende a ser aquele que insere os elementos em uma mesma cena. Aqui também o sujeito questiona a vantagem de se ter uma palavra para designar uma categoria – *Ferramenta* – se alguns objetos ficam de fora, já que em geral são usados em uma mesma atividade, ou seja, o fato dos elementos estarem muito presentes no cotidiano dos sujeitos, o que faz com que as relações concretas se sobreponham às lógico-abstratas.

Podemos pensar que a busca por essa “integração” (ao invés de exclusão) do quarto elemento está relacionado ao fato de que, como Luria mesmo descreve, o termo ilustrado no conjunto não é totalmente desvinculado dos demais. Se o elemento a ser excluído não tivesse ligação lógica com os outros três, talvez os sujeitos pudessem cumprir a atividade como era esperado. Entretanto, não se poderia avaliar a capacidade de abstração do sujeito em relação aos demais elementos.

Um último exemplo parece deixar ainda mais clara esta tentativa de aproximação dos quatro elementos e que, nos parece, ser tão lógica quanto a resposta esperada pelo autor. O

sujeito Abd-Gap, 62 anos, camponês analfabeto de um vilarejo isolado, ao ser apresentado ao grupo contendo os termos “baioneta”, “espingarda”, “espada” e “faca”, não consegue excluir nenhum elemento. Segundo o autor, a resposta esperada era a exclusão de “espingarda”, uma vez que não se trata de um objeto de corte.

S: um homem tem de usar o punhal do lado esquerdo e a espingarda do lado direito.

Ao ser questionado pelo pesquisador, que insiste que espingarda não serve para cortar, mas, sim, para atirar, o informante redargui:

S: Ela atira de longe, mas de perto ela também pode cortar.

Neste caso, ele abstrai um outro traço para a união de todos os elementos: o fato de que espingarda também “abre um corte”. Além disso, não podemos excluir a possibilidade de ele organizar todos estes elementos na categoria *Armas*. Seria, portanto, ilógico para ele, retirar qualquer um dos elementos do conjunto.

Luria, em obra de 1990⁷¹, busca aprofundar a discussão sobre a relação entre o desenvolvimento categorial e as experiências dos indivíduos, bem como entre estas e o nível de escolarização formal. Para isso, desenvolveu outros experimentos, que realizou com um grupo de sujeitos culturalmente e educacionalmente heterogêneo, constituído de mulheres “*ichkari*” e homens camponeses (ambos analfabetos), trabalhadores de fazendas coletivas, mulheres estudantes em grupos pré-escolares (semialfabetizadas) e mulheres estudantes de uma escola de professores. Todos os participantes foram submetidos a três diferentes testes de percepção: (i) classificação das cores – experimento muito utilizado para discussão sobre limites e formações categoriais – (ii) um experimento de nomeação e classificação de figuras geométricas e (iii) um experimento com ilusões visuais. Para a discussão aqui proposta, apresentamos uma breve síntese dos dois primeiros.

Experimentos com nomeação de cores já foram muito utilizado por diversos autores para avaliar as diferentes formas pelas quais percebemos e organizamos esta categoria (cor). Citamos a própria Rosch (1978), que desenvolveu um estudo comparativo sobre a denominação das cores em diversas línguas⁷², além dos que foram citados por Luria: Levi-Strauss (1953),

⁷¹ Data da versão em português, denominada “Desenvolvimento Cognitivo”. O original data de 1974, publicado na antiga União Soviética.

⁷² Segundo a autora, a Europa Ocidental possui um grande número de matizes para as cores (do magenta ao azul celeste); já o povo da Papua-Nova Guiné (danis), têm apenas dois termos para representar nuances de cores: *mola* para as coisas claras e quentes e *mili* para as coisas escuras e frias. A autora retoma Heider que afirma que povos como os danis sofrem muito mais “influência de fatores cognitivos perceptivos subjacentes sobre a formação e a referência de categorias linguísticas” (HEIDER, 1972, p. 20).

Brown e Lenneberg (1954) e Woodworth (1905-1906). No caso do experimento de Luria⁷³, como já dito, o autor buscava mostrar como, em diferentes comunidades, com diferentes tipos de organização, a percepção se modificava, o que o levou à conclusão de que, estruturalmente, esta capacidade depende de “práticas humanas historicamente estabelecidas que podem não só alterar os sistemas de codificação usados no processo da informação, mas também influenciar a decisão de situar os objetos percebidos em categorias apropriadas” (A. R. LURIA, 1990, p. 38).

Em um dos experimentos, Luria solicitou aos participantes que organizassem 84 novelos de lã de diferentes cores, os quais eram apresentados em diferentes grupos de cores⁷⁴ – que o autor chamou de “nomeação categorial”⁷⁵. Segundo os resultados de Luria (1990), as mulheres ichkaris apresentaram dificuldades no cumprimento da tarefa, dando respostas como “isto não pode ser feito”, “nenhuma delas é a mesma”, “você não pode colocá-las junto”, “elas não se parecem nem um pouco”, ou “isto parece excremento de vitelo, e isto é como o pêssego” (A. R. LURIA, 1990, p. 45). Para este grupo, mesmo a solicitação para agrupar as cores foi vista com estranhamento. Chama a atenção outra observação do autor, de que o grupo demonstrou nomes de cores mais ricos e mais diversificados do que os trabalhadores de fazenda coletiva e os estudantes. Estes dois últimos grupos, no entanto, demonstraram maior facilidade para organizar os novelos através de “nomes categoriais”, aproximando-se das respostas dadas pelos estudantes em Moscou.

O autor concluiu que, nos sujeitos mais escolarizados, a nomeação categórica das cores – relativa ao que já apresentamos como “significado categorial”, – torna-se cada vez mais proeminente e assume um papel importante na organização do pensamento abstrato, enquanto que, em grupos menos escolarizados, este significado (ou esta nomeação) nem sempre aparece.

Em nossa interpretação – motivada por outras questões teóricas e sem desejar entrar na polêmica sobre as conclusões do autor – podemos pensar que a forma como as mulheres ichkaris organizaram as cores está relacionada, basicamente, a duas questões: a primeira, com o uso que fazem das cores, provavelmente muito mais ligado às ações cotidianas que exercem

⁷³ Segundo Michael Cole, no prólogo do livro de Luria (1990), estes experimentos são resultado das pesquisas conjuntas de Luria e de Vygotsky. Este último, no entanto, já doente, não pôde viajar para as comunidades estudadas. Segundo o mesmo autor, Vygotsky não chegou a conhecer o resultado desses experimentos devido a sua morte precoce, aos 38 anos de idade.

⁷⁴ Os novelos de lã apresentados poderiam ser organizados em 27 categorias de cor: rosa-brilhante, vermelho, vermelho-vinho, amarelo-escuro, amarelo-claro, amarelo-esbranquiçado, amarelo-limão, amarelo-esverdeado, palha, nuances de verde (subdivididos em 3 subcategorias), preto, nuances de azul (subdivididos em 2 categorias), azul-celeste, azul-celeste-claro, violeta, laranja, marrom, rosa-claro, rosa-escuro, rosa-saturado, cinza, castanho.

⁷⁵ Para mais detalhes sobre os resultados, sugerimos a leitura da obra do autor (LURIA, 1990).

do que às categorizações abstratas ou ao grau de escolaridade. Em outras palavras, tendo seu conhecimento das cores organizado a partir da experiência, a forma como foram percebidas e organizadas não se aproxima da categorização escolar, o que não significa que não haja um outro tipo de categorização.

Luria ainda chama a atenção para o fato de que as mulheres estavam muito mais apegadas às diferenças entre as cores do que às suas semelhanças. Esta característica pode estar relacionada, como o próprio autor salienta, ao fato de se tratar de novelos de lã, instrumentos para o bordado, uma tradição entre elas. Para esta atividade, leves diferenças de nuances ou brilho nas cores podem modificar muito o resultado do artesanato. Torna-se muito mais importante, portanto, a distinção entre as cores dos novelos do que as suas aproximações. Com relação à categorização, especificamente, o experimento permite avaliar que os mínimos traços que são relevantes para cada sujeito e que dependem de sua história pessoal, são pertinentes para a atividade de categorização.

O segundo experimento de que trataremos aqui refere-se à nomeação e categorização de figuras geométricas. Segundo Luria (1990), o principal objetivo deste experimento era o de determinar se as leis da percepção assumidas até então – a partir de estudos com sujeitos com alto grau de educação formal – eram as mesmas para sujeitos em diferentes sistemas sócio-econômicos, em outras culturas.

Mais uma vez, as respostas das mulheres ichkari foram diferentes daquelas dos demais grupos. Todos os sujeitos foram apresentados a diferentes imagens de formas geométricas como círculo, triângulo, retângulo e quadrado e deveriam organizá-las (a partir da vizinhança geométrica). As mulheres ichkari não fizeram como o esperado, já que elas não tinham uma terminologia para expressar o conhecimento “geométrico”. Segundo Luria, todas as figuras foram designadas por elas como nome de objetos:

(...) um círculo chamavam de prato, peneira, balde, relógio ou lua; um triângulo, de tumor (um amuleto uzbek); e um quadrado, de espelho, porta, casa ou tabuleiro de secagem de damascos. Elas tratavam um triângulo feito de cruces como bordado em ponto de cruz, uma cesta ou estrelas; elas julgavam um triângulo feito de pequenos semicírculos como um tumor de ouro, ou unhas, letras e assim por diante. Nunca designaram um círculo incompleto como círculo, mas quase sempre como um bracelete ou um brinco, e percebiam um triângulo incompleto como um tumor ou estribo (LURIA, 1990, p. 50).

Somente o grupo mais escolarizado participante do experimento – estudantes de um curso de formação de professores – nomeou os elementos a partir de seus nomes categoriais (círculos, triângulos, quadrados etc.). Os outros grupos apresentaram “dados intermediários”

(Luria, 1990, p.51), fazendo a classificação tanto pela experiência quanto pelo pensamento lógico-categorial. Quanto à (re)organização desses elementos, a conclusão a que chega Luria é a de que as mulheres não eram capazes de fazer a abstração necessária para categorizar; a avaliação desses elementos era concreta e orientada para o objeto. Não acreditamos que podemos (ou mesmo que Luria poderia) afirmar com convicção que este grupo não tem capacidade de abstrair. Preferimos nos ater ao fato de que estes dados são muito ricos para mostrar a diversidade categorial, de acordo com as diferenças culturais, sociais, econômicas e educacionais.

Retomamos uma das hipóteses de Luria para os resultados obtidos no experimento com figuras geométricas e que, para nós, ilustra o funcionamento categorial em sua relação com os processos perceptivos:

Se a percepção das figuras geométricas abrange um processo com uma estrutura semântica complexa, baseado em um sistema que envolve o isolamento de aspectos-chave, a escolha dentre várias alternativas e a “decisão”, este processo dependerá consideravelmente da natureza da experiência prática do sujeito. Uma pessoa cuja atividade diária é caracterizada principalmente por condições concretas, gráfico-funcionais e pela prática, obviamente distinguirá e perceberá aspectos geométricos diferentemente de uma outra que pode basear-se no treino teórico e em um sistema de conceitos geométricos bastante diferenciado (LURIA, 1990, p. 57).

O autor causou grande polêmica com este estudo, tendo sido considerado por alguns como “um insulto ao povo que analisou”. No entanto, Michael Cole, em seu prólogo para o livro de Luria, defende o autor, dando uma outra interpretação que nos parece interessante. Nas palavras de Cole, “o que Luria interpreta como aquisição de novos modos de pensamento, tenho tendência a interpretar como mudanças na aplicação de modos previamente disponíveis aos problemas particulares e contextos dos discursos representados pela situação experimental” (COLE, 1990, p. 16).

Para fechar este capítulo, gostaríamos de apontar que a atividade de percepção, tal como proposta até aqui, pode ser relacionada à noção de “cognição encarnada” (LAKOFF, 1982, 1990; LAKOFF; JOHNSON, 2002; ROSCH; MERVIS, 1975, dentre outros), como vimos no início deste capítulo. Ao contrário de pensar a cognição como “localizada” apenas no cérebro, a experiência do mundo percorre nosso corpo e nossos sentidos como um todo e, portanto, é resultante da maneira como absorvemos e interpretamos o mundo. Nessa visão, a percepção é mais um elemento fundamental para compreendermos a categorização.

2.5 Síntese da visão teórica adotada nesta tese

Nestes dois primeiros capítulos, buscamos apresentar e discutir os aspectos teóricos que balizam a pesquisa, bem como nossa compreensão acerca do fenômeno da categorização.

Adotamos, portanto, uma visão que compreende o processo de organização e funcionamento semântico-lexical como um processo cognitivo e social. Esta organização depende, portanto, de características do ambiente sociocultural e das condições de desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, o que se configura como uma visão dinâmica da categorização.

Da mesma forma, a noção de cérebro é compreendida de maneira dinâmica e o significado linguístico é entendido como um processo de negociação de sentidos no interior dos processos dialógicos característicos da comunicação humana. Também a *palavra* apresenta significado dinâmico e constantemente modificável; ela é o signo linguístico por excelência e, por essa razão, justifica-se seu estudo enquanto unidade de categorização.

Não se trata, em nossa visão, de privilegiar o aspecto cognitivo ou o aspecto enunciativo do processo, mas de compreendê-lo de maneira integrada e não dicotômica. É por essa razão que a Neurolinguística enunciativo-discursiva se torna uma abordagem adequada e coerente para a compreensão do fenômeno.

Capítulo 3

Aspectos metodológicos da pesquisa

Neste capítulo, apresentamos os aspectos metodológicos do trabalho, iniciando por questões relativas à pesquisa qualitativa e, em seguida, para a apresentação do lócus do trabalho, dos sujeitos participantes e dos seus aspectos éticos.

3.1 A pesquisa qualitativa no campo de estudo das afasias

Uma das questões apontadas pelo trabalho fundador de Coudry, em 1986, diz respeito à metodologia de avaliação e de condutas terapêuticas na afasiologia tradicional que tem implicações diretas nas clínicas fonoaudiológicas. A autora já enfatizava a relevância dos estudos longitudinais, em episódios dialógicos com os sujeitos afásicos, a fim de que se pudesse compreender os *processos* subjacentes à produção dos enunciados. Coudry retomou, no *Diário de Narciso: discurso e afasia*, os estudos realizados por Lordat, afasiologista que privilegiava, em seus acompanhamentos terapêuticos, o relato dos seus pacientes e que buscava, por meio deles, compreender como a linguagem tinha sido impactada e quais eram os recursos de que ainda dispunham.

A preocupação com a metodologia está presente em praticamente todos os estudos na área de Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva (CAMILLO, 2017; CAZAROTTI-PACHECO, 2012; COUDRY, 1988; LIMA, 2017; MAZUCHELLI, 2012; NOVAES-PINTO, 1999b; OLIVEIRA, 2015; SOUZA-CRUZ, 2013).

Atualmente, já podemos observar diversos estudos que privilegiam a análise qualitativa de dados de episódios interativos. Damico et al. (1999), por exemplo, em importante estudo sobre a metodologia qualitativa no campo das afasias, descrevem esta abordagem metodológica como um *conjunto de práticas sistemáticas e interpretativas*, que originam um paradigma complexo. Para os autores, o mais relevante é compreender “o que acontece”, “por que acontece” e “como acontece”; focando na compreensão dos *processos* e não na *descrição dos produtos*.

Vygotsky, autor que também se dedicou muito aos aspectos metodológicos, incluindo questões relativas à linguagem, enfatizava a necessidade de se buscarem correlações dinâmico-causais que fossem capazes de explicar a gênese e o desenvolvimento das funções cognitivas. Seu método fundamentou o trabalho de Luria acerca do papel da linguagem na formação e desenvolvimento das outras funções cognitivas. Vygotsky não abdicou da realização de experimentos e eventuais análises estatísticas a fim de compreender as correlações dinâmico-

causais, mas estabelece o *diálogo* como a unidade fundamental de análise, ao recorrer ao paradigma microgenético, que será a seguir mais detalhadamente descrito, uma vez que também orienta nossas análises.

Segundo Cazarotti-Pacheco (2015), o artigo de Góes (2000) é considerado uma importante referência no estudo qualitativo em Ciências Humanas. Góes esclarece acerca da natureza da análise microgenética, conforme conceito desenvolvido por Vygotsky⁷⁶:

(...) não é *micro* porque se refere à curta duração dos eventos, mas sim por ser orientada para *minúcias indiciais* – daí resulta a necessidade de recortes num tempo que tende a ser restrito. É genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais (GÓES, 2000, p. 15 grifos nossos).

Segundo a autora, a metodologia de análise orienta-se pela busca de indícios e pistas de aspectos de um processo que está em curso. O pesquisador elege episódios típicos ou atípicos – e não apenas episódios prototípicos – que “permitem interpretar o fenômeno de interesse”, sendo este centrado na intersubjetividade e no funcionamento enunciativo-discursivo dos sujeitos; e “se guia por uma visão indicial e interpretativo-conjetural” (GÓES, 2000, p. 20).

No caso da pesquisa aqui apresentada, a abordagem microgenética guiou as análises de episódios dialógicos – tanto nas situações interativas, quanto nos contextos experimentais – visto que cada enunciado, seja ele monolexemático ou complexo (cf. Bakhtin, 1997), é dialógico por natureza e pode dar indícios do trabalho realizado pelo sujeito ao longo das atividades linguísticas. Interessa-nos compreender quais são os enlaces envolvidos na categorização, baseados nos sentidos intrasubjetivos, experiências socioculturais do sujeito – e de (re)categorização, necessária para o estabelecimento da significação no processo interativo. Em outras palavras, a significação se dá por meio de categorias compartilhadas intersubjetivamente que, conforme Bakhtin (1997), é como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois polos opostos.

3.2. Aspectos éticos

Todos os participantes da pesquisa – afásicos e não-afásicos – foram esclarecidos sobre os procedimentos dos quais participariam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e

⁷⁶ Acerca do paradigma microgenético, ver o trabalho de Cazarotti-Pacheco (2015).

Esclarecido (TCLE), seguindo os modelos apresentados⁷⁷ no *Anexo 1*, de acordo com determinação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/Unicamp). A pesquisa foi aprovada sob o número 53097916.8.0000.5404.

3.3. Lócus da pesquisa

Os dados de sujeitos afásicos emergiram durante as sessões coletivas e individuais no Grupo 3 do Centro de Convivência de Afásicos (IEL/Unicamp), que ocorrem sempre às terças-feiras.

Com relação aos dados de sujeitos não-afásicos, as atividades foram realizadas no Instituto de Estudos da Linguagem, com alunos de graduação e de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

As atividades não-presenciais foram realizadas pelo site desenvolvido especificamente para esta pesquisa: www.associacaodepalavras.com.br.

3.4 Registro dos dados

Os dados obtidos nas sessões do CCA foram registrados em vídeo. Posteriormente, foram transcritos os recortes de acordo com a presença de fenômenos de interesse da pesquisa. Foram também feitas anotações em diário, procedimento validado nas pesquisas qualitativas (cf. Damico et al, 1999), durante as atividades do CCA.

Os dados de vinte e cinco sujeitos não-afásicos foram registrados por escrito, pelos próprios sujeitos, referidos na pesquisa apenas por números, e encontram-se devidamente digitalizados. As respostas obtidas por meio do experimento *online* encontram-se armazenadas no Banco de Dados do próprio site (www.associacaodepalavras.com.br).

3.5 Sujeitos da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram divididos em dois grupos: O primeiro é formado por *nove* sujeitos afásicos participantes do Grupo 3 do Centro de Convivência de Afásicos, com diferentes tipos de afasias, faixas etárias (apesar de ainda ser predominante a idade acima de 60 anos), diferentes níveis de escolarização e práticas de letramento; diversos interesses e, ainda, com diferentes relações com sua condição de sujeito afásico. Os indivíduos são referidos na tese por duas iniciais maiúsculas, a fim de garantir o sigilo sobre suas identidades.

⁷⁷ De acordo com determinação da CEP, foram formulados dois TCLEs: um voltado para sujeitos afásicos e um para não-afásicos.

O segundo grupo foi formado por sujeitos não-afásicos, alunos de graduação e de pós-graduação da Unicamp, que participaram voluntariamente da pesquisa em dois momentos: i) em uma atividade de associação de palavras realizada *on-line* e ii) na adaptação de um experimento proposto por Dubois (1983). Os sujeitos deste são referidos por números, a fim de garantir o sigilo das suas identidades.

3.5.1 Grupo de sujeitos afásicos

✓ Sujeito MG

MG tinha 58 anos de idade à época do experimento. Casado, pai de duas filhas, com Ensino Superior completo em Administração de Empresas, trabalhou no setor de informática da Unicamp até se aposentar, o que ocorreu logo após o AVC isquêmico no lobo frontal esquerdo. Suas queixas relacionavam-se ao “ajuste fino” (sic) da linguagem. Reportava como principal queixa a dificuldade de encontrar palavras e costumava dar muitas pistas sobre suas dificuldades e também sobre como as enfrentava e resolvia. Falante do inglês, também recorria a essa língua eventualmente, quando lhe faltava a palavra.

Participou do CCA de agosto de 2010 a dezembro de 2016, falecendo no início de 2017. MG era um dos sujeitos que mais interagiu durante as sessões coletivas do CCA, inclusive devido a sua maior fluência. Gostava de ler, principalmente revistas e sites de informática. Utilizava-se, também, de redes sociais para manter contato com os amigos, a família e os pesquisadores do CCA. MG leu todas as palavras nos cartões dos experimentos do MQE.

✓ Sujeito JM

JM é um senhor afásico com 72 anos de idade à época da pesquisa. Casado, pai de quatro filhos e com Ensino Fundamental completo. Trabalhou na área metalúrgica até sua aposentadoria, após AVC isquêmico em agosto de 2008. Como consequência do episódio, apresenta hemiparesia⁷⁸ à direita e uma afasia que pode ser caracterizada como *não-fluente*. Sua afasia é marcada, sobretudo, pela dificuldade para encontrar palavras e pela produção de

⁷⁸ O termo **hemiparesia** refere-se à paralisia parcial ou à diminuição da força em metade da cara, no braço e na perna de um mesmo lado do corpo. Ela pode estar associada à hemiplegia, que é a paralisia de todo um lado do corpo (<http://conceito.de/hemiparesia>).

parafasias predominantemente semânticas, em enunciados marcados por longas pausas e perseverações⁷⁹. JM frequentou o CCA de outubro de 2008 a dezembro de 2015.

JM apresenta comprometimento da região têmporo-parietal esquerda, com apagamento de sulcos corticais. Antes do episódio neurológico, JM – segundo seus relatos – não era muito ligado à leitura, mas “gostava muito de falar e de cantar” (sic). Foi, inclusive, membro de uma dupla sertaneja durante sua juventude.

Relata grandes dificuldades de leitura, apesar de ter lido palavras do experimento e enunciados curtos, com ajuda da pesquisadora. Recorre, em muitos momentos, a enunciados não-verbais, principalmente gestos de natureza dêitica, ao longo dos episódios dialógicos.

✓ **Sujeito AC**

Senhor afásico de 81 anos à época do experimento. Casado, pai de 2 filhos e com ensino fundamental completo. Era pedreiro e, após o episódio neurológico, passou a trabalhar como calheiro. Sofreu um AVC isquêmico frontal esquerdo, em março de 2010. Sua afasia pode ser caracterizada como fluente, com dificuldades de encontrar palavras, com produção de parafasias semânticas e dificuldades de natureza pragmática. Não apresenta quadro de hemiparesia associado.

Uma das principais atividades recentes de AC é o trabalho de artesanato com madeira, facilitado pela sua experiência de calheiro. Tem preferência por esculturas de animais. Iniciou essa atividade no CCA, a partir da confecção de mosaicos. Frequenta o CCA desde 2009. AC leu todos os cartões do experimento com ajuda da interlocutora.

✓ **Sujeito BS**

Jovem afásico de 28 anos de idade, solteiro, com Ensino Superior incompleto. cursava a faculdade de Logística quando sofreu AVC isquêmico na região cerebral média esquerda e no território profundo da artéria cerebral anterior esquerda. Apresentava, ao início do quadro, fala com características telegráficas e dificuldades de encontrar palavras, com produção de parafasias fonológicas e semânticas. Apresenta dificuldades na leitura e na escrita, com paralexias recorrentes.

⁷⁹ O termo **perseveração** refere-se à repetição constante de uma mesma palavra (ou gesto). Trata-se de uma repetição incontrolável de uma resposta anteriormente correta e apropriada, mas que entretanto se tornou incorreta e inapropriada (<https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/perseveracao>).

BS gosta muito de ler e diz que passa o dia no computador – tanto para ouvir músicas e ler jornais, quanto para se comunicar com outras pessoas e jogar *on line*. Participa do CCA desde agosto de 2014 e podemos perceber melhora significativa tanto em sua fala quanto na leitura e escrita, desde então. Leu todos os cartões do experimento, sem dificuldades.

✓ **Sujeito SR**

SR é um senhor afásico de 65 anos. Casado, pai de quatro filhos, com Ensino Fundamental completo e aposentado. Trabalhou como coordenador técnico-mecânico. Em 2006, SR sofreu um AVC isquêmico, com posterior transformação hemorrágica, tendo como consequência uma afasia mista, com lesão na região têmporo-occipital e frontal⁸⁰, envolvendo predominantemente a expressão, com a presença de disartria. SR tem também um quadro psiquiátrico anterior ao AVC.

Segundo SR, ele lê com frequência – jornais e a Bíblia e, em geral, é quem relata as principais notícias durante a sessão do CCA. Antes do episódio neurológico, SR também participava muito de eventos da igreja, assumindo papel de destaque em sua comunidade. Frequenta o CCA desde setembro de 2006. SR leu, sem dificuldades, todos os cartões do experimento.

✓ **Sujeito MA**

Senhora de 67 anos, viúva, mãe de 4 filhos. Era artística plástica (pintora), com Ensino Médio completo. MA apresentou AVC isquêmico em agosto de 2008, com consequente afasia de expressão, com mobilidade e atenção reduzidas. Algumas características de sua afasia são: dificuldades de encontrar palavras, dificuldade em iniciar enunciados (sua habilidade melhora quando lhe é dado um *prompting*). Também refere dificuldades de leitura, apesar de conseguir ler palavras e enunciados curtos. Participa do CCA desde 2009. Leu com dificuldade os cartões do experimento, provavelmente devido a sua baixa atenção.

✓ **Sujeito TR**

⁸⁰ Segundo laudo de psiquiatra de março de 2010.

Senhora de 63 anos, casada e mãe de uma filha, com Ensino Médio completo. Trabalhou como auxiliar de enfermagem até o momento do AVC isquêmico, que sofreu em 1998, com lesão na região parietal esquerda, que se estende até o lobo frontal⁸¹, resultando em hemiparesia e dificuldades de linguagem compatíveis com o chamado “agramatismo”. Relata dificuldades de reconhecimento de letras e, conseqüentemente, de realizar atividades com a leitura e a escrita. Antes do AVCi, TR escrevia apenas bilhetes e listas de compras. Também não costumava ler, optando por assistir programas de televisão. TR frequenta o CCA desde 2010 e apresenta, desde então, melhora na seleção de palavras e maior produção lexical, mas não consegue produzir verbos e palavras funcionais. Seus enunciados podem ser caracterizados como telegráficos.

TR não conseguiu ler as palavras nos cartões do experimento. A interlocutora precisou ler pelo menos duas vezes cada palavra do experimento.

✓ **Sujeito SS**

Trata-se de uma jovem senhora afásica, com 45 anos de idade. Casada, é mãe de três filhos. Tem Ensino Médio completo e trabalhava com o marido na administração de uma oficina mecânica. SS sofreu um AVC isquêmico na região fronto-parieto-occipital esquerdo. Sua afasia pode ser classificada como não-fluente, com dificuldade de leitura e escrita e compreensão relativamente comprometida. Sua fala é marcada por estereotipias verbais: “seu, seu”, “isso, isso”, “aqui, aqui”. Segundo ela, não tinha, antes do AVC, muita proximidade com a leitura.

Apesar de toda a dificuldade de produção, SS consegue narrar fatos cotidianos com a linguagem não-verbal, sobretudo composta por gestos, recurso alternativo que desenvolveu ao longo do trabalho no CCA.

SS, além de não conseguir ler os cartões do experimento, demonstrou não haver compreendido a atividade.

✓ **Sujeito AL**

Senhor afásico de 70 anos, com Ensino Médio completo. Casado, pai de dois filhos. Trabalhava como corretor imobiliário quando sofreu um AVC hemorrágico em região têmporo-parietal.

⁸¹ Segundo laudo de Tomografia de outubro de 1998.

Embora o laudo médico refira “afasia de expressão com leve dificuldade de compreensão”⁸², o trabalho realizado por Fugiwara (2013) sobre este sujeito relata que sua compreensão é bastante comprometida. Seu quadro inicial era o de uma jargonafasia, tendo evoluído para uma afasia não-fluente, com enunciados bastante reduzidos, o que dificulta muito a resolução de tarefas metalinguísticas, como as previstas nesta pesquisa.

AL não foi capaz de ler as palavras dos cartões, mesmo com a ajuda da interlocutora.

3.6 Expedientes metodológicos com afásicos

3.6.1. Situações experimentais

O experimento realizado com os afásicos foi adaptado do “Método do Quarto Excluído”, que integra a bateria de Luria/Nebraska de avaliação neuropsicológica.

3.6.1.1. Adaptação do “Método do Quarto Excluído” para os sujeitos afásicos

Neste experimento, foi apresentado aos participantes afásicos do CCA um conjunto de quatro cartões, cada um deles com uma palavra ligada às demais por uma relação categorial de alguma natureza – semântica, fonológica, afetiva ou, ainda, que apresentasse mais de um tipo de relação. Pedia-se ao participante, então, que retirasse deste conjunto a carta relativa à palavra/conceito que menos se assemelhasse às demais palavras do conjunto – o *quarto elemento* – referido por Luria (1986) como “o quarto excluído”. Segundo Luria, este método é “um dos melhores procedimentos diagnósticos para a revelação dos níveis de desenvolvimento mental e da capacidade de passar das formas real-concretas de generalização para a generalização abstrata” (LURIA, 1986, p.67). Retomando Vygotsky, o autor esclarece:

No caso da classificação categorial, surge nos sujeitos uma *hierarquia de conceitos*, conceitos que, segundo a expressão de L. S. Vygotsky, possuam uma determinada “longitude” (desde os mais elementares aos mais complexos) e uma determinada “amplitude” porque, no sistema de conceitos, podem entrar não somente aqueles objetos que interagem em forma imediata, mas também aqueles que nunca se encontram na experiência própria. É característico que a estrutura hierárquica do sistema lógico esteja ausente naquelas formas de generalização que se esgotam no restabelecimento das situações reais-concretas. A presença ou ausência de uma hierarquia lógica de conceitos é, em consequência, o traço principal que diferencia a utilização

⁸² Laudo neurológico expedido em novembro de 2011.

real-concreta da palavra da utilização lógico-verbal dos conceitos, expressos nas palavras (LURIA, 1986, p. 68).

A nosso ver, essas questões postas por Luria justificam plenamente não só a utilização do experimento, mas também porque sintetizam uma concepção do processo de categorização, a partir dos traços hierarquicamente organizados que relacionam palavras e conceitos.

A fim de dar maior visibilidade a esse processo e compreender como a categorização pode estar impactada em algumas formas de afasia, foi solicitado a cada sujeito que justificasse a exclusão feita, uma vez que nos interessa saber qual foi a “lógica” utilizada para excluir o quarto elemento, em cada um dos conjuntos. Em outras palavras, buscamos compreender se a afasia compromete o reconhecimento de um traço (semântico, fonético/fonológico ou afetivo) mais saliente, que oriente a exclusão; como isso ocorre em relação aos diferentes sujeitos e se o critério se mantém em todos os conjuntos apresentados para um mesmo sujeito.

Assim como no experimento proposto por Luria, os conjuntos apresentam diferentes graus de dificuldade para a escolha do elemento a ser excluído. O autor observa que este aspecto é relevante para que se possa inferir acerca dos diferentes níveis de abstração dos conceitos.

Todos os sujeitos afásicos participaram do experimento individualmente, em uma única sessão de aproximadamente 45 minutos. A adaptação foi composta de 20 conjuntos⁸³, apresentados sempre na mesma ordem para todos os sujeitos, e os elementos sempre colocados na mesa da mesma forma, conforme o esquema a seguir:



Antes de retirar um dos itens do conjunto, alguns dos sujeitos reorganizavam suas cartas – às vezes unindo duas, às vezes unindo três – para, só depois, anunciar que retirariam aquela que consideravam menos relacionada às demais. A tabela a seguir apresenta todos os conjuntos (números de 1 a 20) e seus elementos, na ordem em que foram apresentados aos sujeitos:

⁸³ A versão do experimento utilizada na pesquisa de doutorado é uma versão aperfeiçoada de uma primeira tentativa, inicialmente utilizada na coleta de dados de minha pesquisa de mestrado (mas que não foi utilizada na análise de dados). Para a versão anterior, foram pensados apenas 11 conjuntos e que não se mostraram eficazes para a eliciação de parafásias, motivo pelo qual foi excluída da pesquisa (SOUZA-CRUZ, 2013).

	Categorias	Elemento excluído	Justificativa esperada	Resposta dada	Justificativa da retirada
1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Não é fruta cítrica		
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Não é verdura, é fruta		
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	Acessório, não essencial		
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	Não se veste		
5	Azul, amarelo, vermelho, roxo	Roxo	Não é cor primária		
6	Círculo, triângulo, quadrado, bola	Bola	Não é figura geométrica		
7	Computador, televisão, rádio, máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Não é um instrumento de comunicação		
8	Caderno, caneta, lápis, cadeado	Cadeado	Não é material escolar		
9	Chocolate, bala, brigadeiro, salgadinho	Salgadinho	Não é doce		
10	Carne, frango, feijão, geleia	Geleia	Não é salgado		
11	Pão, manteiga, café, arroz	Arroz	Não se come no café da manhã		
12	Pão, manteiga, queijo, café	Café	Não se come		
13	Cerveja, vinho, cachaça, refrigerante	Refrigerante	Não é alcóolico.		
14	Dilma, Lula, Fernando Henrique, Serra	Serra	Não foi presidente da República		
15	Mercúrio, Marte, Vênus, Plutão	Plutão	Não é planeta		
16	Brasil, México, Venezuela, Paquistão	Paquistão	Não fica na América		
17	Mãe, tio, primo, cunhado	Cunhado	Não é familiar		
18	Lima Duarte, Antonio Fagundes, Marlon Brando, Fabio Assunção	Marlon Brando	Não é brasileiro		
19	Cachorro, gato, papagaio, morcego	Papagaio	Não é mamífero		

Tabela 4. Modelo de tabela utilizada no experimento do Quarto Excluído, com sujeitos afásicos.

Na segunda coluna da tabela, encontram-se as palavras que compuseram cada um dos conjuntos, na ordem em que os elementos foram apresentados. Nas duas colunas subsequentes, apresentamos a palavra que se esperava que fosse excluída e a justificativa que esperávamos que fosse dada. Nas duas últimas colunas, foi anotada a resposta dada pelo sujeito e a justificativa dada por ele para a exclusão.

Assim como na versão de Luria, os conjuntos foram pensados de maneira que apresentassem itens categoriais relacionados entre si de diferentes maneiras: no conjunto 8, por exemplo, composto pelos elementos “caderno”, “caneta”, “lápiz” e “cadeado”, era esperado que se retirasse o elemento “cadeado”, com a justificativa de que todos os demais seriam *Materiais de Papelaria/itens da escola*. No entanto, seria possível, também, que “lápiz” fosse retirado, justificando-se que os demais elementos começavam com a letra “c”.

É importante frisar que, ao invés de nos preocuparmos se a justificativa estava adequada ou não, nossa análise buscou compreender quais os caminhos realizados pelos sujeitos para escolher o elemento a ser excluído e se havia – tanto entre os sujeitos como em um mesmo sujeito – algo que pudesse ser considerado um traço estável no processo de exclusão e na reorganização dos demais elementos. Em outras palavras, mais importante do que excluir um elemento do conjunto, torna-se fundamental compreender o processo subjacente à exclusão que, por sua vez, revela aspectos do processo de categorização.

3.6.2 Episódios dialógicos com afásicos

Além dos dados provenientes do experimento acima descrito, também foram selecionados dados que emergiram em contextos dialógicos na interação entre os sujeitos afásicos e não-afásicos, nas sessões coletivas do CCA.

Os dados selecionados buscam evidenciar momentos em que o processo de categorização semântica, em geral subjacente ao funcionamento linguístico, está evidente, seja através de fenômenos linguístico-cognitivos como a parafasia e a dificuldade de encontrar palavras, seja no processo de reformulação ou reorganização dos enunciados, fenômenos característicos da produção verbal.

3.7. Expedientes com sujeitos não-afásicos

Os sujeitos não-afásicos participaram unicamente de situações experimentais, por meio de dois procedimentos: o primeiro, *online*, consistiu de um Banco Virtual de Palavras (doravante BVP); o segundo, refere-se a uma adaptação de experimento realizado por Dubois (1983).

3.7.1 Banco Virtual de Palavras: método associativo

Luria enfatiza a importância dos métodos associativos para o estudo da organização das redes semânticas. Uma das variantes do método associativo – as associações livres⁸⁴ – indicam que as redes semânticas podem estar determinadas por processos cognoscitivos – de caráter situacional ou conceitual – ou por processos afetivos, às vezes por tendências encobertas ou por vivências. Nas palavras do autor: “por trás de cada palavra, está, obrigatoriamente, um sistema de enlaces sonoros, situacionais e conceituais. A palavra é uma rede potencial de enlaces multidimensionais”, tema que abordamos no Capítulo 2.

A organização de um Banco Virtual de Palavras é um dos procedimentos psicolinguísticos mais utilizados para o estudo das relações semântico-lexicais. A ideia do BVP surgiu inspirada em outro banco de palavras, de língua inglesa, disponível no endereço: www.wordassociation.org.

Seguindo as regras determinadas pelo CEP/Unicamp, o site que hospeda este experimento apresenta, inicialmente, uma tela com uma breve explicação da pesquisa e o contato da pesquisadora para eventuais dúvidas. Em seguida, o participante deve preencher um breve questionário (anônimo), indicando o gênero, a faixa etária e o grau de instrução, ler e aceitar as condições explicitadas no TCLE. Somente depois destes procedimentos é que o sujeito tem contato com a pesquisa, disponível no link: www.associacaodepalavras.com.

O programa passa a fornecer randomicamente uma das palavras do banco, até formar uma rede de 15 palavras – número escolhido devido ao tempo de experimento, para evitar o cansaço que, conseqüentemente, diminui a atenção do participante. É solicitado ao sujeito que escreva a primeira palavra que lhe vier à mente, ao ler a palavra apresentada. A imagem a seguir exemplifica a tela de experimentos que aparece para os participantes:

"orientar"

Digite a primeira palavra que você pensar...

Número de associações feitas: 0/15

Figura 6: Exemplo de tela referente ao experimento online

⁸⁴ Segundo Luria (1986), os métodos associativos – como os experimentos com *priming* – ou métodos de associação livre – utilizados por Freud e sobre os quais se fundamenta o trabalho da psicanálise, somente permitem uma interpretação *indireta* dos resultados. O problema da utilização de métodos *objetivos* para a análise dos campos semânticos, segundo Luria, ainda é atual. Na época em que estudou os campos semânticos, Luria defendia a utilização de algumas técnicas que, atualmente, podemos julgar como não-convencionais, como por exemplo a utilização de *choques* elétricos nos experimentos com seres humanos.

Caso o sujeito não faça nenhuma associação com a palavra apresentada, ele pode clicar no botão “pular” e continuar a série de palavras. Ao final, as questões não respondidas são contabilizadas como “0” (zero).

Até o momento⁸⁵, 200 sujeitos participaram do experimento, após divulgação em redes sociais e acadêmicas. Apenas alguns feedbacks de participantes conhecidos da pesquisadora foram dados. Ao final do experimento, tivemos um total de 991 palavras compondo o banco. A dificuldade causada pelo grande número de palavras nos impediu de fazer uma análise qualitativamente orientada, como desejávamos, mas apontam para possíveis relações de sentido (enlaces mais fortes) que são categorizadas pelos sujeitos não-afásicos e considerando-se que há um viés orientado pelas práticas de letramento, já que todos são estudantes universitários.

3.7.2 Experimento com categorias específicas adaptado de Dubois

Dubois (1983) analisou 22 categorias do francês, buscando discutir os princípios de organização relativos às chamadas “representações em memória”, suas invariâncias e como elas aparecem nas atividades psicolinguísticas. Dentre os resultados observados, a autora observou uma importante estabilidade interindividual, ao mesmo tempo em que houve uma importante diversidade entre categorias.

A adaptação do experimento teve como principal objetivo observar quais elementos apareceriam como *mais estáveis*, além de permitir que se observasse a extensão categorial.

Em nossa versão, os participantes deveriam escrever – no período de 30 segundos – o maior número de elementos pertencentes à categoria apresentada. Também com base na versão original, apresentamos aos sujeitos as seguintes categorias: *animais; árvores; armas; bebidas; edifícios; flores; frutas; insetos; instrumentos musicais; jogos; legumes; metais; móveis; pássaros; ferramentas; peixes; profissões; recipientes; esportes; utensílios; veículos e roupas*. Cada um dos sujeitos respondeu a somente 11 categorias dentre as acima apresentadas. Seguindo a autora, não foi solicitada mais que isso para não cansar o participante, o que poderia prejudicar a coleta de dados em função da baixa atenção.

Além das respostas, solicitamos aos sujeitos que comentassem o experimento, a fim de observar se houve dificuldade em alguma categoria específica ou se houve outra questão não prevista que deveria ser considerada no momento da análise. Novamente, essa decisão foi tomada a fim de que se pudesse ter mais elementos para avaliar o processo de categorização, quais os traços mais recorrentes e quais os enlaces mais salientes.

⁸⁵ Até 10 de julho de 2017.

4. A teoria na prática é outra: análise de dados

Introdução

Neste capítulo, apresentamos os dados selecionados, buscando, ao longo das análises, relacioná-los às questões discutidas nos capítulos anteriores e aos objetivos desta tese. Iniciamos com a apresentação dos dados de sujeitos não-afásicos e passamos, em seguida, para análise dos dados de sujeitos afásicos. Ao final do capítulo, buscaremos apontar as principais aproximações e as diferenças que podemos observar nesses dois conjuntos.

Apresentaremos os dados na seguinte ordem: (i) resultados do experimento feito com não-afásicos e que gerou nosso “Banco Virtual de Palavras”⁸⁶ e, em seguida, (ii) os dados do experimento adaptado de Dubois. A organização dos dados dos sujeitos não-afásicos foi subdividida em (iii) dados de experimentos com experimento do “Quarto Excluído” e (iv) dados de episódios dialógicos que envolvem as dificuldades para encontrar palavras e produção de parafasias.

Antes de passarmos aos dados dos afásicos, traremos alguns conceitos bakhtinianos, uma vez que serão mobilizados para nos referirmos aos seus enunciados, ao longo de nossas análises.

4.1 Dados de sujeitos não-afásicos

4.1.1 Banco Virtual de Palavras

Como descrito anteriormente, o instrumento *online* configurou-se como um experimento de *priming*, no qual foi solicitado aos sujeitos que escrevessem a primeira palavra que lhes viesse à mente, a partir de uma palavra apresentada. Cada sujeito gerou uma rede de 30 palavras: 15 apresentadas randomicamente pelo sistema e 15 palavras às quais iremos nos referir como “respondidas” pelos sujeitos participantes.

Recortamos dos resultados do experimento, para fins de análise, algumas palavras que foram apresentadas em maior número de vezes e que oferecem resultados interessantes para se pensar na organização categorial, uma vez que o sistema “aprendeu” a gerar tal lista a partir de respostas dadas pelos participantes. Separamos essas palavras em “mais apresentadas” e “mais

⁸⁶ Estatisticamente, as respostas a este experimento não poderiam ser analisadas como processos de categorização. Qualitativamente, entretanto, entendemos que muitos dos dados sejam singulares para indiciar aspectos implícitos às operações realizadas pelos sujeitos enquanto categorizam.

respondidas”. Na lista de palavras “mais respondidas”, podemos observar que há tendências para uma determinada resposta a uma mesma palavra; isto é, podemos encontrar a “marca de um protótipo” nas atividades de associação de palavras, que certamente tem a ver com as condições de produção da lista e com relações socioculturais dos sujeitos que participaram do teste. Pudemos também inferir acerca da *classe de palavra* preferida pelos sujeitos, na hora de responder, bem como sobre as *relações semânticas* e as *relações sintáticas* entre os termos apresentados e os termos respondidos. Chamamos de relações semânticas as relações de sentido que podem ser observadas entre os termos, tais como sinonímia, antonímia ou hiperonímia. Nos interessam, também, respostas que evidenciam relações metafóricas e metonímicas. Por relações sintáticas, nos referimos àquelas em que o participante responde completando com argumento de uma oração.

4.1.1.1 Resultados dos participantes no BVP

A resposta que mais apareceu para uma mesma palavra apresentada foi “obediente” (para “obedecer”) – 5 vezes; seguida de “doce” (para “mel”), “entender” (para “compreender”), “erro” (para “tentativa”) e “velho” (para “novo”), 3 vezes cada.

Assumem o topo da lista de *palavras mais respondidas* (para diferentes entradas) – os termos “amor”, “alegria” e “eu” (8 vezes cada), seguidos das palavras “dinheiro” e “amigo” (7 vezes cada). Dentre as respostas, vale a pena retomar as palavras apresentadas, cuja resposta foi “eu”. Como podemos observar a seguir, trata-se de palavras de conteúdo, em geral, de adjetivos, com as quais os participantes se identificam:

Ansioso	eu	1
desesperado	eu	1
egoísta	eu	1
estrangeiro	eu	1
pressa	eu	1
sou	eu	1
pulando	eu	1
enrolado	eu	1

Tabela 5: Palavras cujas respostas foram "eu"

Podemos pensar, também a partir dessas respostas, que a subjetividade precisa ser considerada nas análises, uma vez que esses exemplos parecem evidenciar que os sujeitos, muitas vezes, associam as palavras primeiramente à sua própria experiência ou comportamento.

Outros exemplos acerca da subjetividade nas respostas são a ocorrência das palavras “amor” e “alegria”.

Passamos, agora, à lista das *palavras mais apresentadas* – na qual podemos observar diversas relações que nos parecem interessantes para pensar os enlaces e as formas de organização entre os termos. As palavras que foram apresentadas mais vezes aos sujeitos foram “começar” e “time” (6 vezes cada), seguidas de “cobra”, “ruindade”, “obedecer” e “pedir” (5 vezes cada). Dentre essas, as respostas mais recorrentes foram “doce” e “abelha” (para “mel”), “novo” (para “velho”), “químico” (para “físico”), “erro” para (“tentativa”), “entender” (para “compreender”) e “próximo” (para “seguinte”), todas com 3 ocorrências cada. As outras palavras da lista não tiveram mais do que duas respostas iguais.

Em ambas as listas, algumas relações semânticas puderam ser observadas entre as palavras apresentadas e as respondidas. Começamos discutindo as relações de *sinonímia* e *antonímia* subjacentes às respostas, do ponto de vista funcional, tal como concebidas pelos *sujeitos*, o que muitas vezes não coincide com as definições das gramáticas tradicionais ou dos dicionários. As relações que mais aparecem nas respostas dos sujeitos são as de *sinonímia* – 9% do total de ocorrências – seguidas pelas *antonímias* – 5%. Completamente inusitada foi a ocorrência de duas relações de *hiperonímia* (“cobra”/*Animal* e “avó”/*Família*) – apenas 1%.

começar	início	1
ruindade	maldade	1
riqueza	dinheiro	1
classe	aula	1
disputa	duelo	1
honesto	bom	1
honesto	correto	1
liberdade	free	1
abraço	enlaço	1
assistir	ajudar	1
assistir	ver	1
calor	quente	2
compreender	entender	3
escapar	fugir	2
faminto	guloso	1
inauguração	novidade	1
seguinte	próximo	3
felicidade	alegria	1
feliz	alegria	1
consciência	cabeça	1
mente	cabeça	1
conclusão	fim	1
natureza	verde	1
compromisso	casament	1
união	casament	2
compreender	entender	3
cérebro	cabeça	1
alegria	felicidade	1
profissão	trabalho	1
maior	grande	2
ato	fazer	1

Figura 7: Relações de sinonímias

tristeza	alegria	1
inimigo	amigo	1
iniciar	fim	1
início	fim	2
loucura	saúde	1
velho	novo	3
caos	ordem	1
comida	fome	1
morte	vida	2
sede	água	1
sol	lua	1
mel	fel	1
obrigado	welcome	1
obrigado	imagina	1
obrigado	nada	2
velho	novo	3
honesto	desonesto	1

Figura 8: relações de antonímia

Com relação às respostas que apresentam processos metonímicos, isto é, relações semântico-sintáticas relativas à expressão da “parte pelo todo”, ocorreram respostas que salientam traços específicos de um objeto/termo apresentado, como “claro”, “caloroso” ou “brilhante” (para sol) e sub-categorizações (que podem ser consideradas como elementos internos à categoria), como em “cega”, “verde ou “naja” (para *Cobra*).

Outras ocorrências frequentes – cerca de 8% do total – dizem respeito às relações entre dois substantivos que podem formar sintagmas preposicionados, como nos exemplos abaixo que deixam entrever, além dos enlaces semânticos, os de natureza afetiva, por escolhas feitas pelos sujeitos a partir de suas experiências pessoais.

arena	disputa
pane	sistema
carrinho	bebê
inauguraç	obra
inauguraç	festa
acidente	carro

Figura 9: formação de sintagmas preposicionados

Podemos observar que, há, nos casos acima, tanto elementos que mantêm o sentido de cada uma das unidades, como em “arena de disputa” ou “festa de inauguração”, em que há uma

unidade nuclear e uma unidade predicativa, que “empresta” traços para o núcleo do sintagma⁸⁷, quanto elementos que, segundo Biderman (2005), são considerados “lexias complexas”, isto é, unidades lexicais compostas, nas quais o sentido não é dado pela soma das partes, mas que apresenta um novo sentido que se forma a partir da composição. Podemos pensar que, uma vez que há um sentido estabilizado nessas unidades compostas, este pode estar latente e ser recuperado mais facilmente.

Há também respostas dadas em que os participantes mantiveram o sentido da palavra apresentada, mas alteraram as classes gramaticais, por exemplo, em processos de nominalização (substantivação e adjetivação). Vemos, em seguida, algumas dessas ocorrências:

obedecer	obedient	5
pedir	pedido	1
faminto	fome	2

Figura 10: Relações com alteração de classe gramatical

Por fim, chamamos a atenção para a Tabela 6, cujas respostas apresentam relações estabelecidas entre o *sujeito* e *predicado* de uma oração, com a omissão do verbo – em geral, um verbo de ligação – como em “filho” [é] “tudo” e “família” [é] “tudo”. Há casos, entretanto, em que o que está omitido não é o verbo, como em “dinâmico – sou”.

filho	tudo
família	tudo
dinâmico	sou

Tendo destacado algumas das questões relevantes para nossa reflexão, passamos a apresentar resultados obtidos com o experimento adaptado de Dubois (1983).

4.1.2. Análises categoriais – experimento de Dubois

O experimento com categorias específicas adaptado de Dubois, a nosso ver, mostrou-se mais produtivo para os objetivos desta pesquisa, considerando-se os processos de categorização.

⁸⁷ A esse respeito, ver Castilho (2010) e Ilari e Neves (2008).

Como não apresentamos todas as categorias para todos os sujeitos⁸⁸, temos uma média de 11 respostas por categoria. Podemos observar, nas tabelas a seguir, questões relativas à extensão, constituição e estruturação categorial.

Antes de apresentar os resultados, achamos importante explicitar a organização das tabelas. A coluna denominada “ID” refere-se à identificação dos sujeitos participantes, por números. As colunas subsequentes, numeradas a partir de 1, indicam o número e a ordem dos elementos nomeados pelos sujeitos. Cada tabela refere-se a uma das categorias apresentadas.

A primeira questão que destacamos diz respeito à estabilidade categorial. Observamos que os elementos que aparecem nas três primeiras posições se repetem com mais frequência do que os elementos subsequentes, indiciando uma relação prototípica. As exceções são as categorias *Prédios/Edifícios* e *Metais*, cujas respostas estão ilustradas nas tabelas a seguir:

ID	1	2	3	4	5	6	7
2	Samambaia	Mississippi	Italia	Prédio	Apartamento		
5	Pirâmide						
6	alto	baixo	com área de lazer				
7	edifício	mansão	palafita	arranha-céu	Museu	teatro	cinema
8	comercial	residencial	Banespa				

Figura 11: Categoria *Edifícios/Prédios*

Nesses casos, algumas hipóteses podem ser levantadas: sobre a categoria *Edifício/Prédio*, podemos supor que a variedade de respostas obtidas se deva ao tipo de relação “menos marcada” entre o termo que a nomeia e os elementos a ela relacionados, culturalmente percebidos pelos sujeitos, por sua vez também marcados na língua. No francês, tomar a palavra “edifício” como categoria parece não causar o mesmo estranhamento que observamos quando fizemos o experimento em português. Nos lembramos, nesse momento, das questões abordadas no capítulo 2, mais especificamente sobre estranhamentos aos quais se referiram Foucault e Lakoff, acerca dos diferentes modos de categorizar.

⁸⁸ No capítulo 3, esclarecemos que tivemos um total de 22 participantes para este experimento.

ID	1	2	3	4	5	6	7	8
2	Corneta							
3	sódio	európio	lantânio	césio	magnésia	ferro	zinco	ouro
9	ouro	ferro	prata	brinze	zinco	alumínio	cobre	
10	ferro	aço	cobre	prata				
11	aço	ferro	manganês					
12	química	extração	tabela periódica	região				

Figura 12: Categoria *Metais*

No caso de *Metais*, podemos pensar que há tanto uma questão de *polissemia*, quanto de baixa ocorrência de elementos lexicais no uso cotidiano da língua; ou seja, fora dos jargões especializados. Ao serem apresentados a esta categoria, a maioria dos sujeitos também mostraram certo estranhamento. Um dos participantes responde “corneta”, o que pode ter sido influenciado pela categoria avaliada imediatamente antes: *Instrumento Musical* que, por sua vez, pode ser sub-categorizado como *Metais*, *Cordas* e *Sopro*. Por outro lado, o participante 3 (ID3), doutorando em química, deu respostas que atenderam aos princípios categoriais esperados.

Assim como na amostra apresentada pela autora, as categorias com maior estabilidade interindividual foram *Animais*, *Armas*, *Bebidas*, *Flores*, *Frutas*, *Instrumentos Musicais* e *Móveis*. Também como em Dubois, as categorias *Profissões* e *Metais* demonstraram grande diversidade interindividual. No caso de *Profissões*, observamos que os primeiros elementos estão, quase sempre, relacionados à profissão do informante⁸⁹.

ID	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	professor	pesquisador	médico	cozinheira	administrador	contador				
2	sociólogo	professor	médico	catador	cozinheira	motorista	engenheiro	faxineira		
3	químico	dentista	veterinário	professor	vendedor	artista				
4	economista	professor	enfermeiro	linguista	lixeiro	biólogo				
5	engenheiro	gari	médico	pedreiro	economista	faxineiro	dentista			
6	jornalista	engenheiro	médico	enfermeiro	professor	pediatra	pedreiro	jardineiro	comerciante	comerciário
7	economista	engenheiro	jornalista	terapeuta tântrico	astronauta	bombeiro	agente comunitário de saúde			
8	engenheiro	professor	enfermeira	médica	astronauta	jornalista	pedagogo			
9	economista	professor	médico	advogado	vendedor	policial	bombeiro			
10	economista	professor	advogado	engenheiro	pintor	garçom	porteiro			
11	pesquisador	programador	economista	engenheiro	administrador					
12	economista	futuro	dinheiro	incerteza	ascensão social					

Figura 13: Categoria *profissões*

Com relação à variabilidade intercategoriais, isto é, a variabilidade de elementos nomeados dentro de uma mesma categoria, observamos que aquelas que apresentam maior número de respostas por indivíduos são também as que apresentam maior diversidade de

⁸⁹ Como nosso público-alvo foi formado por estudantes universitários de graduação e pós-graduação, foi também comum obter respostas como “químico”, “pesquisador” e “professor” que indicariam diferentes funções de um único indivíduo (formação específica +pesquisador +professor, por exemplo).

elementos nomeados. Seguem a tabela de categorias apresentadas e o número médio de elementos nomeados pelos sujeitos para cada categoria:

Média de resposta para a categoria	3	4	5	6	7	8
<i>Árvores</i>			X			
<i>Armas</i>			X			
<i>Bebidas</i>						X
<i>Edifícios</i>	X					
<i>Esportes</i>						X
<i>Flores</i>					X	
<i>Frutas</i>			X			
<i>Instrumentos musicais</i>					X	
<i>Jogos</i>		X				
<i>Legumes</i>			X			
<i>Metais</i>		X				
<i>Móveis</i>			X			
<i>Pássaros</i>	X					
<i>Peixes</i>			X			
<i>Profissões</i>				X		
<i>Roupas</i>					X	
<i>Utensílios</i>				X		
<i>Veículos</i>				X		

Chama a atenção, com relação ao “tamanho” das categorias propostas por Dubois, que a média de respostas foi de 5 a 6 no nosso experimento, enquanto a da autora foi de 11 a 12, ou seja, praticamente a metade da que foi obtida por Dubois, tendo ambos os experimentos a duração de 30 segundos.

As categorias que suscitaram maior número de respostas foram *Bebidas* e *Esportes* (aproximadamente 8 por sujeito), seguida de *Flores* e *Instrumentos musicais* (7 respostas) e *Veículos*, *Utensílios* e *Profissões* (6 respostas por sujeito). A categoria que apresentou mais relações com os achados de Dubois nesse quesito foi a de *Instrumentos Musicais*, com um grande número de respostas em ambos os trabalhos⁹⁰, como se vê na tabela abaixo:

⁹⁰ A média de respostas para esta categoria, no francês, foi de 13,45, enquanto que, no português, foi de 8,16.

ID	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
8	flauta	oboé	tambor	piano	violino	violão	pratos	guitarra			
7	violão	violino	rabeca	baixo	violoncelo	flauta	oboé	trompa	trompete	guitarra	bateria
6	guitarra	violão	violoncelo	violino	bateria	saxofone	piano	baixo	gaita		
5	trompete	violão	saxofone	gaita	violoncelo	piano	trombone	pistão			
4	violão	cavaquinho	ukulele	pandeiro	zabumba	repique	tanta	rebolo			
3	piano	violão	saxofone	sanfona	acordeão	violino	pandeiro	bateria	triângulo	tambor	
2	pandeiro	tantan	abê	alfaia	zabumba	triângulo	violão	cavaquinho			
1	violão	teclado	violino	piano	flauta	harpa					
9	violão	guitarra	baixo	bateria	violino	gaita	flauta				
10	violão	guitarra	violino	cajon	bandolin	cavaquinho	bateria	flauta	pandeiro		
11	tamborin	bateria	violão	guitarra	tambor	baixo	triangulo	cajon			
12	violão	música	guitarra	harmonia	banda	shiom ????					

Figura 14: Categoria *Instrumentos Musicais*

As categorias que suscitaram menor número de respostas foram *Pássaros* e *Edifícios* (média de 3 respostas por sujeito) e *Metais* e *Jogos* (média de 4 por sujeitos). Neste caso, duas categorias apresentam relação entre nosso experimento e o obtido por Dubois: no francês, as categorias que apresentaram menor número de respostas no tempo permitido foram *Metais* (9,09 na média), *Utensílios* (7,3)⁹¹ e *Edifício* (8,59).

Nos parece relevante comentar que a categoria *Utensílios* não se mostrou muito problemática relativamente à extensão. Entretanto, as respostas deixam entrever relações intercategoriais que nos fazem lembrar os princípios que diferenciaram a Semântica dos Protótipos *Standard* do modelo estendido. Há, pelo menos, duas categorias que se imbricam – *Utensílios de cozinha* e *Ferramentas*. Há elementos de ambas as categorias – como “martelo” ou “faca” que podem influenciar a seleção lexical e a ordem em que são selecionadas pelos sujeitos.

ID	1	2	3	4	5	6	7	8	9
7	faca	garfo	colher	martelo	coador	chave inglesa	chave de fenda	chave philips	
8	lápiz	faca	tesoura	alicate	panela	borracha	colher	garfo	
6	faca	garfo	mesa	celular	xícara	abridor	cadeira	lápiz	borracha
5	pote	chave	martelo	faca	garfo	marreta	copo	pá	
1	garrafa	talher	vaso	escorredor					
9	faca	garfo	chave de fenda	martelo	colher	alicate			
10	martelo	faca	lanterna	chave de fenda	alicate	canivete	pé-de-cabra	garfo	
11	martelo	chave de fenda	esponja	chave inglesa	vassoura				

Figura 15: Categoria *Utensílios*

No que tange à extensão da categoria, portanto, podemos observar grande variabilidade. Segundo Dubois, essa heterogeneidade deve ser levada em conta na hora de avaliar a

⁹¹ Ao contrário dos resultados de Dubois, a categoria *Utensílios* não se mostrou muito problemática. Os termos “faca” e “martelo” mostraram-se mais estáveis nas duas primeiras posições de ocorrências e, mesmo quando “faca” não aparecia na primeira posição, ocupava a segunda ou uma subsequente. Inferimos que “Utensílios” relaciona-se mais especificamente a itens de cozinha.

capacidade de respostas dos sujeitos ou mesmo para avaliar modos de categorizar. Nas palavras da autora,

Ce premier indice temoigne aini d'une grande variabilité intercatégorielle quant à la disponibilité des réponses dans une telle tâche de production de mots, pour des catégories traité généralement de manière équivalente dans des épreuves de comparaison et de vérification de phrases (DUBOIS, 1983, p.474)⁹²

A autora observou que, dentre as 22 categorias trabalhadas, metade apresentou protótipos. Procedemos à mesma análise e encontramos protótipos em 12 das 22 categorias por nós avaliadas.

Categorias estruturadas prototipicamente	Elemento(s) considerado(s) prototípico(s) na amostra
Animal	Cachorro
Armas	Faca; revólver
Bebidas	Água; cerveja
Esportes	Futebol
Flores	Rosa
Frutas	Maçã; banana
Instrumentos musicais	violão
Legumes	cenoura
Móveis	Mesa; cadeira
Utensílios	Faca
Veículos	Carro

Compartilhamos com Dubois a ideia de que o aparecimento ou não do protótipo pode indicar que a estruturação categorial ocorre de diferentes formas, o que corrobora a discussão apresentada até aqui. Portanto, apesar de algumas categorias se organizarem a partir de um protótipo, outras não o fazem da mesma maneira, considerando-se todas as hipóteses explicativas apresentadas na fundamentação teórica desta tese.

O que podemos observar com clareza é que há, em todas as categorias – mesmo quando sua estruturação não se dá através de um protótipo categorial – elementos que podemos

⁹² Este primeiro índice mostra, assim, uma grande variabilidade intercategorial quando à disponibilidade de respostas na tarefa de produção de palavras, para categorias tratadas geralmente equivalente nos testes de comparação e de verificação de frases (Tradução nossa de Dubois, 1983, p.474).

considerar mais “socialmente compartilhados” e outros mais relacionados à experiência do sujeito – como, por exemplo, *Profissão*. O que fica claro, a nosso ver, em todas as categorias, é que sua estruturação é feita a partir de elementos histórico-culturais e da experiência individual dos sujeitos.

Mesmo em categorias que parecem mais prototípicas, como *Animais*, os enlaces afetivos influenciam diretamente a resposta dos sujeitos. Comentários feitos pelos sujeitos após sua participação nos experimentos, revelaram aspectos interessantes sobre a subjetividade durante a categorização, como por exemplo, de alguém que não inseriu o termo “cachorro” como primeiro elemento da categoria *Animais* por ter medo desse animal. Outro colocou “ornitorrinco” – de baixa frequência e que não esperávamos que aparecesse nas primeiras posições – porque acha este animal “intrigante”, justamente por unir características de diversos outros animais.

Apenas como ilustração, transcrevemos os dados de um dos sujeitos (ID12) que nos parecem ter sido produzidos por associações livres⁹³, com predominância de enlaces afetivos, mas que apresentam, pelo menos, um traço que se relaciona aos demais.

ID 12							
Árvore	folha	terra	meio-ambiente	ar	fotossíntese		
Bebidas	alcool	cerveja	vodka	reunião	entretenimento		
Flores	aroma	cheiro	rosa	cultivo	beleza	tranquilidade	terra
Instrumentos musicais	violão	música	guitarra	harmonia	banda	show	
Jogos	futebol	diversão	amigos	Náutico	competição	vencer	disputa
Metais	química	extração	tabela periódica	região			
Profissões	economista	futuro	dinheiro	incerteza	ascensão social		

Tabela 6: Síntese das respostas dada por ID12

O tipo de relação estabelecida não é o mesmo feito pelos demais sujeitos, apesar de não apresentar respostas que não tivessem alguma relação semântica com a categoria apresentada. Podemos pensar, inicialmente, que o sujeito não tenha compreendido a proposta, apesar de a instrução ter sido a mesma que foi dada a todos os participantes. Em alguns momentos, parece que ele seleciona enlaces internos aos elementos categoriais – por exemplo, “álcool” (para *Bebida*) ou “folha” (para *Árvore*); em outros, seleciona um elemento mais prototípico, como é

⁹³ Apesar de utilizarmos o termo “associação livre”, acreditamos que toda associação seja guiada por algum princípio motivador de natureza sociocultural.

o caso de “violão” (para *Instrumentos Musicais*), “futebol” (para *Jogos*) e “economista” (para *Profissões*); em outros casos, o elemento prototípico chega a aparecer (mesmo que não seja na primeira posição), como é o caso de “rosa” (em *Flores*). Podemos pensar que o elemento prototípico da categoria, por ser selecionado com mais frequência, surge, também, nas associações livres. É por isso que, em geral, aparece, mesmo que não se encontre nas primeiras posições.

Há, ainda, casos em que o sujeito parece categorizar apenas por enlaces mais afetivos, geralmente mais “inibido” em “estados normais da consciência” (Luria, 1986). Parece, ainda, haver um juízo de valor com relação aos elementos que podem ser nomeados dentro de uma categoria, como quando produz termos como “entretenimento” (para *Bebidas*), “beleza” e “tranquilidade” (para *Flores*), “diversão” (para *Jogos*) ou “incerteza” (para *Profissões*). Apesar de todos os elementos poderem ser facilmente observáveis nestas categorias, podemos pensar que estes termos estão mais próximos de uma avaliação subjetiva do sujeito do que de uma avaliação socialmente validada.

Outra hipótese é a de que o sujeito, uma vez que tenha cumprido a tarefa a partir de “associações livres” e não da categorização esperada, não faz uma relação com o termo que nomeia a categoria, mas com a palavra apresentada anteriormente: esta passa a ser o elemento ao qual ele seleciona os elementos subsequentes. Isso fica claro nas categorias *Jogos* e *Profissões*, como vemos a seguir:

<i>Jogos</i>	futebol	diversão	amigos	Náutico	competição	vencer	disputa
<i>Profissões</i>	economista	futuro	dinheiro	incerteza	ascensão social		

Tabela 7: recorte das respostas dada por ID12

Para finalizar a discussão sobre este tópico, apresentamos alguns outros achados sobre este experimento.

- Na categoria *Animais*, o elemento “cachorro” foi considerado prototípico porque foi o que mais apareceu tanto na primeira quanto na segunda posição. Como era esperado, “gato”, aparece na sequência com maior número de ocorrências; no

ID	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	baleia	leão	homem	gato	cachorro	m					
2	cachorro	gato	galinha	rato	coelho	vaca	bode	morcego	baleia	peixe	
3	vaca	cachorro	gato	urso	formiga	abelha	ovelha	foca	baleia	peixe	
4	cachorro	leão	barata	gato	tartaruga	pomba	mosquito	morcego	onça		
5	cão	gato	urso	ornitorrinco	coelho	morcego	baleia	golfinho	cavalo	lontra	leão-marinho
6	homem	macaco	gato	cachorro							
7	cachorro	baleia	leão	tigre	elefante	gato	rato	rinoceronte	hipopotamo		
8	gatos	cachorros	baleias	vacas	cavalos	veados					

entanto, “baleia”, que não era esperado, também aparece como um elemento estável ao longo da extensão da categoria.

- Na categoria *Armas*, temos dois elementos que dividem a primeira posição como elementos prototípicos: “revólver” e “faca”. Ambos podem ser considerados elementos subcategoriais.
- Na categoria *Bebida*, a primeira posição é dividida entre “água” e “cerveja” e, por isso, consideramos os dois elementos como prototípicos. No entanto, “água” seria considerado um protótipo mais forte, pois é recuperado mais vezes nas demais posições.

ID	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	água	suco	cerveja	refrigerante						
2	cerveja	vinho	suco	refrigerante	água	água de coco	vitamina			
3	água	suco	cerveja	refrigerante	vinho					
4	cerveja	agua	suco	pinga	conhaque	uísque	licor	groselha		
5	chá	cerveja	refrigerante	suco	daime	cachaça				
6	cerveja	agua	refrigerante	suco	vodka	catuaba	batidinha			
7	agua	suco	uísque	cachaça	rum	vodka	martini	saquê	refrigerante	néctar
8	refrigerante	agua	vinho	pisco	cachaça	garapa	caldo de cana	sucos		
12	álcool	cerveja	festa	vodka	reunião	entretenimento				

- “Maçã” e “banana” são os elementos prototípicos da categoria *Frutas*, sendo que maçã é o elemento mais selecionado na primeira posição, enquanto “banana” aparece a mesma quantidade de vezes na segunda posição e mais vezes ao longo da série.
- Em *Legumes*, “cenoura” foi considerado prototípico por ocorrer mais vezes, embora não ocorra muito na primeira posição.

ID	1	2	3	4	5	6	7	8
1	abobrinha	xuxu	cenoura	brócolis	beterraba			
4	cenoura	batata	beterraba	pepino	tomate	abobrinha	nhame	mandioca
5	chuchu	abobrinha	pimentão	cenoura	pepino	beringela		
6	batata	cenoura	chuchu	mandioquinha	abóbora	abobrinha	beterraba	
7	cenoura	tomate	abobrinha	pepino	pimentão	berinjela		
8	cenoura	brocolis	rabanete	nabo	couve-flor	batata		

- Na categoria *Móveis*, “mesa” e “cadeira” dividem a primeira e a segunda posição. No entanto, chama a atenção que esses termos sempre apareçam em “dupla”: se “cadeira” não aparece primeiro, ele vem logo depois de “mesa” e vice-versa.

Feitas as considerações e análises acerca dos dados obtidos com sujeitos não-afásicos, passamos agora aos dados de expedientes realizados com os sujeitos afásicos.

4.2. Análise de dados de sujeitos afásicos

Introdução

Antes de entrarmos nas análises propriamente ditas, apresentaremos alguns conceitos bakhtinianos que orientam nossa reflexão e que têm sido tomados como categorias analíticas para nos referirmos aos processos de produção e de compreensão no âmbito das afasias. Como já apresentado no Capítulo 1, consideramos esses conceitos muito frutíferos para a análise dos dados e para a compreensão do funcionamento integrado e dinâmico da linguagem⁹⁴.

4.2.1 Os conceitos bakhtinianos na análise da linguagem

Iniciamos retomando de Bakhtin a noção de *enunciado*, que o autor elege como unidade básica de análise: trata-se, segundo ele, da “unidade real da comunicação verbal”, seja ela escrita ou falada. Para Bakhtin, não importa o tamanho ou a composição do enunciado, mas, sim, sua existência real na interação dialógica: “desde a breve réplica monolexêmica até o romance ou o tratado científico” (BAKHTIN, 1979, p. 293). É preciso lembrar que, na teoria bakhtiniana, todo enunciado é dialógico, mesmo que o interlocutor só exista virtualmente⁹⁵. Este é um conceito que perpassa toda a teoria bakhtiniana e todos os conceitos advindos dela. Segundo Novaes-Pinto (1999), “esse conceito pode ser aplicado aos dados dos sujeitos afásicos, mesmo àqueles com expressão bastante reduzida e que os modelos formais não dão conta de explicar, já que muitos não podem ser subdivididos em níveis convencionais da língua” (NOVAES-PINTO, 1999b, p. 161).

Além da noção de *enunciado* – e intimamente relacionados a ele – estão dois outros conceitos fundamentais para a apresentação e análise dos dados, sobretudo daqueles que emergem em situações dialógicas. São eles: os conceitos de *acabamento* e de *querer-dizer* – o primeiro, relacionado aos limites do enunciado do ponto de vista do interlocutor e o segundo relacionado à intenção comunicativa do falante (seu *intuito discursivo*), aos sentidos que deseja veicular.

Ao retomar o conceito de *acabamento*, Novaes-Pinto afirma que ele se relaciona “à alternância dos sujeitos falantes vista do interior (...) É como se soubéssemos que o locutor concluiu o que queria dizer, mesmo que ainda não tenha parado de falar” (NOVAES-PINTO,

⁹⁴ Observamos que estes conceitos já foram apresentados e discutidos em Neurolinguística, desde a tese de Doutorado de Novaes-Pinto (1999) e têm orientado as análises em diversos trabalhos do GELEP (CAZAROTTI-PACHECO, (2012); MAZUCHELLI (2012); FUGIWARA (2013); OLIVEIRA (2015) e LIMA (2017), dentre outros.

⁹⁵ Mesmo a internalização dos signos exteriores só se dá através de um processo que é fundamentalmente dialógico, pelas interações sociais.

1999b, p. 163). Segundo Bakhtin, a noção de *acabamento* está relacionada tanto ao enunciado quanto ao interlocutor:

O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele (por exemplo, executar uma ordem) (...) É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. Não basta que o enunciado seja inteligível no nível da língua. Uma oração totalmente inteligível e acabada, se for uma oração e não um enunciado não poderá suscitar uma reação de resposta: é inteligível, está certo, mas ainda não é um todo. Este todo, indício da totalidade de um enunciado – não se presta a uma definição de ordem gramatical ou pertencente a uma entidade do sentido. A totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de responder (de compreender de modo responsivo) é determinada por três fatores indissociavelmente ligados no todo orgânico do enunciado – 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento (Bakhtin, p. 299 *apud* NOVAES-PINTO, 1999)

Já o conceito de *querer-dizer* estaria mais relacionado ao enunciador, ao seu intuito discursivo. Uma vez que, na interação, percebemos o intuito discursivo de nossos “parceiros da comunicação verbal” (cf. Bakhtin), vamos dando a ele acabamentos, adiantamos sentidos e até mesmo modificamos nossa resposta ou nossa postura. Sobre a relação deste conceito e o contexto das afasias, Novaes-Pinto afirma que

O que Bakhtin chama de querer-dizer ou intuito discursivo determina o todo do enunciado. “Percebemos o que o locutor quer dizer e é em comparação a esse intuito discursivo que mediremos o acabamento do enunciado”. No caso dos afásicos, podemos dizer que muitas vezes damos aos seus enunciados um acabamento, na tentativa de ajudá-los a chegar o mais próximo possível de seu querer-dizer. Muitas vezes, inclusive, precipitamos esse acabamentos (NOVAES-PINTO, 1999a, p. 163).

A autora lembra que todos esses conceitos, apesar de apresentados separadamente, devem ser compreendidos conjuntamente e que todos estão relacionados à forma relativamente estável do gênero discursivo.

Para terminar este item, apresentamos a noção de *excedente de visão*. Uma das mais belas contribuições de Bakhtin para o estudo da linguagem refere-se à capacidade dos sujeitos de estabelecer empatia com os outros; de nos colocarmos no lugar do outro para reconhecer sua dor e suas dificuldades, para, em seguida, retornarmos ao nosso *lugar*.

Novamente transpondo a discussão para o âmbito das afasias, Novaes-Pinto mobiliza este conceito que é, também, ético, em relação aos trabalhos com os sujeitos que estão em sofrimento por causa de uma patologia:

O conceito de excedente de visão contribui para a reflexão a respeito da prática terapêutica com sujeitos afetados por qualquer tipo de patologia. O lugar que ocupamos enquanto interlocutores de sujeitos afásicos ou portadores de demência é, de certa forma, único. Lidamos com esses sujeitos como seres íntegros, inseparáveis de suas dificuldades com a linguagem. Lidamos com seu sofrimento e com sua condição de afásico em uma sociedade que os discrimina, que tira seus empregos e que os fazem calar. Ao mesmo tempo, enquanto profissionais, temos que voltar ao nosso lugar, criar um distanciamento com relação aos sujeitos para que possamos ajudá-los (NOVAES-PINTO, 1999a, p. 173).

Embora esta não seja uma categoria de análise propriamente dita, trata-se de um conceito que está na base de nossa abordagem sobre a linguagem nas afasias, sobretudo por sua natureza ética e dialógica.

4.2.2 Dados e análises de sujeitos afásicos

Começamos a apresentação dos dados dos sujeitos afásicos pelos resultados do experimento do “Quarto Excluído”. Em seguida, passamos para a apresentação de dados de episódios dialógicos nas sessões coletivas do CCA.

4.2.2.1 Respostas dos sujeitos afásicos ao experimento do “Quarto Excluído”

Com relação ao “Método do Quarto Excluído”, apresentaremos, inicialmente, os dados divididos por sujeito e, em seguida, uma reflexão mais geral sobre o que as respostas de todos eles podem nos dizer sobre o funcionamento categorial. Cabe lembrar que, além de analisar se a resposta dada é aquela esperada para um determinado conjunto, é a justificativa do sujeito que dá mais pistas relevantes para que se possa compreender o *processo* de categorização. Outro esclarecimento se faz necessário, uma vez que os processos dialógicos perpassam toda a atividade experimental. Por isso mesmo, além das tabelas que sintetizam as respostas (resultados), serão inseridos excertos de alguns episódios que dão visibilidade aos *processos* de categorização, que é o objeto principal da Neurolinguística que desenvolvemos.

Sujeito MG

MG sempre demonstrou refletir bastante sobre suas dificuldades decorrentes do episódio neurológico. Constantemente, seus enunciados revelavam uma preocupação em descrever a dificuldade para “encontrar palavras”, ao mesmo tempo em que buscava explicitar os “caminhos” que fazia para chegar ao seu querer-dizer.

Quando lhe apresentávamos uma atividade metalinguística, MG mostrava-se sempre disposto a participar, questionando tanto sua aplicação quanto seus resultados. Em geral, queria saber se tinha ajudado na compreensão do fenômeno, não se preocupando muito se tinha acertado as respostas. Seus dados sempre elucidam processos muito interessantes para a

compreensão do funcionamento da linguagem, como buscaremos explicitar ao longo das análises.

De maneira geral, as exclusões feitas por MG mostraram-se dentro do esperado em quase todos os conjuntos. Outro traço interessante desta atividade é que, em geral, ele não tocava nas cartas, como observamos em outros sujeitos. Também vale ressaltar que ele é um dos poucos sujeitos que não reorganizava as cartas, antes de fazer a exclusão. Seguem as respostas relativas ao experimento:

	Categorias:	4º Elemento (esperado)	Resposta dada	Justificativa da exclusão
1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Morango	Não é tão cítrica quanto as outras.
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Tomate	Porque é uma fruta.
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	Meia	Todos os outros começam com a mesma letra.
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	blusa	Inicialmente não tiraria nenhum, mas depois disse que tiraria a <i>blusa</i> porque seria o último a ser colocado.
5	Azul, amarelo, vermelho, roxo	Roxo	Roxo	Entende o roxo como uma variação do vermelho.
6	Círculo, triângulo, quadrado, bola	Bola	Bola	São elementos trigonométricos e a bola é círculo em 3D.
7	Computador, televisão, rádio, máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Rádio	Não usa a visão.
8	Caderno, caneta, lápis, cadeado	Cadeado	Cadeado	Não combina com os outros.
9	Chocolate, bala, brigadeiro, salgadinho	Salgadinho	Salgadinho	Todos os outros são doces.
10	Carne, frango, feijão, geleia	Geleia	Geleia	É doce.
11	Pão, manteiga, café, arroz	Arroz	Arroz	Café da manhã.
12	Pão, manteiga, queijo, café	Café	Café	Café não pode ser colocado no pão.
14	Cerveja, vinho, cachaça, refrigerante	Refrigerante	Refrigerante	Alcoólico e não alcoólico: “álcool e não álcool ou com bolinha e sem bolinha”.
15	Dilma, Lula, Fernando Henrique, Serra	Serra	Serra	Presidentes.
16	Mercúrio, Marte, Vênus, Plutão	Plutão	Plutão	Porque é o mais distante.

17	Brasil, México, Venezuela, Paquistão	Paquistão	Paquistão	América do Sul.
18	Mãe, tio, primo, cunhado	Cunhado	Cunhado	Não é família
19	Lima Duarte, Antonio Fagundes, Marlon Brando, Fabio Assunção	Marlon Brando	Marlon Brando	Não é brasileiro.
20	Cachorro, gato, papagaio, morcego	Papagaio	Morcego	Não é de casa.

Tabela 8: Síntese de respostas para o Método do Quarto Excluído de MG

A partir de suas respostas vemos que, em categorias mais relacionadas ao cotidiano – como em **1, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 14** –, a justificativa de exclusão relaciona-se ou com a sua rotina (como o único elemento que ele veste antes de sair – **Conjunto 4**) ou por meio do “senso comum” (como a exclusão de “salgadinho” – **Conjunto 9**).

Assim como os demais sujeitos, MG “subcategoriza” elementos ou, nos termos da Semântica Prototípica, encontra um traço prototípico para guiá-lo na exclusão. Observamos esta característica já no **Conjunto 1**, quando MG faz uma exclusão baseada no “grau de acidez” da fruta, ao afirmar que “morango” (o elemento retirado) é “menos ácido”⁹⁶. Não se trata, portanto, de excluir o elemento que não apresenta o traço “escolhido” para guiar a exclusão, mas, sim, de retirar aquele que “menos tem” este traço; ou seja, o elemento que lhe parece menos prototípico (ou menos central) na categoria.

No entanto, MG procura traços “gerais”, evitando categorizar a partir de seus gostos pessoais. Podemos pensar que esta diferenciação talvez esteja relacionada: i) à sua íntima relação com a linguagem escrita e sua persistente rotina de leitura, atividade que tem sido relacionada às categorizações mais abstratas por diversos autores (cf. Luria); ii) a uma atividade metalinguística que o sujeito realiza, quando submetido a protocolos experimentais, o que o leva a “racionalizar” a atividade. Esta noção fica clara em enunciados como *Ah, já começa uma sacanagem, ó...*, quando ele se refere à apresentação de “tomate”, (**Conjunto 2**) e “É... esse aqui já complicou um pouquinho... porque eu tenho que ter justificção...” (**Conjunto 4**).

A seguir, apresentamos a transcrição da interação entre a pesquisadora e MG, no momento de avaliação do Conjunto 2:

⁹⁶ Por questões técnicas relativas à gravação, o vídeo do experimento com MG já começa na segunda categoria. O que temos do Conjunto 1 é apenas o que estava escrito na tabela- síntese. Apesar disso, podemos nos lembrar que MG explana sobre o fato de “morango” ser ácido também e que eu, provavelmente, não levei isso em consideração ao fazer a categoria.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	MG	<i>Ah, já começa uma sacanagem, ó. Tomate é... Uma fru:ta</i>	Separando dos demais.
2	Its	<i>Mas porque é uma sacanagem?</i>	
3	MG	<i>Porque as pessoas não sabem que tomate é uma salada... mas não é.</i>	Produz uma troca parafásica entre <i>salada</i> e <i>fruta</i> .
4	Its	<i>Então, mas olha... você está usando...</i>	
5	MG	<i>Se colocasse abacate aqui era mais difícil, porque aqui abacate é fruta e lá fora é salgada... é salada.</i>	Outra parafasia foi produzida pelo sujeito: <i>salgada</i> por <i>salada</i> .
6	Its	<i>Isso, é exatamente... mas a pessoa pode tirar o tomate porque é vermelho... Depende da pessoa...</i>	
7	MG	<i>Na realidade... quando você falou isso... eu esqueci...</i>	
8	Its	<i>{Do tomate...</i>	
9	MG	<i>Eu comecei pelas cores... é verdade... eu comecei pelas cores pra poder chegar lá</i>	

Tabela 9: Transcrição das respostas de MG no conjunto 2

Observamos, neste diálogo que, além de opinar sobre a atividade, MG analisa outros traços tanto de “tomate” quanto de outros elementos como “abacate”, que seriam elementos “estranhos” dentro da categoria, pelos usos cotidianos que deles se faz. Ao ser questionado sobre a possibilidade de outro traço para a exclusão (a cor do tomate, por exemplo), MG afirma que inicialmente utilizou este traço, o que pode indicar que a exclusão foi feita a partir de mais de um traço. Podemos pensar, também, que, ao ler as palavras nos cartões, o sujeito “busca” primeiramente a imagem “mental” relativa ao conceito designado pela palavra e que, provavelmente, os traços distintivos entre os elementos apresentados somente sejam separados no passo seguinte.

A ocorrência de duas parafasias ao longo do processo, a nosso ver, também permite inferir acerca dos processos subjacentes. A primeira delas é quando MG troca “fruta” por “salada”, quando se refere à categoria do “tomate”. A segunda, quando substitui “salada” por “salgada”. No primeiro caso, há uma relação notadamente semântica; já no segundo, além de se configurar como uma parafasia semântica, pode ser compreendida como uma relação metonímica (portanto, sintático-semântica), guiada por conhecimentos pragmáticos. Interessante também observar que há, ainda, enlances fonológicos evidentes. Trata-se de um dado singular dos enlances multidimensionais, como vimos no Capítulo 1, na teoria luriana sobre a complexidade lexical, quanto nos pressupostos da Gramática Funcional que se funda numa abordagem multissistêmica do funcionamento da linguagem.

Apesar de certa estabilidade nas exclusões de MG e de uma certa preponderância de exclusões semanticamente orientadas, podemos observar que, em algumas categorias, o processo de exclusão parece ter sido realizado de acordo com outras características. É o que observamos, também, no **Conjunto 3** (meia, calça, camiseta, cinto): enquanto o elemento esperado era “cinto”, porque não se tratava de uma peça de roupa, MG utiliza como traço distintivo a letra inicial desta palavra e retira “meia”, como vemos no trecho a seguir:

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	MG	Que na realidade, todos aqui você usa... na roupa... Eu posso dizer [rindo] eu tiraria esse só por causa dos "cês".	Retirando o elemento “meia”.
2	Its	<i>Ah, você tiraria a meia porque os outros começam com c?</i>	
3	MG	<i>É a única coisa que eu faria, porque todos eu uso. Inclusive com a meia.</i>	Rindo.

Tabela 10: Transcrição das respostas de MG no Conjunto 3

Aqui, observamos que MG, talvez por utilizar todos os objetos em seu cotidiano, busca um traço distintivo nas palavras escritas e não nos seus significados, um traço muito relevante que a pesquisadora, ao propor a categoria, não havia pensado. É importante observar, no entanto, que este mesmo traço não foi levado em consideração no **Conjunto 8**, que também apresenta um único elemento “lápiz”, que não começa com a letra “c”. Neste caso, MG retira o elemento esperado por uma ausência de relação com os demais: “*Você tem um caderno, aí você coloca uma caneta e um lápis, tic tic tic [barulho de alguém desenhando ou escrevendo]. Agora... o cadeado você não coloca*”.

Observemos agora a exclusão realizada no **Conjunto 4**, bem como o diálogo que ocorre durante o processo de categorização. É importante ressaltar que MG repete várias vezes os elementos da categoria, antes de responder:

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	MG	<i>É... esse aqui já complicou um pouquinho... porque eu tenho que ter justificção...</i>	
2	Its	<i>Mas se eu não pedisse pra você justificar, você ia tirar como? Aleatório?</i>	

3	MG	<i>Eu acho que esse aqui.</i>	Tirando a carta com a palavra “blusa”.
4	Its	<i>A blusa? Por que?</i>	
5	MG	<i>Porque querendo ou não... você tem um sapato... aí você coloca uma meia e depois uma saia... os três aqui... esse aqui só depois... seria o quarto.</i>	Dando a entender que a blusa colocamos por último.

Tabela 11: Transcrição das respostas de MG no Conjunto 4

Interessante observar que, neste caso, MG apega-se à atividade cotidiana de se vestir para fazer a exclusão. Apesar de a ordem entre “sapato” e “meia” ser invertida (colocamos primeiro a meia e depois o sapato), MG justifica que o quarto elemento foi excluído por ser o último a ser colocado, ao se vestir.

A exclusão realizada no **Conjunto 5** também parece interessante, uma vez que mostra a influência que outras línguas que o sujeito conhece (embora não seja fluente) têm no processo de categorização. É preciso, aqui, lembrar que ele relata ter conhecimento também do italiano, quando explica que “rosso” é uma variação do “vermelho”, inclusive exemplificando com a expressão “terra rossa” (“terra vermelha, que em Português se cristalizou como “terra roxa”). O traço distintivo que utilizamos para pensar a exclusão do “roxo” estava relacionado a um conhecimento escolar que divide as cores em primárias, secundárias e terciárias, de acordo com sua composição. MG retira o elemento esperado, mas por uma outra relação, como vimos acima.

Outra exclusão que chama a atenção é a do **Conjunto 12**, por se tratar de hipônimos categoriais. Como podemos observar no recorte do dado a seguir, MG retira o elemento relativo ao que não serve para passar no pão. Esta relação fica ainda mais evidente quando ele afirma que “manteiga” e “queijo” estão *incluídos* no mesmo conjunto de alimentos. Ele afirma que “café” seria diferente dos demais; que seria um “adaptador”.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	MG	Qual seria o motivo? Boa pergunta, hein? Eu particularmente tiraria o café... Porque? Eu ponho manteiga com manteiga.	Apontando para pão e manteiga
2	Its	Pão e manteiga ...	
3	MG	Pão com manteiga... e com queijo... Agora botar pão no café... esses três aqui colocam junto... é incluído... é como se fosse...	
4	Its	Uma coisa só, né?	
5	MG	Ele faz parte, mas é um adaptador, né? É diferente dos outros... mas fora isso... Eu não consegui outra lógica.	

Neste dado, é possível também observar que MG se coloca questões que o ajudam a elaborar uma justificativa para a exclusão, enquanto produz seus enunciados acerca dos elementos. É como se ele realizasse *oralmente* as atividades epilinguísticas que subjazem à produção linguística. Veremos isso, também, em uma atividade com expressões metafóricas, que será vista mais adiante.

No **Conjunto 19**, em que são apresentados atores nacionais e apenas um internacional – esperando-se que este fosse retirado – MG o exclui adequadamente, mas sua justificativa foi a de que a maioria deles trabalhava em uma única emissora. Entretanto, apresenta ainda uma subcategorização, a partir de seus gostos pessoais em relação a cada um dos atores.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciados não-verbais/observações
1	MG	<i>Que é o Fábio?</i>	
2	Its	<i>É um ator novinho, lourinho... que trabalha na Globo.</i>	
3	MG	<i>Ah então eu vou dizer isso por causa disso.</i>	Tirando Marlon Brando.
4	Its	<i>Por que?</i>	
5	MG	<i>Porque trabalha na Globo.</i>	Fazendo cara de desaprovação enquanto diz “globo”.
6	Its	<i>Mas qual você gosta mais desses aqui?</i>	
7	MG	<i>Ah todos. Primeiro eu diria esse... Aí depois eu diria esse... E esse aqui não... Esse queria ser Deus. Tanto que fez um filme.</i>	Pegando “Lima Duarte”. Selecionando “Marlon Brando”. Referindo-se a “Antonio Fagundes”, ator do filme “Deus é brasileiro”.
8	Its	<i>Marlon Brando você conhece?</i>	
9	MG	<i>Ah esse eu conheço da época da... Marlon é aquele cara que fez os filmes... os três da... é... Ele fez o filme do ovo... Desculpa falar...</i>	
10	Its	<i>Ele fez o Poderoso Chefão, não fez?</i>	
11	MG	<i>É esse filme que tem o ovo!</i>	
12	Its	<i>Tem o ovo?</i>	
13	MG	<i>Ah eu vou falar... É a coisa mais horrível que eu já vi quando eu era criança. Porque ela fez... fez sexo com o ovo...</i>	Rindo. Trata-se do filme “Ultimo tango em Paris”.
14	Its	<i>Hum... eu não lembrava disso.</i>	
15	MG	<i>Foi uma coisa que marcou.</i>	
16	Its	<i>Ah, você lembra dele por causa disso?</i>	
17	MG	<i>Não essa foi a parte ruim... a parte boa dele... ele sempre foi um artista que... como mau... ele era muito bom. Quando ele fez o chefão mesmo ele era muito bom.</i>	

18	Its	Muito bom, né?	
----	-----	----------------	--

Tabela 12: Transcrição de respostas de MG para o Conjunto 12

Este episódio, além de ilustrar a dificuldade de MG para encontrar palavras, mostra como ele busca reorganizar sua fala, de modo que seu interlocutor dê *acabamentos* aos seus enunciados e chegue ao seu *querer-dizer*.

Ele tenta chegar ao título do filme “O Poderoso Chefão”, inicialmente dizendo que Marlon Brando fez “os três da...” (turno 9). No final do diálogo, MG retoma essa questão, ao afirmar que o ator ... *como mau... ele era muito bom* ou seja, era um bom ator no papel de vilão, completando com “chefão” no mesmo turno (turno 17)⁹⁷. Há, ainda, uma provável produção parafásica, quando MG diz que o ator “fez sexo com um ovo”. Provavelmente ele refere-se à famosa cena do filme “O Último Tango em Paris”, em que há o uso de *manteiga* em uma das cenas de sexo.

Voltando aos *Conjuntos 16 e 17*, a exclusão está relacionada ao grau de escolarização dos sujeitos e relativa aos conhecimentos específicos sobre astronomia e geografia. Observamos que foram as categorias mais difíceis para todos os sujeitos, com exceção de MG que exclui o elemento esperado nos dois casos, embora a justificativa para o **Conjunto 16** tenha sido diferente da esperada⁹⁸.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	MG	<i>O que eu diria é uma coisa simples ó... primeiro... Mercúrio, depois Marte, depois Vênus e por último Plutão.</i>	
2	Its	<i>Uhum. Por que?</i>	
3	MG	<i>Porque este é o mais longe de todos.</i>	Apontando para Plutão.
	Its	<i>Hum... Ok.</i>	

Tabela 13: Transcrição das respostas de MG no Conjunto 16

Por fim, retomamos brevemente a categorização realizada no **Conjunto 20**, no qual MG faz uma exclusão que, apesar de ser possível, não era a esperada. Esperava-se que ele excluísse “papagaio”, uma vez que não é *Mamífero*, mas assim como outros sujeitos, retirou “morcego”, por não ser *Animal Doméstico*. Este conjunto foi baseado no estudo realizado por Dubois (1983), quando discute elementos que se encontram nas “bordas categoriais” – como é o caso

⁹⁷ Como, para MG, o importante é que o seu querer-dizer seja compreendido, ele não se importa que sua interlocutora não tenha retomado o título do filme (que ela já havia dito acima), mas é relevante que ela compreenda de que filme se trata.

⁹⁸ Em alguns casos, nenhum elemento foi excluído do conjunto 16. A dificuldade foi encontrada na hora de se formar a categoria – uma vez que a exclusão de Plutão da lista de *planetas do sistema solar*, além de recente, é muito controversa para os amantes da astronomia.

de “morcego”, que sempre causa a dúvida de ser um *Mamífero* ou um *Pássaro*. Em uma categorização clássica, no entanto, “papagaio” não deveria integrar a categoria *Animais Domésticos*, uma vez que se trataria de um *Animal Silvestre*. Esta classificação é feita pelos sujeitos porque é comum, no Brasil, a criação doméstica de papagaio. MG consegue excluir os elementos de todos os 20 conjuntos, apesar de oferecer justificativas singulares e primordialmente baseadas em sua experiência em apenas três grupos (**Conjuntos 4, 5 e 8**).

Segundo Coudry (1986/1988), são justamente essas características presentes nas afasias que deixam entrever aspectos do funcionamento linguístico-cognitivo como se estivessem sendo mostrados em câmera lenta, o que não é sempre possível de se observar no seu funcionamento “normal”, ou seja, fora das patologias.

Sujeito BS

Até pouco tempo atrás, BS era o sujeito mais jovem do Grupo 3 do CCA, onde chegou no auge dos seus 25 anos, deixando a todos muito perplexos. Estava ainda na faculdade quando sofreu um AVC e ficou afásico. Uma das características de sua afasia é a dificuldade de encontrar palavras e a substituição de palavras na leitura, caracterizada como *paralexia* (SOUZA-CRUZ e BOCCATO, 2017).

BS vem mostrando grande melhora nos últimos tempos – tanto na fala, quanto na escrita, além da motricidade. Podemos pensar que isso se deve, tanto aos processos de plasticidade, por tratar-se de um cérebro “jovem”, como pelo trabalho de linguagem realizado no CCA, em especial nas sessões individuais, que privilegiam atividades de leitura e escrita. A retomada dessas questões, a nosso ver, são importantes para compreender as respostas do sujeito ao experimento, ou seja, como todas essas características influenciam a forma como ele exclui os elementos, o que fica muito evidente no **Conjunto 19**.

Outra característica que pode ser observada em grande parte dos conjuntos é a justificativa da exclusão pelo seu não-pertencimento à categoria, como ocorre nos **Conjuntos 2, 7, 9, 14, 15, 16, 18, 20**.

Vale a pena ressaltar também que BS manuseia as cartas, reorganizando-as, para excluir os elementos – às vezes unindo três, às vezes duas. Assim como nos demais sujeitos, também observamos exclusões baseadas em sua experiência, apesar de prevalecer o trabalho com os traços abstratos.

	Categorias:	4º Elemento	Resposta dada	Justificativa da exclusão

1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Morango	São cítricos e morango não é cítrico.
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Agrião	Agrião não é salada. Não come agrião.
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	Camiseta	A camisa é na parte de cima do corpo.
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	Não tiraria nenhum	Porque todos vestem.
5	Azul, amarelo, vermelho, roxo	Roxo	Roxo	Cores primárias.
6	Círculo, triângulo, quadrado, bola	Bola	Bola	Não sabe explicar, mas chega a palavra geometria após ajuda da interlocutora.
7	Computador, televisão, rádio, máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Máquina fotográfica	É menos necessário.
8	Caderno, caneta, lápis, cadeado	Cadeado	Cadeado	Artigos de papelaria.
9	Chocolate, bala, brigadeiro, salgadinho	Salgadinho	Chocolate	Porque são elementos de festa de criança. E o chocolate não.
10	Carne, frango, feijão, geleia	Geleia	Geleia	Não é comida.
11	Pão, manteiga, café, arroz	Arroz	Arroz	“É o café [referindo-se a café da manhã]. E arroz é o almoço”
12	Pão, manteiga, queijo, café	Café	Manteiga	Coloca queijo no pão.
14	Cerveja, vinho, cachaça, refrigerante	Refrigerante	Refrigerante	Não é alcoólico.
15	Dilma, Lula, Fernando Henrique, Serra	Serra	Dilma	Não foi uma boa governante
16	Mercúrio, Marte, Vênus, Plutão	Plutão	Plutão	Não é mais planeta.
17	Brasil, México, Venezuela, Paquistão	Paquistão	Paquistão	América
18	Mãe, tio, primo, cunhado	Cunhado	Cunhado	Cunhado não é tão parente
19	Lima Duarte, Antonio Fagundes, Marlon Brando, Fabio Assunção	Marlon Brando	Fabio Assunção	Fábio Assunção é novo e os outros são antigos.

20	Cachorro, gato, papagaio, morcego	Papagaio	Morcego	Não é de casa
----	-----------------------------------	----------	---------	---------------

Tabela 14: Síntese das respostas de BR no Método do Quarto excluído

No **Conjunto 2**, BS demonstra certa dificuldade para retirar o elemento esperado (“tomate”), o que foi muito influenciado pelo fato de não conhecer *agrião*, tanto é que, primeiro, ele afirma que “agrião” não é salada e, em seguida, ao ser questionado pela interlocutora, modifica sua justificativa, dizendo que não come esta verdura – e que, portanto, não sabe como é feita.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	Its	<i>Não é salada? Como faz agrião? Eu não sei...</i>	
2	BS	<i>Eu também não como, então...</i>	
3	Its	<i>Ah, entendi. É porque você não come.</i>	

Tabela 15: Transcrição das respostas de BR dadas no Conjunto 2

Já no **Conjunto 3**, percebemos que a exclusão esperada pela pesquisadora era de “cinto”, por não ser uma roupa. Esta dificuldade de BS, como veremos, também ocorreu com todos os outros sujeitos, como veremos. Mesmo quando “cinto” é excluído – como veremos em TR – essa exclusão está mais relacionada ao uso do elemento do que à categoria à qual pertence. Podemos pensar que a abstração do traço desejado não foi, portanto, realizada. BS exclui “camisa” em relação à parte do corpo (superior ou inferior) em que os itens nomeados são usados.

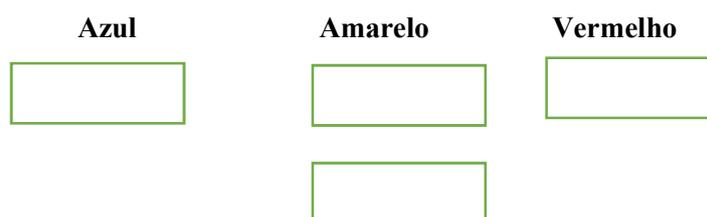
Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	BS	<i>Porque o cinto.... a calça, o cinto e a meia é em cima digamos...</i>	<i>Faz sinal de negativo com a cabeça</i>
2	Its	<i>Como você usa? A camiseta por baixo?</i>	<i>Referindo-se ao fato de BR sempre utiliza uma camiseta em baixo da camisa.</i>
3	BS	<i>Não... porque assim... A meia... calça... e o cinto... é... é... Calma... calma que eu vou explicar.</i>	<i>Mostrando esses elementos na sua roupa.</i>
4	Its	<i>Eu não duvido. E eu não tenho pressa...</i>	
5	BS	<i>É... embaixo do... corpo...</i>	<i>Apontando para a parte de baixo do seu corpo.</i>
6	Its	<i>Ah, na parte debaixo do corpo?</i>	
7	BS	<i>A camisa é... em.. cima</i>	

Tabela 16: Transcrição das respostas de BR no Conjunto 4

Observamos também neste episódio a produção de uma parafasia, ao trocar “cima” por “baixo”. BS, no entanto, consegue refazer seu enunciado, mas não sem antes pedir tempo para sua interlocutora. Mais uma vez, chamamos a atenção para o fato de que nas atividades

dialógicas há, além da colaboração entre os interlocutores, um contexto que propicia a reorganização do enunciado.

No **Conjunto 5**, chama a atenção a forma como BS maneja as cartas para fazer a exclusão. As cartas foram dispostas na mesa na configuração padrão, apontada no *Capítulo 3*. Antes de retirar a carta referente à palavra “roxo”, ele as reorganiza da seguinte maneira, e produziu *Azul, amarelo, vermelho... Primárias... Esse [mostrando a carta com “roxo”] ... secundária*.



Outro grupo que chama atenção é o do **Conjunto 11**. Apesar de inicialmente parecer que não sabe do que se trata, BS afirma estar com a palavra “na ponta da língua” e, por fim, faz – na mesa, com o dedo – o contorno da letra “G”. Assim como na categoria anterior, BS também reorganiza as cartas, puxando para si aquela com a palavra a ser excluída. Desta vez, inserimos o trecho em que este dado emerge:

	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	BS	<i>Quadrado, triângulo, círculo é... um... grupo de... de... Calma aí... Vou explicar... Eu não sei explicar... Eu sei...</i>	
2	Its	<i>Você lembra o termo da escola? Você quase... Em que disciplina você aprende isso aqui? Em que aula?</i>	
3	BS		[fica em silêncio e olha pensativo para Its]
4	Its	<i>É na aula de matemática, mas tem um nome específico. Você lembra esse nome específico?</i>	
5	BS		Faz sinal de “não” com a cabeça
6	Its	<i>Fugiu a palavra?</i>	
7	BS	<i>É... Está... Está na ponta da língua, mas não sai.</i>	<i>Abaixa a cabeça pensativo</i>
8	Its	<i>Você lembra com que letra começa?</i>	
9	BS		<i>Desenha a letra G na mesa</i>
10	Its	<i>G? Ge...o...</i>	<i>E</i>
11	BS	<i>Geometria?</i>	
12	Its	<i>Isso, geometria</i>	

Tabela 17: Transcrição das respostas de BR no Conjunto 11

No **Conjunto 8**, BS exclui corretamente e, mais uma vez, temos uma justificativa que mostra a inserção dos elementos em uma categoria e a exclusão da palavra por se tratar de

“outra coisa” (turno 3). Há também a produção de uma parafasia fonético-fonológica, no turno 5, que indicia o momento em que ele está “buscando” a palavra.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	BS	<i>Caderno, lápis, caneta... Calma... respira...</i>	<i>{suspiro}. Abaixa a cabeça</i>
2	Its	<i>Caderno... lápis... ca...</i>	
3	BS	<i>Caneta... é uma coisa. Cadeado é outra coisa...</i>	
4	Its	<i>Ok. Mas se você tivesse que dar um nome só pra essas três coisas... Que nome você daria? Se você fosse colocar isso em um mercado... tem aqueles nomes de sessão, né? Você colocaria como?</i>	
5	BS	<i>Artigos de pape:ta... pape... laria.</i>	
6	Its	<i>Já pode trabalhar no mercado.</i>	

Tabela 18: Transcrição das respostas de BR no Conjunto 8

No **Conjunto 17**, BS também denomina “América do Sul”, mas, em seguida refaz o percurso e diz apenas “América”. Já no **Conjunto 19**, BS não consegue retirar nenhuma palavra porque não conhece um dos atores (Marlon Brando). Também faz quase todas as exclusões e, geralmente, de acordo com o esperado.

Observemos, agora, como o sujeito AC categoriza de modo muito singular, principalmente com relação às categorias mais abstratas.

Sujeito AC

De todos os sujeitos participantes do experimento, AC é aquele que apresenta maior estabilidade no tipo de enlace que faz, para todas as categorias: o enlace *afetivo*. Segundo Luria, os enlaces deste tipo são os primeiros a se formar e estão na base das categorizações, geralmente mais inibidos nos sujeitos não-afásicos. Veremos, ao final deste capítulo, que as características das lesões frontais podem explicar parcialmente as dificuldades com os processos mais abstratos de categorização, já que impacta a função reguladora da linguagem (cf. Vygotsky).

	Categorias:	4º Elemento	Resposta dada	Justificativa da exclusão
1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Limão	Porque o limão é muito azedo.
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Agrião	Porque faz tempo que não come.
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	camiseta	Muito tempo que não usa..
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	meia-calça	É só para mulheres.

5	Azul, amarelo, vermelho, roxo	Roxo	Roxo	Porque é “cor de defunto”.
6	Círculo, triângulo, quadrado, bola	Bola	Quadrado	Porque ele é um cara meio quadrado.
7	Computador, televisão, rádio, máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Computador	Porque ensina muita coisa ruim.
8	Caderno, caneta, lápis, cadeado	Cadeado	caneta	Porque não gosta de escrever com caneta.
9	Chocolate, bala, brigadeiro, salgadinho	Salgadinho	bala	Porque gruda na dentadura.
10	Carne, frango, feijão, geleia	Geleia	frango	Porque ele não aguenta mais comer frango
11	Pão, manteiga, café, arroz	Arroz	café	Porque ele não toma café
12	Pão, manteiga, queijo, café	Café	café	Tira porque não toma
14	Cerveja, vinho, cachaça, refrigerante	Refrigerante	Cachaça	Porque é boa.
15	Dilma, Lula, Fernando Henrique, Serra	Serra	Lula	Porque ele não presta.
16	Mercúrio, Marte, Vênus, Plutão	Plutão	-----	Não sabia do que se tratava.
17	Brasil, México, Venezuela, Paquistão	Paquistão	Paquistão	Porque mata muita gente
18	Mãe, tio, primo, cunhado	Cunhado	Cunhado	Tirou o cunhado porque não gosta do genro.
19	Lima Duarte, Antonio Fagundes, Marlon Brando, Fabio Assunção	Marlon Brando	Marlon Brando	Porque é muito malandrão.
20	Cachorro, gato, papagaio, morcego	Papagaio	Papagaio	Não é mamífero.

Tabela 19: Síntese das respostas de AC no Método do Quarto Excluído

Como podemos observar nas justificativas dadas por AC, o sujeito baseou-se, em quase todas as categorias, em enlances afetivos (as exceções são os **Conjuntos 4 e 20**), seja em relação a uma *comida*, um *objeto* do qual gosta ou uma *característica de sua personalidade*. Nota-se, ainda, que ele não conseguiu responder ao **Conjunto 16**.

Outra característica comum, ao longo da avaliação de AC, foi que ele sempre continuava a reflexão com uma narrativa pessoal, após terminar a exclusão do elemento, como no exemplo abaixo:

	<i>Interlocutor</i>	<i>Enunciado verbal</i>	<i>Enunciado não-verbal</i>
1	Its	<i>O senhor come geleia?</i>	
2	AC	<i>Quando a mulher faz.</i>	
3	Its	<i>Ah, sua esposa faz? E o senhor come quando geleia? De manhã, no meio do dia...</i>	

4	AC	<i>De domingo. Esse domingo ela fez um doce também... veio meus netos e comeram tudo... quase me deixaram sem nada.</i>	Rindo
5	Its	<i>E qual o doce que ela fez? O senhor lembra?</i>	
6	AC	<i>Não lembro o nome.</i>	
7	Its	<i>Pudim.... Faz com o quê?</i>	
8	AC	<i>Leite condensado... leite moça... limão...</i>	
9	Its	<i>Ah, mousse!</i>	
10	AC	<i>E um tantinho assim de leite.</i>	Mostra com os dedos.
11	Its	<i>Ela faz mousse?</i>	
12	AC	<i>É quase um mousse.</i>	
13	Its	<i>Se fosse mousse eu ia lá comer um pedaço.</i>	

Tabela 20: transcrição de diálogo de AC durante aplicação do experimento

É interessante observar, também, que no **Conjunto 6**, AC retira “quadrado” baseando-se em um significado metafórico do termo – mais uma vez relacionando a resposta a uma característica que julga ser sua: “sou muito quadrado”. No mesmo conjunto, AC relaciona outros elementos a experiências pessoais, inclusive quando afirma que “ia muito ao *círculo*”. Ele também afirma que “gostava muito de bola”.

Podemos considerar que AC cumpriu a tarefa, embora de forma bastante idiossincrática. Pelas justificativas dadas, foi possível inferir sobre o caminho que ele percorreu para retirar os elementos em praticamente todos os conjuntos. Do ponto de vista da Semântica prototípica, podemos pensar que o que AC “elege” como prototípico é o elemento com o qual ele se relaciona afetivamente em maior grau.

Sujeito JM

Uma das características mais marcantes da afasia de JM é a dificuldade de encontrar palavras – uma de suas principais queixas de forma objetiva – e a produção de parafasias. O sujeito se irrita bastante com isso e, não raramente, acaba por desistir de dizer o que gostaria⁹⁹. Com relação ao experimento, suas respostas foram, em alguns casos, interpretadas a partir de pistas verbais e não-verbais. Suas respostas também apresentaram bastante produção de parafasias.

Apesar de estar claro para nós que JM compreendeu a atividade, em muitos casos ele retira mais de um elemento do conjunto. Ele também une as cartas antes de decidir qual seria o elemento de exclusão, em geral juntando pares que pareciam ser os menos característicos da

⁹⁹ Com este sujeito, especificamente, pensamos, em um primeiro momento, em fazer o experimento com imagens em vez de palavras, uma vez que ele afirma, constantemente, que não consegue ler. Entretanto, decidimos proceder com ele assim como com os demais e percebemos que ele não tinha dificuldades para ler as palavras de forma isolada. Muitas vezes, ele lia as palavras antes mesmo da interlocutora.

categoria; depois ele excluía o menos parecido com os demais dentre os outros dois elementos. Ficou claro que ele utiliza uma escala de “avaliação” entre os quatro elementos; uma espécie de subcategorização, enquanto realiza a atividade.

	Categorias:	4º Elemento	Resposta dada	Justificativa da exclusão
1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Morango	São ácidas
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Tomate	Porque ela é outra coisa
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	Cinto	São roupas
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	sapato	Diferente dos outros. Não vem nenhuma palavra .
5	Azul, amarelo, vermelho, roxo	Roxo	roxo	Não sabe explicar o porquê.
6	Círculo, triângulo, quadrado, bola	Bola	triângulo	É diferente
7	Computador, televisão, rádio, máquina fotográfica	Máquina fotográfica	computador	Porque é a mesma coisa dos outros
8	Caderno, caneta, lápis, cadeado	Cadeado	cadeado	trabalhar, estudar
9	Chocolate, bala, brigadeiro, salgadinho	Salgadinho	Salgadinho	Porque esse é salgada
10	Carne, frango, feijão, geleia	Geleia	Feijão	Não é carne. Depois tira geleia.
11	Pão, manteiga, café, arroz	Arroz	Manteiga	Deixa arroz e pão porque os dois são de comer... Diz que não come muita manteiga.
12	Pão, manteiga, queijo, café	Café	Manteiga	Porque gosta muito dos outros
13	Cerveja, vinho, cachaça, refrigerante	Refrigerante	cachaça	Porque é bom demais da conta.
14	Dilma, Lula, Fernando Henrique, Serra	Serra	Serra	Não foi presidente
15	Mercúrio, Marte, Vênus, Plutão	Plutão	0	Não sabia do que se tratava

16	Brasil, México, Venezuela, Paquistão	Paquistão	Brasil	Porque é o país dele
17	Mãe, tio, primo, cunhado	Cunhado	Mãe	É a mais importante de todos.
18	Lima Duarte, Antonio Fagundes, Marlon Brando, Fabio Assunção	Marlon Brando	Lima Duarte	Porque é o melhor de todos.
19	Cachorro, gato, papagaio, morcego	Papagaio	não conseguiu tirar	não soube fazer.

Tabela 21: Síntese das respostas de JM para o Método do Quarto Excluído

Exemplos do que vínhamos dizendo aparecem no **Conjunto 2**, em que JM une os elementos de acordo com a combinação de salada que come. Optamos por transcrever um diálogo extenso que nos parece revelar suas estratégias e dão indícios de processos subjacentes à categorização.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	JM	<i>Essa aqui com essa aqui.</i>	Juntando as duas primeiras
2	Its	<i>Tomate com alface...</i>	
3	JM	<i>E essa aqui com essa aqui.</i>	Juntando as duas últimas
4	Its	<i>E rúcula com agrião...</i>	
5	JM	<i>Essas duas... A mesma coisa...</i>	
6	Its	<i>São todas iguais?</i>	
7	JM	<i>Não essas duas daqui é...</i>	
8	Its	<i>O senhor gosta dessas duas?</i>	
9	JM	<i>Eu gosto de tudo!</i>	
10	Its	<i>E o senhor gosta dessas duas juntos? É isso?</i>	
11	JM	<i>Uhum. E essas duas aqui? Que que...</i>	Confirmando
12	Its	<i>Alface e tomate.</i>	
13	JM	<i>Essa daqui já não é...</i>	
14	Its	<i>O que essa aqui não é?</i>	
15	JM	<i>Não pera qui... deixa eu ver...</i>	Juntando alface com agrião e rúcula
16	Its	<i>Alface, agrião e rúcula...</i>	Its relê as cartas para ele
17	JM	<i>E essa daqui já num... num...</i>	
18	Its	<i>Qual o senhor tiraria?</i>	
19	JM	<i>Tirar esse.</i>	Retirando o tomate
20	Its	<i>Essa daqui? Por que?</i>	
21	JM	<i>Por causa das duas... diferente.</i>	Aponta para as três outras cartas
22	Its	<i>Ela tem alguma coisa que é diferente dessas outras aqui?</i>	
23	JM	<i>É...</i>	
24	Its	<i>O que essas daqui são? Ou o que essa aqui é?</i>	Apontando para a carta "tomate"
25	JM	<i>Eu sei... tem..</i>	

		<i>Essa daqui é diferente das outras ó... aqui.</i>	Fazendo um movimento com a mão como se afastasse uma coisa de outra
26	Its	<i>Eles são do mesmo grupo? Eles são do mesmo grupo de comida?</i>	
27	JM	<i>As duas... as duas coisas... eu gosto...</i>	Rindo
28	Its	<i>O senhor gosta mesmo de verdura?</i>	
29	JM	<i>Gosto (...) Então vamos...</i>	
30	Its	<i>Olha, tenta usar uma palavra pra falar dessas três.</i>	
31	JM	<i>Então... é por isso que eu não vou...</i>	Apontando para a boca
32	Its	<i>Ver...</i>	Prompting sonoro
33	JM	<i>Uhum.</i>	Confirmando o prompting da interlocutora
34	Its	<i>Essa palavra que o senhor quer lembrar? Elas são ver...</i>	
35	JM	<i>Verde. Não...</i>	
36	Its	<i>As três são verdes, mas elas são ver... verdu...</i>	
37	JM	<i>Dura... Dura. Verdura.</i>	
38	Its	<i>É essa palavra que o senhor quer lembrar?</i>	
39	JM	<i>Isso.</i>	
40	Its	<i>E essa aqui é verdura? Tomate é verdura?</i>	Apontando para a carta “tomate”
41	JM	<i>Não é... f:.</i>	
42	Its	<i>Fru...</i>	
43	JM	<i>Ta. É esse mesmo. Lugar... Isso.</i>	Provavelmente uma troca parafásica.
44	Its	<i>Uhum, muito bem.</i>	

Tabela 22: Transcrição das respostas de JM no Conjunto 2

Observamos que JM junta as verduras (e a fruta), de acordo com a combinação de salada que ele costuma comer. A interlocutora, ao perceber esta divisão, pergunta por que ele a faz. Após responder a Its, JM continua a atividade por conta própria, o que fica claro quando enuncia “então vamos” (turno 29). Ele retira o termo esperado (“tomate”) e consegue justificar corretamente. Neste excerto, pode-se observar, também, a produção de parafásias, como verde-verdura (turno 35) e lugar-fruta (turno 43).

Observamos, também, que ele consegue distinguir o elemento que deveria ser excluído e que, de fato, pertence à categoria *Fruta*. Ele afirma tratar-se de “outra coisa”. O mesmo é observado nos **Conjuntos 6 e 7**. Entretanto, JM também faz algumas exclusões que não consegue justificar. É o caso dos **Conjuntos 4, 5 e 6**. No **Conjunto 5**, ele afirma: “Eu não sei porque, mas sei que é essa”.

Outra categorização interessante é a do **Conjunto 8**, no qual JM agrupa, inicialmente, os elementos “lápiz” e “caneta”. Ele une as cartas e depois integra a esta dupla o cartão contendo a palavra “caderno”. Ele parece fazer uma aproximação funcional (os dois servem para

escrever) e, posteriormente, coloca o outro elemento do mesmo campo semântico, excluindo “cadeado”.

A organização realizada no **Conjunto 7** também parece muito interessante. Inicialmente, JM junta as cartas contendo as palavras “rádio” e “televisão” e depois as agrupa com a carta da palavra “computador”. Primeiro ele exclui “máquina fotográfica”, mas, em seguida, tira “computador”, afirmando que é porque “é a mesma coisa dos outros”. Podemos pensar que esta justificativa vem do fato de ele poder assistir televisão, ouvir música e tirar fotos pelo computador. Ou seja, porque é utilizado para realizar todas as outras funções. Quando a interlocutora pergunta de qual dos aparelhos JM gosta mais, ele afirma que gosta tanto de televisão, quanto de rádio e, depois, de computador. A máquina fotográfica seria a última. Trata-se, portanto, de escolhas baseadas em enlaces afetivos, de caráter simpráxico.

Outro exemplo de exclusão feita por enlaces afetivos refere-se ao **Conjunto 9** (“chocolate”, “bala”, “brigadeiro” e “salgadinho”):

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	Its	<i>O que que estes são e esse aí não é?</i>	
2	JM	<i>Salgo... não...</i>	
3	Its	<i>Salgo... Salga...</i>	
4	JM	<i>Da. Isto! É!</i>	
5	Its	<i>Esse é salgada e esses outros aqui... O que eles são?</i>	
6	JM	<i>Gostoso.</i>	Todos riem

Tabela 23: Transcrição das respostas de JM no Conjunto 8

Como dito anteriormente, JM produz muitas parafasias e paralexias em seus enunciados¹⁰⁰. No diálogo abaixo, referente ao **Conjunto 11**, apresentamos um trecho em que alguns dos enlaces são mais notadamente fonológicos, como já observado em algumas trocas dos dados anteriores (verde-verdura):

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	Its	<i>O que está escrito aqui? A...</i>	
2	JM	<i>Água. Não...</i>	Corrigindo-se
3	Its	<i>A... Arroz.</i>	
4	JM	<i>Ar:: Arrois.</i>	
5	Its	<i>E esse daqui é..</i>	
6	JM	<i>Água.</i>	
7	Its	<i>Ca...</i>	

¹⁰⁰ JM foi um dos sujeitos de minha dissertação de mestrado e um dos seus enunciados deu origem ao título do trabalho: *Em briga de marido e mulher, ninguém mete...o garfo.*

8	JM	<i>Café.</i>	
---	----	--------------	--

Tabela 24: Transcrição das respostas de JM no Conjunto 11

Ao tentar produzir “arroz”, JM produz “água”. Em seguida, ele lê “café” e produz, mais uma vez, “água” (turno 6). Esta segunda enunciação parece ter sido causada por uma perseveração, após ele ter selecionado equivocadamente o termo da primeira vez.

Ele também produz outra parafasia ao ser perguntado quando consome os alimentos do **Conjunto 12**, ao que responde que são alimentos do café da manhã:

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	Its	<i>Quando o senhor come isso?</i>	
2	JM	<i>Quando eu levantei</i>	

Tabela 25: Transcrição das respostas de JM no Conjunto 12

JM apresentou maiores dificuldades em algumas categorias, como nos **Conjuntos 15 e 16**, mais relacionadas à categorização influenciada pela escolarização.

Sujeito SR

SR é um dos sujeitos que participam há mais tempo do CCA. Mesmo depois do AVC e com todas as dificuldades que a afasia lhe trouxe, mantém o hábito de assistir e ler jornal. Segundo ele, esporadicamente, também vê notícias pela internet, auxiliado por sua filha. Este dado nos parece importante para a discussão sobre a influência das práticas de letramento para a organização categorial¹⁰¹. Podemos perceber que SR consegue fazer exclusões muito prototípicas, aproximando-se das respostas esperadas pela pesquisadora, embora haja algumas dificuldades para justificar como agrupou os elementos. A seguir, um trecho que julgamos exemplificar as operações epi- e metalinguísticas que SR realiza enquanto categoriza.

	Categorias	4º. Elemento	Resposta dada	Justificativa da exclusão
1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Morango	Diferente das demais
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Tomate	É diferente das outras.
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	Saia	Roupa de mulher
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	-----	Não registrado

¹⁰¹ Na compilação de respostas desse sujeito, alguns conjuntos não foram gravados devido a problemas técnicos no equipamento que estava sendo usado, principalmente a partir do Conjunto 15 a 20.

5	Azul, amarelo, vermelho, roxo	Roxo	-----	Não tira nenhuma porque são todas as mesmas coisas
6	Círculo, triângulo, quadrado, bola	Bola	Bola	São elementos geométricos.
7	Computador, televisão, rádio, máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Tudo a mesma coisa.
8	Caderno, caneta, lápis, cadeado	Cadeado	Cadeado	Uso diferente dos demais objetos
9	Chocolate, bala, brigadeiro, salgadinho	Salgadinho	Salgadinho	Os outros são doces
10	Carne, frango, feijão, geleia	Geleia	Geleia	Os outros parecem mais entre si- principalmente carne e frango
11	Pão, manteiga, café, arroz	Arroz	Arroz	Não combina com os demais
12	Pão, manteiga, queijo, café	Café	Manteiga	Queijo é mais nutritivo do que a manteiga
14	Cerveja, vinho, cachaça, refrigerante	Refrigerante	Refrigerante	Família dos alccolicos

Tabela 26: Síntese das respostas de SR no Método do Quarto Excluído

Há justificativas bastante genéricas, como **nos Conjuntos 1, 2, 3, 7, 8 e 10**, para os quais não há a nomeação dos termos esperados. Pode-se inferir, entretanto, que SR compreendeu a atividade, o que fica mais claro no **Conjunto 10**, quando, após dizer que deve excluir “geleia”, porque os outros elementos parecem mais entre si, “principalmente o frango e a carne”. Depois oferece mais uma explicação, ao afirmar que “geleia é doce”.

Outra característica que podemos apontar é o uso do termo “família” para designar alguns conjuntos (como nos **Conjuntos 2 e 14**). Diz: “Aqui tudo é família [apontando para as verduras]. Aqui é diferente [apontando para a carta contendo a palavra “tomate”]”.

Por fim, chamamos a atenção para a exclusão feita no **Conjunto 9**, quando inicialmente SR exclui o termo “bala”, afirmando que é porque não gosta (um enlace mais afetivo). Entretanto, em seguida, retira o termo esperado – “salgadinho” –, justificando que todos os outros são doces. SR percebe que há um “princípio” mais abstrato que era previsto para a atividade e o mobiliza para fazer a exclusão.

Sujeito MA

MA, uma senhora afásica, conseguiu excluir a maior parte dos elementos dos conjuntos, mas tanto suas respostas, quanto suas justificativas, não são as esperadas, o que torna difícil afirmar qual tipo de enlace prevalece, embora nos pareça serem também os afetivos. Vamos aos dados:

	Categorias	4º. Elemento	Resposta dada	Justificativa da exclusão
1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Morango	“Não tem ainda assim... É melhor”.
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Tomate	Salada que mais come.
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	Cinto	Coloca-se em cima da calça.
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	Nenhum	Opta por não tirar nenhum.
5	Azul, amarelo, vermelho, roxo	Roxo	Azul	Porque é uma cor que ela gosta bastante.
6	Círculo, triângulo, quadrado, bola	Bola	Bola	Responde em uma única palavra: “chute”
7	Computador, televisão, rádio, máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Televisão	É o único dentre todos que ela usa.
8	Caderno, caneta, lápis, cadeado	Cadeado	Caneta	“Escreve”
9	Chocolate, bala, brigadeiro, salgadinho	Salgadinho	Chocolate	“Mais... uma delícia!”
10	Carne, frango, feijão, geleia	Geleia	Frango	Tem mais proteína.
11	Pão, manteiga, café, arroz	Arroz	Arroz	Arroz sustenta mais
12	Pão, manteiga, queijo, café	Café	Queijo.	Gosta bastante de queijo
14	Cerveja, vinho, cachaça, refrigerante	Refrigerante	Vinho.	É a bebida preferida dela.
15	Dilma, Lula, Fernando Henrique, Serra	Serra	Não tira nenhum	Acha difícil
17	Mercúrio, Marte, Vênus, Plutão	Plutão	Nenhum	Não sabe do que se trata
18	Brasil, México, Venezuela, Paquistão	Paquistão	Brasil	Tem mais coisa boa
19	Mãe, tio, primo, cunhado	Cunhado	Tio Primo	Primeiro tira “tio” e depois “primo”, mas não sabe explicar por que.
20	Lima Duarte, Antonio Fagundes, Marlon Brando, Fabio Assunção	Marlon Brando	Fabio Assunção	É mais da televisão: “ele é muito tela, né?”
21	Cachorro, gato, papagaio, morcego	Papagaio	Não soube dizer	

Tabela 27: Síntese das respostas de MA no Método do Quarto Excluído

Excluindo-se os três conjuntos que não foram completados (**Conjuntos 15, 16 e 18**), há, praticamente, o mesmo número de conjuntos que podemos perceber que foram excluídos por enlaces afetivos (**Conjunto 01, 02, 05, 07, 09, 12 e 14**), mais ligados à sua experiência prática (de caráter simpráxico) do que por relações mais abstratas. (**Conjunto 03, 06, 08, 10, 11, 18 e 20**). No **Conjunto 19**, inicialmente retira “tio” e, posteriormente, “primo”. Outra interessante exclusão é a que faz no **Conjunto 14**: MA não esperou que a pesquisadora colocasse as demais e já retirou a palavra “vinho”, segundo ela sua bebida preferida. Podemos afirmar que ela não excluiu o termo que não se encaixava na categoria, porque nem mesmo sabia quais eram os demais.

Apesar de MA apresentar dificuldades para manter a atenção voluntária nos encontros do CCA, esta parece não ter influenciado suas escolhas no experimento, embora tenha demonstrado, em certo momento, uma perda de interesse pela atividade, já no final da sessão. Curiosamente, esta dificuldade passa a ocorrer no momento em que ela não consegue responder (**Conjuntos 15 e 16**), o que dificulta a realização da tarefa metalinguística. Na semiologia de Luria, trata-se de uma afasia dinâmica, em que a lesão frontal causa problemas com a atenção voluntária, dentre outros sintomas.

Sujeito TR

Como já apontado, TR apresenta uma fala muito reduzida, caracterizada por seu estilo telegráfico, às vezes constituída por uma única palavra e pela ausência de elementos funcionais¹⁰². Vejamos como ela procede à categorização.

	Categorias	4º. Elemento	Resposta dada	Justificativa da exclusão
1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Mexerica	Dá pra fazer suco com as demais.
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Agrião	Porque as folhas são pequenas.
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	Cinto	Orlando usa.
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	Meia-calça	Não usa.
5	Azul, amarelo, vermelho, roxo	Roxo	Vermelho	Não gosta de vermelho.
6	Círculo, triângulo, quadrado, bola	Bola	Triângulo	Porque parece a esponja de lavar roupas.

¹⁰² Acerca dos enunciados de estilo telegráfico de TR, ver Lima (2017).

7	Computador, televisão, rádio, máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Não gosta/não sente necessidade.
8	Caderno, caneta, lápis, cadeado	Cadeado	Cadeado	Usa para outra coisa, em outro contexto.
9	Chocolate, bala, brigadeiro, salgadinho	Salgadinho	-----	Não tira nenhum porque todos são bons.
10	Carne, frango, feijão, geleia	Geleia	Carne	Prefere o frango
11	Pão, manteiga, café, arroz	Arroz	Arroz	Não combina com os demais
12	Pão, manteiga, queijo, café	Café	Manteiga	Queijo é mais nutritivo do que a manteiga
14	Cerveja, vinho, cachaça, refrigerante	Refrigerante	Refrigerante	Família dos alcoólicos
15	Dilma, Lula, Fernando Henrique, Serra	Serra	Retira todos	Tem a ver com “tirar do poder”
17	Mercúrio, Marte, Vênus, Plutão	Plutão	Mercúrio	Pensando no mercúrio Cromo
18	Brasil, México, Venezuela, Paquistão	Paquistão	Não tira nenhum	Todos são bonitos
19	Mãe, tio, primo, cunhado	Cunhado	Cunhado	Explica que só tem cunhada.
20	Lima Duarte, Antonio Fagundes, Marlon Brando, Fabio Assunção	Marlon Brando	Marlon Brandon	Porque tinha que tirar algum.
21	Cachorro, gato, papagaio, morcego	Papagaio	Papagaio	Orlando tem em casa.

Observarmos que, nos conjuntos mais relacionadas ao cotidiano de TR – principalmente relativos à comida, televisão etc. – a exclusão é feita a partir de enlaces afetivos, da sua relação com os elementos nomeados (**categorias 01, 04, 05, 07, 09, 10, 18, 19**).

Na **Categoria 1**, TR utiliza, como traço para exclusão, o mais “funcional” com relação aos alimentos, excluindo o elemento que corresponde a uma fruta que não é utilizada por ela para fazer suco (“mexerica”). Essa característica também é observada nas **Categorias 03, 04, 06 e 08**. No caso do **Conjunto 03**, TR afirma que quem usa o elemento excluído (“cinto”) é seu marido. Podemos pensar que, ao enunciar o nome do marido como justificativa para a exclusão de “cinto”, TR refere-se a um elemento da vestimenta masculina, pelo menos para ela.

O **Conjunto 02** também apresenta uma resposta possível, mas bem diferente das demais: TR utiliza-se de um enlace interno à palavra (cf. Luria) para fazer a exclusão, devido a

uma característica da folha do agrião. Segundo ela, trata-se de uma folha pequena, enquanto as demais apresentariam folhas grandes.

Outros dois momentos interessantes foram as exclusões das **Categorias 06** e **07**. No momento de exclusão do conjunto **06**, ela rapidamente tira “triângulo” e faz o gesto de *lavar roupa*. A interlocutora faz diversas perguntas até chegar à palavra *esponja*. TR confirma que retirou o elemento porque se parece com uma esponja de lavar roupas. Como a interlocutora não tinha certeza se era isso mesmo, resolve desenhar para TR um triângulo e pergunta se aquele é o formato da esponja. TR nega e começa a procurar outra coisa na sala até encontrar o suporte do controle do ar-condicionado, que é retangular, e mostra para Its:

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	TR	Ó... Isso.	Mostrando o suporte do controle remoto
2	Its	Ah, é assim que parece a esponja?	
3	TR	Isso	
4	Its	Ah, tá... entendi, então.	

Tabela 28: Transcrição das respostas de TR na Categoria 6

Observamos, portanto, que TR imagina a forma do retângulo quando lê a palavra “triângulo”. Trata-se, portanto, novamente, de uma relação estabelecida entre a palavra e o objeto, no processo de categorização.

No **Conjunto 07** também há uma dificuldade de Its para compreender a que **TR** se refere. No entanto, diferentemente da exclusão em 06, aqui não podemos afirmar que TR estava equivocada, já que ela traz um outro significado para o termo “mercúrio” e consegue fazer a exclusão a partir deste.

Ao ser apresentada às cartas contendo os nomes dos planetas “Mercúrio”, “Marte”, “Vênus” e “Plutão”, inicialmente ela retira o cartão em que está escrito a palavra “Vênus”. Quando a interlocutora repete o que está escrito na carta (procedimento padrão para todos os sujeitos), ela rapidamente nega e põe de volta na mesa. Its relê todas as palavras, apontando para os cartões que as contém e percebendo que TR está confusa, pergunta à TR: “O que eles são, Dona TR?”. O diálogo se que se segue esclarece essa situação:

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	TR	Ó... Eu, mamãe... eu...	Aponta para o cartão contendo a palavra “mercúrio”.
2	Its	Mercúrio. A senhora conhece eles?	Confirmando a palavra para TR

3	TR	Ó.	Faz movimentos como se tivesse passando algo na pele
4	Its	Ah, não... esse Mercúrio que a senhora está falando é de passar na pele?	
5	TR	Isso.	
6	Its	Ah, entendi. Mercúrio Cromo?	
7	TR	Tá..	
8	Its	Hum?	
9	TR	Não... não?	
10	Its	Tem um remédio que chama Mercúrio...	
11	TR	Isso! Um, dois...	
12	Its	Uhum	
13	TR	Não é?	
14	Its	Sim, sim. Tá certo Mas tem outra coisa que chama Mercúrio...	
15	TR	Ah, é? Não...	
16	Its	Não sabe?	
17	TR	Não, não....	

Tabela 29: Transcrição do diálogo de TR e Its na Categoria 07

Its tenta dar por encerrada a questão, mas TR quer saber do que se trata. Its explica, mas não insiste mais para TR retirar um elemento desse conjunto, aceitando como resposta a exclusão de “mercúrio”, de acordo com a justificativa transcrita acima. Relembramos que TR trabalhava na área da saúde e, portanto, podemos considerar que este elemento também pode mostrar um enlace do tipo *afetivo* que, como já vimos, é a característica mais predominante nas respostas dadas por ela. Só mais tarde a interlocutora se lembrou que além de mercúrio cromo.

Sujeitos SS e AL

Como já dito anteriormente, SS e AL apresentam, além de dificuldades expressivas, dificuldades severas de compreensão, devidas às lesões posteriores (no caso de AL), muito extensas, ocupando, no caso de SS, todo o hemisfério esquerdo. Foi muito difícil explicar o experimento e garantir que eles compreendessem as atividades propostas. Não conseguimos dizer, com convicção, que eles compreenderam a atividade que deveriam realizar e, por isso, nos limitamos a apontar algumas ocorrências mais relevantes, sem entretanto afirmar quais foram os enlaces mais relevantes para a exclusão dos elementos.

Sujeito AL

No caso de AL, a atividade foi desenvolvida até o fim, mas só foi gravada até a metade (**categoria 14**). Todas as suas respostas, até esse momento, parecem excluir o elemento que ele considera *melhor*; uma exclusão feita pela sua preferência pessoal, também de ordem

afetiva. Registramos que AL mudava facilmente de opinião quando questionado sobre os demais elementos do grupo.

	Categorias	4º. Elemento	Resposta dada	Justificativa da exclusão
1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Limão	“Eu gosto”
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Rúcula	“Eu gosto também”
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	Calça	“É roupa”
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	Sapato	“Eu gosto... comprar...”
5	Azul, amarelo, vermelho, roxo	Roxo	Azul	“Todo dia esse é melhor”
6	Círculo, triângulo, quadrado, bola	Bola	Bola	“É bonito... eu gosto muito”
7	Computador, televisão, rádio, máquina fotográfica	Máquina fotográfica	Televisão	“Eu gosto muito”
8	Caderno, caneta, lápis, cadeado	Cadeado	Caneta	“É bom. É muito bom”
9	Chocolate, bala, brigadeiro, salgadinho	Salgadinho	Chocolate	“Como muito”
10	Carne, frango, feijão, geleia	Geleia	Feijão	“Eu gosto... mas muito bom. Mas pouco”.
11	Pão, manteiga, café, arroz	Arroz	Café	“Mas é gostoso, né? Nossa Senhora!”
12	Pão, manteiga, queijo, café	Café	Café e pão	“Todo dia”
14	Cerveja, vinho, cachaça, refrigerante	Refrigerante	Vinho	“Vinho bão. Hoje em dia eu... pouquinho”

Tabela 30: Síntese das respostas de AL no Método do Quarto Excluído

É importante salientar que, para confirmar as respostas de AL, a interlocutora fez mais perguntas do que fez para outros sujeitos, tentando sempre confirmar as informações recebidas, como se observa nos dois excertos abaixo:

<i>Interlocutor</i>	<i>Enunciado verbal</i>	<i>Enunciado não-verbal</i>
---------------------	-------------------------	-----------------------------

AL	É esse aqui ó....	Apontando para a carta com a palavra desejada
Its	Rúcula?	
AL	Isso	
Its	Por que?	
AL	Eu gosto	
Its	Entendi. E alface, o senhor gosta?	
AL	Eu gosto tamém e tamém	Apontando outras duas cartas na mesa, provavelmente referentes à agrião e alface
Its	E tomate, o senhor também come?	
AL	Menor	
Its	Menos?	
Al	Gosto tamém.	Em tom incisivo
Its	O senhor gosta de salada? Come sempre?	
Al	Eu gosto... todo mundo...todo... todo dia!	
Its	Todo dia o senhor come salada? Só no almoço ou na janta também?	
AL	É.... Tudo tudo... todo dia...	

Tabela 31: Transcrição das respostas de AL no conjunto 2

Vejam os mais um trecho de um episódio dialógico com AL:

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
1	AL	É roupa.	
2	Its	É roupa?	
3	AL	É.	
4	Its	E calça?	
5	AL	Tamém.	
6	Its	E meia?	
7	AL	Tamém.	
8	Its	E cinto?	
9	AL		AL aponta para seu próprio cinto
10	Its	É roupa também?	
11	Al	Tamém. É	

Tabela 32: Transcrição das respostas de AL no conjunto 4

Sujeito SS

No caso de SS, parece que ela apresenta ainda maior dificuldade de compreensão do que o sujeito AL, o que nos levou a apresentar somente os **Conjuntos 1 a 4**, em que há uma evidente relação com sua preferência pela fruta.

	Categorias	4º. Elemento	Resposta dada	Justificativa da exclusão
--	------------	--------------	---------------	---------------------------

1	Laranja, mexerica, limão, morango	Morango	Morango	Eu... ó... hum...
2	Alface, tomate, rúcula e agrião	Tomate	Tomate	Dá a entender que não pode comer verduras.
3	Meia, calça, camiseta, cinto	Cinto	Cinto	Não usa.
4	Saia, blusa, meia-calça, sapato	Sapato	Meia	Não usa.

Tabela 33: Síntese das respostas de SS no Método do Quarto Excluído

No **Conjunto 1**, SS parece ter compreendido a atividade e diz que exclui aquele elemento porque é o que ela mais gosta de comer – apesar de não comer sempre. Nos dois outros conjuntos (**Categoria 2 e 3**), não ficam claras as razões pelas quais ela faz a exclusão. No conjunto 2, ela exclui “tomate” apenas porque não pode comer verduras¹⁰³. Na **Categoria 5**, fica clara a falta de compreensão da atividade e mesmo sobre o conteúdo das palavras escritas. Vamos a um diálogo com SS para ilustrar a natureza de suas dificuldades:

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal
	Its	Azul, Roxo, Amarelo, Vermelho	
1	SS	Aqui... eu...	
2	Its	Vermelho....	
3	SS	Aqui.	
4	Its	Roxo...	
5	SS	Aqui...	.
6	Its	Amarelo.	Apontando para a cabeça
7	SS	Por que? Aqui... hum... Aqui... nossa! Aqui... ó... E aqui... [SS parece estar procurando alguma coisa] Agora aqui... aqui... Aqui ó.	Apontando para a cabeça e depois para o corpo Apontando novamente para a carta com a palavra “roxo”
8	Its	Nada roxo.	
9	SS	Nada... nada... porque aqui ó...	Apontando novamente para as cartas
10	Its	Você não usa roxo?	
11	SS	Não, ó... Aqui... aqui... Meu Deus, aqui...Ó... aqui, ó...	Apontando mais uma vez para cabeça, como se tentasse lembrar alguma coisa
12	Its	Você sabe o que é roxo?	
13	SS	Não.	Balançando a cabeça e tirando as mãos das cartas. Dá a impressão de que era esse o problema.

¹⁰³ SS tem excesso de ferro no sangue e algumas verduras, assim como a carne ou o feijão, são ricos em ferro.

14	Its	Não sabe o que é o roxo?	
15	SS	Não.	
16	Its	Então vamos lá... eu vou pegar uma caixa de lápis de cor pra você. Azul... você sabe o que é azul?	
17	SS	Não, não... É... Agora aqui ó... ó... Fala!	Apontando para a carta em que está escrito “azul”
18	Its	Azul.	
19	SS	Não...	
20	Its	Amarelo.	
21	SS	Não...	
22	Its	Não?	
23	SS	Só aqui.	Apontando para a carta em que está escrito “vermelho”
24	Its	O que é vermelho?	
25	SS	Ver... é...	
26	Its	Ver...	Dá o <i>prompting</i> ao notar que SS quer pronunciar a palavra ela mesmo
27	SS	Melho... Só aqui. Mas agora aqui ó...Só aqui. Aqui, aqui.	Aponta novamente para a cabeça. A cada vez que pronuncia “aqui”, coloca de novo a mão na cabeça.
28	Its	Tem alguma coisa na sala vermelha? Tem alguma coisa dessa cor? Vermelho.	Its tenta confirmar que ela reconheceu a palavra e sabe seu significado.
29	SS	Hum...	SS continua olhando para as cartas
30	Its	Olha na sala e vê se tem alguma coisa vermelha na sala. Dessa cor... vermelho... Olha na sala... procura na sala alguma coisa vermelho, ó... Vê se os meninos têm alguma coisa de vermelho	Tocando SS para ver se ela volta a atenção Apontando com o dedo, pra ver se SS segue
31	SS	Ó... ó... aqui...	Apontando para a camiseta de um dos presentes na sala.
32	Its	Aqui na camiseta dele?	
33	SS	Isso! Só aqui	
34	Its	Vermelho? Não? Do outro lado da sala tem alguma coisa vermelha?	
35	SS	Aqui, ó...	Apontando para um chapeleiro vermelho na sala.
36	Its	Isso! O <i>pendurador</i> é vermelho? E azul? Tem alguma coisa azul?	
37	SS	Não.	
38	Its	Vamos olhar! Olha tudo... tudo ao redor, ó....	
39	SS	Mas agora ó.... ó....	

40	Its	Aqui é verde... E aqui que cor é essa? Que cor é essa cadeira?	Apontando para uma cadeira de estofado verde e depois apontando para uma cadeira azul que estava ao lado
41	SS	Não	Balançando a cabeça
42	Its	Não? Você não consegue falar... ou....	
43	SS	Noss... Não... deixa eu ver.... é... Ai, não.	
44	Its	Tem azul aqui? Tem alguma coisa azul aqui no quadro?	Mostrando um quadro com diversas cores na sua composição.
45	SS	Ai... Aqui ó. É...	
46	Its	Esse é vermelho.	
47	SS	Não aqui.	
48	Its	Vermelho	
49	SS	Não, aqui ó...	
50	Its	Aqui no meio é amarelo	
51	SS	Depois aqui...	
52	Its	Vermelho...	
53	Its	E azul?	
54	SS	Aqui ó	
55	Its	Muito bem, achamos um azul E essa cor aqui? Que cor é? É a mesma dessa aqui ó. Ver...	Apontando para outro elemento em verde no quadro
56	SS	Me...lho	
57	Its	Não. Vermelho é esse aqui, ó. Esse aqui é verde.	

Tabela 34: Transcrição das respostas de SS na Categoria 5

Após este momento, a pesquisadora parou o experimento, por julgar que dificilmente SS conseguiria categorizar os outros conjuntos e que a atividade seria extremamente cansativa e pouco produtiva para inferir sobre os processos subjacentes à categorização.

4.2.3 A categorização em episódios dialógicos com sujeitos afásicos

Como já apontamos na introdução desta tese, o contexto de produção das parafasias é bastante prolífero para o estudo da categorização, principalmente quando as trocas são de natureza semântica. A partir deste momento, inserimos alguns dados de episódios dialógicos com sujeitos afásicos, que também nos dão pistas sobre os processos de categorização, também aquelas de natureza gramatical. Iniciamos com um dados do sujeito MG em uma atividade com expressões metafóricas.

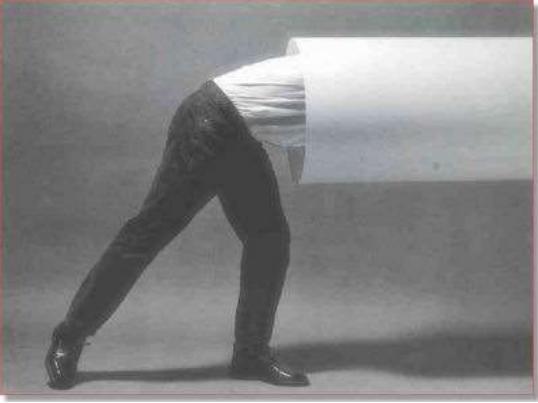
Atividade com expressões metafóricas:

A atividade a seguir foi realizada, inicialmente, com dois sujeitos afásicos: AC e MG. No entanto, AC apresentou muita dificuldade para cumprir a tarefa proposta na sessão individual, mesmo tendo se saído muito bem quando realizou a tarefa em uma sessão coletiva.

Neste episódio, especificamente, o pesquisador Imv realiza a atividade com o sujeito MG, durante sessão individual do CCA, ao longo de duas sessões. Nelas, solicitava-se ao sujeito que explicitasse a expressão cristalizada, de uso corrente pelos falantes do português, denotada pela composição de elementos literais da imagem e que, se possível, explicasse ou exemplificasse seu uso.

Para uma melhor compreensão da atividade e do percurso feito pelo sujeito, trazemos a figura e, ao lado, a transcrição do episódio dialógico. Observações acerca de enunciados não-verbais estão entre colchetes junto ao dado. Além de Imv e do sujeito MG, estava presente na sessão uma das estagiárias da Fonoaudiologia (referida como Ef).

Destacamos (em negrito) as parafasias ou trechos que julgamos interessantes para refletirmos sobre a questão da categorização e esclarecemos que o *Anexo 4* traz a atividade e os diálogos produzidos na íntegra.

<p>Imagem 1</p>		<p>MG: É o youtube. MG: Homem entrou pelo cano... Entrando pelo cano. MG: Entrando pelo youtube... Pode ser...</p> <p>[insistindo que pode ser “entrando pelo youtube”]</p>
<p>Imagem 2</p>		<p>MG: Pé direito. Dois pés. Bota. Duas botas. Batendo botas. Batendo <u>as</u> botas. Imv: Isso, e quando que a gente pode usar isso... “batendo as botas?” MG: Limpar as botas. Imv: Sim, e quando que a gente diz: “fulano bateu as botas”. MG: bateu as botas igual a morrer. Não gostei. Achei sem graça.</p>

<p>Imagem 3</p>		<p>MG: Descascar abacaxi. Imv: Isso. E quando a gente usa? MG: Descartando problemas.</p> <p>[não se trata, evidentemente, de descartar, mas de resolver. <i>Descartar</i> também apresenta semelhança de som e sentido com <i>descascar</i>]</p>
<p>Imagem 7</p>		<p>MG: Eu já sei o que tá dizendo. Já tá dizendo... Quando você... Derrama... Não é o choro, não é isso... O que você quer é fazer uma gota em água que vira água grande... Imv: Fazer de um pequeno problema uma grande coisa. MG: Uma gotinha de água que vira muito. Afogou? Não, não afogou? Temporal, temporágua. Imv: É quase... temporal em copo d'água</p> <p>[aqui a parafasia <i>temporágua</i> cria um neologismo interessante, por aglutinação]</p>
<p>Imagem 12</p>		<p>MG: Ferro na cabeça? Passar...a cabeça? Ferro na cabeça? Levou ferrada? Testa... Passa na testa? Imv: Testa de... MG: Ferro? [parece não entender]. Ficou esquisito. [parece ter chegado à metáfora <i>testa de ferro</i> automaticamente, mas não recupera o seu sentido para além do literal]</p>

<p>Imagem 16</p>		<p>MG: Sem cabeça. Não tem cabeça e nem pé... Você é uma pessoa sem cabeça... Nem pensa. Como se diz: bateu as botas, por isso, tá sem cabeça... e as minhocas foram embora. [rindo] Se tivesse de cabeça ao contrário, eu teria certeza que começa do pé pra cabeça [criticando a imagem].</p>
-------------------------	---	--

Como dito anteriormente, MG tem uma estória pessoal de múltiplos letramentos. É usuário ativo da internet, inclusive devido a sua profissão, pois trabalhou na área de informática durante muito tempo. Em diversos episódios, principalmente nas sessões individuais, MG fala sobre suas dificuldades e sobre os recursos que utiliza para “driblá-las”, o que muito raramente estão presentes nos discursos dos demais sujeitos do grupo de afásicos. É recorrente, também, percebermos as dificuldades de MG no que concerne a situações em que não percebe mais o tom de humor. Não entende muito as brincadeiras que outras pessoas fazem, mas, ao mesmo tempo, produz com frequência enunciados irônicos nem sempre são compreendidos pelos outros. Segundo ele, sua linguagem está muito melhor agora, mas ainda é preciso “fazer o ajuste fino” (sic).

Ele vai esclarecendo esses percursos, como em vários exemplos na atividade que vimos acima, até chegar à metáfora, que se caracteriza como um processo também complexo e que está relacionado ao funcionamento categorial, uma vez que traços de uma categoria estão implícitos aos traços de outra, como por exemplo: “olhos de águia”, “bêbado como um gambá”.

MG vai nomeando os elementos isoladamente e depois os relaciona de diversas formas, buscando a expressão desejada. Nos lembramos, a esse respeito, do processo que Vygotsky denominou de “fala egocêntrica”, observada nas crianças, que se caracteriza como um percurso da fala externa e social para uma fala interna, necessária ao desenvolvimento do pensamento abstrato.

A seguir, apontamos questões que foram surgindo em cada um dos micro-eventos acima e, posteriormente, as características mais gerais com relação ao funcionamento semântico-lexical e da categorização.

Imagem 1 (*entrando pelo cano*)

A imagem que revela um homem entrando pelo cano – dado que dá o título a esta tese – era dada como exemplo aos sujeitos, antes de passar às demais, para que compreendessem melhor o que deveriam fazer. Antes mesmo de explicarmos a proposta, MG enunciou: *Entrando pelo youtube*, o que foi imediatamente compreendido pelo interlocutor. Mesmo assim, ele insistiu em reorganizar seu enunciado e disse *homem entrando pelo cano*, mas em seguida repetiu o enunciado anterior, apenas modificando *youtube* por *youtube*. Nos parece evidente que *youtube*, nesta situação, apesar de remeter também ao aplicativo da internet – e, portanto a uma palavra que existe –, parece vir à tona pela similitude semântica de *tubo* com a palavra *cano*, este representado na figura. Este dado nos parece um exemplo interessante não só da organização semântica, mas também da relação entre os enlaces semânticos e os enlaces fonético-fonológicos de cada elemento lexical que vem à tona ao mesmo tempo e que, segundo Luria, o afásico não consegue selecionar de imediato.

Vale a pena destacar que foi ao olhar para dados como este que o estudo da relação entre as produções de parafasias e os processos de categorização nos pareceu profícuo, uma vez que os traços internos às palavras tanto revelam sobre o funcionamento sistêmico e integrado dos níveis linguísticos quanto sobre o pertencimento de uma mesma palavra a campos semânticos diversos e como esses elementos se organizam em uma determinada categoria.

Imagem 2 - *batendo as botas*

MG vai construindo seu enunciado passo-a-passo, sempre verbalizando cada elemento e a forma como os relaciona, buscando “se ouvir” primeiramente, para construir o sentido: *pé direito*¹⁰⁴ e, logo depois, *dois pés*. No mesmo turno, ainda produz *bota* e, por último, *duas botas*. MG não apenas enuncia a expressão correta *bater as botas*, como a repete – talvez para “fixá-la”. Quando questionado sobre o uso do enunciado, MG diz que significa “limpar as botas”. Aqui, temos duas possibilidades de explicação para o uso do verbo *limpar*, no lugar de *bater*: o primeiro estaria relacionado com o enunciado de Imv, que lhe pergunta “E quando que a gente pode usar isso... batendo as botas?”. Daí a possibilidade da resposta de MG: *para limpar as botas* (o que está literalmente representado na figura). MG teve bastante dificuldade para transpor o sentido literal e chegar ao sentido figurado, o que demanda abstração do uso corrente das expressões.

¹⁰⁴ Expressão que poderia significar, também, uma unidade de medida. Podemos levar em consideração que, apesar de não ser muito usada por técnicos de informática, é utilizada em construções e, naquele momento, MG estava muito envolvido na reforma do telhado de sua casa.

Imv, buscando certificar-se de que MG compreendeu o uso da expressão, procura inseri-la em um contexto pragmático possível, perguntando quando é que podemos dizer que alguém bateu as botas, ao que MG responde que é “quando alguém morre”: *bater as botas é igual a morrer*. A prova de que compreendeu, finalmente, é que ele comenta que isso *não tem graça*.

Imagem 3 (descascar o abacaxi)

Na terceira imagem, MG enuncia corretamente a expressão cristalizada “descascar abacaxi”, mas, parece se ater ao literal, visto que, ao ser perguntado sobre uma situação de uso, ele afirma que significa “descartando problemas”. Não se trata, evidentemente, do sentido “descartar problemas”, mas de enfrentá-los e resolvê-los. Devemos, entretanto, inferir que “descartar” apresenta similitudes tanto fonológicas quanto semânticas com “descascar”. Trata-se, portanto, de outro exemplo interessante da organização semântico-lexical em sua interface com elementos fonético-fonológicos.

Imagem 7 (fazer tempestade em copo d’água)

Este exemplo é um dos dados mais interessantes, pois evidencia a dificuldade de MG para encontrar palavras, além de reforçar a presença de enlaces multidimensionais (e, portanto, multicategoriais) já apresentada nas análises anteriores. MG vai produzindo diversos enunciados, até chegar ao neologismo: *temporágua*. Em um primeiro momento, ele busca deixar claro que está compreendendo a expressão cristalizada – *Eu já sei o que tá dizendo*. Entretanto, sente uma grande dificuldade para organizar seu enunciado: *Já tá dizendo... Quando você... Derrama... Não é o choro, não é isso...* Os termos esperados para se referir à expressão não surgem e vemos, a partir desse ponto, uma sucessão de tentativas que deixam entrever processos epi- e metalinguísticos: *o que você quer é fazer uma gota em água que vira água grande...* MG produz *água grande* para “tempestade”, evidenciando operações extremamente complexas e criativas, a partir dos traços categoriais de “água” e atribuindo sentidos metafóricos para “gota em água” (água – ou chuva – pequena) e “tempestade” (água – ou chuva – grande)

Após a tentativa de Imv para auxiliá-lo, quando diz: *Fazer de um pequeno problema uma grande coisa*, MG continua tentando: *Uma gotinha de água que vira muito*. Na sequência, faz uma reflexão sobre o conteúdo da imagem: *Afogou? Não, não afogou*, o que, apesar de não apresentar relação *transparente* com o enunciado-alvo, nos mostra que o sujeito não sai do campo semântico; afinal, numa tempestade alguém pode cair do barco (que está representado na figura) e se afogar. Ao final do dado, na busca pela palavra desejada (*tempestade*), MG acaba por produzir uma parafasia que, na literatura tradicional, pode ser considerada neologizante: *temporágua*. Apesar de não produzir *tempestade*, o neologismo “temporágua” se configura

como uma aglutinação de *tempestade em copo d'água*¹⁰⁵.

Imagem 12 (testa de ferro)

Embora MG tenha se referido a um dos elementos constitutivos da metáfora – “ferro” – em diversos enunciados, somente na última tentativa se referiu a *testa*, um dos elementos do sintagma. Essas tentativas evidenciam a sua dificuldade para alcançar o sentido construído na metáfora: *testa de ferro*. Notando essa dificuldade de MG, Imv busca auxiliá-lo, mas ele continua estranhando a expressão. Isso pode ter ocorrido tanto por um desconhecimento desta expressão específica, quanto por sua dificuldade para selecionar o argumento que complementa o sintagma, visto que vai testando hipóteses sobre as expressões: *Ferro na cabeça? Passar... a cabeça? Ferro na cabeça? Levou ferrada? Testa... Passa na testa?* Percebemos que as primeiras tentativas evidenciam uma relação direta entre a expressão e a imagem (alguém segurando um ferro encostado à cabeça). Entretanto, quando produz *levar ferrada*, podemos pensar que MG possa estar relacionando a expressão a um outro sentido metafórico (“estar ferrado” ou “alguém ferrar o outro”) ou ainda a outro sentido literal de levar uma ferrada de uma abelha, por exemplo, embora não haja na figura índices que pudessem levar a este sentido. Esses processos criativos são próprios da linguagem e também muito produtivos nas afasias.

Imagem 16 (sem pé nem cabeça)

O episódio relativo à imagem 16, mais do que evidenciar as relações que MG estabelece para chegar à expressão metafórica, ilustra seu trabalho sobre os recursos gramaticais (sintático-semântico-lexicais) e pragmático-discursivos na produção dos enunciados. É interessante notar a relação que ele faz entre a imagem e outras expressões relativas às figuras anteriores, novamente enunciando em voz alta para se organizar. *Sem cabeça. Não tem cabeça e nem pé... Você é uma pessoa sem cabeça... Nem pensa. Como se diz: bateu as botas, por isso, tá sem cabeça... e as minhocas foram embora. [rindo]. Se tivesse de cabeça ao contrário, eu teria certeza que começa do pé pra cabeça.* Ele ri de sua própria produção. Retoma, inclusive, “bateu as botas”, expressão para a qual apresentou dificuldades, para justificar que, se alguém morreu, não tem mais cabeça e também que as minhocas (da expressão *estar com minhocas na cabeça*, uma das metáforas apresentadas no teste) foram embora.

¹⁰⁵ Assim como no dado do sujeito não-afásico, apresentado anteriormente, que produziu *violão* para *violência em Ribeirão*.

Apresentamos, a seguir, uma tabela que sintetiza trocas observadas em contextos dialógicos que, a nosso ver, dá visibilidade para as relações internas às palavras que também indiciam processos categoriais.

Sujeito	Palavra-alvo	Palavra produzida	Respeita classe gramatical	Manutenção em classe gramatical
1	Dinheiro	Veneno	S	Substantivo
1	Colher	<i>refe</i>	S	Substantivo
1	Colher	Garfo	S	Substantivo
1	Vendia	Comprava	S	Verbo
1	Paga	Sente	S	Verbo
1	Cheio	Santo	N	Adjetivo/substantivo
1	Ver	Visse	S	Verbo
2	Mete	Mexa	S	Verbo
2	Colher	Coelha	S	Substantivo
3	"efeito" colateral	<i>calatarol</i>	S	Produz uma não palavra, com características da mesma classe (substantivos)
3	Bolívia	Bovina	S	Substantivo
3	Bacalhau	Bolinho de bacalhau	S	Sintagma
3	São Bernardo	São Francisco	S	Substantivo próprio (composto)
3	Máquina de fazer pão	Máquina de lavar pão	S	Verbos
3	Comemoração	<i>Festivação</i>	S	Substantivo
4	Jogo americano	Tapete	S	Substantivo
5	Casa	Escola	S	Substantivo
6	Molho de atum	Molho de peixe	S	Substantivo/sintagma preposicionado
7	Dói	Coça	S	Verbo (mesmo tempo e pessoa)
7	Muita música	Muita gente	S	Troca dentro do sintagma por substantivo
1	Shell	São	N	
1	colher	Tomando café	N	
1	Coração	Comer	N	
1	Sente	Sangue	N	
3	Garagem	Lá embaixo	N	
6	Mais um monte	Ontem	N	

Como observamos, a grande maioria das trocas ocorre dentro de uma mesma classe gramatical. As trocas entre substantivos e verbos constituem a maioria das ocorrências. Vejamos, agora, outros dados dialógicos destes sujeitos, nos quais os fenômenos neurolinguísticos apresentados aparecem.

Dado 1: O dado abaixo foi retirado de uma sessão coletiva do CCA, ocorrida em 01 de dezembro de 2009. Em uma conversa entre todos os sujeitos do grupo, JM pergunta a MA sobre como era feita a venda de seus quadros, com a ajuda de Irn e de DP (uma senhora afásica).

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal	Observações sobre a intervenção
1	Irn	O JM quer fazer uma pergunta pra você, MA.	Aponta para JM	
2	JM	Ela... Ela...		
3	Irn	Pergunta pra ela!		
4	JM	Ela...		Voltando-se para MA.
5	Irn	Você...		
6	JM	Não.		
7	Irn	Vamos lá, você... o que você quer saber do quadro?		
9	JM	Ela gostava... Não! Gostava... Comprava... comprava... Comprava?		Em tom de dúvida.
10	DP	Ela vendia ...		
11	JM	Isso. Comprava ...		
12	DP	Ela vendia .		
13	JM	Isso!	JM faz um gesto de “joia” com o polegar esquerdo.	

Ficam claras, neste dado, as múltiplas relações entre as palavras – alvo e produzida – nas parafasias feitas por JM e a relação destas com processos de categorização. No dado apresentado, temos uma relação entre pelo menos três palavras, neste caso todas da classe gramatical “verbos”, conjugados na mesma pessoa e tempo. Durante todo o tempo, a palavra-alvo de JM era “vendia”. Inicialmente, ao tentar produzi-la, ele produziu *gostava* e, ao perceber que não se tratava do termo desejado, reformula seu enunciado e produz outra parafasia, agora *comprava*. Ao insistir, JM produz a mesma palavra mais duas vezes (em diferentes tons), o que deixa entrever processos epilínguísticos e metalinguísticos, na busca pela palavra

DP, uma senhora afásica que também participava da sessão, buscou auxiliá-lo e produziu *vendia*. Novamente, JM produziu *comprava*, verbo com uma relação semântica de antonímia.

DADO 02: De boas intenções...

Neste dado, JM participa de um jogo com provérbios, quando lhe é solicitado que complemente o provérbio apresentado – escrito em um cartão – e, em seguida, que dê um exemplo de uso ou o significado do provérbio. Em geral, é mais fácil – tanto para os afásicos quanto para os não-afásicos – exemplificar, apresentando um contexto de uso do que explicar o seu significado. O provérbio em questão era *De boas intenções o inferno está cheio*. Mais uma vez, JM produz várias parafasias – semânticas e sonoras – enquanto seleciona os termos necessários para completar o enunciado.

Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações sobre a intervenção
1	Irf	Olha esse provérbio... De boas intenções o... Como é esse provérbio? De boas intenções o inferno está... ch:::	Prompting sonoro para “cheio”.
2	JM	Si::...San::to. Não!	Lendo o que está escrito no cartão.
3	Irf	Olha, vamos lá... de boas intenções...	Retomando o que está escrito no cartão.
4	JM	Istã... ist...	Lendo “está” no cartão.
5	Irf	Intenções... O inferno está...	
6	JM	F.. fo...	
7	Irf	Olha o bico: chi:: Cheio.	
8	JM	Cheio.	
9	Irf	Isso! Você já ouviu usarem esse provérbio?	
10	JM	Sim.	

Este dado mostra-se muito profícuo para o estudo dos diferentes tipos de enlaces que vem à tona no processo de seleção de palavras. Como se trata de diversas produções de parafasias que ocorrem em sequência, retomamos a descrição já apresentada em Novaes-Pinto e Souza-Cruz (2012), unindo-a à análise propriamente dita.

No *turno 1*, ao perceber a dificuldade de JM, Irf fornece ao sujeito um *prompting* sonoro para “cheio” (ch::) e JM produz Si::... San::to – muito provavelmente “*si*” na tentativa de repetir o *prompting* e a palavra “santo” que, à primeira vista, parece não ter relação semântica com a palavra-alvo. No entanto, podemos considerar uma relação entre “santo” (produzida por JM) e “inferno” (palavra que está presente no provérbio), ambas relativas ao campo semântico de elementos religiosos, embora de sentidos praticamente opostos.

Mais uma vez, ao notar que não enuncia a palavra desejada, JM rapidamente nega seu enunciado (*Não!* turno 2) e reelabora o seu querer-dizer. Irf mostra a ele o provérbio escrito, na tentativa de auxiliá-lo em sua produção. Ela deixa à mostra apenas tentar enunciar “está”, JM

produz *istã* (*turno 4*). Irf prossegue na leitura do provérbio e JM produz outra parafasia – f:: fo.... Apesar de não podermos afirmar que JM produziria “fogo”, é o que nos pareceu naquele momento, já que “fogo” e “inferno” novamente denotam uma relação mais que possível, dado o contexto da produção.

Na sequência, Irf busca, mais uma vez, dar um prompting sonoro para JM e, em seguida, enuncia a palavra-alvo. JM repete “cheio”, desta vez sem apresentar dificuldades. Ao completar o provérbio, Irf passa a discutir com o sujeito os usos que os falantes podem fazer dele, buscando se certificar que JM entendeu o significado do provérbio.

Dado 3: No dado abaixo, temos um último episódio no qual podemos observar, mais uma vez, produções de uma sequência de parafasias, nas quais as relações fonético-fonológica, sintática e semântica estão imbricadas.

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não-verbal	Observações sobre a intervenção
1	JM	Ce:... é... San...S:...		
2	Fono	Com gesto		Solicitando que não verbalizasse
3	JM	É como... com...é...Aí!	Gesto de vitória com as mãos	
4	Fono	Grande?		
5	JM	É... É... Zin... zin...	Balança a cabeça negativamente	Parece frustrado
6	Fono	Me fala, eu tenho que adivinhar....		
7	JM	Zanclair. Zanclair! Quem falou Zanclair?!		Nervoso
8	EF1	É alguma coisa de futebol, isso? O que que é?	Apontando para o papel em que a palavra estava escrita	
9	JM	É. Zanclair. Não! Zanclair!		
10	Fono	Zanclair? Zanclair...ele é um torcedor? É um torcedor?		
11	JM	Ele é	Balança a cabeça em sinal de positivo	
12	Ef2	Ele torce pra esse aqui também?		
13	JM	Bastante!		
14	Irf	Ah... é um time?		
15	JM	É... Iraci...não...		Iraci é a esposa de JM
16	Irf	A iraci torce pra esse time?		

17	JM	Não...	Balança a mão e cabeça em sinal de negativo	
18	Irf	Você torce?		
19	JM	Uhum!	Balança a mão e cabeça em sinal de positivo	
20	Irf	Então é o Corinthians?		
21	JM	Zanclair!	Fazendo sinal de positivo com a cabeça	
22	Irf	Corinthians?		
23	JM	Zan... num...não!		
24	Irf	Sr. JM, tá escrito Corinthians ali no papel?		
25	JM	Tá. Tá	Fazendo sinal de positivo com a cabeça	Continua mostrando impaciente
		[...]		
27	JM	É... mas Zan... eu num...	Faz sinal mostrando a boca, como dizendo que não sai	
28		[...]		
29	Irf	Sr. JM, o senhor me deu um gesto e falou o nome de um torcedor do time! Tá certo!		
30	JM	Pois é:: mais agora eu quero:: fala o nome dele... o nome dessa:...		
31	Irf	Desse time?		
32	JM	É! Mai aí:: eu vou... vo:: fala... só falo Zanclair! Eu ia falá...		
33	Ef2	Sim, porque ele é um torcedor desse time.		
34	JM	Zancla... aí, ta veno?		
35	Ef2	Falar <i>Corinthians</i> ?		
36		[...]		
37	JM	Iraci, Iraci... mas aqui! Aqui:: Iraci:: Ira...		
38	JM	Zanclair! Não... Por que qui:: eu quiria fala esse nome e agora::		Enquanto tenta escrever o nome
39	Irf	Corinthians?		
40	JM	Isto. Co-rin-thas, Co-rint-thias... é só porque você falou! Eu... Eu vi você... é... eu fui fala, aí falô... Agora:: Otra vez, vai Zan...	Balança a cabeça negativamente ao perceber a troca	

41	JM	Co::i::ta. Num adianta mesmo... Tan... i::... num vai... i... tan... num deu!	Mostra-se agitado e impaciente
----	----	--	--------------------------------

Diversos fenômenos podem ser observados neste dado, ilustrando o processo de busca da palavra desejada – e substituições que ocorrem ao longo do caminho. É importante frisar que não temos dúvida de que JM leu o que estava escrito e sabia que se tratava de seu time, o Corinthians.

A primeira hipótese seria a de que, ao invés de fazer o combinado – e apenas dar pistas para que a interlocutora nomeasse o time, ele tentou produzir “Corinthians”. Já no turno 1, ele inicia dizendo *Ce...* – o que poderia indicar que estivesse soletrando o início da palavra. Em seguida, no mesmo turno, JM diz *San*, o que nos leva a pensar que possa ter produzido uma parafasia de natureza semântica, já que “Santos” é outro time de futebol frequentemente mencionado nas sessões do CCA. Podemos pensar que ele, ao ver que nomearia outro time, parou a produção no meio da palavra.

Há ainda outra possibilidade: a de */san/* referir-se a */zan/*, segmento inicial do nome de seu filho Zanclair, posteriormente produzido, e sobre o qual ele persevera (*Turnos 7, 9, 21, 23, 27, 34, 38 e 40*). Chama muita atenção a dificuldade que JM enfrenta para inibir essa palavra, que traz à tona todos os enlaces mencionados por Luria (sonoros, conceituais, situacionais e, neste caso, também afetivo). É nesse sentido que consideramos esse dado singular.

Voltando ao que afirma Luria, sobre o fato de cada palavra envolver enlaces sonoros, conceituais, situacionais e afetivos, vemos que JM procede a uma “transição” por vários termos, que se substituem paradigmaticamente: Corinthians (palavra-alvo), Zanclair (o nome do filho), Iraci (nome da esposa), tendo estes dois últimos forte relação semântica e afetiva (filho e esposa), pois são as duas pessoas mais presentes em sua vida após o AVC. Finalmente, ele consegue nomear o seu time (*turno 40*), após ouvir a fonoaudiólogo produzindo a palavra. Faz questão de repetir, mas não obteve sucesso. Mais uma vez, produz o nome do filho.

As trocas realizadas por JM não são feitas aleatoriamente; ao contrário, apresentam relações de várias naturezas, que só podem ser compreendidas quando analisadas microgeneticamente, seguindo os princípios teórico-metodológicos anteriormente descritos.

Síntese dos achados com sujeitos afásicos

Para fechar este capítulo, podemos sintetizar algumas características observadas tanto por meio do experimento do “Quarto Excluído” quanto através da análise dos dados dos sujeitos afásicos, especificamente com relação ao processo de categorização nas afasias:

- **Enlaces afetivos:** observamos nos dados do Quarto Excluído que todos os sujeitos afásicos apresentam, pelo menos em algum momento, enlaces afetivos e uma predisposição para categorizar a partir do seu cotidiano imediato: TR sobre coisas que “usa e que não usa”; AC com coisas das quais “gosta ou não gosta” – assim como SS e mesmo AL, que retirou do conjunto de cartas aquilo que ele acha “bom”. Também é possível observar o surgimento de enlaces afetivos nos dados dialógicos em que ocorrem parafasias. Apesar dos enlaces “mais afetivos” serem observados também em sujeitos não-afásicos, podemos inferir que são mais recorrentes nos afásicos, devido ao impacto na capacidade de abstração de traços categoriais, por sua vez necessária para se chegar ao significado categorial da palavra (Luria, 1986). Esses enlaces estariam na base da categoria, segundo Akhutina (fundamentando-se em Luria e Vygotsky). Em um sujeito com afasia, deveriam estar mais “apagados” ou “distantes em relação ao protótipo” – e são, conseqüentemente, mais selecionados do que os enlaces mais estritamente semânticos ou “categoriais”. São considerados por Luria como os mais primários no sentido de terem sido formados primeiro na história filogenética e no desenvolvimento ontogenético do homem, para os quais a percepção teve papel fundamental.
- Observamos, também, que a relação que o sujeito estabelece com a linguagem pode modificar a forma como essa se reorganiza após a afasia: aqueles com pouca escolaridade, mas que tenham estórias com diversas práticas de letramentos, parecem realizar exclusões mais baseadas nos traços abstratos das categorias, apesar das dificuldades impostas pelas afasias, como é o caso dos sujeitos MG, BS e SR.
- **Estabilidade categorial e afasia:** do ponto de vista da Semântica dos Protótipos – quer seja o modelo standard, quer seja o modelo estendido –, podemos pensar que, em sujeitos afásicos, há certa desestabilização categorial, o que faz com que termos que estariam nas bordas categoriais (que podem participar de mais de uma categoria) sejam selecionados com mais frequência do que termos prototípicos ou centrais, em qualquer uma dessas categorias.

- No caso da produção de parafasias, podemos observar que, mesmo quando, inicialmente, a relação entre a palavra-alvo e a palavra produzida não está clara, esta relação pode ser observada quando essas trocas são analisadas em seus contextos de produção. Esta questão nos faz retomar a crítica ao estudo de parafasias através de lista de palavras, que descontextualiza o uso dos termos e não se preocupa em compreender o processo subjacente ao funcionamento e seleção lexical.
- Quando se solicita que os sujeitos justifiquem os elementos que foram retirados, observamos que, apesar de seu esforço, nem sempre é possível inferir sobre qual foi a característica mais saliente. Esta dificuldade pode estar relacionada à própria afasia – a argumentação é sempre um processo mais complexo do que, por exemplo, textos narrativos ou descritivos – ou à dificuldade de abstração de um traço do elemento categorial. Não podemos nos esquecer, entretanto, que nem sempre é possível explicar ou aceitar porque as coisas “são como são” (cf. Lakoff).
- Diferentemente da categorização do “Quarto Excluído”, o processo de busca da palavra em situações dialógicas não é tão “consciente” e nem sempre conseguimos chegar ao *querer-dizer* do sujeito. Isso se explica porque, em uma situação de experimento, podemos “cercar” melhor as respostas dos sujeitos, controlar um pouco mais as possibilidades de respostas. Já no discurso cotidiano, este controle é mais difícil, pois – apesar de o próprio contexto fornecer pista dos sentidos que serão veiculados – as possibilidades de enunciado são incontáveis.

- Com relação à categorização em sujeitos não-afásicos, devemos considerar, primeiramente, que os aspectos socioculturais e afetivos também são observados, como mostrado no experimento do Quarto Excluído e em respostas como “eu” para diversas características físicas e psicológicas no BVP. No entanto, esses sujeitos tendem a controlar mais as variáveis, nas quais relações mais abstratas podem ser observadas. Uma hipótese para essa tendência pode estar relacionada com a proposta da atividade, uma vez que, mesmo sendo solicitado a dizer a primeira palavra que lhe viesse à mente, há indícios de que conscientemente ou não alguns dos sujeitos “inibiram” alguns elementos em favor de outros. Os sujeitos sabiam que se tratava de um teste e, portanto, comportaram-se dentro do que julgavam ser a expectativa do pesquisador¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Um dos sujeitos, por exemplo, afirmou que, ao perceber que sua resposta pareceria preconceituosa, modificou-a.

- Do ponto de vista da organização de conceitos – e mais especificamente do processo de categorização – podemos pensar que o que ocorre nas afasias é uma desorganização das relações entre o protótipo categorial e os demais elementos da categoria, ou seja, que a categorização por não-afásicos “respeita” os enlaces associativos mais latentes, conforme esperado pelas teorias luriana e do protótipo, como foi observado por Akhutina.

Considerações Finais

Para falar rapidamente, Kant não sabia nada sobre o ornitorrinco, mas o ornitorrinco, para resolver a própria crise de identidade, deveria saber algo sobre Kant.
(ECO, 1997, p. 13)

Nesta tese, buscamos discutir os processos de categorização e sua relação com a organização semântico-lexical, a partir da análise de dados de sujeitos afásicos e sujeitos não-afásicos, utilizando-nos de expedientes metalinguísticos e da observação de episódios que envolvem as dificuldades para encontrar palavras e a produção de parafasias. Fundamentamos, para isso, em teorias linguísticas e neuropsicológicas de orientação sócio-histórico-cultural, buscando salientar os avanços feitos nessas áreas para a compreensão desses complexos processos linguístico-cognitivos.

Para as *Considerações Finais* desta tese, ressaltamos algumas das características fundamentais do processo de categorização. Procuramos, ao final, apontar para alguns possíveis caminhos para novas pesquisas sobre o tema.

Como dito desde o início deste trabalho, a categorização semântica é um processo linguístico-cognitivo complexo que tem implicações na organização e desenvolvimento das diversas funções mentais superiores – influenciando a forma como memorizamos, recordamos e aprendemos, por sua vez influenciada diretamente pelos níveis de atenção. Por questões de recorte para esta pesquisa, optamos por enfatizar a relação da linguagem com a percepção nos processos de categorização.

A partir de nosso lugar teórico – a Neurolinguística enunciativo-discursiva – buscamos evidenciar os aspectos de natureza sociocultural e contextual que não apenas modificam a organização categorial, mas a constituem, sem prescindir dos aspectos relativos ao funcionamento da língua. Da mesma forma, salientamos questões acerca do funcionamento cerebral como um *Sistema Funcional Complexo*, cujas partes atuam de maneira integrada e solidária e no qual cada uma das funções cognitivas está intimamente imbricada às demais. Essas reflexões integraram o *Capítulo 1* da tese.

Apresentamos, a partir dessas questões, os modelos mais relevantes sobre o funcionamento categorial, enfatizando aqueles desenvolvidos pela Semântica dos Protótipos – tanto em sua versão *standard*, quanto em sua versão estendida – por ser, à qual as vertentes sócio-cognitivas recorrem, ainda hoje, para o estudo da categorização. Compreendemos que as

limitações da SPs e da SPe se devam, principalmente, ao fato de se tratar de *modelos* e, sendo assim, não poderiam dar conta de toda complexidade do fenômeno.

Dentre as contribuições que os autores da vertente sócio-cognitiva apresentam, em relação às outras abordagens, podemos mencionar que:

- ✓ A noção de *protótipo* pode auxiliar a compreender a relação entre elementos que, à primeira vista, estariam distantes uns dos outros numa determinada categoria e entre categorias.
- ✓ Em geral, elementos prototípicos (ou mais próximos do protótipo) são selecionados mais rapidamente pelos sujeitos e são, também, os mais utilizados;
- ✓ Nas afasias, podemos observar que, em alguns casos, os sujeitos selecionam com igual facilidade elementos prototípicos e elementos que seriam considerados “mais distantes” – o que pode tanto mostrar certa desestabilização no processo categorial ou dificuldades específicas de um determinado tipo de afasia, questão que retomaremos mais adiante.
- ✓ Retomamos, também, a relação entre esses modelos e o que foi proposto por Akhutina, a partir dos postulados de Vygotsky, que nos parece produtivo para pensarmos a categorização nas afasias.

A partir de uma visão sócio-cognitiva e dinâmica do funcionamento da linguagem, a categorização, está na base do funcionamento cognitivo humano e tem como uma de suas principais características o *movimento categorial*. As categorias seriam produtos dos arranjos e rearranjos de sentidos e de construção dos significados, no uso que fazemos da linguagem em processos interativos e sua constituição está intimamente relacionada às crenças, vivências e ideologias dos indivíduos. Relacionam-se também à forma como percebemos o mundo e à nossa capacidade de abstração e generalização – capacidade de abstrair elementos diferenciadores e de realçar traços comuns, organizadores do mundo e da própria experiência. Como afirmou Lakoff, a presença da categorização como um processo fundamental de organização do conhecimento está relacionada à nossa necessidade de “por ordem no mundo” e não pode ser compreendida como um processo estanque ou acabado, muito menos determinada por algo que preceda as relações entre os indivíduos. No *Capítulo 2*, apresentamos questões relativas a *por que* categorizamos e também iniciamos a refletir sobre *como* categorizamos, tarefa predominantemente levada a cabo no *Capítulo 4*.

Os dados permitiram, a nosso ver, identificar indícios sobre *como* os sujeitos categorizam e sobre o papel constitutivo da cultura e do contexto comunicativo/situacional

nessa organização. Dentre os principais aspectos sobre os quais refletimos, destacamos os seguintes pontos:

- ✓ Os experimentos serviram para corroborar o que já vinha sendo dito a respeito do processo de categorização, principalmente nos estudos que se inserem em uma perspectiva sócio-cognitiva.
- ✓ Os sujeitos não-afásicos não apresentaram dificuldades para proceder à abstração necessária, a fim de selecionar os termos de uma determinada categoria, o que não pode ser afirmado para todos os sujeitos afásicos. Em categorizações mais abstratas são percebidos elementos socioculturais ou que podem ser considerados como variações individualizadas na escolha dos termos que integram a categoria, quanto naqueles que são selecionados primeiro, o que fica mais evidente no experimento com categorias específicas, baseado no experimento de Dubois;
- ✓ A importância dos elementos sócio-culturais ficou ainda mais evidente nas associações livres – relativas ao primeiro experimento. Isso ocorre, provavelmente, porque não é guiado por uma pré-categorização; os participantes ficam mais “livres” para inserirem termos com “eu” ou “amo” (que estão dentre as respostas mais dadas pelos sujeitos).
- ✓ Dentre as diversas funções que a categorização toma, uma das mais importantes é a de organizar o conhecimento, procedendo à economia cognitiva – isto é, a capacidade de retomar o maior número de informações conhecidas a partir do menor esforço cognitivo possível.
- ✓ O signo linguístico (considerando-se as variações de nomenclatura – unidade lexical, lexia, palavra) é o elemento aglutinador dos traços categoriais e, conseqüentemente, o elemento central no processo de organização e seleção semântico-lexical. Em outras palavras, o elemento que dá visibilidade aos processos de categorização e de seu funcionamento nos atos linguísticos comunicativos.

Com relação aos sujeitos afásicos, podemos afirmar que as afasias impactam diferentemente os processos de categorização. Como demonstrado pelos resultados do “Método do Quarto Excluído”, todos os sujeitos demonstraram algum grau de dificuldade para selecionar um (ou mais) traço(s) que distinguisse(m) um elemento dos demais. A esse respeito,

- ✓ a partir do modelo prototípico que vem sendo assumido pelos pesquisadores sócio-cognitivistas, podemos afirmar que a afasia pode impactar o processo de categorização e, conseqüentemente, o processo de organização semântico-lexical, fazendo com que elementos que estariam nas “bordas categoriais” – e que, portanto, seriam aqueles menos selecionados – sejam selecionados mais facilmente ou igualmente aos termos prototípicos ou termos centrais.
- ✓ Podemos observar também que os sujeitos afásicos, mesmo quando foram capazes de realizar a exclusão conforme era esperado, demonstraram certa dificuldade para “nomear” a categoria, a partir de um hiperônimo.
- ✓ observamos maior dificuldade nas tarefas que envolviam categorias mais relacionadas ao cotidiano, uma vez que os afásicos se utilizavam mais de enlacs *afetivos*, tão ou mais salientes que os enlacs semânticos, dificultando (mas não impossibilitando totalmente) a seleção;

No que tange à relação entre a categorização e a organização semântico-lexical, os dados de parafasias (tanto nos protocolos experimentais, quanto nos episódios dialógicos) mostraram-se relevantes para dar visibilidade aos enlaces *internos* à categoria, uma vez que a palavra produzida sempre apresentou algum tipo de relação com a palavra-alvo, mesmo que, em muitos casos, tal relação só tenha sido evidenciada por meio da análise de elementos contextuais/situacionais. Sem a análise das condições pragmáticas de produção dos enunciados, os estudos pouco podem inferir sobre as trocas e sobre os processos subjacentes à produção das parafasias e, conseqüentemente, sobre o funcionamento semântico-lexical.

Para finalizar, julgamos importante retomar questões metodológicas e éticas assumidas nesta tese., Nossa opção pelo trabalho com expedientes metodológicos não deixou de lado uma visão dialógica da linguagem e que se baseia em seu uso efetivo. Para isso, retomamos ao longo do trabalho aspectos fundamentais da filosofia da linguagem bakhtiniana, que nos fornece importantes categorias para a descrição e análise linguística – tanto em sujeitos afásicos quanto em sujeitos não-afásicos – dentre os quais destacamos as noções de “enunciado”, “acabamento e “querer-dizer”, sendo a dialogia o princípio que perpassa toda a reflexão do autor sobre o funcionamento “real” da linguagem e considerando-se, no caso das afasias, que estamos lidando com sujeitos que se encontram em sofrimento.

Além das questões apresentadas, algumas portas foram (re)abertas para o estudo da categorização, tanto nas afasias quanto em sujeitos não-afásicos. Dentre elas, destacamos algumas questões que merecem atenção especial:

- ✓ No que tange ao trabalho com sujeitos afásicos, cabe retomar a dificuldade de categorização em sujeitos com lesão frontal, como é o caso de AC e MA, que apresentaram maior dificuldade no cumprimento das tarefas de seleção e com a exclusão do quarto elemento. Isso pode estar relacionado ao papel regulador que esta região tem (Bloco III cf. Luria) no comportamento voluntário e para as atividades linguísticas, sobretudo natureza *meta*. Em geral, os sujeitos com este tipo de lesão¹⁰⁷ têm dificuldades para responder aos testes que demandam abstrair ou generalizar, propriedades fundamentais dos processos de categorização.
- ✓ A relação entre a categorização e a memória também deve ser analisada, além de questões que envolvem a atenção voluntária. ..
- ✓ Apesar dos recortes realizados para esta tese, buscamos, durante todo o percurso, apontar para o funcionamento linguístico de forma integrada. No entanto, questões relacionadas ao processo de categorização e o funcionamento da

¹⁰⁷ Não se trata, evidentemente, de correlacionar diretamente alguns sintomas a áreas cerebrais específicas (que a Neurolinguística enunciativo-discursiva vem criticando ao longo de seu desenvolvimento), mas essas questões dão indícios de como a integridade de algumas áreas – com ênfase nos lobos frontais – é fundamental para o funcionamento linguístico-cognitivo e, em especial, para os processos de categorização.

linguagem ainda podem – e devem – ser estudadas considerando-se outros processos linguísticos – sintáticos, gramaticais ou mesmo discursivos.

Um tema tão denso e extenso como o que foi objeto desta tese incorre no risco de deixar de fora questões fundamentais. Apesar deste risco, esperamos ter cumprido os objetivos propostos, apresentando um trabalho respaldado cientificamente tanto pelos textos teórico-metodológicos selecionados como pelos resultados de nossos procedimentos experimentais.

Encerramos nossa reflexão com um trecho emprestado de Eco (1997), que nos faz pensar nos desafios da pesquisa científica como uma obra que nunca está acabada, com muito trabalho ainda a ser feito, comparando-a a “canteiros mal ligados por caminhos de terra batida”. Ainda assim, sempre vale a pena se dedicar ao jardim.

[...] decidi passar com prudência da arquitetura dos jardins à jardinagem e, em vez de desenhar Versailles, limitei-me a desbastar alguns canteiros mal ligados por caminhos de terra batida – e suspeitando que tudo ao redor se estenda ainda como um parque romântico à inglesa. Onde escolhi colocar os meus canteiros? Decidindo (em vez de polemizar com mil outros) polemizar comigo mesmo (...) porque as ideias mudam que nem mancha de leopardo, nunca por inteiro, nunca de um dia para o outro. (ECO, 1997, p. 13)

Referências Bibliográficas

- A. R. LURIA. **Desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Ícone, 1990.
- AKHUTINA, T. V. The Structure of the Individual Mental Lexicon from the Standpoint of L. S. Vygotsky's Ideas. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 41, n. 3, p. 115–128, 2003a.
- AKHUTINA, T. V. L. S. Vygotsky and A. R. Luria: Foundations of Neuropsychology. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 41, n. August, p. 159–190, 2003b.
- ALVES, I. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- ARDILA, A. Age-Related Cognitive Decline During Normal Aging: The Complex Effect of Education. v. 15, n. 6, p. 495–513, 2000.
- ARDILA, A. A proposed reinterpretation and reclassification of aphasic syndromes. **Aphasiology**, v. 24, n. 3, p. 363–394, mar. 2010.
- ARISTÓTELES. Categorias. In: **Órganon**. Lisboa: Guimarães Editores, 1985. p. 182–192.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1979.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARDE, L.; SCHWARTZ, M.; BORONAT, C. Semantic weight and verb retrieval in aphasia. **Brain and language**, v. 97, n. 3, p. 266–78, jun. 2006.
- BASILIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- BEILKE, H. M. B. **Linguagem e Memória na Demência de Alzheimer**. Universidade de Campinas, 2009.
- BENVENISTE. **Problemas de Linguística Geral**.
- BORMANN, T.; KULKE, F.; BLANKEN, G. The influence of word frequency on semantic word substitutions in aphasic naming. **Aphasiology**, v. 22:12, p. 1313–1320, 2008.
- BORMANN, T.; WEILLER, C. “Are there lexicons?” A study of lexical and semantic processing in word-meaning deafness suggests “yes”. **Cortex; a journal devoted to the study of the nervous system and behavior**, v. 48, n. 3, p. 294–307, mar. 2012.
- BORNKESSEL-SCHLESEWSKY, I.; SCHLESEWSKY, M.; CRAMON, D. Y. VON. Word order and Broca's region: evidence for a supra-syntactic perspective. **Brain and language**, v. 111, n. 3, p. 125–39, dez. 2009.
- BRIGHT, P.; MOSS, H.; TYLER, L. K. Unitary vs multiple semantics: PET studies of word and picture processing. **Brain and language**, v. 89, n. 3, p. 417–32, jun. 2004.

- BROWN, J. W. Inner speech: Microgenetic concepts. **Aphasiology**, v. 23, n. 5, p. 531–543, maio 2009.
- BUCKINGHAM, H. W. A Critique of A . R . Luria ' s Neurodynamic Explanation of Paraphasia. **Brain and Language**, v. 587, p. 580–587, 1977.
- BUCKINGHAM, H. W. Aristotle ' s functional association psychology . The syntagmatic and the paradigmatic axes in the neurolinguistics of Roman Jakobson and Alexander Luria : An anatomical and functional quagmire. **Aphasiology**, n. July 2013, p. 37–41, 2010.
- BUCKINGHAM, H. W.; REKART, D. M. Semantic Paraphasia. **Journal of communication disorders**, v. 12, p. 197–209, 1979.
- BULLOCK-REST, N. et al. Neural systems underlying the influence of sound shape properties of the lexicon on spoken word production : Do fMRI findings predict effects of lesions in aphasia ? **Brain and language**, v. 126, p. 159–168, 2013.
- CAMACHO, R. G. O papel do contexto social na teoria linguística. **Alfa**, v. 38, p. 19–36, 1994.
- CAMILLO, M. **Avaliação neurolinguística na doença de Parkinson: um estudo com sujeitos submetidos à estimulação cerebral profunda**. Universidade Estadual de Campinas, 2017.
- CARAMAZZA, A.; HILLIS, A. E. Lexical organization of nouns and verbs in the brain. **Nature**, v. 349, p. 788–790, 1991.
- CASTILHO, A. T. DE. Análise multissistêmica da sentença matriz. In: PAIVA, V. L. M. DE; NASCIMENTO, M. DO (Eds.). . **Sistemas adaptativos complexos**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- CASTILHO, A. T. DE. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAZAROTTI-PACHECO, M. **O discurso narrativo nas afasias**. Universidade de Campinas, 2012.
- COLE, M. Prólogo. In: LURIA, A. R. (Ed.). . **Desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Ícone, 1990. p. 11–16.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso : discurso e afasia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.
- CRUTCH, S. J. Qualitatively different semantic representations for abstract and concrete words: further evidence from the semantic reading errors of deep dyslexic patients. **Neurocase**, v. 12, n. 2, p. 91–7, abr. 2006.
- DAMICO, J. S. et al. Qualitative methods in aphasia research: basic issues. **Aphasiology**, v. 13, n. 9–11, p. 651–665, 1999.

- DILKINA, K.; MCCLELLAND, J. L.; PLAUT, D. C. Are there mental lexicons? The role of semantics in lexical decision. **Brain research**, v. 1365, p. 66–81, 13 dez. 2010.
- DIXON, R. M. W. **Where have all the adjectives Gone?** Berlin: Walter de Gruyter, 1982.
- DRANE, D. et al. Category-specific naming and recognition deficits in Temporal Lobe Epilepsy surgical patients. **Neuropsychologia**, v. 46, n. 5, p. 1242–1255, 2008.
- DUBOIS, D. Analyse de 22 catégories sémantiques du français : organisation catégorielle, lexicale et représentation. **L'année psychologique**, v. 83, n. 2, p. 465–489, 1983.
- ECO, U. **Kant e o Ornitorrinco**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- FAUCONNIER, G. Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS (Ed.). **Encyclopedia of Cognitive Science**. Nova Jersey, EUA: John Wiley and Sons, 1995.
- FERGADIOTIS, G.; WRIGHT, H. H. Lexical diversity for adults with and without aphasia across discourse elicitation tasks. **Aphasiology**, v. 25, n. 11, p. 1414–1430, jan. 2011.
- FERRARI, L. **Introdução a linguística cognitiva** São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- FILLMORE, C. J. Towards a descriptive Framework for Spatial Deixis. In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (Eds.). **Speech, Place and Action**. Londres: John Wiley & Sons Lt., 1982. p. 31–59.
- FORSTER, I. Lexical Knowledge Frequency in Word Recognition : Word Length and Word in Naming and Lexical Decision Tasks. **Journal of Memory and Language**, v. 24, p. 46–58, 1985.
- FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: arqueologia das ciências humanas. In: São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- FRANCHI, C. **RELATÓRIO DE ATIVIDADES referente ao afastamento com vencimentos e vantagens do cargo**. Berkeley.
- FRANCHI, L. C. **Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem**. Universidade de Campinas, 1976.
- FROMKIN, V. The non-anomalous nature of anomalous utterances. **Language**, v. 47, n. 1, p. 27–52, 1971.
- FUGIWARA, R. V. E. **Processos de (inter) compreensão nas afasias: um estudo neurolinguístico na perspectiva bakhtiniana**. [s.l.] Universidade de Campinas, 2013.
- GÓES, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural : Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Caderno Cedes**, v. 50, p. 9–25, 2000.
- GONTIJO, P. et al. How brand names are special : brands , words , and hemispheres. **Brain and language**, v. 82, p. 327–343, 2002.

- GORDON, J. K. Phonological neighborhood effects in aphasic speech errors : spontaneous and structured contexts. **Brain and language**, v. 82, p. 113–145, 2002.
- GRABOWSKI, T. et al. Residual naming after damage to the left temporal pole: a PET activation study. **NeuroImage**, v. 19, n. 3, p. 846–860, jul. 2003.
- HARLEY, T. A. et al. I don't know what i Know: evidence of preserved semantic knowledge but impaired metalinguistic knowledge in adults with probable Alzheimer's disease. **Aphasiology**, v. 22:3, p. 321–335, 2008.
- HENRY, M. L.; BEESON, P. M.; RAPCSAK, S. Z. Treatment for lexical retrieval in progressive aphasia. **Aphasiology**, v. 22, n. 7–8, p. 826–838, 1 jul. 2008.
- HILLIS, A.; RAPP, B.; CARAMAZZA, A. When a rose is a rose in speech but a tulip in writing. **Cortex**, v. 3, p. 337–356, 1999.
- HÖRMANN, H. **Meaning and context. An introduction to the Psychology of Language**. New York e London: Plenum Press, 1986.
- JACOBS, B. J. Social validity of changes in informativeness and efficiency of aphasic discourse following linguistic specific treatment (LST). **Brain and language**, v. 78, n. 1, p. 115–27, jul. 2001.
- JOHNSON, M. Image-Schematic Bases of Meaning. **Association Canadiennes de sémiotique/Canadian Semiotic Association**, v. 9, p. 109–118, 1989.
- JONKERS, R.; BASTIAANSE, R. How selective are selective word class deficits? Two cases studies of action and object naming.PDF. **Aphasiology**, v. 12, n. 3, p. 245–256, 1998.
- KAGAN, A.; SALING, M. M. **Uma introdução à afasiologia de Luria: teoria e aplicação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KIRAN, S.; SANDBERG, C.; ABBOTT, K. Treatment for lexical retrieval using abstract and concrete words in persons with aphasia: Effect of complexity. **Aphasiology**, v. 23, n. 7, p. 835–853, 1 jul. 2009.
- KLEIBER, G. **La sémantique du Prototype: catégories et sens lexical**. Paris: Presse Universitaire de Paris, 1990.
- KUDO, T. Aphasics ' Appreciation of Hierarchical Semantic Categories. **Brain and language**, v. 51, p. 33–51, 1987.
- L. S. VYGOTSKY. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- LAKOFF, G. Categories - an essay in cognitive linguistics. In: **Linguistics in the morning calm**. Berkley, Califórnia: University of California, 1982.

- LAKOFF, G. **Woman, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LARSSON, B. **Le bons sens commun. Remarques sur le rôle de la (re)cognition intersubjective dans l'épistémologie et l'ontologie du sens**. Lund: Lund University Press, 1997a.
- LARSSON, B. **Le bon sens commun. Remarques sur le rôle de la (re)cognition intersubjective dans l'épistémologie et l'ontologie du sens**. Lund: Lund University Press, 1997b.
- LARSSON, B. **Le sens commun ou la sémantique comme science de l'intersubjectivité humaine** *Langages*, 2008. Disponível em: <<http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=20521638>>
- LIMA, A. R. DE. **As palavras funcionais na chamada fala telegráfica em enunciados de sujeitos afásicos**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2017.
- LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. São Paulo: Artes Médicas, 1986.
- LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral Volume 4**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. v. 4
- MANDONNET, E. et al. Does the left inferior longitudinal fasciculus play a role in language? A brain stimulation study. **Brain : a journal of neurology**, v. 130, n. Pt 3, p. 623–9, mar. 2007.
- MARTIN, I.; MCDONALD, S. Weak coherence, no theory of mind, or executive dysfunction? Solving the puzzle of pragmatic language disorders. **Brain and Language**, v. 85, n. 3, p. 451–466, jun. 2003.
- MAZUCHELLI, L. P. **O efeito de práticas sociais com leitura e escrita em um caso de afasia progressiva: (re)encontros**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- MOREAUD, O. et al. Are semantic errors actually semantic?: Evidence from alzheimer's disease. **Brain and language**, v. 77, n. 2, p. 176–86, maio 2001.
- NASCIMENTO, M. DO; PAIVA, V. L. M. DE. **Processamento metafórico e metonímico na produção do texto/sentido: um exemplo de compressão fractal**. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/metomiltonvera.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

- NICOLELIS, M. **Muito além do nosso eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NOVAES-PINTO, R. DO C. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas**. Universidade de Campinas, 1999a.
- NOVAES-PINTO, R. DO C. **A contribuição dos estudos discursivos para uma análise crítica das categorias clínicas**. Universidade de Campinas, 1999b.
- NOVAES-PINTO, R. DO C. A Social Cultural-Approach to Aphasia : Contributions from the Work Developed at a Center for Aphasic Subjects. In: **Latest Findings in Intellectual and Developmental Disabilities Research**, p. 219–244.
- NOVAES-PINTO, R. DO C. **Dificuldades para encontrar palavras e produção de parafasias nas afasias e nas demências : inferências para o estudo do funcionamento lexical e de sua organização em redes semânticas**, 2009.
- NOVAES-PINTO, R. DO C.; SOUZA-CRUZ, T. Funcionamento semântico-lexical : discussão crítica com base em dados de situações dialógicas com sujeitos afásicos. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 41, n. 2, p. 708–722, 2012.
- NUNES, J. H. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Eds.). . **A palavra e a frase**. São Paulo: Editora Pontes, 2006.
- OGAR, J. M. et al. Semantic dementia and persisting Wernicke’s aphasia: linguistic and anatomical profiles. **Brain and language**, v. 117, n. 1, p. 28–33, abr. 2011.
- OLIVEIRA, M.V. B; NOVAES-PINTO, R. N. On the relation between Memory and Language from a Cultural-Historical Perspective in Neurolinguistics. 2015.
- OLIVEIRA, M. V. B. **Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem Neurolinguística**. [s.l.] Universidade de Campinas, 2015.
- OSTROSKY-SOLIS, F. et al. Neuropsychological Test Performance in Illiterate Subjects. **Archives of Clinical Neuropsychology**, v. 13, n. 7, p. 645–660, 1998.
- PARK, G. H.; MCNEIL, M. R.; DOYLE, P. J. Lexical access rate of closed-class elements during auditory sentence comprehension in adults with aphasia. **Aphasiology**, v. 18:8, p. 801–814, 2002.
- PERANI, D; CAPPÀ, S.F; TETTAMANTI, M; ROSA, M; SCIFÒ, P; MIOZZO, A; BASSO, A; FAZIO, F. A fMRI study of word retrieval in aphasia. **Brain and Language**, v. 85, n. 3, p. 357–368, jun. 2003.
- PICKERING, W. A. Sistemas adaptativos complexos (resenha). **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 51, n. 2, 2012.
- POSTLER, J. et al. Neuroimaging the semantic system(s). **Aphasiology**, v. 17, n. 9, p. 799–

814, 2003.

RAPP, B.; GOLDRICK, M. Discreteness and Interactivity in Spoken Word Production. **Psychological Review**, v. 107, n. 3, p. 460–499, 2001.

RENVALL, K.; LAINE, M.; MARTIN, N. Contextual priming in semantic anomia: a case study. **Brain and language**, v. 95, n. 2, p. 327–41, nov. 2005.

ROBSON, J. et al. Processing proper nouns in aphasia: evidence from assessment and therapy. **Aphasiology**, v. 18, n. 10, p. 917–935, 2004.

ROMANI, C. et al. Effects of syllable structure in aphasic errors: implications for a new model of speech production. **Cognitive psychology**, v. 62, n. 2, p. 151–92, mar. 2011.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 104, n. 3, p. 192–233, 1975.

ROSCH, E. Principles of Categorization. **Cognition and Categorization**, p. 27–48, 1978.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B. Family Resemblances: Studies in the internal structure of categories. **Cognitive Neuropsychology**, v. 7, n. 4, p. 573–605, 1975.

ROSE, M.; DOUGLAS, J. Treating a semantic word production deficit in aphasia with verbal and gesture methods. **Aphasiology**, v. 22, n. 1, p. 20–41, jan. 2008.

ROSSELI, M.; ARDILA, A. Neuropsychological Assessment in Illiterates. v. 296, p. 281–296, 1990.

ROSSELI, M.; ARDILA, A. The impact of culture and education on non-verbal neuropsychological measurements: A critical review. **Brain and Cognition**, v. 52, n. 3, p. 326–333, ago. 2003.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWARTZ, M. et al. A case-series test of the interactive two-step model of lexical access: Evidence from picture naming☆. **Journal of Memory and Language**, v. 54, n. 2, p. 228–264, fev. 2006.

SMALL, J.; SANDHU, N. Episodic and semantic memory influences on picture naming in Alzheimer's disease. **Brain and language**, v. 104, n. 1, p. 1–9, jan. 2008.

SOBRAL, A. Benveniste: uma interface possível entre Saussure e o Círculo de Bakhtin? In: **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional volume 3**. Campinas: Mercado das Letras, 2013. p. 71–114.

SORIN-PETERS, R. The case for qualitative case study methodology in aphasia: An Introduction. **Aphasiology**, v. 18:10, p. 937–949, 2004.

SOUZA-CRUZ, T. **Em briga de marido e mulher ninguém mete... o garfo : Estudo**

neurolinguístico da produção de parafasias semânticas em sujeitos afásicos. Universidade Estadual de Campinas, 2013.

TRANDEL, D. et al. Effects of noun-verb homonymy on the neural correlates of naming concrete entities and actions. **Brain and language**, v. 92, n. 3, p. 288–99, mar. 2005.

VALENTIN NIKOLAEVITCH VOLOCHÍNOV. **A construção da enunciação e outros ensaios.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VISCH-BRINK, E. G. Reply : let TM s do semantics . Wanted : An experienced therapist. **Aphasiology**, v. 11, n. 11, p. 37–41, 2007.

WASSENAAR, M.; HAGOORT, P. Word-category violations in patients with Broca's aphasia: an ERP study. **Brain and language**, v. 92, n. 2, p. 117–37, fev. 2005.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas.** São Paulo: Abril cultural, 1953.

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecido para os sujeitos não-afásicos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador do RG nº _____, estou sendo convidado para participar como voluntário da pesquisa: “*Entrando pelo youtube: estudo discursivo da organização semântico-lexical em afásicos e não-afásicos*”, sob responsabilidade da pesquisadora Thalita Cristina Souza Cruz, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (IEL/Unicamp), sob orientação da Prof^ª Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto, docente do Instituto dos Estudos da Linguagem (IEL) – Unicamp e pesquisadora responsável pelo GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias).

O presente termo é elaborado em duas vias, sendo que uma ficará comigo, participante da pesquisa, enquanto outra ficará com a pesquisadora responsável.

Gravação em vídeo:

- () Autorizo gravação em áudio e/ou vídeo.
 () Não autorizo gravação em áudio e/ou vídeo.

Fui esclarecido(a) pela pesquisadora responsável e tenho ciência de que:

- O objetivo do estudo é refletir sobre a categorização semântico-lexical, a partir da análise da ocorrência de fenômenos linguístico-cognitivos como: parafasias, dificuldades para encontrar palavras e ocorrências de TOTs (Tip-of-the-Tongue)¹⁰⁸ presentes tanto no funcionamento normal (em estados não-patológicos), quanto em estados patológicos, auxiliando nas discussões sobre os modelos utilizados atuais pelas pesquisas relacionadas à questão da organização semântica (Linguística cognitiva, Neurolinguística, etc.).
- Estou ciente de que minha participação é voluntária, não havendo remuneração de qualquer natureza. O benefício da pesquisa é coletivo, e não direto e individual, ou seja, a análise dos resultados da pesquisa contribuirá para a reflexão acerca dos processos de categorização e organização semântica. Os riscos podem ser caracterizados como: desconfortos ou constrangimento durante as sessões de experimento, sendo possível desistir da participação a qualquer momento.

¹⁰⁸ O TOT (Tip-of-the-tongue) refere-se à sensação de ter a palavra “na ponta da língua”.

- Posso solicitar, a qualquer momento, que minhas dúvidas sejam esclarecidas, bem como desistir da participação no experimento a qualquer momento. Em caso de dúvidas sobre o estudo, poderei entrar em contato com a pesquisadora no Instituto de Estudos da Linguagem, situado à rua Rua Sérgio Buarque de Holanda, no. 571 (CEP 13083-859), Campinas, SP, pelos telefones (19)99106-1455 ou (19) 99684-3177 e ainda pelos e-mails da pesquisadora e da orientadora: thalita.souza.cruz@gmail.com ou ronovaes@terra.com.br
- Os experimentos, que consistem em responder a questões relativas a associações lexicais, serão realizados *online* e presencialmente em sessão única, com duração de aproximadamente 20 minutos.
- Os dados colhidos serão utilizados para esta pesquisa e ficarão armazenados no banco de dados do GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias – Plataforma Lattes – CNPq, de responsabilidade da Profa. Dra. Rosana do C. Novaes Pinto), por tempo indeterminado. Os sujeitos participantes serão referidos apenas por siglas, de modo a garantir o sigilo de suas identidades. Toda nova pesquisa que se utilizar dos dados armazenados no Banco de Dados será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa.
- As informações emergentes dos experimentos serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e/ou científicos e os resultados do estudo estarão à disposição dos participantes da pesquisa, podendo ser solicitados às pesquisadoras envolvidas.

Consentimento livre e esclarecido

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante:

_____ Data: ___/___/___.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecido para os sujeitos afásicos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador do RG nº _____, estou sendo convidado para participar como voluntário da pesquisa: “*Entrando pelo youtube: estudo discursivo da organização semântico-lexical em afásicos e não-afásicos*”, sob responsabilidade da pesquisadora Thalita Cristina Souza Cruz, pós-graduanda do Programa de pós-graduação em Linguística (IEL/Unicamp), sob orientação da Prof^{ta} Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto, docente do Instituto dos Estudos da Linguagem (IEL) – Unicamp e pesquisadora responsável pelo GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias).

O presente termo é elaborado em duas vias, sendo que uma ficará comigo, participante da pesquisa, enquanto outra ficará com a pesquisadora responsável.

Gravação em vídeo:

() Autorizo gravação em áudio e/ou vídeo.

() Não autorizo gravação em áudio e/ou vídeo.

Fui esclarecido(a) pela pesquisadora responsável e tenho ciência de que:

- O objetivo do estudo é refletir sobre a categorização semântico-lexical, a partir da análise da ocorrência de fenômenos linguístico-cognitivos como: parafasias, dificuldades para encontrar palavras e ocorrências de TOTs (Tip-of-the-Tongue)¹⁰⁹ presentes tanto no funcionamento normal (em estados não-patológicos), quanto em estados patológicos, auxiliando nas discussões sobre os modelos utilizados atuais pelas pesquisas relacionadas à questão da organização semântica (Linguística cognitiva, Neurolinguística, etc.).
- Estou ciente de que minha participação é voluntária, não havendo remuneração de qualquer natureza. O benefício da pesquisa é coletivo, e não direto e individual, ou seja, a análise dos resultados da pesquisa contribuirá para a compreensão acerca dos processos de categorização e organização semântica. Os riscos podem ser caracterizados como mínimos: desconfortos ou constrangimento durante as sessões experimentais, sendo possível desistir da participação a qualquer momento.
- Posso solicitar, a qualquer momento, que minhas dúvidas sejam esclarecidas, bem como desistir da participação a qualquer momento, sem prejuízos à minha participação no Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Em caso de dúvidas sobre o estudo, poderei entrar em contato com a pesquisadora, no Instituto de Estudos da Linguagem, situado à rua Rua Sérgio Buarque de Holanda, no. 571 (CEP 13083-859), Campinas, SP, pelo telefone (19)99106-1455 e ainda pelo e-mail da

¹⁰⁹ O TOT (Tip-of-the-tongue) refere-se à sensação de ter a palavra “na ponta da língua”.

pesquisadora (thalita.souza.cruz@gmail.com) ou da orientadora (ronovaes@terra.com.br).

- Os experimentos serão realizados uma vez por semana, no mesmo dia e horário das sessões do grupo do Grupo III do Centro de Convivência de Afásicos. Serão agendadas, para o estudo, duas sessões de 45 minutos cada.
- As sessões, registradas em áudio e ou vídeo serão posteriormente transcritas. Dados relevantes para compor o banco de dados do GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias – Plataforma Lattes – CNPq, de responsabilidade da Profa. Dra. Rosana do C. Novaes Pinto) serão armazenados por tempo indeterminado, referidos apenas por siglas, de modo a garantir o sigilo da identidade do participante desta pesquisa. Toda nova pesquisa que se utilizar dos dados armazenados no Banco de Dados será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa.
- As informações decorrentes das sessões serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e/ou científicos e os resultados do estudo estarão à disposição dos participantes da pesquisa e podem ser solicitados às pesquisadoras envolvidas.

Consentimento livre e esclarecido

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante:

_____ Data: __/____/_____.

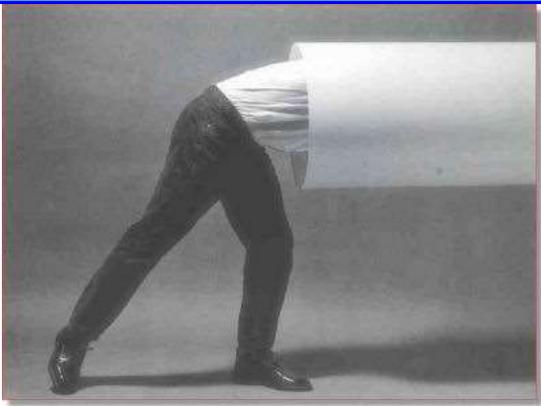
(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Anexo 2

Resposta de MG em atividade com expressões metafóricas

<p>Imagem 1</p>		<p>MG: É o youtube. MG: Homem entrou pelo cano... Entrando pelo cano. MG: Entrando pelo youtube... Pode ser...</p> <p>[insistindo que pode ser “entrando pelo youtube”]</p>
<p>Imagem 2</p>		<p>MG: Pé direito. Dois pés. Bota. Duas botas. Batendo botas. Batendo <u>as</u> botas. Imv: Isso, e quando que a gente pode usar isso... “batendo as botas?” MG: Limpar as botas. Imv: Sim, e quando que a gente diz: “fulano bateu as botas”. MG: bateu as botas igual a morrer. Não gostei. Achei sem graça.</p>
<p>Imagem 3</p>		<p>MG: Descascar abacaxi. Imv: Isso. E quando a gente usa? MG: Descartando problemas.</p> <p>[não se trata, evidentemente, de descartar, mas de resolver. <i>Descartar</i> também apresenta semelhança de som e sentido com <i>descascar</i>]</p>

<p>Imagem 7</p>		<p>MG: Eu já sei o que tá dizendo. Já tá dizendo... Quando você... Derrama... Não é o choro, não é isso... O que você quer é fazer uma gota em água que vira água grande... Imv: Fazer de um pequeno problema uma grande coisa. MG: Uma gotinha de água que vira muito. Afogou? Não, não afogou? Temporal, temporágua. Imv: É quase... temporal em copo d'água</p> <p>[aqui a parafasia <i>temporágua</i> cria um neologismo interessante, por aglutinação]</p>
<p>Imagem 12</p>		<p>MG: Ferro na cabeça? Passar...a cabeça? Ferro na cabeça? Levou ferrada? Testa... Passa na testa? Imv: Testa de... MG: Ferro? [parece não entender]. Ficou esquisito. [parece ter chegado à metáfora <i>testa de ferro</i> automaticamente, mas não recupera o seu sentido para além do literal]</p>
<p>Imagem 16</p>		<p>MG: Sem cabeça. Não tem cabeça e nem pé... Você é uma pessoa sem cabeça... Nem pensa. Como se diz: bateu as botas, por isso, tá sem cabeça... e as minhocas foram embora. [rindo] Se tivesse de cabeça ao contrário, eu teria certeza que começa do pé pra cabeça [criticando a imagem].</p>